

LUIZ
ALFREDO
GARCIA-ROZA

ACHADOS
E PERDIDOS



COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LUIZ ALFREDO
GARCIA-ROZA

ACHADOS
E PERDIDOS

3ª edição



COMPANHIA DAS LETRAS

Agradeço ao amigo e advogado Marcio Donnici por ter me acompanhado e facilitado o acesso às delegacias policiais do Rio de Janeiro e ao Instituto Médico Legal, e por ter suportado minhas consultas telefônicas sobre assuntos criminais.

1

O que acordou o menino tarde da noite não foram os palavrões, estava acostumado a dormir com barulho, mas o chute na caixa de papelão, uma embalagem de geladeira largada na calçada havia dois dias que lhe servia de cama e casa. Não queria que lhe caíssem em cima. Permaneceu imóvel, silencioso, à escuta, coração batendo forte, até certificar-se, pela natureza dos sons, de não estar sendo alvo de predadores. Esticou o pescoço para fora da caixa e espiou. Cuidava de não fazer ruído, estratégia de sobrevivente. O homem saíra bêbado do restaurante e tentava ajudar uma mulher cheia de dourados a entrar no carro estacionado a pouco mais de dois metros da caixa. Na verdade, era ela quem o ajudava. O homem, já entrado em anos e em álcool, além de tropeçar nas pernas da mulher, ameaçava cair em cima da caixa. Com muito esforço, aboletou-se no banco ao lado do motorista, deixando a perna do lado de fora, presa entre o meio-fio e o carro, e não parecia preocupado em recolhê-la. A mulher assumira o lugar do motorista e estava para dar partida no carro não fosse o fato de a chave estar no bolso dele, que por sua vez estava com a porta aberta e a perna do lado de fora. O menino desinteressara-se da cena e estava prestes a recolher a cabeça quando viu a carteira de dinheiro no bolso de trás da calça do homem, quase inteiramente para fora, num equilíbrio precário, pronta para ser colhida. Manteve a posição de vigia e esperou. O homem tentava sem sucesso recolher a perna cujo sapato ficara preso entre o carro e o meio-fio. A cada movimento que fazia para se desvencilhar, a carteira oscilava, o corpo balançava perigosamente ameaçando desabar na calçada, enquanto entre bufadas tentava retirar as chaves do bolso. Não as encontrando no bolso esquerdo, procurou no direito, e nesse movimento pendular do corpo a carteira caiu entre a calçada e o carro, sem fazer ruído. A

chave foi finalmente encontrada, o manobrista aproximou-se para ajudar, a perna foi colocada para dentro do carro, mas a porta não foi imediatamente fechada porque o corpo do homem permanecia adernado para o lado de fora. O manobrista empurrou gentilmente o ombro do passageiro e, não sem alguma força física, conseguiu fechar a porta. O menino pensou que o homem daria por falta da carteira quando procurasse dinheiro para gratificar o guardador, mas antes mesmo de a mulher dar partida no motor ele já estava com o queixo enfiado no peito, murmurando palavras desconexas, cuspidando na camisa. O carro saiu aos solavancos, deixando para trás o manobrista. O menino esperou ele se afastar, verificou se não vinha ninguém pela calçada e esgueirou-se para fora da caixa como uma cobra. Poderia ter transposto os dois ou três metros que o separavam do meio-fio andando normalmente, mas os filmes a que assistira na televisão nas vitrines das lojas de eletrodomésticos lhe haviam ensinado que os Comandos atacam rastejando. Pegou a carteira e voltou, ainda ao rés-do-chão, com ela escondida debaixo da camisa. Apesar de escuro, havia luz suficiente dentro da caixa para examinar o conteúdo do butim. Contou o dinheiro. Três notas de cinqüenta, cinco ou seis notas de dez (não deu para saber com certeza), uma nota de cinco e duas ou três notas de um. Nas outras divisões havia cartões de crédito, talão de cheques e uma carteira de plástico na qual, com dificuldade, conseguiu ler a palavra POLÍCIA, em vermelho. A surpresa o paralisou por alguns segundos. O primeiro impulso foi jogar tudo fora imediatamente. Tudo menos o dinheiro. Se não era louco para ficar circulando com uma carteira de policial no bolso, também não era louco a ponto de jogar dinheiro fora.

Mesmo àquela hora, o trecho da rua era movimentado; se jogasse fora a carteira, em pouco tempo ela seria encontrada por alguém. Esperou o momento propício, saiu da caixa e largou a carteira a uma distância que lhe permitisse ver quem a pegaria. Pessoas vindas dos bares e restaurantes da avenida Atlântica, casais de namorados, pequenos grupos de rapazes, passaram indiferentes pelo local. O menino achou que era porque estava escuro naquela parte da calçada. Saiu novamente da caixa e deu um pequeno chute na

carteira, deslocando-a para um trecho mais iluminado. Voltou para a caixa.

Quando viu o homem se aproximando, não teve a menor dúvida de que seria ele; andava e olhava como quem não perdia nada, e ele de fato a viu muito antes do que a veria qualquer transeunte; apressou o passo, olhou para os lados, abaixou-se com agilidade e graça, pegou a carteira e meteu-a no bolso sem parar para examiná-la.

O menino não gostou. Afinal, a carteira era um pouco dele, fora ele quem a jogara na calçada, e não gostou de ela ser encontrada por aquele tipo. Saiu da caixa e seguiu-o, mantendo distância. O homem tomou a direção da avenida Atlântica, de onde viera, dobrou a esquina e sentou-se na ponta de um longo banco de cimento, vazio àquela hora. Fingiu que amarrava o sapato, enquanto olhava para os lados. Certificou-se de não estar sendo observado, tirou a carteira do bolso, outra olhada em volta, esvaziou todo o conteúdo sobre o banco e examinou coisa por coisa. Verificou cuidadosamente o talão de cheques e os cartões de crédito, até se deparar com a carteira da polícia. Examinou-a detidamente de um lado e de outro, guardando-a em sua própria carteira. O talão de cheques e os cartões de crédito, meteu-os no bolso da calça. Depois de enfiar o dedo em cada compartimento da carteira, jogou-a debaixo do banco, levantou-se e saiu andando. E o andar era diferente.

Havia uma mulher, mas não se lembrava do que fora feito dela. Estava deitado em sua própria cama, de cuecas, camisa da véspera, meias, sem sapatos. Como chegara até ali, e quem tirara suas calças e sapatos, não sabia. Poderia ter vindo sozinho, tirado a roupa, deitado na cama e dormido instantaneamente. E o carro? Não se lembrava de ter dirigido até em casa, como também não se lembrava da mulher, não era a primeira vez que acontecia. Amnésia alcoólica, diziam. Não tinha nada contra ela, a não ser pelo fato de apagar os bons momentos. Não se recordava da mulher, do que acontecera... da parte

boa, enfim; como tampouco sabia como viera parar em sua própria casa. Não poderia ter sido trazido por um estranho, sua carteira não continha nenhuma indicação de endereço. A carteira. Procurou-a em volta e viu a calça embolada ao pé da cama; quando se abaixou para apanhá-la, parecia que o pescoço não suportaria o peso da cabeça, os objetos estavam um pouco fora de foco, e foi com muito esforço que conseguiu pescar a calça. Examinou os bolsos, não havia carteira. Sentou-se na beirada da cama, a cabeça latejando insuportavelmente, olhou em volta, vasculhando a cômoda, a mesinha-de-cabeceira, o chão, as cadeiras, nenhum sinal dela, tentou ficar de pé, só conseguiu se levantar segurando a cabeça com ambas as mãos, resmungou alguma coisa e constatou que a boca estava colada. Com grande esforço, andou até a sala, distante apenas alguns passos da cama. Não sabia o que esperava encontrar. De qualquer maneira, não encontrou nada; ou pelo menos nada de diferente. Voltou ao quarto, atravessando-o em direção ao banheiro. A tentativa de urinar no vaso sanitário foi desastrosa. Olhou-se no espelho da pia, passando o dedo indicador na face amassada, não se assustava mais com o próprio rosto. Tirou a roupa e entrou no chuveiro. A água fria não melhorou a dor de cabeça, apenas acrescentou um pequeno choque térmico ao estado geral do corpo. Ainda não recuperara suficientemente o equilíbrio para conseguir enxugar-se de pé; foi até a cama apoiando-se com uma das mãos na parede, enquanto com a outra arrastava a toalha pelo chão. Deitou-se e permaneceu imóvel esperando que a cabeça, que parecia ter ficado no banheiro, alcançasse o corpo. Permaneceu deitado o tempo suficiente para secar inteiramente sem precisar fazer uso da toalha. Tinha quase certeza de que era sábado, talvez domingo, mas com certeza não era um dia de semana. Depois de grande hesitação, foi até a porta pegar o jornal. Era sábado. O relógio da sala marcava meio-dia e vinte. Sabia que não marcava meia-noite e vinte devido à luz insuportável que entrava pela janela. O ponteiro do relógio percorreu um bom espaço até ele se decidir se saía para almoçar ou para tomar o café da manhã; achou mais prudente a segunda opção. Ao se vestir, deu por falta do cinto. Não estava na calça que usara na véspera, nem conseguiu encontrá-lo em nenhum lugar. Talvez tivesse estado num motel; em que outro lugar

perderia o cinto da calça? Apanhou outro no armário, terminou de se vestir, pegou o dinheiro que mantinha guardado para alguma emergência, e aquela era uma emergência, certificou-se de que estava com a chave do apartamento, bateu a porta e somente no momento de sair percebeu que a chave do carro também desaparecera.

Enquanto tomava café, em pé no bar da esquina, tentou recuperar algum acontecimento da noite anterior, mas o máximo que conseguiu foi uma imagem imprecisa de Magali e do restaurante. Apesar de a imagem não ser nítida, achava que só poderia ser Magali. Tinha que transformar a suposição em certeza, a carteira poderia estar com ela, embora não conseguisse atinar por qual motivo. Além do dinheiro, talão de cheques e carteira profissional, havia os cartões de crédito que teria que cancelar o quanto antes, caso a carteira não estivesse com Magali. Isso porém só foi pensado com um mínimo de clareza após a segunda xícara de café, um sanduíche de queijo e dois comprimidos para dor de cabeça. Tinha que voltar para telefonar. Esperava ardentemente que a mulher fosse Magali. De volta ao apartamento ainda fez, sem êxito, uma última busca antes de ligar para ela. O telefone tocou de quinze a vinte vezes. Desligou e ligou para comunicar a perda dos cartões de crédito, torcendo para que não tivessem comprado uma geladeira ou uma televisão em cores e renovado o guarda-roupa para a próxima estação. Voltou a ligar para a mulher. Ninguém atendeu. Teve a idéia de procurar a carteira no carro. Achou que se precipitara ao cancelar os cartões. E se a carteira estivesse caída no chão do carro? Não se lembrava de onde o estacionara, não se lembrava nem sequer de ter vindo de carro. Olhou pela janela, a rua era estreita e fazia uma curva logo depois do prédio; não estava visível, talvez estivesse estacionado depois da curva ou na outra rua; era uma região difícil de se encontrar vaga e o prédio não tinha garagem. Desceu, percorreu a rua, contornou a quadra, olhou nas ruas vizinhas. Nada do carro. Não podia esquecer de comunicar ao banco a perda do talão de cheques, devia estar pela metade, uns dez cheques; mais os cartões de crédito, o carro... a cabeça voltou a latejar. Subiu ao apartamento e tomou mais um comprimido; restava esperar a manhã de segunda-feira para verificar

perdas e danos. Pediu pelo telefone uma pizza que não chegou a comer; quando o entregador tocou o interfone, dormia profundamente.

Acordou no final da tarde, tonto de tanto dormir mas sem dor de cabeça. Morava no limite de Copacabana com Ipanema e Magali morava próximo ao Túnel Novo, no outro extremo do bairro, no limite de Copacabana com Botafogo, mas estava decidido a procurá-la para saber o que acontecera. O fato de ela não atender o telefone fazia supor que estava tão ruim ou pior que ele. Havia uma remota possibilidade de ela ter guardado a carteira.

O balanço do táxi fez embrulhar o estômago; um sanduíche de queijo era pouco para substituir o almoço. Enquanto atravessava Copacabana, refletia pela centésima vez sobre a possibilidade de parar de beber. Comer, beber, foder, as três melhores coisas da vida, não necessariamente nessa ordem, costumava dizer. Se largasse uma, sobrariam duas, sendo que uma delas suspeitava que estivesse com os dias contados. Como o destino de todos os idosos é submeter-se a regime alimentar, perguntava-se qual o sentido de continuar vivendo. Se é que poderia chamar de vida o que sobrasse.

Assim que parou em frente ao prédio de Magali, teve a primeira boa surpresa do dia: seu carro estava estacionado a poucos metros. Intacto. Tomou o elevador, confiante de que encontraria a carteira com o talão de cheques, os cartões de crédito e seus documentos. Era um antigo prédio de apartamentos conjugados, quase duzentos no total, em precário estado de conservação. Pelo menos os elevadores funcionavam satisfatoriamente. Tocou a campainha do apartamento a ponto de os vizinhos reclamarem. Desceu e procurou o porteiro. Não, não vira a moradora do novecentos e dezoito desde o dia anterior, também não a vira chegar de madrugada, o porteiro da noite era outro, o turno dele começaria às dez horas, ainda não eram oito horas. Pediu um pedaço de papel, escreveu seu nome e telefone.

— Fique com isto e passe para o porteiro da noite. Assim que ela chegar, qualquer que seja a hora, diga para me telefonar. — Reforçou o pedido com uma nota de dez. Apesar de o carro estar estacionado na porta, teve que voltar de táxi.

Comeu numa pizzaria perto de casa, a mesma que não conseguira entregar a pizza encomendada para o almoço. Tentou pagar as duas mas o gerente não aceitou, conheciam-se desde a inauguração da casa. Voltou ao apartamento antes das dez da noite, no exato momento em que começava na televisão um filme policial que já vira algumas vezes mas que não se incomodava de ver novamente. Assistir televisão era uma das poucas coisas que não colocavam à prova os limites do seu corpo. O filme estava quase terminando quando o telefone tocou. Atendeu imediatamente, pensando que fosse Magali.

— Alô!

— Vieira? — Voz de homem.

— Sim.

— É Espinosa quem está falando.

Demorou dois segundos para desligar da mulher, do filme e sintonizar no telefonema.

— Espinosa?

— É.

— Espinosa! Meu Deus, há quanto tempo! Como vai, meu querido?

— Vou bem. E você, companheiro?

— Nunca tão bem quanto você, mas vou levando a vida. Onde você está agora?

— Depois do meu concurso para delegado fui transferido para a 12^a, pertinho de casa, vou a pé.

— Você merecia. Mas o que manda, meu querido?

— Vieira, você está namorando uma moça chamada Magali?

— Estou, ou pelo menos estava até ontem. Não sei se ela aprontou uma para cima de mim ou se fui eu que aprontei para cima dela. Ainda não consegui saber. Por quê? Algum problema com ela?

— Mais do que isso. Você pode vir até o apartamento dela?

— Agora?

- Agora.
- Porra, Espinosa, o que aconteceu?
- É melhor conversarmos pessoalmente.

Resolveu seguir o homem para saber onde morava. O relógio da esquina marcava duas horas e seis minutos, temperatura de vinte e cinco graus. Ao sair da avenida Atlântica, o homem retomou a rua Santa Clara, caminhando um pouco apressado, mão no bolso da calça, provavelmente acariciando o achado. O menino seguia-o a uma distância prudente. Não precisou andar muito, na quadra seguinte o homem dobrou à direita na avenida Copacabana e entrou num prédio que tinha no térreo uma galeria com bar e várias lojas pequenas, todos fechados àquela hora da madrugada. A portaria do edifício era gradeada, espremida num canto, no limite com o prédio vizinho. O homem entrou usando sua própria chave, o prédio não parecia ter porteiro noturno. O menino atravessou a rua e ficou olhando para cima, na esperança de ver uma luz se acender em algum andar. Nada aconteceu. Pelo menos ficou sabendo onde ele morava e que não era num apartamento de frente para a rua. Voltou à sua caixa.

Não era prudente continuar ali, poderiam voltar, fazer indagações e acabariam por chegar até ele. Quanto mais cedo sair, melhor. Não precisava se mudar para longe, nem sequer precisava mudar de bairro, bastava mudar de local. Sabia que os homens não distinguiam os meninos de rua uns dos outros. Verificou se o dinheiro estava em segurança no bolso do calção debaixo da bermuda, pegou um pedaço de lona que usava em cima dos jornais para dormir, olhou para a caixa e abandonou sua cama e casa.

Caminhou pelo calçadão da avenida Atlântica em direção ao Leme até chegar à Fernando Mendes, uma rua pequena próxima ao Copacabana Palace, com prédios antigos, entradas amplas e marquises generosas, boas para se dormir. A cantina italiana, aberta até de madrugada, era um recurso para a fome durante a noite. Freqüentara aquele ponto quando tinha menos idade, ficava

esperando junto aos carros, em frente à cantina, a chegada de um grupo de quatro ou cinco fregueses; assim que entravam, aproveitava a porta aberta e se enfiava pelo meio das pernas das pessoas, burlando a vigilância do proprietário e dos garçons. Uma vez dentro do restaurante, esgueirava-se quase de gatinhas até a mesa mais numerosa e pedia comida. Quase sempre, antes de ser expulso, conseguia pães, azeitonas, salaminho, e se demorassem a removê-lo conseguia até mesmo um pedaço de carne ou uma sobremesa. Quando cresceu mais um pouco mudou de estratégia, negociou com o proprietário um prato de comida no fim da noite em troca de não tentar invadir o restaurante nem permitir que algum amigo o fizesse, o que não era difícil, não tinha amigos. Agora estava de volta. Conhecia bem o local. Cuidou de esconder a muda de roupa que trouxera e mais uma vez certificou-se de que o dinheiro estava protegido debaixo da bermuda.

O apartamento não passava de um quarto com quitinete e banheiro, cujo luxo era o boxe com esquadrias de alumínio. No quarto, além do armário embutido, havia uma cômoda antiga em peroba e mármore rosa com um pequeno espelho bisotado; sobre o mármore, uma enorme variedade de vidros, potes, caixas e uma pena de pavão enfiada na junção do espelho com a moldura; num dos cantos, próximo à janela, um cabideiro com bolsas, chapéus, colares e lenços coloridos; uma pequena bergère necessitando de forração nova; na parede, duas reproduções de pintores famosos; debaixo da janela, uma mesa de dobrar com duas cadeiras; e, ocupando a maior parte do espaço, uma grande cama em ferro batido sobre a qual estava Magali inteiramente nua a não ser pelo saco plástico enfiado na cabeça. Os braços estavam amarrados à cabeceira da cama com peças de roupa (as gavetas da cômoda estavam abertas e remexidas) e as pernas estavam presas uma à outra com um grande lenço de seda que por sua vez estava preso ao pé da cama por uma correia de couro.

Da soleira da porta, o homem olhava perplexo para a cama, para Espinosa, novamente para a cama, de volta a Espinosa, até ouvir a pergunta:

— É a sua namorada? — Espinosa teve que repetir a pergunta, e o fez aproximando-se do antigo companheiro de trabalho, tocando-lhe o braço.

— É a sua namorada, Vieira?

— Porra, Espinosa, claro que é... você já sabia quando perguntou, pelo telefone. Quem foi o filho da puta que fez isso?

— Não sabemos. O porteiro noturno tinha saído quando ela chegou ontem à noite, cada morador tem a chave da portaria. Os vizinhos não ouviram nada de anormal, ninguém ouviu gritos ou barulho de luta. De toda maneira, ela não tem marcas no corpo. A impressão é de que se deixou amarrar sem oferecer resistência, e o saco deve ter sido enfiado na cabeça sem que ela tivesse tido tempo de gritar. O corpo foi descoberto há menos de uma hora por uma amiga que tinha a chave do apartamento e que estranhou ela não atender ao seu chamado durante todo o dia, apesar de terem marcado um almoço. Ninguém mexeu em nada. O porteiro falou que você tinha estado à procura dela, que deixou um bilhete e que seu carro está estacionado quase em frente ao prédio. Não está trancado.

Espinosa falava como se estivesse fazendo um relatório. Não era seu modo de proceder, muito menos em se tratando de alguém que ele prezava. Queria estar presente quando Vieira fosse trazido à cena do crime e confrontado com alguns elementos colhidos até aquele momento. Estavam apenas os dois dentro do apartamento.

— Desculpe, Vieira, poderia tê-lo prevenido, mas a única coisa que sabia é que vocês dois tinham saído juntos ontem à noite. A perícia ainda não chegou, não sei se ela foi dopada antes de ser morta, mas encontrei isto no chão do seu carro. — Mostrou uma pequena tampa de plástico. — É a tampa de um spray de gás paralisante que estava junto com a chave do carro, em cima da mesinha-de-cabeceira.

— E o que você está imaginando? Que fui eu o autor dessa estupidez? — A voz do ex-policial era de sofrimento e indignação. — Espinosa, sou um homem velho... e não sou rico, essa menina era uma das poucas alegrias que me restavam.

Espinosa conhecia Vieira havia alguns anos; trabalharam juntos na mesma delegacia o tempo suficiente para saber que nunca fora um policial violento; seus modos eram grosseiros, falava muito palavrão, sentia-se perfeitamente à vontade no contato com marginais de toda espécie, mas nunca fora adepto de espancamentos e não se deixara corromper. Espinosa não o via cometendo um crime como aquele.

— Você conhece os amigos dela? Tem idéia de quem possa ter feito isto?

— Magali, aliás Lucimar, era puta; qualquer um pode ter feito isto. Ela achava que tinha uma dívida comigo. Há pouco mais de dois anos, eu ainda estava na ativa, botei para correr um cafetão violento que tomava o dinheiro dela, e ela soube retribuir o favor. Havia um afeto verdadeiro entre nós. Isso aí é coisa de anormal, nada tem a ver comigo.

— Não pensei que tivesse, mas precisava falar com você. — Após um pequeno intervalo, insuficiente para quebrar inteiramente o mal-estar, Espinosa perguntou — Aonde você foi ontem à noite, e a que horas foi para casa? Vou precisar desses dados.

— Eu sei. Aí é que está a merda, não tenho a menor idéia de onde fui nem do que fiz, só sei que saí com Magali. Devo ter bebido demais. Acordei hoje por volta do meio-dia, na minha cama, vestido com a roupa da véspera. Ou pelo menos quase vestido, estava sem as calças, e minha carteira com dinheiro e documentos tinha desaparecido. Tenho uma vaga idéia de termos ido a um restaurante em Copacabana, mas como é um restaurante a que vamos muito, posso estar superpondo imagens de dias diferentes, mas isso é fácil de verificar. O spray de gás paralisante eu é que dei de presente a ela. Não sei como foi parar no meu carro. Aliás, não sei como meu carro veio parar aqui. Provavelmente ela me deixou em casa e veio para cá

dirigindo. Já aconteceu outras vezes. Era uma boa motorista e nunca se embriagava. Graças a ela eu podia beber.

Vieira ficou alguns segundos olhando para a cama, em silêncio, o rosto contraído pela dor.

— E tem mais, Espinosa, o cinto que está prendendo as pernas dela é meu e eu o estava usando ontem à noite.

Passava das duas da madrugada quando deixaram o prédio e foram à delegacia prestar depoimento. Vieira estava inteiramente desperto e todos os sinais externos indicavam que permaneceria assim até conseguir diminuir as sombras da noite anterior. Sabia que formalmente estava incluído na categoria de suspeito. Aliás, ao que tudo indicava, era o único. Não era isso que o incomodava, mas o fato de não se lembrar de absolutamente nada. E se num momento de loucura tivesse assassinado Magali? Mesmo admitindo essa hipótese, para ele absurda, sabia que não a mataria daquela maneira, mataria apaixonadamente. Caso tivesse algum motivo para matar Magali, e não conseguia encontrar nenhum, a cena que conseguia imaginar era entrando no apartamento e atirando rápida e repetidamente de modo que ela não tivesse tempo do mínimo sofrimento. Afogar alguém num saco plástico, apesar de limpo e silencioso, é doentio. O que fez o filho da puta depois de enfiar o saco na cabeça da menina? Sentou-se na bergère e ficou olhando ela se contorcer até ficar roxa? Enquanto imaginava a cena, a caminho da delegacia, teve um leve estremelecimento causado pela lembrança da sensação do brocado barato da poltrona de Magali em contato com seu braço. Sentara dezenas de vezes naquela cadeira enquanto ela se aprontava para sair ou experimentava um vestido novo esperando sua apreciação. Tinha certeza, porém, de que não se sentara para aquela última cena.

O que não conseguia entender era como o cinto que estava usando na véspera fora parar nas pernas de Magali. Conseguia pensar uma razão plausível para tudo, menos para aquilo.

Na delegacia, o depoimento foi burocrático. A temperatura da madrugada estava agradável e em pouco tempo começaria a clarear. Estava cansado, abatido emocionalmente, triste pela morte da amante e amiga, assustado consigo mesmo. Deixara o carro para ser periciado; decidiu voltar a pé para casa. Durante a caminhada de três ou quatro quilômetros poderia surgir alguma lembrança, e se fosse pela praia poderia encontrar um quiosque vinte-e-quatro-horas onde comer um sanduíche. Comeu cachorro-quente com água-de-coco, uma mistura não compatível. Chegou em casa sem nenhuma lembrança confiável e com a cabeça povoada de fantasmas. Sentado na cama, teve vontade de chorar.

Dormiu com medo. Melhor seria não ter pegado a carteira. Melhor mesmo não ter visto a carteira cair do bolso do homem. O dinheiro garantiria comida por muitos dias, mas não gostava nem um pouco do fato de ter vindo da carteira de um tira, era complicação na certa; quando querem, descobrem qualquer coisa. Bastaria o cara se lembrar de ter ido àquele restaurante, perguntar ao garçom, ao porteiro, ao manobrista, para este último se lembrar do lugar onde estacionara o carro, em frente à caixa de papelão onde dormia um menino de rua. Se alguém tinha alguma culpa, era ele.

Dormiu com medo da polícia e do ladrão. Tinha mais medo da polícia, ou dos que faziam o serviço sujo para ela. Era de opinião que adiantava pouco procurar proteção junto aos outros meninos; quando querem liquidar um deles, liquidam todos. Menino de rua é tudo igual. Além do mais, se não fosse perseguido pela polícia corria o risco de um vagabundo qualquer descobrir que estava com todo aquele dinheiro; tinha mais ódio de mendigo e vagabundo do que de polícia. Era mais seguro dormir cada noite num lugar diferente. Não queria abandonar o bairro, era seu território, conhecia cada recanto, sabia onde se proteger da chuva e do frio, onde conseguir comida e roupa, como arranjar alguns trocados, onde tomar banho e fazer as necessidades. Copacabana era seu local de trabalho, passava mais tempo perambulando pelas ruas do bairro do que dentro de sua

própria casa, no subúrbio distante aonde ia uma vez por mês contribuir com o dinheiro que arrecadara em suas andanças, nem sempre de forma muito honesta. Sairia das cercanias da avenida Atlântica por uns dias, uma semana seria o suficiente, ninguém se empenharia mais tempo procurando uma carteira.

Encontrou um lugar protegido da rua por uma banca de jornal; quem passasse de carro não o veria. Não gostava de dormir desacompanhado, sentia-se exposto e com pouca possibilidade de escapar de um ataque de predadores, mas durante alguns dias teria de se arranjar sozinho. A noite estava mais para quente; ajeitou-se debaixo da marquise, retirou do bolso da bermuda um pão embrulhado em papel de padaria e comeu-o devagar.

Acordou antes de o dia clarear, dormira pouco mais de três horas. Esfregou os olhos, urinou junto ao meio-fio, apalpou a bermuda para ver se o dinheiro continuava lá e olhou em volta para verificar se estava sozinho. Na calçada, num ponto próximo de onde dormira, levantou com o auxílio de um pedaço de arame a tampa de ferro de uma caixa de eletricidade medindo uns cinquenta centímetros de lado e o mesmo de profundidade e retirou de dentro dela umas peças de roupa que guardara na véspera: bermuda, camiseta, tênis, colocou tudo dentro de um saco plástico, recolocou a tampa na caixa. O arame, guardou em outra caixa menor, distante poucos metros da primeira. Se ia passar uns dias fora, melhor levar uma muda de roupa.

Ainda era cedo para tentar descolar o café da manhã. Voltou para debaixo da marquise. Tinha ainda umas duas horas, antes de começar o movimento na calçada. Deitou a cabeça sobre o saco plástico e pensou no homem da noite anterior saindo bêbado do restaurante. Ficou de olhos abertos até o dia amanhecer e a rua receber sua cota matutina de pedestres.

Era sábado e logo cedo começaram a passar as primeiras pessoas a caminho da praia. Os que chegavam primeiro (e os últimos a irem embora) eram os suburbanos; queriam aproveitar todo o tempo possível, podiam vir à praia somente nos fins de semana e nem sempre coincidia de o tempo estar favorável.

Quando o movimento aumentou, saiu em busca de um botequim. Café da manhã não era problema; em Copacabana é comum as pessoas tomarem café no bar ou padaria mais próximos. Bastava escolher o momento adequado, meter-se entre duas pessoas e pedir pão e café com leite. O dinheiro que tinha escondido na bermuda dava para muitos pães e cafés, mas não havia por que pagar do próprio bolso se outros podiam pagar por ele. Sua técnica era comer sempre que a ocasião se apresentasse.

Não bebia todos os dias, mas quando o fazia era sem limites. Era o bêbado do tipo eufórico, falava, contava piadas, ria, cantava, jamais do tipo desagradável e violento. Quando muito, tornava-se chato. E era confiando em sua boa índole ética que vez por outra bebia. Não era alcoólatra. Sua companheira e protetora nos últimos dois anos fora Magali. Gostava dela. Era carinhosa, tomava conta do seu dinheiro, protegendo-o dos bicões, e o deixava em casa ao final da aventura. Quando saíam para jantar, não era a puta Magali, era Lucimar. Por que iria matá-la? Brigaram inúmeras vezes, mas brigas apenas de barulho, nunca brigaram seriamente. O desentendimento maior que tiveram foi quando ela cismou de lhe dar dinheiro. “Porra, Magali, se foi precisamente por isso que te livreí daquele cafetão, agora vem você querendo me dar dinheiro?” Magali chorou, puro enternecimento. “Magali não era para se matar, era para se plantar pra ver se nascia mais”, dissera no depoimento. Agora só podia fazer duas coisas por ela: dar-lhe um enterro decente e descobrir o filho da puta que a matara. A primeira coisa não era problema, assim que liberassem o corpo providenciaria o enterro; a segunda apresentava uma dificuldade: perdera a carteira de policial, que conservara em seu poder mesmo depois de aposentado; não poderia tirar outra, o que o tornava ainda mais dependente de Espinosa. Nem todo policial gosta de ex-policial metendo-se em suas investigações.

Tarde de domingo. Como todos os que vivem sozinhos, Vieira sabia que era o pior dia da semana e aquela a pior parte do dia. Quando ficou viúvo, achou que os fins de semana passariam a ser

muito mais toleráveis; poderia ficar em casa, como agora, de bermuda, chinelo e camiseta, hesitando entre a janela aberta e o ar-condicionado, sem a mulher reclamar, fosse qual fosse a decisão que tomasse. Não era má pessoa, Maria Zilda, mas era insuportavelmente chata. “Vai ver que morreu porque não se suportou mais.” O fato é que os fins de semana continuaram enfadonhos. Por outras razões, é verdade. Mas naquele momento Vieira não pensava na mulher, pensava nos últimos acontecimentos, na noite de sexta-feira... Pensava, já que não conseguia se lembrar. Pensou até se a amnésia seria apenas alcoólica. A frase dita durante o depoimento retornou várias vezes: “Magali não era para se matar, era para se plantar, pra ver se nascia mais”. Não era exatamente o que pretendia fazer? Enterrar Magali? A cabeça começou a doer, imagens confusas parecendo fragmentos de sonho pipocavam como flashes em entrevista de celebridade. Sentiu tonteira, enjôo, correu para o banheiro e vomitou.

Estava com medo. Sentira medo muitas vezes, em face das mais variadas situações, mas daquela vez era diferente, a ameaça estava muito próxima e ele não conseguia vê-la. O vômito não era devido à bebida, não bebera desde a noite de sexta-feira. Também não comera, mas não tinha fome. Procurou alguma coisa na geladeira, encontrou apenas garrafas d’água (algumas vazias, outras quase) e uma caixa de leite azedo; preparou um café instantâneo apesar de saber que com o estômago vazio apenas acrescentaria azia ao mal-estar; ligou a televisão mas não encontrou nenhum filme, televisão aos domingos é uma merda. Saiu para andar em Ipanema. Na esquina da praça General Osório conseguiu comer um sanduíche empurrado por um suco de laranja. A feira de artesanato na praça serviu para distraí-lo por uma hora, não mais. Voltou para o apartamento ao cair da tarde. Começaria a última e mais melancólica etapa do fim de semana. Estava disposto a ir novamente para a rua, sem destino, quando o telefone tocou.

— Vieira?

— Ele mesmo.

— É Florinda.

— Florinda?

— É.

— ...?

— Flor, amiga de Magali. Já saímos juntos, uma vez, para jantar.

— Ah... Flor... — Lembrou-se da morena que parecia uma tailandesa, corpo esguio, carnes durinhas, que saíra com eles havia alguns meses.

— Vieira, estou triste e com medo.

— Onde você está?

— Estou no prédio de Magali, passei para pegar umas coisas que tinha emprestado a ela mas não pude entrar no apartamento. Estou muito assustada. Tinha seu telefone, liguei. Pode ficar um pouco comigo?

— Flor... passo aí dentro de vinte minutos.

Flor tinha tudo para agradar na profissão: beleza, sensualidade e doçura, na proporção certa. Conseguira manter-se independente graças aos contatos obtidos com o cargo de recrutadora no município. Nunca entendera exatamente qual a natureza de sua função, de modo que com o passar do tempo acabou por exercer o cargo (ou função, não sabia ao certo) em benefício próprio. Recrutou fregueses em número e frequência não excessivos, mas suficientes para lhe garantirem mais que a mera sobrevivência, ao que se somavam seus vencimentos de recrutadora municipal. Morava a poucas quadras de Magali, num prédio misto, residencial e comercial, muito conveniente para seu ramo de atividade. Quando se conheceram, não atingira ainda os vinte e cinco anos de idade, mas sabia tudo sobre formas de sobrevivência, sendo que as primeiras aulas foram nas ruas do Recife, antes de se mudar para o Rio de Janeiro acompanhando, como empregada doméstica, a família de um proprietário de terras em Pernambuco. Tinha na época catorze anos de idade e já era mulher. O patrão não demorou a perceber (e a provar) os encantos de Flor e a

necessidade de trazê-la para o Rio “para cuidar do Júnior”. Algum tempo depois da mudança a patroa percebeu que Flor cuidava não apenas do Júnior e botou-a porta afora. O patrão apiedou-se da pobrezinha, que não podia ficar ao relento vivendo de esmolas, “além do mais, ela é menor de idade, somos responsáveis por ela”, e arranhou-lhe lugar para morar e emprego para se manter, sem que a patroa soubesse, claro, e sem que ninguém duvidasse da maioria da moça. Desse dia em diante, se alguma vez Flor ficou ao relento foi por vontade própria ou exercício profissional. A amizade com Magali teve início numa fila de caixa de supermercado, quando Magali, na hora de pagar, percebeu que esquecera a carteira em casa. Flor ofereceu-se para adiantar o dinheiro, não era muita coisa, sem aceitar a carteira de identidade que a outra insistia em deixar como garantia. Pouco depois de chegar em casa, recebeu a visita da nova amiga pagando a dívida e trazendo um vaso de violetas: “Flores para uma flor”. Tornaram-se irmãs.

Flor recordava-se dessa época enquanto andava de um lado para o outro pelo saguão do edifício. Sem dar-se conta do absurdo da situação, levava para a amiga morta um pequeno vaso de violetas, que carregava com ambas as mãos. Falara alguma coisa para o porteiro, tentando justificar a cena insólita, mas ele nem sequer entendera o que ela dizia na fala entrecortada de choro, e quando Vieira chegou, ela se atirou nos braços dele com vaso e tudo.

— Vieira...

— Flor, não devia ter vindo aqui sozinha.

— Vieira, perdi a única amiga que tinha... perdi minha irmã.

— Vamos embora, Flor, não há nada a fazer aqui.

Na rua, as pessoas estavam com cara de noite de domingo. Os dois caminharam em silêncio, Flor segurando o vaso com uma das mãos enquanto com a outra enlaçava o braço de Vieira. Parecia que acompanhavam um enterro.

Depois de escolher o lugar onde passaria as próximas noites e de esconder a muda de roupa que trouxera, decidiu acompanhar os passos do novo dono da carteira. Não estava inteiramente certo de por que fazia aquilo, mas algo lhe dizia que era uma forma de se proteger. Sabia que com a idade que tinha não poderiam inculpá-lo pelo uso dos cartões de crédito ou da carteira de policial, mas poderiam acusá-lo de tê-los vendido para alguém. Estava a apenas três quadras do prédio do homem e tinha o domingo inteiro pela frente. Não que fizesse diferença ser domingo ou dia de semana, acreditava que assim como ele o homem não trabalhava. Vira-o outras poucas vezes pelas ruas de Copacabana e lembrou-se nitidamente de que em uma delas, numa madrugada como a da carteira, ele batia numa mulher, e quem espanca mulheres é capaz de espancar crianças. E logo ele fora achar a carteira. Sentia-se como se o tivesse premiado, e a cada minuto a idéia o atormentava mais. Antes, ao jogar a carteira na calçada, pensara que o destino dela lhe fosse indiferente, mas verificava agora que se enganara. Ao atirá-la na rua estava jogando com a sorte de quem a encontrasse, e agora estava pagando o preço. No seu modo de ver as coisas, tinha que recuperá-la ou inviabilizar sua utilização. Não fazia aquilo movido por nenhum senso de justiça. Só conhecia sua própria justiça, a qual se reduzia a uma máxima simples: o que era bom para ele, era justo. E aquele acontecimento tinha sido ruim para sua alma. Tomou a decisão de colar no homem e segui-lo por todos os lugares de Copacabana, cada bar, restaurante, inferninho, pontos de droga, casas de jogo, assim como cada pessoa, homens e mulheres, com quem ele estivesse. Isso na suposição de que não sairia do bairro, universo de ação de ambos.

A tarde estava começando. Na sua opinião, o homem dormiria durante o dia para estar atento e operante à noite, talvez descesse para comer alguma coisa nas proximidades, talvez comprasse um galeto, desses que ficam rodando dentro de uma máquina na porta das padarias, e o levasse para comer em casa. Pensou que, assim como ele, o homem deveria comer sozinho.

Certas pessoas, a partir de acontecimentos insignificantes, são impelidas a uma guerra santa. Essa foi a dimensão que o fato tomou

para o menino; aquele homem não podia, sob hipótese alguma, beneficiar-se do achado. Antes de a tarde chegar ao fim, a idéia assumira proporções épicas, ocupando todo o seu espaço de pensamento, transformando-o no cruzado de uma guerra da qual só ele tinha notícia. Na verdade, a guerra se reduzia a uma luta entre duas pessoas, mas atingia dimensões cósmicas, pouco importando quantos fossem os combatentes e pouco importando que o outro soubesse.

— Vieira, quero dizer uma coisa... Magali sempre falou que tinha uma dívida de gratidão com você... — Pausa de segundos. — Agora que ela não está mais aqui... a dívida é minha.

A fala era solene como o silêncio por ela rompido. Vieira não disse nada, continuaram andando, Flor de braço dado carregando o vaso de violetas. Não houve reação visível por parte dele, mas ela percebeu um ligeiro aumento de pressão no braço e uma quase imperceptível diminuição no ritmo da marcha. Apesar de não terem interrompido a caminhada e de as coisas continuarem a acontecer em volta, era como se tivesse havido uma suspensão do tempo.

— Você é uma flor.

Não haviam combinado, mas estavam fazendo o percurso do prédio onde morava Magali ao de Flor. A distância era pequena, e já estavam quase chegando quando Vieira sugeriu comerem alguma coisa num dos restaurantes dos arredores. Escolheram o que estava com menos gente. Enquanto jantavam, Flor falou da época em que morava no Recife.

A habilidade para os negócios manifestara-se muito cedo, antes de completar catorze anos. Morava com a mãe e três irmãos, dois mais velhos e uma irmã de nove anos, numa casa de pau-a-pique na zona pobre da cidade do Recife. A mãe trabalhava até tarde da noite como cozinheira numa lanchonete, os dois irmãos trabalhavam de dia e, quando a situação permitia, estudavam à noite. Ela cuidava da casa, fazia a comida e cuidava da irmã menor. A rua onde moravam era (ou

ela pensava que fosse) passagem obrigatória para os meninos do colégio jesuíta que ficava no bairro vizinho. Os meninos diziam que por ali cortavam caminho. Quando descobriu que o percurso não diminuía distância nenhuma, mas pelo contrário era motivo de repetidos atrasos na chegada ao colégio, Flor percebeu que a verdadeira razão do itinerário do grupo (cada vez mais numeroso) era ela própria. Mais do que sentir-se envaidecida (era um bando de pirralhos), vislumbrou a possibilidade de um negócio inocente mas lucrativo. Fez chegar aos ouvidos de alguns dos meninos que mediante o pagamento de módica quantia, na verdade pouco mais do que o preço de um refrigerante, eles poderiam vê-la trocar de roupa, pela janela do quarto. Bastaria uma parada na janela, um de cada vez para não atrair a atenção da vizinhança, dinheiro no peitoril, e a rápida cena de Flor tirando e vestindo a roupa. Em pouco tempo teve que estabelecer um horário, de modo que os meninos não fossem todos no mesmo dia e na mesma hora. Foi seu primeiro grande sucesso comercial. E a mercadoria melhorava dia após dia. A história tomou rumos diferentes quando os meninos não se contentaram mais em olhar e passaram a querer tocar em Flor. Num domingo em que a família foi à praia Flor se deu conta, pelos olhares dos homens, de possibilidades mais amplas. O emprego como babá e a posterior mudança para o Rio eram parte dos novos caminhos que antevia à sua frente.

O que Vieira achava surpreendente era o fato de em nenhum momento ela atribuir ao mundo ou às pessoas uma parcela de maldade ou culpa pelos seus infortúnios. Aliás, em nenhum momento ela se considerou desafortunada; via a carência material dos seus primeiros anos de vida como algo inteiramente acidental e passageiro, como de fato fora. Não encarava a prostituição como uma profissão igual às outras. Considerava-a superior. “Veja essas empregadas domésticas, faxineiras, caixas de supermercado; são umas escravas. Eu trabalho em casa, na hora que quero, quando quero, não tenho patrão nem tenho que dar satisfação a ninguém.” E arrematava: “Além do mais, dizem que é a profissão mais antiga do mundo, e se existe

há tanto tempo é porque é boa”. Vieira olhava fascinado para ela, sem dizer nada, contemplando sua beleza, como os meninos do Recife.

A morte de Magali era muito recente e ele estava confuso. Deixou-a em casa e foi andando até seu apartamento. Era a segunda noite consecutiva que atravessava Copacabana de ponta a ponta a pé. Daquela vez, um pouco menos pesado.

* * *

No exato instante em que o delegado titular terminou de ler o registro da ocorrência, pensou em Espinosa. Pelo menos foi o que lhe disse ao interromper seu descanso de fim de semana com um telefonema.

— Pensei em você por dois motivos: porque você mora perto e porque um ex-policia! seu conhecido está envolvido na história. — Espinosa de fato trabalhara com Vieira na 1ª Delegacia de Polícia pouco antes de ele se aposentar. Não apreciava muito seus modos, ele raramente dizia uma frase sem palavrão e era capaz de arrotar e peidar na frente de qualquer pessoa sem sentir o menor constrangimento. Por outro lado, era firme de caráter e não se deixara corromper em todos os anos de polícia; tudo o que tinha ao se aposentar era um apartamento de quarto e sala numa rua desvalorizada em Copacabana. O segundo aspecto compensava amplamente o primeiro, mesmo porque não eram obrigados a conviver socialmente.

Assim teve Espinosa seu fim de semana interrompido, o que não implicava grande sacrifício, tendo em vista a aversão que sentia pelos domingos.

Relembrava, naquele momento, a cena de Magali amarrada à cama, e a imagem de Vieira paralisado na soleira da porta, com o olhar pregado à máscara horripilante da afogada. Barba por fazer, roupa da véspera, os poucos cabelos brancos em total desalinho, barriga debruçada sobre o cinto, postura relaxada pelo abatimento físico e psíquico, Vieira era a segunda vítima naquele quarto. As

informações do porteiro, o automóvel estacionado na frente do prédio, a cápsula de gás paralisante, a amnésia alcoólica, tornavam delicada sua situação. Por mais que o quadro não combinasse com o que se sabia dele, os elementos de que Espinosa dispunha até aquele momento não deixavam Vieira em posição confortável. O que havia a seu favor era a inexistência de motivo para ele ter matado a moça. A hipótese de crime passional era frágil, além de aquelas não serem as características de um crime passional. Espinosa não duvidava de que Vieira fosse capaz de cometer um crime: duvidava de que tivesse cometido *aquela* crime. Durante o depoimento, o sofrimento que demonstrara não era o desespero do apaixonado nem a frieza do perverso, era a dor de quem perdeu o objeto querido. Numa idade comumente marcada por pequenos prazeres do cotidiano, Magali aparecera em sua vida como a promessa das mil e uma noites. Sabia que ela era prostituta, como também sabia que não devia obediência a homem algum; aquele que a explorava, o próprio Vieira cuidara de afastar; assim, pelo menos numa análise preliminar, ele se encaixava mal no papel de assassino. O que escapava ao entendimento, porém, era como o cinto que estava usando naquela noite fora parar nas pernas da morta.

Eram quase quatro horas da manhã, o delegado de plantão não dera maior destaque ao crime (assassinato de prostituta não dá imprensa) e, no dia seguinte, o delegado titular encarregou Espinosa do caso, fazendo apenas um comentário sobre Vieira: “É um sujeito legal”.

O abatimento que transbordara de Vieira invadiu o início do domingo de Espinosa no caminho para casa, após colher o depoimento, contaminando sua disposição para dormir. Mais do que a tristeza, era a solidão do ex-policia que o impressionara. Enquanto se esforçava para dormir, às cinco da madrugada, era tomado por cenas dele mesmo num futuro não muito longínquo sendo cortejado por jovens prostitutas à procura de garantia contra os rigores da lei — que só era rigorosa quando se tratava de atender aos interesses de alguém. Tentava convencer-se de que com ele seria diferente, não era grosseirão como Vieira, gostava de livros, tinha bom gosto, não

terminaria sua vida procurando a atenção de prostitutas. Mas apesar dessa reflexão, que julgou lúcida, não conseguiu dormir. Sabia que não adiantava forçar o sono, e como não costumava fazer uso de soporíferos deixou o imaginário se aquietar, o que aconteceu com o dia já claro. Adormeceu sem que a imagem de Magali tivesse desaparecido inteiramente.

Quando acordou, metade do domingo ficara para trás; restava porém a outra metade e, enquanto tomava café, pensava que se fosse astucioso conseguiria torná-la menor do que qualquer outra metade. Vieira fornecera uma lista dos restaurantes que costumava freqüentar. Eram poucos, e ele os ordenara a partir do mais provável: o primeiro da lista ficava na rua Santa Clara, a poucas quadras de onde morava; poderia ser um passeio agradável para um fim de tarde.

Acostumado a andar o dia inteiro interrogando dezenas de pessoas para obter uma única informação aproveitável, foi com deleite que ouviu do maître a afirmação de que conhecia o delegado Vieira e que na sexta-feira ele estivera no restaurante acompanhado de uma moça loura, tendo saído por volta de uma hora da madrugada.

— Estavam sozinhos?

— Estavam.

— Ele estava agitado, agressivo, inconveniente?

— Não. O delegado Vieira é freguês antigo da casa, quando bebe um pouco a única coisa que acontece é ele falar mais alto, nunca fica agressivo.

— O senhor se lembra de como ele pagou a conta?

— Com cheque, mas foi ela quem preencheu, ele apenas assinou; não estava com a mão muito firme.

— Ele não esqueceu nada sobre a mesa?

— Como assim?

— A carteira dele desapareceu, pode ter perdido aqui no restaurante.

— Se isso tivesse acontecido, pode ter certeza de que teríamos guardado e avisado a ele.

— Eles se encontraram com alguém ao sair?

— Isso não sei informar, quem pode dizer alguma coisa é o guardador de carros.

— O guardador é o mesmo todos os dias?

— É sempre o mesmo, deve estar lá fora agora.

— Obrigado. Qualquer notícia sobre a carteira com os documentos, telefone para este número.

Como chegara a pé, o guardador não prestara atenção nele. O movimento era pequeno e eram poucas as chaves dependuradas no quadro. Quando Espinosa se aproximou e mostrou a carteira com o distintivo, adivinhou um tremor subterrâneo no homem. Fingiu não perceber. O guardador se lembrava perfeitamente do delegado brincalhão que dava boas gorjetas. Naquela noite estava tão cheio de uísque que quase caiu em cima do menino que dormia na calçada, precisou ser colocado dentro do carro. Estavam apenas ele e a mulher, ninguém se encontrou com eles. Os dois saíram de carro sozinhos, ela dirigindo. Não viu carteira nenhuma, o delegado foi direto da porta do restaurante para o carro estacionado do outro lado da rua, se alguma coisa tivesse caído ele teria visto. Espinosa lembrou-lhe que a carteira poderia ter caído quando ele entrara no automóvel.

— Eu mesmo ajudei a colocar a perna dele para dentro do carro e posso garantir que não caiu carteira nenhuma.

— Não havia mais ninguém por perto?

— Já era tarde, naquele momento a única pessoa por perto era o menino.

— Que menino?

— O que às vezes dorme debaixo daquela marquise. Naquela noite, estava dentro de uma caixa de geladeira que deixaram na calçada.

— E onde está esse menino?

— Desde aquela noite não apareceu mais.

— Ele dorme sempre aqui?

— Às vezes. Fica esperando o final da noite para filar um prato de comida.

— Se ele aparecer, procure mantê-lo por perto e me telefone.

Espinosa se afastou achando que o domingo não fora tão ruim. Em vez de voltar pelo mesmo caminho, andou alguns passos até a avenida Atlântica. Ainda havia um resto de luz antes de se completar o crepúsculo. O mar era uma mistura de verde, azul e cinza, com o branco das ondas dando luz às cores, as montanhas eram massas azuladas, contornos vivos contra o céu. Espinosa pensou que se o mundo fora criado por Deus, ele estava de posse da melhor matéria-prima e de toda a inspiração ao criar aquela paisagem. Voltou para casa achando que às vezes um domingo pode ser melhor do que outros.

Não havia muito o que fazer até o dia seguinte. Telefonou para Vieira mas não o encontrou em casa. Talvez se lhe fosse dito em que restaurante estivera na noite de sexta-feira, viesse a lembrar-se de alguma coisa. A menos que não tivesse interesse em lembrar-se. Ouvira falar em amnésia traumática, além da amnésia alcoólica alegada por Vieira; o que não sabia era se havia recuperação do que fora perdido. Espinosa simpatizava com o ex-colega, não gostaria de vê-lo acusado da morte de Magali, mas reconhecia que havia alguns indícios comprometedores e que a alegada amnésia era bastante conveniente. Decidiu que não faria julgamentos.

A xícara de café acompanhada de torrada que comera ao acordar era pouco para mantê-lo durante todo o dia, e, a ter de recorrer ao suprimento de lasanhas bolonhesas congeladas, preferiu comer na rua, apesar de os pais e seus filhinhos invadirem os restaurantes nas noites de domingo.

O bairro Peixoto não é propriamente um bairro mas um enclave em Copacabana, do tamanho de um quarteirão grande com uma praça no meio, cercado de morro por três lados menos o voltado na direção do mar, visível antes de Copacabana ser transformada numa massa compacta de prédios espremidos entre o mar e a montanha. As construções, em sua maioria de três ou quatro pavimentos, são de desenho simples; a variação arquitetônica consiste na presença ou ausência da varandinha. Raros edifícios têm garagem ou elevador. O apartamento de Espinosa, no último andar de um prédio de apenas três pavimentos, tem janelas francesas e balcão de ferro batido com vista para uma pracinha que se não chega a ser bonita também não pode ser considerada feia, mas que é uma das marcas registradas do bairro.

O fato de morar nesse lugar privilegiado nada tem a ver com uma escolha pelo bucólico. Espinosa, na verdade, sente particular atração pelas grandes cidades, chegando mesmo a desconfiar, quando reflete mais demoradamente sobre o assunto, de que seu ideal urbano é algo próximo à atmosfera de *Blade runner*, o que o exclui definitivamente da lista das pessoas normais e saudáveis.

Não fora dele a escolha do local para morar, ou pelo menos não fora dele a escolha inicial; herdara o apartamento dos pais. Sua escolha foi continuar morando no mesmo lugar desde a morte dos dois, quando tinha catorze anos de idade e a avó fora fazer-lhe companhia, permanecendo até que completasse dezenove anos. Por que dezenove, e não dezoito ou vinte e um, nunca ficara claro. Devia a ela seu gosto pela leitura. Inicialmente, com a fome dos despossuídos, lia qualquer coisa. Aos poucos fora dirigindo o interesse para escritores de língua inglesa. Apesar da intimidade com os livros, não tem muita simpatia por intelectuais e eruditos. Gosta de ler, mas nutre secreto desdém pela crítica e pela teoria literária. Sua leitura inclui tanto Melville, Chandler e Hemingway como boa parte da mais autêntica pulp fiction. Esse interesse o leva com frequência a sair de Copacabana e empreender demoradas buscas pelos sebos do centro da cidade. A demora não é circunstancial e contingente mas

essencial, integra-se ao livro duplicando sua trama e estendendo o âmbito da aventura.

Ao ser transferido da delegacia do centro da cidade para a de Copacabana, passara a dispor de um bem inestimável: ir a pé para o trabalho, num percurso não superior a dez minutos. Dispõe de dois caminhos, pela Toneleros e pela Barata Ribeiro, com a mesma distância, sendo que pela Barata Ribeiro gasta um pouco mais de tempo por conta da distração provocada pelas vitrines e pelo movimento de pedestres e carros. Deve-se acrescentar a seu favor que a atração pelas vitrines não está ligada a uma compulsão consumista, mas ao hábito de memorizar determinado ambiente — podendo ser uma sala, um trecho de rua ou uma vitrine de loja — para posteriormente verificar se houve alteração, hábito que lhe rendeu, com o passar dos anos, pequena fama de observador metuculoso. Dependendo da hora em que volta para casa opta por um terceiro caminho; ao sair da delegacia, desce a rua Hilário de Gouveia até a avenida Copacabana, dobra à direita, acompanhando a massa humana que se desloca pelas calçadas, caminha pouco mais de duas quadras e passa por dentro da galeria Menescal, que liga a avenida Copacabana à rua Barata Ribeiro, para saborear um quibe no balcão do árabe, no meio da galeria.

Sua familiaridade com o bairro é semelhante à que tiveram os mais velhos com os quintais de suas infâncias. Foi com esse sentimento de familiaridade que ele saiu de casa na manhã de segunda-feira rumo à delegacia. Tomou o caminho menos sujeito a desvios acidentais; havia uma série de providências a serem tomadas relativas ao que intimamente chamava “caso Vieira”, e a primeira delas era tomar o depoimento da amiga da morta. Encarregou um jovem detetive de sua equipe de trazê-la à delegacia. Em seguida ligou para Vieira para dizer que encontrara o restaurante onde ele e Magali haviam jantado na noite de sexta-feira. Vieira recebeu a notícia como uma confirmação. Os fragmentos de memória apontavam para o mesmo restaurante; o que ele não sabia é se eram fragmentos de memória referentes àquela noite ou a noites anteriores. “Obrigado, Espinosa, mas infelizmente sua comunicação não acrescenta nada à

minha memória, continua um branco total.” Quando Espinosa contou que ninguém sabia nada sobre a carteira, respondeu que havia comunicado a perda dos cartões de crédito e estava esperando os bancos abrirem para cancelar os cheques.

Eram quase onze horas da manhã quando Flor chegou, acompanhada do detetive. Não tinha o estereótipo da prostituta. Não usava pintura, a roupa era discreta, jeans, camisa azul-claro para fora das calças e tênis. Notava-se que não era uma religiosa ou uma universitária pelo à-vontade com que enfrentava uma delegacia de polícia e respondia às perguntas. Logo de início, fez questão de anunciar que era namorada do delegado Vieira.

— Como? — perguntou Espinosa. — Vieira não era namorado de Magali? E você não era amiga dela?

— Isso mesmo. Ele me herdou. — Ante a surpresa de Espinosa, acrescentou: — Não é nada do que o senhor está pensando. Enquanto Magali era viva, não havia nada entre nós. Magali sempre me disse que, se alguma coisa acontecesse a ela, era para eu cuidar do homem dela, o Vieira.

— Por que essa recomendação? Ela achava que ia acontecer alguma coisa?

— Não, era só uma idéia.

— O que você quer dizer com “era só uma idéia”?

— Era só uma idéia. O senhor sabe, na nossa profissão podem acontecer coisas. Nunca sabemos quem é o nosso freguês, pode parecer um monstro e ser delicado como uma flor, e pode parecer uma criança e ser capaz das piores coisas. Sempre temos algum medo, por isso procuramos a proteção de homens como o Vieira.

— Sei, mas acontece que homens como o Vieira não ficam de plantão olhando vocês treparem.

— Claro que não, mas as pessoas acabam sabendo e não se metem a violentas.

— Voltemos à idéia que Magali tinha, de que iriam matá-la.

— Eu não disse que ela tinha a idéia de que iriam matá-la; disse que ela tinha a idéia de que poderiam fazer alguma coisa com ela.

— Flor, não tente bancar a ingênua comigo, não vai dar certo. Se Magali disse para você cuidar do homem dela caso lhe acontecesse alguma coisa, só poderia ser morte ou desaparecimento, caso contrário ela mesma continuaria cuidando dele. É precisamente isso o que quero saber. Alguma vez ela mencionou alguma ameaça específica? Alguém disse que iria matá-la?

— Ela nunca falou o nome de ninguém, mas achava que poderia acontecer.

— E por que aconteceria exatamente com ela e não com outra qualquer?

— Porque era com ela que ela estava preocupada.

— E você acha que o simples fato de ela estar preocupada com ela mesma poderia ter ocasionado esse assassinato?

— Dizem que as pessoas assustadas atraem a maldade dos outros. É igual ao que acontece quando você passa perto de um cachorro: ele pode ser mansinho, mas se você passa tremendo de medo ele acaba mordendo.

— E você sabe quem pode ter sido esse freguês que a matou porque ela estava assustada?

— Não. Sei que tinha alguns fregueses regulares, mas eu não conhecia nenhum, e freguês regular não faria uma coisa dessas. Acredito mais em alguém que tenha ido pela primeira vez, tenha falhado e resolveu se vingar nela. A coisa mais perigosa que existe é homem broxado, ou fica parecendo um bebê ou sai querendo matar todo mundo.

— E você? Como eram suas relações com Magali?

— Éramos irmãs. Quer dizer, não de verdade, mas era como se fôssemos.

— E, como acontece com as irmãs verdadeiras, vocês brigavam de vez em quando?

— Nunca brigamos, a gente se entendia perfeitamente.

— Tão perfeitamente que você ficou com o homem dela.

— E o que tem isso? Foi ela mesma quem pediu.

— É o que você diz.

— O que o senhor está imaginando?

— Não estou imaginando nada, quem está imaginando tudo é você mesma.

— Não entendo o que o senhor quer dizer com isso.

— Talvez não haja nada para entender, o mundo é assim mesmo, talvez você não queira entender, o que dá no mesmo.

Flor começou a sentir-se desconfortável e desconfiada, fechou-se. Espinosa considerou pouco estratégico insistir, melhor deixá-la pensando no que fora dito e sobretudo no que não fora dito. Dispensou-a, avisando para não se ausentar da cidade, e ficou pensando em por que Vieira não mencionara o fato de Flor ter se tornado sua amante tão rapidamente. A não ser que tudo não passasse de fantasia dela, ou de dispositivo para proteger-se durante o interrogatório.

Ao contrário do que imaginara, a espera em frente ao prédio foi bastante penosa. Não podia se distrair olhando os últimos modelos de automóvel ou os tênis importados e as estamparias das camisetas; qualquer distração ou cochilo poderia coincidir com a saída do homem. Por volta das dez da noite, ele saiu do prédio sem a menor hesitação quanto à direção a tomar; um observador mais experiente diria que investira algum tempo, antes de sair, escolhendo o alvo, traçando o percurso e ensaiando como proceder. O menino, porém, não estava preocupado com os preparativos e sim com a ação. Assim que o homem botou os pés na calçada, pulou do abrigo na calçada oposta e começou a caminhar paralelamente a ele, até conseguir atravessar e colocar-se a uma distância segura para não perdê-lo de vista. Andavam em direção ao Leme e, como em nenhum momento o

outro fez menção de pegar condução, o menino inferiu que não iria longe. Tinha que dar dois passos para cada um dos dele, e em determinados momentos precisou correr para não ficar para trás. Passaram pela praça Serzedelo Correia sem que o homem alterasse o ritmo das passadas ou fizesse menção de desviar-se do seu propósito, não olhando para trás uma única vez e, mesmo que o fizesse, não incluiria o menino na categoria de pessoa. Uma quadra depois do Copacabana Palace reduziu o ritmo, diminuindo a distância entre ambos. Quando chegaram à praça do Lido, o menino adivinhou o alvo: as boates e os inferninhos ao redor da praça.

O homem entrou primeiro numa boate freqüentada por gays. O menino teve que esperar do lado de fora e tentar adivinhar o que se passava lá dentro. A pequena rua que ladeava a praça era interditada ao tráfego; o menino sentou-se no meio-fio e esperou.

Estava tão atento à porta da boate que nem notou quando sentaram a seu lado. Eram dois conhecidos, também freqüentadores da Casa de Acolhida, onde conseguiam cama e comida quando a situação na rua se complicava. Não houve diálogo, apenas uns tapas nas mãos e uns grunhidos. No primeiro momento o menino não gostou da intromissão, mas depois pensou que seria até bom, três meninos de rua sentados no meio-fio não despertariam a curiosidade do homem. Passados alguns minutos, comentaram sobre a morte de um travesti que funcionava como líder protetor e às vezes como mãe deles. Perguntaram o que estava tentando descolar sentado ali na calçada; tinham visto ele chegar, sentar no meio-fio e ficar olhando para o outro lado da rua. Respondeu que estava seguindo um homem que furtara os documentos de um delegado de polícia. Os dois se levantaram e foram embora. Continuou em sua vigília solitária. Quase uma hora tinha se passado quando começou a duvidar de que o homem ainda estivesse lá dentro, talvez tivesse saído enquanto falava com os outros meninos, talvez tivessem descoberto sua verdadeira identidade. Mais meia hora. Jurava que o homem não saíra por aquela porta, e não havia outra. De tanto ficar olhando para o mesmo ponto, os objetos começaram a ficar estranhos, já não sabia mais se o homem entrara mesmo por aquela porta, lembrou-se de vários outros

que saíram e que poderiam ser ele. Já estava a ponto de desistir quando o viu sair, afastar-se até um ponto onde havia luz, retirar algo do bolso, examinar demoradamente, guardar novamente e caminhar em direção à avenida Atlântica. O menino não tinha dúvidas de que o golpe fora executado com sucesso. Quando pensou que o homem iria dar-se por satisfeito com essa primeira investida, viu-o atravessar a praça e entrar em outra boate. Saiu em menos de cinco minutos. Ou reconheceu algum policial ou viu alguém que poderia reconhecê-lo. Dessa vez afastou-se um pouco mais depressa do local, novamente em direção à avenida Atlântica, fez menção de interpelar dois homens que foram abordados por um terceiro que obviamente oferecia drogas, mas o grupo se dispersou antes que ele agisse. Dali foi para casa. Uma hora da madrugada foi a hora em que o homem voltou ao seu prédio. O menino considerou a jornada encerrada.

Era hora de cuidar dele próprio; a vigília durante a tarde, mais a perseguição e vigília da noite não haviam dado margem a que procurasse algo para comer, e estava com fome. Os restaurantes fecham mais cedo aos domingos, mas tentaria uns dois, próximos dali, onde era conhecido do porteiro e poderia descolar um prato. No primeiro restaurante não foi bem recebido pelo segurança, mas no segundo foi reconhecido pelo manobrista, que intercedeu a seu favor junto aos garçons. Enquanto comia algumas fatias de carne assada com pão, pensava que não fora dinheiro o que o homem conseguira no inferninho, a maneira de ele verificar não era a de quem estava contando dinheiro. Apesar de ter observado à distância, era capaz de apostar que aquilo que ele retirara do bolso para conferir ao sair da boate eram pacotinhos de pó.

Antes de dormir, decidiu que para continuar em sua cruzada precisaria tomar certas medidas protetoras. No dia seguinte procuraria Clodoaldo, que conhecia os policiais da área e sabia quem era confiável. Se o homem, além de dinheiro, ia extorquir droga dos freqüentadores dos inferninhos, a coisa poderia ir longe demais e sobrar para cima dele. Nesse caso precisaria contar com a possibilidade de recorrer a algum tipo de proteção oficial.

Enquanto conversava com o gerente do banco sobre o cancelamento dos cheques, Vieira tentava imaginar o destino de sua carteira e conseqüentemente dos cartões de crédito e do talão de cheques. Faltava pouco tempo para o Natal; mesmo uma honesta dona de casa poderia interpretar o achado como dádiva do céu para garantir as festas natalinas; poderia renovar o guarda-roupa do marido e das crianças e até mesmo arriscar a compra de um aparelho de televisão. Aos poucos foi ficando irritado e começou a lançar olhares raivosos para as mulheres na fila do caixa segurando contas e carnês. Pensou em Flor. Não fora propriamente uma conquista, afinal de contas não fizera absolutamente nada para que ela caísse em seus braços, ou no seu colo. Reclamava com o gerente o custo de cada cheque sustado, quase valia a pena correr o risco de deixar que fossem pagos. Do ponto de vista estético, levava vantagem, Flor era mais bonita e sensual do que Magali; do ponto de vista pessoal haveria, sem dúvida, uma perda. O conhecimento mútuo é um bem durável, pensava, e, tal como a árvore que tomba, teria que dar tempo para o crescimento da nova. Sua confiança em Magali era irrestrita. Não que desconfiasse de Flor, nem sequer houvera tempo para isso, apenas ela surgira muito de repente, vinda do nada, sem aviso de espécie alguma, anunciada apenas pela morte da amiga. Teriam que se conhecer. Tudo o que sabia sobre ela lhe fora contado durante o primeiro jantar, ao saírem do prédio de Magali. Era pouco, mas os encantos eram muitos.

Saiu do banco decidido a passar na delegacia. Gostaria de ajudar, embora soubesse que sua posição era delicada: não apenas era suspeito, como o único suspeito. Reformulou a questão: era suspeito só por ser o único, esse era seu modo de encarar as coisas, e sobre isso queria conversar com Espinosa. Estava longe para ir a pé, preferiu o ônibus. Ainda não se acostumara ao estado de plena disponibilidade desde que se aposentara, havia dois anos; tinha a permanente sensação de ser um desocupado, e durante o dia olhava envergonhado para as pessoas. À noite era diferente, não era hora de trabalho, não precisava aparentar nada. No ônibus cheio, sentado

junto à janela, podia usufruir tranqüilamente a paisagem urbana, todos o tomariam por um homem a caminho do trabalho.

Espinosa recebeu-o simpaticamente, mas sem muito entusiasmo. Comunicou que o corpo de Magali provavelmente seria liberado no final da tarde, falara por telefone com o legista, o laudo não acrescentara nada ao já esperado, as únicas marcas no corpo eram as dos pulsos e tornozelos, o que indicava não ter havido luta e que ela não fora amarrada à força, não havia sinais de relações sexuais recentes, ingerira uma quantidade moderada de álcool e sem dúvida fora submetida à ação do gás paralisante contido no spray enviado para exame. Provavelmente fora amarrada ainda desacordada, e tivera o saco plástico enfiado na cabeça antes de recuperar os sentidos. Acordara para morrer sufocada.

Vieira não sabia bem o que dizer. Se por um lado a morte de Magali o entristecera, por outro estava na posição de suspeito principal e único. Seria contraditório matá-la e sentir tristeza por perdê-la. Pela lógica, se sua tristeza era autêntica, não podia ser o assassino; se fosse o assassino, não poderia estar triste por ter feito o que quis fazer. No entanto, essa lógica não se aplicava a ele, os dois enunciados poderiam ser simultaneamente verdadeiros caso tivesse matado Magali e ficado amnésico. O embaraço aumentou quando Espinosa anunciou que o carro ainda não fora liberado pela perícia. O periciamento do automóvel e sua possível inclusão como peça no inquérito policial eram sinal de uma implicação concreta e não apenas imaginária na morte de Magali. A pergunta de Espinosa eliminou qualquer dúvida sobre quem era polícia e quem era suspeito.

— Você não me falou nada sobre seu namoro com Flor.

— Porra, Espinosa, não tem namoro nenhum, como é que eu podia ter-lhe falado?

— Não foi o que ela declarou aqui na delegacia.

— Não sei o que ela declarou, sei apenas que tinha visto essa menina apenas uma ou duas vezes antes de ela me telefonar.

— E aí vocês começaram a namorar?

— Que merda, Espinosa, não somos adolescentes para ficar falando sobre namoros; além do mais não somos namorados, a única coisa que aconteceu foi jantarmos juntos ontem à noite.

— E você quer que eu fique feliz com isso? Reflita sobre os fatos: uma moça é encontrada morta em seu próprio apartamento, nua, amarrada à cama, com um saco plástico enfiado na cabeça. Essa moça era sua namorada e tinha jantado com você na noite em que foi morta. Na mesa-de-cabeceira estava, junto às chaves de seu automóvel, um spray de gás paralisante cuja tampa foi encontrada no chão do carro. Como se não bastasse, os pés da moça estavam presos com o cinto que você usava na noite do crime — e que não sabe como perdeu. E para completar você aparece, no dia seguinte ao assassinato, namorando a única amiga da morta. Porra, Vieira, só não te prendo porque não acredito que você seja burro a ponto de acumular todos esses indícios contra você mesmo. Só falta aparecer um testamento da falecida indicando você como único beneficiário da pequena fortuna que ela acumulou no exercício da profissão.

Vieira ficou olhando em silêncio para Espinosa. Queria falar muita coisa, queria se explicar, queria dizer que Flor caíra em seu colo sem que ele fizesse nada nesse sentido, queria dizer o quanto gostava de Magali, mas não disse nada, sabia que Espinosa tinha razão. Sabia por experiência própria que, quanto mais procurasse se justificar, maior pareceria sua culpa. Sabia também, por experiência, que naquele momento o silêncio valia ouro. Disse apenas:

— Acho que, se conseguirmos localizar quem ficou com minha carteira, teremos um caminho possível para desvendar o que aconteceu depois que Magali e eu saímos daquele restaurante. — Espinosa aceitou a frase dita na primeira pessoa do plural, uma vez que não havia nenhuma dúvida sobre quem era a autoridade policial e conduzia as investigações.

Espinosa estava interessado no percurso feito por Magali e Vieira até o apartamento. Conforme declaração do manobrista, os dois haviam saído do restaurante com Magali dirigindo o carro. Ela podia ter deixado Vieira em casa e voltado com o carro para seu próprio apartamento, lá encontrando o assassino; o que justificaria o fato de o

carro ter sido encontrado estacionado na frente do prédio e as chaves na sua mesinha-de-cabeceira. O assassino estaria esperando por ela dentro do apartamento, ou teria chegado logo depois. Se os fatos tivessem se passado dessa maneira, duas coisas ficavam sem explicação: como Magali levava Vieira completamente bêbado, provavelmente semi-adormecido, até o apartamento dele sem a ajuda de outra pessoa; e segundo, como o cinto de Vieira fora parar amarrando as pernas dela. Isso, a se acreditar na história da bebedeira. A saída do restaurante com os exageros dos palavrões e dos tropeços poderia ser uma farsa, o que implicaria uma premeditação fria que não combinava com o temperamento de Vieira.

A conversa com Vieira teve lugar no que chamavam sala de visitas, no segundo andar da delegacia. A escada que leva ao segundo pavimento termina numa espécie de ante-sala ampla, com dois sofás e duas poltronas, todos precisando de molas novas mas sem rasgos e suficientemente limpos para ninguém temer sentar-se com roupa clara. Não era o lugar mais apropriado para uma conversa privada — a sala era passagem para todas as demais dependências situadas no andar —, mas Vieira não parecia estar preocupado com privacidade e sim com a decisão de Espinosa quanto à direção das investigações.

Despediram-se com um misto de cordialidade e desconfiança, Espinosa prometendo que manteria Vieira a par das investigações, o que ele entendeu como uma recomendação polida para que se mantivesse afastado. O resto do dia não trouxe novidades. Espinosa estava com a atenção voltada para o laudo do legista e para o resultado do exame pericial; pensava sobre o rigor dos exames em se tratando da morte de uma prostituta. A tarde caiu em meio a memorandos e relatórios.

Espinosa escolheu voltar para casa pela avenida Copacabana. O movimento de pessoas por volta das seis e meia da tarde lembrava uma metrópole oriental. Entrou pela galeria Menescal disposto a comprar uns quibes para reforçar o espaguete à bolonhesa que descongelaria para o jantar. Antes de parar no árabe já estava com a sensação de estar sendo seguido. Enquanto esperava os quibes, olhou em volta mas não conseguiu identificar ninguém; tentaria mais à

frente no sinal da Barata Ribeiro, onde haveria menos gente. Parou em uma, depois em outra vitrine, aproveitando o reflexo do vidro para uma varredura na calçada em frente, mas nada. Creditou a sensação à dose de paranóia presente em todo policial.

O garoto considerou particularmente feliz o fato de o policial morar a apenas quatro ou cinco quadras do homem, ficaria mais fácil passar de um para outro quando necessário. Aquele era o tira apontado por Clodoaldo como confiável. Realmente não parecia perigoso, dava a impressão de distraído e inofensivo, mas o menino sabia que policial inofensivo era como urubu branco. Tinha por hábito não confiar em ninguém, mas às vezes era necessário, como na ocasião em que fora salvo por Clodoaldo de uma ameaça de linchamento por ter sido confundido com outro menor que cortara o rosto de uma mulher no sinal luminoso.

Sentado no banco da praça viu a janela se iluminar. Pensou que o tira devia morar sozinho, caso contrário a janela estaria acesa antes de ele chegar. Não devia ter mulher nem filho. Aliás, estava se dando conta naquele momento de que nunca pensara em policial como tendo mulher e filhos, quando ouvia falar em “família do policial” pensava nos irmãos, na mãe, no pai, mas nunca nele próprio como chefe de família. Continuou com o olhar fixo no retângulo iluminado. Não sabia por que estava sentado num banco de praça olhando para a janela do apartamento de um tira; provavelmente essa era a única coisa que podia fazer: olhar, bisbilhotar a vida dele, seguir seus passos, o mesmo que estava fazendo com o outro homem.

A praça começava a se esvaziar, hora de as crianças tomarem banho para jantar. Enquanto algumas mães e babás levavam embora os pequenos, outras mães gritavam das janelas pelos maiores. Fazia quase um mês que não ia em casa. Sua mãe deixara de temer por ele e aprendera, com o tempo, que ele sempre conseguia se safar quando a cidade o ameaçava além do suportável. Pensou em levar para ela metade do dinheiro que encontrara na carteira, ou até mesmo tudo,

aquele dinheiro era mais motivo de preocupação que de satisfação; mas podia precisar dele na tarefa de seguir o homem.

Passado algum tempo, as janelas de venezianas se abriram fazendo aparecer a silhueta de um homem. A silhueta ergueu e esticou os braços, espreguiçando-se, e voltou em seguida para dentro do apartamento. O menino considerou que não havia por que continuar sentado naquele banco vigiando uma pessoa sem um motivo claro; além do mais, a idéia de que as pessoas estavam indo para casa jantar tornou sua fome mais aguda. Levantou-se, esticou os braços imitando a silhueta, e tomou a direção da avenida Copacabana; pretendia, no caminho, descolar um frango assado numa padaria. Afastou-se da praça pensando no nome engraçado do tira, nunca ouvira falar de alguém chamado Espinosa. Mais um pouco e teria que empreender a outra vigia; o homem costumava iniciar suas andanças noturnas por volta das dez horas.

— Se é para comer e não para drogas, tudo bem — disse uma das senhoras na padaria —, apesar de eu achar que um frango inteiro é muito para um menino como você.

— Não dê o dinheiro na mão dele — disse a outra —, pague no caixa, assim ele não vai poder usar o dinheiro para outra coisa. — O modo de falar era de quem conhecia as profundezas da alma humana, assim como o submundo dos meninos de rua. Mais um pouco e iriam conferir o frango para verificar se não estava recheado de maconha ou cocaína.

Às dez horas, depois de devorar o frango, estava sentado na calçada oposta, esperando o homem sair. Talvez a velha tivesse razão, era muito frango para pouco corpo, pesava no estômago. Passado algum tempo, começou uma leve dor de barriga. Se ela aumentasse, não poderia mais ficar sentado ali na calçada. O homem apareceu na porta do prédio às quinze para as onze. Olhou para os lados como se escolhesse a direção do novo golpe, e fixou o olhar no menino sentado do outro lado da rua. Parecia varrer a memória à procura de uma informação, enquanto a visada prendia a imagem. Quando pareceu ter se lembrado de alguma coisa, o garoto já tinha se levantado e desaparecido.

O menino conhecia aquele olhar, já se confrontara com outros do mesmo tipo e não pretendia verificar se as conseqüências seriam semelhantes. Aquele homem faria qualquer coisa para afastar quem se metesse na sua frente, assim como não teria nenhum escrúpulo em retirar benefícios pessoais de uma situação. O menino sabia que para aquele tipo de homem não havia limite entre o legal e o ilegal, roubar e matar eram atividades tão naturais como respirar, comer e viver. De uma coisa, porém, o menino passara a ter certeza: o homem sabia de sua existência.

O carro funerário deixou o caixão na portaria do cemitério como quem entrega uma encomenda enviada pelos Correios. De amigos, mais ninguém além de Vieira, para quem a morte havia anos fora contaminada pela burocracia, e Flor, que ensaiou um choro não levado adiante. Antes de enfiarem o caixão na gaveta do muro de concreto, ainda esperaram algum tempo pelo porteiro da noite do prédio de Magali, cúmplice de seus trânsitos, mas ele não apareceu. O corpo foi enterrado (ou engavetado) sem que ninguém se preocupasse em anotar o número da sepultura. Flor e Vieira saíram do cemitério de braços dados, como se fossem parentes. Separaram-se em Copacabana, combinando novo encontro para a noite. Vieira seguiu para o restaurante onde jantara com Magali.

— Doutor, que bom ver o senhor aqui novamente.

— Obrigado, Chico.

— É verdade o que disseram? Que dona Magali morreu?

— Não morreu, Chico, foi morta.

— E quem fez isso, doutor?

— É tudo o que eu quero saber, e para isso preciso saber outras coisas. Uma delas é o que aconteceu com minha carteira.

— Aqui dentro do restaurante não aconteceu nada, doutor. Fui eu que servi sua mesa, quando eu trouxe a conta o senhor tirou a carteira do bolso, deu o talão de cheques para dona Magali

preencher; em seguida, o senhor assinou e guardou a carteira com o talão no bolso de trás da calça.

— Você tem certeza de que guardei a carteira no bolso da calça?

— Absoluta. O senhor tinha bebido um pouco e demorou a acertar o bolso. Eu estava esperando para afastar a cadeira para o senhor se levantar.

— E do lado de fora? Quem era o manobrista?

— O mesmo de sempre. Se o senhor quiser, mando ele vir aqui.

— Não é preciso, falo com ele quando sair.

Vieira sabia que não havia necessariamente relação entre o desaparecimento da carteira e a morte de Magali, mas era do que dispunha para começar, sem se intrometer na investigação de Espinosa. O fato é que não ia ficar em casa vendo televisão enquanto a polícia recolhia provas contra ele. Recusou a bebida que lhe ofereceram, “gentileza da casa”, e saiu para falar com o manobrista.

— Sim senhor, fui eu que ajudei o senhor a entrar no carro, estava do outro lado da rua quando vi o senhor quase cair em cima do menino, corri para ajudar.

— Que menino, porra? Eu não estava com menino nenhum.

— O menino não estava com o senhor, estou falando do menino que costuma dormir ali na calçada, bem em frente de onde estava o seu carro.

— E o que tem esse menino?

— Nada, doutor, é que o senhor estava um pouco tonto e quase caiu em cima dele, talvez ele tenha acordado com o barulho.

— Barulho?

— Da caixa.

— Merda, que caixa? De onde surgiu uma porra de uma caixa agora?

— A caixa da geladeira, doutor. — E apressou-se em completar:
— É que ele estava dormindo dentro de uma embalagem de geladeira que deixaram na calçada; o senhor quase caiu em cima.

— E onde está esse menino?

— Não sei, doutor, está sumido desde aquele dia. Os outros doutores também perguntaram por ele, um deles até pediu para eu telefonar avisando quando ele aparecesse.

— Outros doutores? De quem você está falando, porra?

— Dos colegas do senhor. Também me perguntaram sobre a carteira, e eu disse a mesma coisa.

— Qual foi o telefone que eles deram?

— Foi só um que deu, o que veio primeiro deixou o cartão. — Meteu a mão no bolso e retirou vários papéis, alguns deviam estar ali havia anos, volantes de loteria esportiva, receita médica, e no meio o cartão de Espinosa.

Vieira não sabia se ficava satisfeito ou temeroso. Também não sabia o que levara Espinosa a se interessar pelo paradeiro do menino. Que importância ele poderia ter para justificar sua ida e posteriormente a de mais alguém de sua equipe ao local? Olhava para o homem, para o ponto da calçada onde estivera o menino, para o lugar onde devia ter estacionado o carro, esforçava-se para que qualquer das cenas se fizesse familiar. Inútil, era como se nada tivesse acontecido, e tinha certeza de que permaneceria daquele modo.

Fim de tarde, segunda-feira, o único sentimento agradável no espírito de Vieira era a promessa do corpo de Flor. Não tinha pressa. Magali era uma lembrança que o tempo tornaria cada vez mais suave até restarem apenas fragmentos esparsos. Sentia falta dela, mas sabia que com o passar dos anos a falta seria substituída por recordações com baixo teor de emoção, até chegar ao ponto em que a dor lembrada deixa de doer. Mas talvez não fosse esse o sentimento de Flor, e ele não queria apressá-la. Precisava, além disso, proteger-se dos olhares de Espinosa, que não veria com simpatia um romance entre as duas únicas pessoas ligadas à morta, principalmente sendo uma delas suspeita do assassinato. Por outro lado, ele e Flor eram adultos livres e desimpedidos, ninguém precisaria saber o que se passava entre eles, embora talvez não fosse essa a opinião de Espinosa.

A primeira noite com Flor merecia um tratamento especial. Poderiam jantar num restaurante à beira-mar; a noite não era de lua e o céu estava encoberto mas pelo menos não estava ameaçando chuva. Ainda estava sem carro. Depois do jantar iriam para o apartamento dela, não gostava de levar mulheres para seu apartamento, tinha a impressão do fantasma da ex-mulher espiando tudo; além do mais, gostava de preservar sua intimidade. A única mulher que tivera acesso ao seu apartamento, desde a morte de Maria Zilda, fora Magali.

Pretendia tomar um banho de banheira demorado, usaria uma água-de-colônia que não tivesse sido presente de Magali, vestiria calça branca, sapatos brancos e uma camisa colorida não muito desabotoada no peito por causa dos pêlos brancos. Tinha aprendido que os cabelos embranquecem de cima para baixo e nada é mais patético do que pentelhos brancos. Pensara em pintar os seus de castanho, o que produziria como resultado um leve tom acaju, melhor do que branco, mas não concretizara a idéia.

Chegou ofegante, fora uma bela caminhada. Antes do banho, separou a roupa que iria usar. Ainda não se decidira pela camisa colorida ou pela *guayabera* de linho branco com bordados brancos. Todo de branco, como um noivo, impressionaria bem. Desistiu do banho de banheira, daria muito trabalho. Tirou a roupa e deitou na cama para relaxar.

Quando acordou e olhou o relógio, eram duas e vinte da madrugada.

* * *

A notícia não tardou a chegar à delegacia: um policial desconhecido estava achacando homossexuais, prostitutas, viciados, bêbados e estrangeiros. A descrição não correspondia a ninguém conhecido, e a opinião geral era de que também não se tratava de um policial de outra delegacia, o que equivalia a dizer que não se tratava de um policial. A conclusão de Espinosa foi imediata: alguém encontrara os documentos de Vieira. Os primeiros relatos vieram de

gerentes de bares e boates situados na praça do Lido, os relatos seguintes foram originários da orla marítima, sugerindo uma rota, pela praia, em direção a Ipanema. Se o cara fosse esperto, atacaria durante um tempo limitado, parando antes de serem tomadas medidas defensivas, e recomeçando depois de algumas semanas, quando julgassem que fora erradicado do bairro. Espinosa achava que essa primeira série não duraria mais do que cinco dias, o que dava à sua equipe um ou dois dias para interceptá-lo, caso não fosse interceptado de forma mais definitiva pelos próprios atingidos. Pela seqüência relatada, o próximo local deveria ser uma boate que já tivera clientela variada e que se transformara em ponto de encontro de homossexuais. O plano era simples, dois detetives jovens serviriam de isca. Não queria ir ele mesmo ou mandar detetives mais experientes porque poderiam ser reconhecidos. Seu interesse principal, mais do que recuperar os documentos de Vieira, era pegar o homem. Caso ele aparecesse, a ordem era agarrá-lo assim que completasse a primeira transação.

Às dez e quarenta da noite, Espinosa, de dentro de um carro estacionado quase em frente à boate, olhava atentamente o movimento dos fregueses. Queria poder antecipar-se aos dois rapazes que estavam lá dentro, identificando o homem antes de ele entrar; ou, na hipótese de ele chegar a entrar, proteger a saída no caso de algo dar errado dentro da boate.

Não gostava de campanar, tinha enorme dificuldade em concentrar a atenção num ponto fixo; era capaz de manter concentrado o olhar, mas não a atenção; o olho continuava preso ao ponto de interesse mas a cabeça tomava rumos tão alheios ao que estava acontecendo que era a mesma coisa que estar cego. Fixava a vista na porta da boate e quando dava por si estava travando um intenso diálogo imaginário com algum conhecido, freqüentemente sua ex-mulher, por causa do filho, perdendo a noção do tempo e sendo incapaz de garantir que o suspeito tivesse entrado ou saído. Outras vezes, o brilho de um pára-choque evocava o Chevrolet 52, hidramático, que o pai conservava ainda em perfeito estado quando morreu. Morreram os três juntos: pai, mãe e carro. Nenhum sobreviveria sozinho. Apenas

ele sobrevivera. A presença da avó fora decisiva, mas avó é diferente de pai e mãe.

Voltou a concentrar a atenção no movimento da boate. Apesar das mudanças de nome e de estilo, ainda via brilhar na fachada, em néon vermelho, o nome *Bolero*, que evocava interiores misteriosos como os que vira nos filmes americanos. Meia-noite e quinze. A névoa, quase imperceptível quando chegaram, formava uma massa compacta que não permitia que visse as ondas do outro lado das pistas às suas costas. Talvez o homem tivesse decidido interromper os ataques — exagerara nos primeiros dias —, ou talvez tivesse escolhido outro lugar. A descrição que forneceram dele não ajudava muito. Quando o relógio marcou uma hora, Espinosa viu os dois detetives saírem da boate e caminharem na direção do carro.

— Chefe, achamos que ele não vem mais. O movimento lá dentro está fraco e a tendência é ficar mais fraco ainda, a noite não está boa. — Os dois estavam com os olhos vermelhos de fumaça e chope.

— Vamos tentar mais meia hora, depois vamos embora.

Eram quase duas da madrugada quando deram a campana por encerrada. Recomeçariam na noite seguinte. Nada restava a fazer senão irem para suas casas dormir.

* * *

Deitada na cama, Flor olhava para os próprios pés e avaliava o pouco que havia de apartamento a partir da ponta do dedão. O banheiro continha as peças necessárias, mas tão espremidas umas nas outras que o ato de ensaboar os cabelos dentro do boxe envolvia movimentos sincronizados dos braços, se um deles estava dobrado para cima o outro tinha que permanecer estendido ao longo do corpo.

Apesar de quase não receber fregueses em casa e de serem todos selecionados, Flor considerava que dificilmente subiria na vida se continuasse morando naquele cubículo. Nem podia fazer sala, o

cliente chegava e tropeçava na cama. Também não podia convidá-lo para olhar a rua; o apartamento era de fundos e a única janela dava para um grande pátio interno com centenas de janelas semelhantes. Eram janelas olhando umas para as outras. O aluguel e o condomínio eram pagos por seu benfeitor pernambucano, “só até eu poder pagar com meu próprio dinheiro”, dissera-lhe na época, mas o fato é que nunca precisara se preocupar com esse detalhe. Quanto a subir na vida, julgava que conseguira galgar alguns degraus desde a casa de pau-a-pique no Recife, mas não o suficiente, as revistas de TV mostravam que uma artista podia muito mais, e ela se julgava uma artista. “Josias podia me arranjar um apartamento maior, compatível com o meu futuro.” Ainda olhava para o dedão do pé, quando pensou que em breve Josias viria, acompanhado do Júnior, e diria: “Faço questão de que ele fique homem com você, Flor”. Inverteu a posição das pernas. Agora era o outro dedão que funcionava como alça de mira. A perspectiva do quarto permanecia a mesma, mas o dedo era outro. Gostava dos seus pés, eram esguios e elegantes, odiava pés gorduchos com dedos batatudos. Josias não gostava que pintasse as unhas. “Tomara que Vieira também não goste, não posso andar com um pé pintado e outro não.” Considerava-se protegida. De um lado a proteção financeira de Josias, que certamente seria reforçada com a entrada em cena do Júnior; de outro lado, contava agora com a proteção de Vieira. O fato de ele ser aposentado não alterava nada, policial é sempre policial, além do detalhe de os velhos serem mais carentes de amor do que os jovens. Se soubesse administrar esses dois bens, não teria problemas. Estava gostando de Vieira, achava mesmo que estava gostando mais dele do que de Josias, e atribuía isso ao fato de ele não temer sair de braço dado com ela pela rua. Josias uma única vez saíra com ela para jantar, mas a levava a um restaurante tão distante, no meio de uma estrada, que parecia terem atravessado a divisa do estado. Magali lhe contara que uma vez fora visitar Vieira no hospital quando ele se recuperava de uma operação. Ao entrar no quarto, ele estava com dois colegas de delegacia e um terceiro homem que ela achava ser parente. Foi apresentada a todos como uma velha e querida amiga. Quando ele se queixou de frio nos pés, ela procurou um par de meias no armário e

calçou-as em Vieira, na frente de todos, numa prova evidente da intimidade que havia entre ambos. A cena descrita pela amiga passou a ser o paradigma de toda relação amorosa familiar. Flor imaginava a cena e a intimidade quase sagrada do gesto de calçar as meias em alguém. Voltou novamente a atenção para os próprios pés. E mais uma vez ficou feliz ao constatá-los magros e elegantes. As mãos, dedos finos e longos, combinavam com os pés. Não usava anéis, achava que desviavam a atenção de quem olhasse. Evitava toda espécie de adereços. “Quem precisa de enfeites é porque não tem beleza”, era uma de suas máximas, além de considerar que a única função da roupa é a de realçar as formas e insinuar o oculto. Toda a sua sabedoria, que não era pouca, estava a serviço da potência do corpo.

Era nesse corpo que Vieira estava pensando quando telefonou.

— Flor, minha querida, mil desculpas por ontem à noite; fui descansar antes do nosso encontro e dormi, acordei de madrugada.

— Não tem importância, amor, podemos sair hoje, não tenho compromissos. — E antes mesmo de Vieira refletir sobre os compromissos, completou: — Porque agora sou sua flor e você é meu jardineiro. — E a frase mais uma vez produziu o efeito esperado.

2

Chegou à delegacia pela manhã após a troca do plantão e teve que contentar-se com a notícia de segunda mão: um menino de rua fora queimado vivo enquanto dormia debaixo da marquise de um prédio em frente ao restaurante onde Vieira estivera com Magali. O garagista do prédio estava lavando os carros quando ouviu os gritos; alcançou a porta da garagem a tempo de ver o menino em chamas dar alguns passos e cair na calçada; quando a ambulância do corpo de bombeiros chegou ele parecia um boneco carbonizado; morrera antes de entrar no hospital.

O garagista não foi capaz de identificar o menino. Um grupo de mendigos que dormia a cem metros do local não viu nada nem conhecia o menino. Espinosa sabia que mendigos e meninos de rua eram inimigos; no máximo ficariam assustados com o modo como o garoto fora morto, a mesma técnica usada contra eles, mendigos. Esperou a hora de o restaurante abrir para voltar ao local, talvez o manobrista pudesse ajudar.

— Doutor, pelo que o senhor está dizendo, quando a coisa aconteceu eu já tinha ido embora fazia tempo.

— Eu sei. Quanto ao momento do crime, o garagista do prédio forneceu os detalhes, o que quero saber é se você ainda estava manobrando carros quando o menino se deitou para dormir debaixo da marquise.

— Estava sim, e vi quando ele se deitou, ele falou comigo, quase sempre me pedem para arranjar no restaurante alguma coisa para comerem.

— Era o mesmo menino de quando o delegado esteve aqui?

— Não senhor, era outro.

— Tem certeza? Ele costumava dormir exatamente naquele lugar.

— Sei, mas não era ele, era outro, conheço os meninos que andam por aqui; não sei os nomes deles, mas sei quando é um e quando é outro.

— Vamos ao Instituto Médico Legal para...

— Doutor, não precisamos ir ao IML, sei que não era o mesmo. Arranjei pão e salaminho para ele; vi quando se deitou para dormir; quando larguei o serviço e fui para casa ele já estava dormindo.

— Enquanto você manobrava os carros, não viu ninguém suspeito rondando?

— Doutor, depois de uma certa hora em Copacabana ou ninguém é suspeito ou todos são suspeitos. — Espinosa deu a descrição que os gerentes das boates forneceram do homem. — Não, doutor, nenhum tipo como esse me chamou a atenção. E, com a desculpa da palavra, doutor, um filho da puta que faz uma coisa dessas a gente deve perceber quando passa por perto. — Espinosa se afastou pensando em como o manobrista estava enganado a respeito dos tipos criminosos.

Parecia-lhe impossível não ligar os dois crimes, o que não significava atribuí-los à mesma pessoa, mas incluí-los no mesmo conjunto de acontecimentos. Atear fogo à vítima era o modo de operar dos predadores, mas precisamente por isso pode ter sido usado pelo assassino.

A notícia da morte do menino correu as ruas de Copacabana muito antes de virar matéria dos telejornais. O que não foi noticiado, pensou Espinosa, é que muito provavelmente o assassino acertou o alvo mas errou de pessoa; o garoto morreu por ter dormido no lugar errado, na noite errada. Os comentaristas dos jornais das TVs ressaltaram a crueldade extrema do ato. Uma pessoa adormecida se encontra em total entrega, incapaz de defender-se; no caso de uma criança que dorme numa calçada, essa entrega é ao mesmo tempo um voto de confiança no próximo; alguém se aproveitar dessa entrega para jogar gasolina sobre o corpo e em seguida atear fogo é

abominável. Algumas emissoras entrevistaram psiquiatras, psicanalistas, psicólogos, à procura de uma explicação para o fato.

O acontecimento assustou o menino mas não arrefeceu seu ímpeto investigativo. Sabia quem havia cometido o crime, mas o criminoso não sabia que matara o menino errado. Era o grande trunfo a seu favor. Se fosse à polícia não lhe dariam ouvidos, sua história era por demais fantasiosa. Era melhor ficar calado e tirar proveito de sua suposta morte. Teria que tornar-se invisível, o que não era difícil. Agora, mais do que antes, precisava de alguma garantia. Voltou a considerar a sugestão do Clodoaldo. Continuar a seguir o tira e no momento adequado falaria com ele; só não sabia que momento adequado seria esse e nem o que falar. Qualquer história que inventasse não faria sentido sem o episódio da carteira, e se falasse sobre ela teria que devolver o dinheiro. Poderia esquecer toda aquela merda, esquecer até mesmo a existência do homem e continuar sua vida como fora até aquele momento. Mas, mesmo que fizesse isso, um dia poderia acontecer de topar com o homem — e seria morto pela segunda vez.

Quando trabalhava na praça Mauá, nos momentos de maior tensão, costumava descer e sentar num dos bancos de frente para o porto, olhando o movimento dos guindastes enquanto procurava a solução de um problema. Em Copacabana não havia porto nem guindastes, tampouco o bairro Peixoto ficava à beira-mar. O que se oferecia à vista era o conjunto dos prédios de quatro andares construídos ao mesmo tempo que o bairro, com esquadrias cujas cores variavam entre o verde e o azul coloniais e em menor número o amarelo-canário ou o bordô. Foi assim que, naquela tarde de quarta-feira, ao voltar para casa, Espinosa parou na praça defronte ao prédio onde morava, procurou um banco vazio e ficou olhando à luz difusa do crepúsculo os morros que circundam o bairro Peixoto. Não sentia falta dos guindastes; a curiosidade que eles despertavam na época da praça Mauá era semelhante à despertada pelos animais pré-históricos nos filmes de ficção. Crianças corriam e gritavam ao seu redor, o que

não impediu que tomasse um pequeno susto quando ouviu a voz próxima ao ouvido:

— Delegado. — Voz de criança, o que desfez o susto antes mesmo de Espinosa voltar o rosto. O menino esboçou um sorriso mas os olhos eram pura atenção.

— Olá. Como é o seu nome?

O menino não respondeu. Contornou o banco e ficou de frente, olhando, avaliando se valeria a pena dizer alguma coisa para aquele homem. Espinosa percebeu que não se tratava de um menino da vizinhança.

— Não quer sentar? — A idade era indefinida, mas certamente tinha mais do que aparentava. Os olhos diziam isso.

— Como você sabia quem eu sou?

— Segui o senhor.

— Desde onde?

— Desde a delegacia.

— E como sabia que era a mim que tinha que seguir?

— Clodoaldo me disse.

— Clodoaldo?

O menino balançou a cabeça afirmativamente ao mesmo tempo que se sentava ao lado de Espinosa.

— E quem é Clodoaldo?

O menino retesou os braços contra o assento do banco, como se fosse se levantar, olhar assustado. Espinosa pensou que fosse sair correndo.

— Desculpe, conheço muita gente, de qual Clodoaldo você está falando?

— Do Clodoaldo da praia. — E como quem lança o último grito de socorro: — Clodoaldo, educador de rua, disse que a gente podia confiar no senhor. — Foi quando o quadro começou a se formar para Espinosa.

— Claro! Como não pensei logo nele! Então Clodoaldo disse para você me procurar? E por que você não foi à delegacia em vez de ficar me seguindo?

— Porque eu estava com medo.

— Medo da polícia?

— Medo de morrer.

— E por que você pensou que a polícia iria te matar?

— A polícia não, o homem.

— Qual homem?

— O que tocou fogo no meu colega.

Espinosa olhou longamente para o menino, para as crianças brincando, novamente para o menino. Falou devagar, como se temesse quebrar um encanto.

— Vamos fazer o seguinte: naquela padaria da esquina tem um excelente sanduíche de presunto; que tal mandar fazer dois para cada um, pegar uns refrigerantes, voltar para cá... e aí você me conta a história desde o começo?

Com a sala às escuras, a luminosidade da rua atravessava as venezianas da janela, projetando estrias no teto. O piscar das luzinhas vermelha e verde da secretária eletrônica contrastava com a obscuridade do ambiente. Espinosa não costumava corresponder de imediato ao seu chamamento, como também nem sempre acendia a luz da sala logo que entrava. Enquanto atravessava a sala, lançou um olhar quase desdenhoso para a secretária, desprezando seu piscar bicolor. Sem lhe dar atenção foi direto para o quarto e em seguida para o banho, antes de ouvir os recados. Havia dois dias sentia-se impelido exclusivamente por forças externas, esvaziado de desejo, cumprindo mecanicamente a rotina da delegacia. A semana estava terminando e realmente não via motivos para orgulhar-se de tê-la vivido. Outro fato a ser considerado é que faltava menos de um mês para o Natal, época em que ficava mais sensível; sensibilidade que

nada tinha a ver com religiosidade, mas com um conto de O. Henry que lera quando menino e com os filmes de Hollywood. Desde então, o Natal jamais deixara de comovê-lo, embora lhe parecesse que com neve comoveria muito mais.

Abandonara havia muito a fantasia de que as noites de sexta-feira eram o prelúdio de um fim de semana pleno de realizações; e não foram necessárias muitas delas para constatar que diferiam das demais apenas pela ilusão de que o sábado seria dedicado à conclusão de todas as tarefas interrompidas (ou nem sequer iniciadas), o que incluía desde a fixação do taco do assoalho solto, havia mais de um ano, até a construção de uma estante para os livros que se amontoavam pelo apartamento; no plano intelectual, as variações eram igualmente amplas, abarcando desde a carta para o amigo distante até a narrativa épica da sua vida de aventuras. O problema era que perdera o endereço do amigo; quanto às aventuras, sabia que existiam muito mais na narrativa do que nos fatos.

Esse era seu estado de espírito quando saiu em busca de um restaurante, farto de comer congelado de espaguete à bolonhesa. O comércio de Copacabana já estava completamente tomado pelo espírito natalino, permanecendo aberto até tarde da noite, com músicas vazando das lojas e pinheiros sendo oferecidos nas calçadas em quantidade tal que imaginou terem desmatado toda a Lapônia. Caminhou algumas quadras até uma trattoria próxima à praia e o máximo de aventura que teve naquela noite foi a torta de chocolate com creme.

A vacuidade da noite anterior fez com que acordasse no sábado como um demiurgo disposto a ordenar o caos. Tempos antes, o espírito de iniciativa fizera com que, na falta de uma estante, fosse empilhando os livros que acumulara durante vinte anos, comprados e herdados, dispondo-os verticalmente tal como se estivessem numa prateleira, sendo que no lugar da tábua da prateleira ele colocava livros na horizontal e, em cima destes, iniciava outra fileira de livros

na vertical. Resultou dessa improvisação uma estante-sem-estante que já estava com mais de metro e meio de altura e ocupava toda a extensão de uma das paredes da sala sem que tivesse utilizado madeira nenhuma. Espinosa se orgulhava da obra de engenharia doméstica, mas chegara o momento de algumas medidas corretivas, e isso por duas razões: a primeira, e mais importante, era que a arrumadeira de muitos anos sugerira sutilmente que ela e aquele monte de livros velhos não eram compatíveis; a segunda, menos importante, era que a estante chegara a um ponto de equilíbrio precário. A situação impunha uma ação enérgica e normalmente isso implicaria longas reflexões, não fosse o espírito demiúrgico que dele se apossara naquela manhã. Terminado o café, pegou papel e lápis e iniciou o projeto da estante para a sala. O primeiro passo era fazer um desenho e calcular as medidas exatas para comprar a madeira, o segundo era procurar um marceneiro. A primeira parte consumiu todo o sábado, ou quase todo, restando livre a noite.

O filme na televisão estava no meio, o roteiro era ruim e o ator principal achava que representar era fazer caretas; estava entre mudar de canal e desligar quando a campainha da portaria tocou. Assim que despontou na varanda para ver quem era, os dois se afastaram da porta e olharam para cima atraídos pelo ruído da veneziana. O lampião da rua iluminou o menino e uma mulher jovem. Reconheceu imediatamente o menino que o abordara na praça e a quem dera o endereço. Não sabia quem era a moça. Fez sinal para que esperassem e desceu. Faltavam vinte minutos para a meia-noite.

Assim que abriu a porta da rua os dois começaram a falar ao mesmo tempo. Pediu que se acalmassem e contassem o que tinha acontecido. O menino se calou e ela tomou a palavra.

— Um homem tentou matá-lo — falou, olhando para o garoto e para a rua, como se o homem estivesse ali para confirmar.

— É melhor entrarmos para vocês me contarem tudo em detalhes.

— Não posso, deixei minhas telas na rua.

— Suas telas?

— Sou pintora, vendo minhas telas no calçadão da avenida Atlântica, foi lá que o homem quis matar o menino.

Tudo foi dito num só fôlego. Espinosa calculou que ela devia ter uns vinte e cinco anos, e constatou que era muito bonita e que estava tão indignada quanto assustada.

— Então vamos até lá recolher suas telas. No caminho vocês me contam o que aconteceu.

— O senhor vai conosco? — perguntou o menino.

— Vou. Não se preocupem, ele não estará mais lá. Esperem um minuto enquanto vou até o apartamento.

Demorou pouco mais de um minuto, tempo para pegar a arma, a carteira e um blusão. Estava com o carro estacionado em frente ao prédio, teriam mais mobilidade, além de estarem protegidos do olhar do suposto perseguidor. O menino entrou na parte de trás e a moça sentou-se no banco da frente, ao lado de Espinosa.

— Como é o seu nome? — perguntou Espinosa logo que saiu com o carro.

— Kika. K-i-k-a: é assim que assino meus quadros e todo mundo me conhece; meu nome mesmo é Cristina. O menino disse que seu nome é Espinosa.

— Isso mesmo. O que mais ele disse?

— Que você é delegado de polícia e que podíamos confiar em você.

— Então que tal me contar o que aconteceu?

— Tudo bem. — Fez uma pausa como se estivesse arrumando as idéias e iniciou seu relato enquanto o menino, debruçado sobre o encosto do banco da frente, balançava a cabeça afirmativamente, dando ênfase a um ponto ou outro da narrativa. — Eu e os outros pintores expomos na calçada que divide as duas pistas da avenida Atlântica. Passava das onze horas e eu estava tentando atrair um grupo de turistas quando vi o homem correndo atrás do menino na calçada oposta. De repente, o menino atravessou a rua, quase foi atropelado, e se escondeu atrás de mim dizendo que queriam matá-lo.

O homem ficou parado do outro lado, olhando fixo, enquanto dobrava o que parecia ser uma navalha ou um canivete e guardava no bolso da calça; continuou olhando durante algum tempo como se estivesse nos fotografando, deu meia-volta e se afastou. Não sabíamos se tinha ido embora, podia estar escondido. O menino me contou depois que aquele homem incendiara um outro menino pensando que fosse ele; pedi a um conhecido para tomar conta dos quadros, contornamos a quadra pelo sentido oposto ao que o homem tomara, e eu estava disposta a ir à polícia quando o menino falou de você. Como era perto, decidimos procurá-lo.

— Fizeram bem. Vamos recolher seus quadros.

Do bairro Peixoto até a avenida Atlântica gastaram menos de dez minutos, o bastante para se estabelecer um clima de confiança. Enquanto falava, Kika gesticulava e esticava as pernas, ocupando todo o espaço do carro, quase atingindo Espinosa. Conseguiram estacionar a duas quadras do local apontado pelos dois, saltaram e caminharam por entre as barracas que vendiam todo tipo de artigos para turistas. O menino andava entre os dois, apreensivo e atento. O amigo que ficara tomando conta dos quadros suspirou aliviado quando viu Kika se aproximando; tinha recolhido e embalado seus próprios quadros e estava visivelmente desejoso de ir embora. Fez um rápido comentário sobre uma expectativa de venda, Kika agradeceu por ele ter tomado conta dos quadros, despediram-se e ele se foi. Nenhuma pergunta pelo acontecido, nenhum interesse pelo menino, nenhuma curiosidade, o que causou estranheza em Espinosa; tempos depois, Kika esclareceu que ele não era artista, não pintava nada, apenas vendia os quadros, uma mistura de *marchand* e camelô. Os quadros de Kika estavam expostos num estande que consistia numa estrutura de alumínio, na qual estavam penduradas três telas sem moldura. As cores lembravam Matisse e as formas lembravam Gauguin, o conjunto pareceu agradável a Espinosa, embora seus conhecimentos de pintura se limitassem ao que vira e lera nas coleções do tipo *Mestres da Pintura*.

Enquanto retirava os quadros e desmontava o estande, Kika explicou que pintava com tinta acrílica, secava mais rapidamente; no

início pintava a óleo, mas, como não tinha paciência de esperar dias até que a tinta secasse completamente, passara para o acrílico.

— Sou hiperativa, preciso de um material que combine com meu temperamento.

— Seus quadros são muito bonitos, o que combina com você.

Era um galanteio. Pelo menos Espinosa pretendia que fosse recebido como tal. Kika olhou para ele interrogativamente, na dúvida entre agradecer e pedir um esclarecimento, mas Espinosa já estava voltado para o garoto fazendo um comentário sobre alguma coisa sem importância.

Durante o tempo em que ficaram os três juntos esperando que o estande fosse desmontado, Espinosa se esforçava para que seu foco de atenção fosse o homem, e não Kika; no entanto, por mais que olhasse em volta à procura de uma figura que não sabia como era, não conseguia permanecer mais do que breves segundos sem olhar para a moça. A seu lado, o menino mantinha-se alerta, pressentindo que estava sendo esquecido. Kika recolhia os quadros, envolvendo-os com um plástico corrugado, formando um embrulho grande mas transportável. A estrutura de metal foi desmontada e amarrada com uma corda de náilon. Atravessaram a pista, Kika carregando os quadros, Espinosa carregando a armação desmontada, que era guardada na garagem de um prédio mediante uma gratificação semanal ao porteiro. Era meia-noite e meia, fazia calor e os bares na calçada estavam lotados. Homens de bermuda e mulheres vestindo quase nada caminhavam nos dois sentidos da avenida, desfrutando a brisa leve do mar. Depois de guardarem a armação de metal, andaram duas quadras em direção ao ponto onde estava estacionado o carro, tendo às vezes que passar por entre mesas que avançavam pela calçada tomando grande parte do espaço disponível. Quando foram atravessar a rua, quase em frente ao ponto onde estava o carro, Espinosa fez o movimento de segurar o braço de Kika ao mesmo tempo que olhava para o menino. Mas ele não estava lá. Olhou em torno, respiração suspensa, coração disparado, olho tentando focalizar o objeto ausente. Procurou ao redor algum carro que estivesse saindo naquele momento, olhou em todas as direções à procura de um

homem segurando um menino pelo braço. Nada. Refez correndo o trajeto, olhando para dentro dos restaurantes, das portarias dos prédios, dos automóveis que passavam, dos vãos entre as construções, retornando pela outra calçada, Kika correndo atrás dele, até onde estava o carro.

O menino desaparecera.

Sentiu-se um inútil, era como se os dois o tivessem buscado em casa apenas para constatar a habilidade do homem para seqüestrar o menino sob sua guarda. Enquanto olhava indiscriminadamente para tudo e todos, pensava que, o tempo todo em que haviam estado juntos, ficara encantado com a moça, descuidando-se das normas mais elementares de proteção. Em lugar de pedir auxílio aos carros de patrulha na área, achou que poderia sozinho controlar a situação. Mesmo depois de chegar ao local, seus olhares se voltaram muito mais para Kika do que para o menino e seu suposto perseguidor. Finalmente, o menino desaparecera estando praticamente de mãos dadas com ele.

Entraram no carro e iniciaram uma busca pelas redondezas, partindo do princípio de que o menino fora seqüestrado e de que o seqüestrador agira a pé; não poderiam ter se afastado muito do local. Circundaram todas as quadras próximas, olhando minuciosamente homens e meninos, juntos ou não. Passada meia hora, Espinosa voltou ao ponto de partida, dando a busca por encerrada, inútil continuar procurando. Por desencargo de consciência, telefonou para a central de polícia pedindo um alerta e dando uma descrição detalhada do menino e uma menos precisa do suposto seqüestrador.

Estacionou o carro na mesma vaga de onde saíra e andaram pela avenida Atlântica em direção ao Leme, numa última tentativa de remediar a falta. Dos dois, quem tinha visto o homem era Kika, e era para ela que Espinosa olhava toda vez que via um homem que correspondia à descrição que ela fizera. Eram quase duas da madrugada quando pararam. Estava frustrado, enraivecido e cansado. Os bares da orla marítima ainda estavam quase todos abertos. Durante a busca, não dissera uma única palavra. Quando decidiu entregar os pontos, propôs tomarem um chope e comerem um

sanduíche antes de levá-la em casa. Não escolheram o bar, sentaram no primeiro que encontraram.

— Você está se sentindo culpado sem nenhuma razão, eu também não vi o menino desaparecer e estava tão junto dele quanto você. — Kika pousou levemente a mão no braço de Espinosa, tocando apenas o tecido do blusão, como se houvesse enorme distância entre ele e a pele.

— Certo, mas você não é policial, não tinha que estar atenta aos detalhes como eu. Foi incompetência.

— Por que você está falando zangado comigo?

— Não estou zangado com você.

— Claro que está zangado, olha só a sua cara.

— O que tem minha cara?

— Do jeito que está, o garçom nem vai se aproximar de nós.

Espinosa procurava imaginar o estado da própria cara, quando o garçom apareceu para receber os pedidos.

— A cozinha já fechou, mas dá para sair sanduíches e tira-gostos — falou com a impessoalidade de um caixa de supermercado, enquanto passava um pano sobre a mesa úmida.

Até momentos antes, no espírito de Espinosa, o menino era como uma nuvem, inconsistente na densidade apesar de preciso quanto à forma, enquanto Kika aparecia como um raio explodindo na noite, fascinante e ameaçadora. No momento em que se sentaram à mesa, deu-se uma alternância no quadro, a figura mirrada do menino passou a ocupar todo o seu espírito, não tinha vontade de conversar, muito menos de conduzir qualquer assunto para o campo pessoal.

Fez alguns comentários sobre o sumiço do menino, levantando as hipóteses possíveis, e em pouco tempo esgotara as justificativas. O constrangimento era mútuo, e qualquer conversa estava destinada a cair no vácuo. Tentou algumas perguntas sobre pintura, Kika contou que estudava pintura na Escola de Belas-Artes, falou dos seus pintores preferidos, em seguida passaram do registro estético para o econômico, o preço do material e a dificuldade de vender os quadros,

quando chegaram os sanduíches. Comeram com apetite, apesar de tudo. Dois chopes foram suficientes para ficar estampado em cada um o cansaço e a frustração, além de deixar mais do que claro que a noite, para eles, chegara ao fim.

— Vou te levar em casa. Onde você mora?

— No Catete. Foi onde encontramos um bom aluguel.

— Encontramos?

— Eu e minhas amigas, somos três, dividimos um sobrado na rua do Catete.

No caminho, cabeça encostada no vidro lateral, pernas encolhidas contra o painel, sem dizer palavra, dava a impressão de estar dormindo, não fossem os belos olhos castanhos fixos no pára-brisas. Não aceitou a ajuda de Espinosa para carregar os quadros escada acima. “Faço isso todos os dias.” Despediram-se com um beijo em cada face, como dois colegas de escola. Enquanto ela subia a escada lateral que conduzia ao terceiro pavimento do pequeno prédio, Espinosa era invadido pelo contraste entre a modernidade de Kika e o centenário sobrado colonial da rua do Catete. Ficou ainda algum tempo contemplando a rua vazia, com o ruído surdo do motor dando relevo ao silêncio da noite, sob o testemunho grave do antigo palácio do Catete do outro lado da rua.

Acordou de ressaca. Fracasso também intoxica, pensou, olhando-se no espelho do banheiro. Enquanto a cafeteira fazia seu gargarejo típico, telefonou para a delegacia. A equipe de plantão não recebera nenhum comunicado sobre ocorrência envolvendo menino. No Instituto Médico Legal também não dera entrada nenhum corpo de criança.

As duas xícaras de café pouco contribuíram para superar o estado de torpor em que se encontrava. No encontro que tiveram, antes de se despedirem, o garoto falara num prédio na avenida Copacabana, entre as ruas Santa Clara e Siqueira Campos, com uma galeria no

térreo e a portaria pequena no limite com o prédio vizinho, onde morava o homem. A descrição era boa, sua localização não seria difícil.

Manhã de domingo, céu azul sem nuvens, moradores locais caminhavam sonolentos em direção à praia, sozinhos ou arrastando crianças, barracas, bóias, bolas, raquetes, esteiras. Na contramão desse fluxo, casais idosos voltavam da missa. Espinosa não teve dificuldade para localizar o prédio. Passavam alguns minutos das dez horas quando o porteiro atendeu ao chamado insistente da campainha. Vestia short, camiseta e sandália de dedo e carregava um pano de chão molhado e torcido. Chegou dizendo que era domingo e que o servente estava de folga e que ele tinha que fazer todo o serviço e que não podia ficar sentado na portaria e... Espinosa mostrou a carteira.

— Bom dia, sou o delegado Espinosa, da 12ª DP, gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

— O que aconteceu? — A voz diminuía de volume e era assustada.

— Nada com você, espero. Quero informações sobre um morador do prédio. Homem branco, por volta dos trinta anos, magro, cabelos pretos e lisos, veste-se bem, mora em apartamento de fundos, sai à noite.

— Doutor, o prédio tem oitenta apartamentos, não dá pra conhecer todo mundo.

— Mas esse você conhece. Pense bem, não se trata de um viúvo aposentado. É relativamente jovem, bem- apessoado, malandro da noite de Copacabana, não deve ser de muita conversa e deve morar sozinho. Não tenho certeza quanto a este último ponto. Pode ser que já tenha sido procurado outras vezes pela polícia.

— O senhor disse que ele sai à noite. Ontem à noite eu não estava aqui, peguei o serviço hoje de manhã.

— Não estou preocupado com ontem à noite, quero apenas que você me diga qual o apartamento dele.

— Não sei... não me lembro de ninguém com esse jeito.

— Quem sabe, então, na delegacia? Pode ser que lá sua memória fique melhor.

— Espera aí, só se for o moço do seiscentos e sete.

— Ótimo. E como é o nome do moço do seiscentos e sete?

— Não sei não senhor, ele nunca disse.

— E esse moço do seiscentos e sete não paga condomínio, não recebe correspondência, contas, ou qualquer coisa onde tenha o nome dele escrito?

— Não senhor, vem tudo em nome do seu Elói.

— E quem é o seu Elói?

— É o dono do apartamento.

— Muito bem. Então vamos falar com seu Elói.

— Ele não mora aqui, é fazendeiro no estado do Rio. Às vezes leva um ano sem aparecer. Quem usa o apartamento é esse moço que o senhor está procurando.

— ...e que você não sabe como se chama, apesar de ele morar aqui.

— Ele mora aqui mas nem sempre está aqui. Fica dias, semanas, sem aparecer, aí aparece, fica uns dois ou três dias e desaparece de novo.

— E você não sabe se ele está em casa?

— Não senhor.

— Você tem a chave do apartamento?

— Não senhor, o síndico proíbe a gente de ficar com chave de apartamento. Eu também não gosto. Pode desaparecer alguma coisa e botam a culpa na gente.

— Como você disse, são muitos apartamentos, você não pode prestar atenção em todos. Vou verificar se ele está em casa.

— Podemos chamar pelo interfone.

— É exatamente o que não quero. Vou subir e você vai ficar quieto sem encostar a mão nesse interfone.

— Pode deixar, doutor.

Durante a conversa o porteiro torcia o pano molhado que tinha nas mãos, o que Espinosa interpretou como sinal de nervosismo; podia estar querendo torcer o pescoço do morador do seiscentos e sete; podia estar querendo torcer o pescoço do próprio Espinosa; podia estar pensando no que o morador do seiscentos e sete faria com ele; podia ser outra coisa sem nenhuma relação com o fato presente; e Espinosa concluiu que algo que fazia sinal para tudo não fazia sinal para nada. Subiu.

O apartamento tinha apenas uma porta de entrada. Tocou a campainha, experimentando em seguida a maçaneta. A porta dava a impressão de ter sido apenas batida, mas não trancada à chave. Tentou enfiar um cartão de crédito junto à fechadura para levantar a lingüeta mas não obteve sucesso, além de quase inutilizar o cartão. Uma senhora abriu a porta de um dos apartamentos e o surpreendeu no momento em que retirava o cartão da fresta da porta, seu olhar foi de repreensão e medo; Espinosa retribuiu com seu melhor sorriso ambíguo, e, achando que seria demasiado constrangedor descerem juntos no mesmo elevador, esperou pelo seguinte. Quando desceu, encontrou-a advertindo o porteiro, que continuava a torcer o pano. Quando Espinosa se aproximou, ela saiu apressada.

— Quando o homem aparecer, telefone-me imediatamente. — E, entregando-lhe o cartão: — Não preciso avisar para você não falar nada com ele.

— Claro, doutor. — Espinosa foi-se embora com a certeza de que não seria avisado caso o morador do seiscentos e sete aparecesse.

De volta ao apartamento, abriu um vinho italiano para acompanhar a massa preparada por ele próprio. Não considerou aquele o melhor almoço da sua vida, mas certamente não fora o pior.

O fato de não ter sido encontrado nenhum corpo cuja descrição correspondesse ao garoto deixou-o mais tranqüilo. Já estava aceitando a idéia de o menino ter fugido ao perceber o homem por perto;

estaria escondido, e quando se sentisse menos ameaçado voltaria a procurá-lo. Pelo menos gostaria que as coisas tivessem se passado como estava pensando.

Durante algum tempo foi tomado pelo conflito entre lavar a louça do almoço e do café da manhã ou deixá-la empilhada dentro da pia à espera da quarta-feira, quando Alice, a faxineira (que não achava o apartamento o país das maravilhas), chegasse restaurando a ordem.

Decidiu-se por pegar o livro de Conrad que comprara um mês antes num sebo do centro da cidade. Tratava-se de uma tradução de *Lord Jim* datada de 1939 na qual o antigo proprietário escrevera na folha de rosto: “Comecei a ler em 22.2.40 (*quinta-feira*)”, e na última página: “Terminei dia 24.2.40 (*sábado*) às 23h30. Achei um pouco monótono...”. E logo abaixo, com tinta mais forte e de um azul diferente, estava escrito: “21.3.54 (*domingo*) — Acabei de reler este livro e agora o considero um dos melhores que tenho lido”. Catorze anos depois. Mudara ele? Mudaram suas leituras? Tornara-se mais condescendente? Amadurecera? Tomado pelo ingrediente extra introduzido pelas observações do antigo dono, começou a ler, um pouco decidido a funcionar como árbitro das duas leituras, considerando-se no direito de acrescentar um parecer decisório. Mas ainda não seria aquele o momento de entrar no mundo de *Tuan Jim*: não conseguia se concentrar na leitura, imagens de Kika e do menino invadiam seguidamente a história e, achando que Joseph Conrad merecia uma leitura mais atenta, deixou o livro para uma ocasião mais adequada. Em algum momento o homem teria que passar em casa para tomar banho e trocar de roupa, a menos que tivesse realmente fugido, o que seria um atestado de culpa. Não havia nenhum indício de ter sido ele o assassino do menino morto enquanto dormia; da mesma forma que não podia adivinhar que o menino atrás do qual correria tivesse algo a ver com a carteira que ele encontrara na rua. Uma coisa, porém, era indiscutível, quem quer que fosse o autor da morte do primeiro menino: sendo essa morte por engano, ele teria pressa em consertar o erro, caso já não o tivesse feito na noite anterior. Decidiu voltar ao prédio. Esperou até as cinco horas por um possível telefonema de Kika, quando então saiu em direção à avenida

Copacabana. Com o horário de verão, o sol ainda brilhava forte. O porteiro do edifício era outro, garantiu que o morador do seiscentos e sete não passara pela portaria do prédio, saindo ou entrando, até aquele momento. “Acontece de ficar dias sem ele aparecer”, não sabia dizer por qual motivo. Dali foi andando até o ponto da avenida Atlântica onde Kika expunha seus quadros, mas estava apenas o amigo e preferiu não se aproximar. Refez várias vezes o percurso da véspera mas não conseguia ver como o menino desaparecera, as poucas suposições levantadas eram inconsistentes. Caminhou pela calçada da praia, vagou pelas ruas de Copacabana e terminou a noite comendo um pedaço de pizza, em pé, numa lanchonete tão sem graça quanto a pizza. A terceira parte do domingo acrescentou às outras duas apenas desalento.

Manhã de segunda-feira. Chaves, um detetive novato e cheio de disposição, ficara encarregado de controlar a possível passagem do homem pelo prédio da avenida Copacabana. Nenhuma notícia do menino, mas também nenhuma entrada no IML de corpo cuja descrição correspondesse à dele. Uma entidade não governamental de apoio aos meninos de rua fez o enterro do garoto incendiado. Espinosa procurava de todas as formas apegar-se à idéia de que o menino que o procurara não tivera o mesmo destino. Considerou a idéia de ele ter fugido não apenas do perseguidor, mas também dele próprio, Espinosa, de Kika e de todos os que não eram seus iguais.

Sentia-se terrivelmente incomodado por Kika ter presenciado seu fracasso, e mais ainda por estar experimentando o fato como mais importante do que o próprio desaparecimento do menino. Ocorreu-lhe passar na casa dela usando a desculpa de que necessitava de uma descrição melhor do homem para comparar com a fornecida pelo menino, ou até mesmo sugerir que utilizasse seus conhecimentos de desenho para tentar fazer um retrato dele. Poderia ainda, pensou, ficar quieto onde estava em vez de se entregar a fantasias adolescentes.

O delegado titular pedira sua ajuda para diminuir a pilha de processos acumulados sobre a mesa. Era um trabalho estritamente burocrático e aborrecido, por isso mesmo considerado por ele como adequado ao momento e ao seu estado de espírito. Trabalhavam no próprio gabinete do delegado, em mesas contíguas. A dificuldade para concentrar-se na tarefa não era devida apenas ao estado em que se encontrava, mas também ao fato de que a cada instante a porta poderia abrir-se para que entrasse alguém com um problema que nada tinha a ver com o que estava lendo. Durante o resto da manhã e boa parte da tarde examinou processos, coisa tão excitante quanto fila de banco.

Pouco antes das quatro da tarde, entrou Chaves dizendo que nas várias vezes em que passara pelo prédio recebera a mesma resposta negativa. O porteiro podia estar protegendo o homem, podia ter mais medo dele do que da polícia. Havia ainda a possibilidade de o homem contar com diferentes lugares para ficar, o que explicaria o fato de ausentar-se regularmente durante dias. O mais provável mesmo é que ele não tivesse moradia própria, mas que alternasse o pouso de acordo com o momento e as circunstâncias.

A descrição do menino que Espinosa fornecera às radiopatrulhas não surtira efeito; a mesma descrição também não correspondia a nenhum corpo do Instituto Médico Legal, embora pessoas morressem sem que seus corpos fossem necessariamente encontrados.

No início da noite foi para casa, torcendo para estar sendo seguido pelo menino, como acontecera antes. Escolheu o trajeto mais longo e mais movimentado para poder ser seguido com mais facilidade, parou na frente de algumas lojas, fingindo examinar algum produto, na esperança de capturar a imagem do perseguidor refletida na vitrine, mas nada aconteceu. Chegou em casa sentindo-se pesado, subiu os três lances de escada com dificuldade e entrou arfando como se tivesse corrido. A secretária piscava para ele, apertou a tecla dos recados e ouviu a voz de Kika lamentando ele não estar em casa; uma outra chamada sem nenhum recado; novamente a voz de Kika dizendo que voltaria a ligar às nove da noite. Eram sete e dez, tinha tempo para pensar em algo não afastador para dizer. Imaginou a

emoção das pessoas mais jovens funcionando como uma espécie de interruptor tipo liga-desliga, enquanto a sua assemelhava-se mais a esses comutadores reguláveis que permitem um ajuste da intensidade luminosa da mais fraca à mais forte. Como tese achou uma grande bobagem, mas era o que estava conseguindo pensar antes do banho.

Kika estava menos ansiosa, o tom foi amistoso, quase carinhoso. Ela queria saber se havia notícias do menino, estava preocupada, sentindo-se também culpada. Mas não era esse o motivo principal do telefonema; Espinosa sentiu claramente a conversa ser estendida na expectativa de um convite. Preferiu dar um pouco mais de tempo. Não a ela, mas a ele mesmo. Quinze anos de diferença eram suficientes para criar grandes ruídos nos canais de comunicação. No final, ela deixou o número de um bip, “caso você queira falar comigo, é claro”.

Habituara-se a viver sozinho. A sensação de dispor plenamente do espaço e do tempo e de não ter que prestar contas de nada a ninguém é uma coisa poderosa; casar-se e separar-se são acontecimentos intensos que exigem decisões difíceis, mas é igualmente difícil permanecer casado ou separado, era o que ele estava constatando desde que se separara, sendo que pessoas como Kika ameaçavam (mas também contribuíam para manter) o estado de coisas. Assim tinha transcorrido — momentos mais intensos, momentos mais mornos — a última década.

Procurou não pensar em Kika. Tentou reiniciar a leitura de *Lord Jim*. Conrad versus Kika. Passada meia hora, teve que reconhecer a vitória de Kika. Impossível continuar lendo sem que sua imagem atravessasse cada parágrafo. Largou o livro, abriu uma cerveja e enfiou um congelado no microondas sem dar-se ao trabalho de verificar o que estava escrito na tampa.

Com insistência análoga à da imagem de Kika, o vazio deixado pelo desaparecimento do menino forçava um lugar entre seus pensamentos. Parecia-lhe impossível o menino ser raptado, estando colado a ele e a Kika, sem que nenhum dos dois percebesse e sem ter emitido um único som. Espinosa estava começando a convencer-se de que aquilo somente faria sentido se ele tivesse desaparecido por

decisão própria. Conhecia o princípio orientador de todo menino de rua: “menino sozinho é menino morto”. É o grupo que fornece as condições mínimas de segurança; criança isolada é presa fácil dos predadores urbanos. Sua esperança era de que ele tivesse percebido que não poderia contar com a proteção de quem quer que fosse o tempo todo e que por esse motivo tivesse fugido para procurar abrigo junto ao seu grupo. Era no que Espinosa queria acreditar.

O laudo do Instituto Médico Legal era claro: Magali morrera por asfixia provocada pelo saco plástico após ter aspirado gás paralisante; não havia marcas corporais além das encontradas nos pulsos e nos tornozelos, e não havia sinal de relações sexuais recentes. Juntando o laudo pericial, o laudo médico e o que vira na cena do crime, o quadro para Espinosa era mais ou menos o seguinte: Magali estava acompanhada de alguém que a fizera aspirar gás paralisante enquanto estava sentada ou deitada em sua própria cama. A roupa que vestia antes fora encontrada na cadeira, calça dobrada sobre o assento e blusa pendurada no encosto, calcinha e sutiã no banheiro, numa clara indicação de que nenhuma peça fora arrancada às pressas ou com violência. Difícil dizer se ela se despira ou fora despida depois de desacordada e antes de ser amarrada. Um assassino frio poderia ter arrumado cuidadosamente a roupa. Uma vez despida e ainda desacordada, tivera os tornozelos atados um ao outro com uma écharpe de seda e as pernas presas ao pé da cama com o cinto de couro de Vieira, enquanto os braços haviam sido amarrados à cabeceira da cama com camisetas e lenços retirados das gavetas do armário. Pela forma como o lençol estava amassado, ela chegara a recobrir os sentidos antes de morrer. O detalhe da calcinha e do sutiã no banheiro sugeria que Magali entrara no quarto inteiramente nua, provavelmente depois de ter se lavado como preparativo para um encontro sexual ou simplesmente para dormir. A ausência de sêmen poderia ser devida ao uso de camisinha ou à não-penetração.

Espinosa já ouvira histórias de reações violentas provocadas por uma perda ocasional da potência sexual, mas, a ser verdadeira essa

hipótese, considerava desmedida a reação. Se um homem broxa, a reação mais comum é procurar uma desculpa; pode ainda, envergonhado, bater em retirada; em alguns casos pode chegar a agredir a mulher, chegando ao extremo de casos de agressão à faca e mutilações; mas em todos os casos o que ocorre é uma reação emocional imediata, podendo ser tímida ou enlouquecida, mas sempre obedecendo ao impulso do momento. No caso de Magali, o que acontecera fora uma ação em três etapas, que dificilmente poderia ser considerada impulsiva. O agressor aplicara-lhe gás paralisante, prendera-lhe cuidadosamente braços e pernas à cama, enfiara-lhe um saco plástico pela cabeça fechando-o no pescoço. Espinosa não conseguia ver esse conjunto como uma reação emocional descontrolada, assemelhava-se mais ao comportamento de um perverso meticuloso. Não combinava com o perfil de Vieira, pelo menos com o Vieira que conhecia.

Preferiu não comunicar imediatamente a ele o fato de sua carteira ter sido localizada (embora não recuperada). Queria evitar dizer-lhe por telefone que ela estava sendo utilizada por um marginal de Copacabana para extorquir dinheiro de usuários de drogas, o que poderia desencadear uma tentativa individual de captura, coisa que de modo algum desejava que acontecesse. Telefonou-lhe no meio da manhã, Vieira atendeu arfando:

— Espinosa, meu querido, você me pegou num momento delicado, estou tentando amarrar o sapato e não sei se abaixo o tronco ou se levanto o pé, em qualquer dos casos as mãos não alcançam o cadarço.

— Você pode contratar um amarrador de sapatos ou usar sapatos mocassim, existem umas calçadeiras de cabo longo que são perfeitas para esses últimos.

— Porra, Espinosa, você está gozando com minha idade?

— Com sua idade não, com sua barriga.

— Sobre ela, nenhuma defesa, merda. Mas não foi para falar da minha barriga que você telefonou.

— Localizamos seus documentos.

— Puta que pariu, Espinosa, finalmente você me dá uma boa notícia.

— Não tão boa. Localizamos mas não pegamos.

— Como assim, porra? Se localizaram, por que não pegaram?

Espinosa preferiu não explicar por telefone. Como estava próxima a hora do almoço, propôs se encontrarem num restaurante perto de onde Vieira morava, bastante modesto mas conhecido pela costela de carneiro servida no almoço. Quando chegou, Vieira já estava quase no fim de uma garrafa de cerveja e de um prato de tira-gosto. Pediram outra cerveja e encomendaram a costela. Depois de alguns comentários sobre o restaurante e sobre o carneiro assado, Espinosa iniciou o relato da história da carteira, omitindo alguns detalhes mas mantendo o essencial. Vieira escutou em silêncio, pontuando a narrativa do colega com alguns palavrões, até a passagem em que o menino de rua é queimado enquanto dorme.

— Espinosa, deixa comigo, vou arrancar os colhões desse filho da puta.

— Você não vai fazer nada, Vieira. Ele está escondido. Se achar que relaxamos a vigilância, pode tentar aparecer no apartamento para pegar alguma coisa, mas, se sentir que estamos à procura dele, desaparece para sempre.

— E o que você sugere?

— Podemos utilizar seus conhecimentos do submundo de Copacabana.

— Espinosa, esse cara é novo na praça, a descrição que você fez não se encaixa com ninguém que eu conheço. Não se esqueça de que já estou fora da ativa há mais de dois anos, tempo suficiente para o aparecimento de novos pilantras. Mas conheço o que você chama de submundo, embora o considere tão mundo como qualquer outro, e nele algumas pessoas me devem favores.

— Vieira, só não quero que você inicie alguma ação por conta própria, lembre-se de que está arrolado num inquérito como suspeito

de assassinato e que estou conduzindo as investigações, não quero que as coisas se compliquem para você... nem para mim.

— Muito bem, você está querendo minha ajuda mas ao mesmo tempo não quer que eu faça nada sem sua autorização.

— É isso mesmo.

— Tá bem. Agora me diga uma coisa. Que porra esse cara tem a ver com a morte de Magali?

— Numa primeira aproximação, os acontecimentos parecem formar séries distintas e independentes. É difícil imaginarmos que o jantar de vocês no restaurante, sua embriaguez, a perda da carteira e a morte de Magali possam ter alguma ligação com o homem que encontrou a carteira depois que o garoto se desfez dela e com o menino que foi morto dormindo. Por outro lado, todas as pessoas implicadas têm algo em comum, estão ligadas por laços muito tênues. Enquanto essas ligações não forem inteiramente esclarecidas, você permanece o único suspeito.

— Gostaria de reaver meus documentos o mais rapidamente possível, não quero ver meu nome ligado a extorsão e drogas. Se você não se opõe, hoje à noite vou começar a mobilizar meus antigos contatos. Você disse que o cara tem mulheres na praça.

— Não tenho certeza, a partir do que o menino e os porteiros do prédio me disseram, acho que se ele não é cafetão, está sempre procurando tomar dinheiro das prostitutas.

— Isso eu posso averiguar.

— Ótimo. Em seguida vamos procurar saber seu no-me e se tem algum outro pouso regular. No momento, proponho que ataquemos estas costelas de carneiro.

Durante o almoço não falaram mais sobre o caso. Depois da sobremesa, durante o cafezinho, combinaram um plano simples de ação. Nenhum dos dois mencionou Flor. Espinosa deixou Vieira na porta de casa e seguiu de ônibus para o apartamento de Magali. Queria certificar-se de algo antes de ir para a delegacia. Como estava com a chave, foi direto ao nono andar, apartamento novecentos e

dezoito. O apartamento ainda não fora desfeito, cheirava a fechado ou a morte. Vasculhou gavetas, caixas, bolsas, cada recanto de móvel, visível ou não. Terminada a busca, acumulara sobre a cama quase duas dezenas de chaves, algumas em chaveiros, outras isoladas, umas obviamente velhas e sem uso havia muito tempo, outras com sinais claros de estarem em uso até muito recentemente. Colocou-as todas num saquinho plástico e rumou para o prédio de Flor. O porteiro declarou, com pose de porteiro de prédio de luxo, que dona Flor estava em casa mas que não gostava que subissem sem ser avisada pelo interfone. A carteira de polícia resolveu esse pequeno detalhe. Depois de subir, precisou tocar a campainha duas vezes, a segunda vez fortemente, até ela abrir a porta. Vestia um robe que mantinha um perfeito equilíbrio entre o que mostrava e o que insinuava.

— Delegado, que surpresa agradável. Entre, por favor. É uma visita profissional?

— De minha parte, sim.

— Que pena, estou com a tarde livre.

— Mas não vou usar mais do que dez minutos dela.

— Que pena mais uma vez. Se você prefere assim, o que posso fazer?

— Gostaria apenas de esclarecer um detalhe. Você e Magali eram amigas íntimas. Tão íntimas que ela lhe deixou de herança o homem dela.

— Delegado...

— Calma, trata-se de uma constatação e não de um juízo de valor; além do mais, estou repetindo suas próprias palavras. Portanto, se eram tão íntimas a ponto de você ter uma chave do apartamento dela, devo supor que ela também possuía uma chave do seu apartamento.

— Claro. Tínhamos cada uma a chave do apartamento da outra, para o caso de uma necessidade.

— Certo. E sem dúvida surgiu a necessidade.

— Delegado, o que o senhor está insinuando?

— Não estou insinuando nada, estou sendo tão direto quanto possível. E, para provar isso, gostaria de experimentar na sua porta algumas chaves que tenho no bolso.

Antes que ela dissesse qualquer coisa, Espinosa retirou do bolso o pacotinho de chaves. Flor esperou em silêncio ele experimentar uma a uma as chaves. Ao final, quando nenhuma serviu, disse:

— Se o senhor tivesse me perguntado antes, não teria perdido tanto tempo, ela não estava com a minha chave, eu a peguei na noite em que encontrei o corpo.

— Por que fez isso?

— Por quê? Ora essa. Porque não queria deixar a chave do meu apartamento por aí.

— Não estava por aí, estava na casa de sua amiga. Além do mais, retirar um objeto da cena do crime é obstrução da justiça.

— Ora, delegado, era a chave do meu apartamento. Eu não ocultei nada, disse espontaneamente que ela possuía uma cópia. Apenas tirei a chave.

— E você pode me mostrar essa cópia que você trouxe?

— Está por aí, não sei ao certo onde coloquei.

— Tente se lembrar, eu espero.

Após algum tempo de busca, Flor apareceu com uma chave, que entregou com ar de triunfo. Abriu perfeitamente a porta.

Permaneceu na delegacia até mais tarde, tentando liquidar a pilha de processos que começara a despachar na véspera. Tinha a impressão de que a velocidade com que chegavam à mesa era maior do que sua capacidade de escoá-los. Passava das sete e meia da noite quando entrou em casa. O recado de Kika na secretária pedia notícias do menino e perguntava se topava comer uma pizza e tomar um chope no largo do Machado; devia deixar recado no bip qualquer que fosse a resposta. Espinosa ligou, marcando um encontro para as nove

horas. A pizzaria, cujo toldo, abrigando algumas dezenas de mesas, avança pela ampla calçada, ficava a pouco mais de duas quadras de onde Kika morava. Chegou um pouco antes das nove. Apesar do calor de dezembro, uma brisa leve atravessava a praça.

Kika surgiu caminhando pela calçada, especialmente bonita, a camiseta branca terminando quatro dedos acima e a calça jeans começando alguns dedos abaixo do mais encantador umbigo de todos os de que Espinosa tinha lembrança. Ele, para exibir uma aparência mais relaxada do que a usual, usava uma camisa esporte de manga curta, bem folgada e para fora da calça, sua variação esportiva de vestimenta capaz de ocultar a arma presa à cintura. Era o primeiro reencontro desde a noite do desaparecimento do menino. Apesar de o restaurante ter uma parte fechada e refrigerada, preferiram a varanda. Era evidente para Espinosa que ela não propusera o encontro para saber se havia novidades quanto ao paradeiro do menino, poderia saber por telefone. A própria escolha de um local perto da casa dela, longe do palco da cena de sábado, conferia um sentido diferente a esse segundo encontro, o que era visível no sorriso, no olhar, no jeito de aproximar a mão de modo a se tocarem.

— Você não parece policial — disse, depois de olhar longamente para Espinosa.

— Devo tomar isso como um elogio?

— Desculpe. É que, como a maioria das pessoas, quando penso na polícia a imagem que me vem à cabeça é a de um troglodita, camisa aberta quase até a cintura, peito cabeludo com uma grossa corrente dourada, anéis nos dedos, pulseiras, unhas feitas, voz rouca e acafajestada; e quando você abriu a porta no sábado à noite te achei parecido com meu professor de história da arte.

— E seu professor de história da arte não parece um troglodita, peito cabeludo, camisa aberta...

— Nada disso, ele é quase tão bonito e charmoso quanto você.

Espinosa pensou que aquele era um dos momentos em que o policial deveria usar colete à prova de balas; uma frase como aquela à queima-roupa era fatal, pelo menos para um representante da lei não

troglodita. Só não pigarreou porque seria demais, mas teve de conter-se para não mudar a posição do saleiro, do paliteiro, da lata de azeite e de tudo o mais que estava sobre a mesa. Mas mulher sabe quando atinge o peito de um desafinado.

— Eu é que devia estar dizendo coisas como essas para você.

— E por que não diz?

— Você é linda, infinitamente mais charmosa do que minha professora de filosofia do direito, e tem um umbigo que é a prova incontestável de que Deus existe e é escultor.

Ela sorriu com alegria e foram trazidos à Terra pelo garçom.

A conversa foi desviada para temas menos pessoais. Depois de compararem o Catete a Copacabana, de falarem sobre pintura e pintores, veio a pergunta:

— Como uma pessoa como você foi parar na polícia?

Não era aquela a primeira vez que alguém fazia a pergunta que sempre soara pejorativa a Espinosa, embora naquele momento contivesse implícita uma valoração positiva. Para ele, o enunciado completo da pergunta deveria ser mais ou menos o seguinte: “Como um sujeito decente, honesto, bem-educado, admirador das letras e das artes, entrou para uma instituição indecente, corrupta e estúpida como a polícia?”. Apesar da lisonja pessoal, o dominante era a segunda parte, com a qual ele não concordava. Considerava a polícia uma instituição que opera num espaço de fronteira entre a ordem social e o crime, assim como o hospital psiquiátrico opera na região que separa e articula a sanidade e a loucura. Não são dois mundos externos um ao outro, mas contíguos, ou até mesmos superpostos. Loucura e crime não são originários de um mundo estrangeiro, mas de potências internas ao próprio homem. Ambos são nossos íntimos. Podemos tentar ignorá-los, ou confrontá-los. Como instituição de confronto, a polícia mantém uma perigosa intimidade com o crime. Mas a melhor resposta que conseguiu dar foi:

— Fui parar na polícia porque queria me casar.

— Como?!

— Isso mesmo que você ouviu. Eu estava terminando meu curso de direito e era apaixonado por uma colega de universidade. A coisa mais próxima a um emprego que consegui foi um estágio sem remuneração num escritório de advocacia. Foi quando surgiu um concurso para a polícia, dando prioridade a quem fosse bacharel em direito. Fiz o concurso, fui aprovado, entrei para a polícia e me casei. O casamento acabou poucos anos depois, mas a polícia ficou. Foi assim.

— Você tem filhos?

— Tenho um, adolescente, vive nos Estados Unidos. Recebo fotografias na época do Natal. As primeiras eram acompanhadas de dedicatórias carinhosas no verso, as últimas tinham apenas uma frase, o local e a data.

— É pena.

— Talvez para mim; para ele, não sei. Ele hoje é mais americano do que brasileiro. E você? Já foi casada?

— Não. Nem tive filhos. Já estive bem perto das duas coisas, mas não foram suficientemente intensas para levá-las adiante. Hoje em dia considero longamente cada uma delas antes de ser levada a admitir que valem a pena. Isso te deixa chocado?

— Nem um pouco.

— Ótimo, porque poderia estragar os chopes.

Quando saíram do restaurante era quase meia-noite, e o que restava de raciocínio em Espinosa sinalizava que tinham bebido o suficiente para tornar problemática qualquer forma de continuação do programa. Não que o amor fosse incompatível com o álcool, mas para um primeiro encontro, que de maneira nenhuma pretendia que fosse o último, era exigido um mínimo de sobriedade. A sobriedade de ambos era suficiente para caminharem, braços dados, até o prédio em que ela morava, mas não o suficiente para garantir atos e palavras. Achou melhor não arriscar. E mais uma vez despediram-se com um beijo — bem mais amoroso do que o primeiro — e a promessa de outro encontro.

Espinosa achou melhor deixar o carro estacionado no largo do Machado e pegar um táxi de volta para casa. No caminho, pensou se o excesso de bebida — que não era característica dele e não parecia também ser a dela — não teria sido estratégia de ambas as partes para evitar desdobramentos prematuros. Foi o raciocínio mais complexo, e talvez o único, que conseguiu fazer até o motorista perguntar em qual dos lados do bairro Peixoto queria ficar. “No mais próximo da minha casa”, respondeu. Foi quando percebeu que estava bêbado.

Chegou na delegacia um pouco mais tarde do que de costume; Chaves, o detetive encarregado de manter contato com o porteiro do prédio da avenida Copacabana, veio falar com ele.

— Espinosa, o cara apareceu durante a madrugada, apanhou algumas coisas e saiu; o porteiro da noite disse que não nos avisou porque foi tudo muito rápido e ele não podia sair para telefonar.

— O que ele estava carregando quando saiu?

— Uma sacola de viagem, não perguntou nada ao porteiro nem disse para onde ia.

— A que horas foi isso?

— Segundo o porteiro, entre duas e meia e três da madrugada. Vamos atrás dele? Podemos entrar em contato com o fazendeiro dono do apartamento.

— Não. Vamos deixar que pense que o esquecemos. Tenho a impressão de que ele não sabe de quem está fugindo. Veja bem, estamos supondo que ele raptou o menino depois de ter corrido atrás dele na avenida Atlântica. Vamos admitir, porém, que ele tenha parado naquele ponto, que não se importou mais com o menino, que queria apenas dar-lhe um susto. Nesse caso, ele não seqüestrou nem matou o menino, não havendo motivo portanto para achar que está sendo procurado pela polícia; ele sabe que estão atrás dele, mas não sabe quem nem por quê.

— E o desaparecimento do menino? — perguntou Chaves.

— Pode ter sido voluntário. Lembre-se de que a hipótese de seqüestro tem como ponto de apoio o relato do menino e o da moça, que viu apenas um homem no outro lado da rua, numa calçada cheia de gente. Pode ter acontecido de o homem ter desistido do menino a partir daquele momento, e o resto ser uma fantasia de seqüestro. A relação de um menino de rua com a polícia é muito ambivalente, ele pode ter ficado em dúvida quanto a ser efetivamente protegido. O que iria acontecer depois que eu e a moça fôssemos para nossas casas? Iríamos levá-lo conosco? O máximo que poderíamos fazer seria entregá-lo a uma instituição para menores abandonados, e isso certamente é a última coisa que deseja na vida. Preferiu fugir.

— Você acha mesmo que foi isso o que aconteceu?

— Acho. Ninguém que tenha tirado uma criança das mãos da polícia, matando-a em seguida, aparece para pegar roupa limpa em seu apartamento; não é de nós que o homem está fugindo, talvez nem suspeite que estamos atrás dele.

— De quem, então, está fugindo?

— Não sei, e acho que nem ele sabe. Veja se consegue com o síndico do prédio o nome e o endereço do proprietário do apartamento seiscentos e sete.

O gosto ruim na boca e o envelope de antiácido no bolso fizeram com que se lembrasse do automóvel, que na véspera deixara estacionado próximo ao restaurante. Depois de passar no largo do Machado e pegar o carro, decidiu procurar Clodoaldo. Se de fato fora ele a dar seu nome ao menino, talvez soubesse onde poderia estar escondido. Pelo fato de o educador de rua ter como local de trabalho não um estabelecimento de ensino mas a própria rua, encontrá-lo nem sempre é tarefa fácil, o mesmo acontecendo quando o que se pretende é encontrar um menino de rua específico. Espinosa sabia que era questão de paciência. Embora se desloquem com frequência, meninos de rua não são propriamente nômades, seus deslocamentos

se dão no interior de um espaço restrito. Um menino de rua de Copacabana não frequenta o Leblon ou o centro da cidade, nesses outros lugares ele é estrangeiro. Costumam habitar territórios bem demarcados e relativamente pequenos, a não ser quando surge uma dificuldade maior, que os leva a procurarem suas famílias ou instituições como a Pastoral do Menor, localizadas fora do seu território.

Espinosa começou a busca por duas dessas casas de acolhida na esperança de que em alguma delas alguém pudesse fornecer o paradeiro de Clodoaldo. A melhor indicação foi de que ele estava fazendo ponto um dia por semana na avenida Atlântica, na altura do Posto 5, próximo a uma discoteca. Nesse dia as crianças sabiam que o encontrariam naquele local e que poderiam contar com a ajuda dele. O que não souberam lhe dizer foi o dia exato.

Era uma quarta-feira, meio da semana, bom dia para encontros periódicos regulares, se é que esse critério poderia ser aplicado a educadores e meninos de rua. Soube também que nesses encontros Clodoaldo ficava o dia inteiro à disposição dos menores. Durante algum tempo o grupo havia estabelecido como ponto de encontro a praça do Lido, mas por razões desconhecidas haviam mudado para as proximidades da discoteca.

Coincidência ou não, era o ponto onde o menino desaparecera.

Antes de estacionar o carro, Espinosa percorreu algumas quadras próximas ao local que supunha ser o ponto de encontro, mas nem Clodoaldo nem meninos de rua estavam à vista. Pegou a pista próxima à praia para verificar se estavam na areia, voltou e parou o carro em frente à discoteca. O guardador, de longe, já acenava indicando uma vaga para estacionar. Quando ele se aproximou, Espinosa perguntou se tinha visto Clodoaldo, o educador de rua. Não. Havia vários dias que não aparecia.

— Qual o dia em que costuma aparecer?

— Não tenho certeza, mas acho que é quinta ou sexta. O senhor é amigo dele?

— Sou. Se ele aparecer, diga que Espinosa quer falar com ele.

— Espinosa?

— Isso mesmo. — Deu-lhe uma nota de dez para não esquecer o nome.

— O doutor não quer que eu dê um brilho no carro?

— Não, obrigado, ele pode ficar mal-acostumado.

Espinosa concluiu que o dia de Clodoaldo aparecer devia ser quinta-feira; se fosse sexta, o mesmo dia da perseguição, o menino teria recorrido ao educador de rua em vez de procurá-lo. No dia escolhido em combinação com as crianças, Clodoaldo ficava à disposição delas da manhã à noite. Em torno de um banco de praça, sentados na areia, debaixo de uma árvore, sempre ao ar livre, discutiam seus problemas, em geral de natureza estritamente prática e ligados ao cotidiano da sobrevivência. Falavam sobre a difícil relação com suas famílias, sobre a ameaça que sofriam por parte de menores delinqüentes, mendigos, seguranças particulares e policiais, e sobre suas fantasias. Quem os olhasse de longe pensaria que o educador de rua, baixo, troncudo, parecendo um índio com os cabelos cor de cenoura cortados em cuia, era um marginal aliciando menores abandonados. E não estaria longe da verdade. Os muitos anos de trabalho de rua tornaram Clodoaldo respeitado pelos meninos e meninas, pelas instituições que mantinham programas de apoio e pela polícia. Os menores o tratavam carinhosamente de Clodô. Mas apenas eles, ninguém mais. Quando um detetive novato num encontro de rua chamou-o pelo apelido, Clodoaldo, com a voz surpreendentemente grave para sua estatura, respondeu apenas: “Esse apelido foi um presente que os meninos me deram, não se apossa dele”. É capaz da maior doçura e da maior violência.

Quando Espinosa o avistou no dia seguinte, o cabelo cenoura parecia uma bóia salva-vidas contra o azul do mar de verão. Estava sentado à sombra de uma amendoeira no canteiro central que separa as duas pistas da avenida Atlântica, tendo nas mãos um saco grande

de pães que repartia entre uma dezena de meninos e meninas de rua. Não interrompeu a fala quando o delegado se aproximou, apenas estendeu o pacote para que se servisse de um pão quentinho e continuou a expor algo sobre uma casa de acolhida da qual poderiam fazer uso. Somente ao terminar a exposição disse: “Esse é o delegado Espinosa, é tira, mas podem confiar nele como confiam em mim”. Espinosa agradeceu a apresentação e sentou-se sobre um ressalto de cimento que circundava a raiz da árvore. Durante quase uma hora ouviu em silêncio depoimentos cujos temas iam de problemas com a higiene pessoal até o colega assassinado enquanto dormia; tinham medo de aquilo se repetir. Foi o momento em que Clodoaldo o convocou a participar ativamente da discussão.

Espinosa se apresentou, disse-lhes que era da 12ª DP, na rua Hilário de Gouveia, e que poderiam procurá-lo a qualquer hora, bastava chegar no balcão do plantão e pedir para chamar o delegado Espinosa. Perguntaram se criança podia entrar em delegacia; Espinosa respondeu que não precisavam entrar, ele desceria para se encontrar com eles. Em seguida, não sem um certo constrangimento, contou-lhes, omitindo alguns detalhes, a história do menino supostamente raptado, desde o momento em que fora perseguido pelo homem até seu desaparecimento quando caminhavam em direção ao automóvel, na sexta-feira anterior, próximo de onde estavam sentados.

— Não há nenhuma prova, nem mesmo indício, de que tenha sido o mesmo homem que matou o colega de vocês. No momento ele está desaparecido e sabe que a polícia quer interrogá-lo, mas pode estar achando que é por outro motivo, o menino colega de vocês é o único capaz de reconhecê-lo e o homem sabe disso; se foi ele quem matou o outro garoto que dormia na calçada, então o amigo de vocês corre risco de vida.

— Mais risco do que a gente corre todo dia? — A pergunta veio do menino que estava sentado ao lado de Clodoaldo; tinha mais idade e era o líder daquele grupo.

— Acho que sim, digamos que seja um risco extra.

— E o que a gente pode fazer?

— Me ajudar a encontrar o menino e, quem sabe, me ajudar a encontrar o homem.

Depois de algumas opiniões sobre o ocorrido, Clodoaldo pediu um tempo para conversar a sós com Espinosa. Assim que as crianças se afastaram, o delegado perguntou:

— Então? O que acha?

— Eu conhecia o menino assassinado, chamava-se Washington. Aquilo não foi trabalho de nenhum grupo, é coisa de alguém agindo sozinho, mas não combina com esse homem de quem você falou, um cafetãozinho de merda.

— Esse homem, você tem idéia de quem possa ser?

— Não. Sem uma fotografia vai ser difícil, pode ser muita gente.

— Por isso temos que encontrar o menino.

— Ele, nós podemos ajudar a encontrar... se estiver vivo.

— Tem que estar.

— É possível, se estivesse morto nós ou vocês teríamos sabido. Quanto à nossa ajuda, não conte com nada muito sistemático, os meninos e as meninas poderão cooperar mas de forma não organizada, e caso se sintam ameaçados, seja por quem for, deixarão imediatamente de ajudar. Quanto a mim, farei o que estiver ao meu alcance.

A maioria dos meninos e meninas tinha se dispersado, apenas três deles, que ficaram por ali, examinavam uma calota de automóvel encontrada junto ao meio-fio. O sol que atravessava a copa das amendoeiras projetava centenas de pequenos círculos sobre o calçamento de pedras portuguesas. Aquela era mais uma da série de lindas manhãs do verão. Difícil para Espinosa articular o cenário que tinha à frente com o assassinato de um menino que mal entrara na puberdade. Despediu-se de Clodoaldo com um aperto de mão e acenou para as crianças.

Se o proprietário era amigo o bastante para deixar o homem morar em seu apartamento na avenida Copacabana, deveria ser igualmente amigo para ocultá-lo durante algum tempo em sua fazenda no interior do estado. Essa foi a principal razão para não tentarem um contato telefônico e optarem pelo envio de um agente à região de Campos. Caso fosse necessário, pediriam ajuda à polícia local.

Espinosa, por sua vez, decidiu atacar a outra vertente da história e convocar Flor para “prestar alguns esclarecimentos” (foi assim que instruiu o portador da intimação) sobre fatos que precederam a morte da amiga. Flor mandou dizer que só poderia comparecer à delegacia no dia seguinte; do contrário, o negócio dela seria prejudicado. “A polícia existe para proteger as pessoas honestas e trabalhadoras, e não para prejudicá-las”, foi a observação com que despachou o detetive, o mesmo que fora buscá-la da primeira vez. “Faltou dizer que compareceria apenas na companhia do seu advogado”, comentou ele.

E foi exatamente o que aconteceu. Na manhã seguinte Flor entrava triunfante na delegacia em companhia de um advogado que, na opinião dos presentes, não teria idade para ter concluído o curso secundário. Tinha. E não era bobo. Espinosa não conseguiu o que pretendia com a intimação e foi obrigado a dispensá-la após uma série de perguntas que não levaram a canto algum, e ela se despediu dizendo que se quisessem vê-la não precisavam de convocação oficial. Espinosa ficou pensando em quem estaria patrocinando o advogado, não o patrocínio financeiro, que não parecia ser problema, mas o patrocínio intelectual.

Assim foi que saiu para tentar comer alguma coisa nas cercanias. Antes de se decidir por algum lugar, andou um bom pedaço apenas pensando no advogadozinho que minutos antes impedira que ele se beneficiasse do constrangimento sentido por qualquer um que compareça a uma delegacia. Não que Flor tivesse dado mostras, da primeira vez em que lá estivera, de constranger-se com facilidade, mas o advogado não permitiu que isso fosse posto à prova. Espinosa pensou nele próprio, com a mesma juventude do rapaz, fazendo

concurso para a polícia “a fim de ter mais segurança e poder casar”. Ficou a segurança e foi-se o casamento, pensou; Espinosa sentiu-se fazendo papel de bandido.

Quando emergiu do devaneio estava na avenida Copacabana, quase em frente à galeria Menescal. Os pensamentos em torno do jovem advogado ainda pairavam em sua cabeça junto a outros de natureza mais prática, quando novamente (e no mesmo local) teve a sensação de estar sendo observado. Deixou o olhar percorrer distraído todo o espaço da galeria que naquela hora era atravessada por centenas de pessoas em ambas as direções, e mais uma vez não conseguiu identificar nenhum suspeito. Em vez de tomar o caminho da avenida Copacabana, voltou à delegacia pela Barata Ribeiro, que naquela hora tinha menor movimento de pedestres, parando em algumas vitrines, chegando a entrar numa loja de roupas, esperando surpreender seu seguidor à saída. Ninguém. Pensou na possibilidade de o jovem advogado ter remexido seus fantasmas; afinal, eram fantasmas tão íntimos que poderiam aparecer à luz do dia em plena Copacabana, embora o sentimento dominante não fosse o de ameaça, mas o de invasão, e achou que seria o cúmulo do paradoxo sentir-se invadido por ele mesmo, pelo menos era o que pensava até aquele momento (erradamente, como verificou depois); mas se havia uma palavra que considerava perfeita quando aplicada a ele próprio era exatamente aquela: paradoxo.

À medida que a tarde se aproximava da noite, era tomado pelo desejo de dar uma caminhada pela avenida Atlântica até o ponto onde Kika expunha seus quadros; aproveitaria para dar uma olhada na redondeza, embora não soubesse exatamente o que esperava encontrar, a menos que o menino ou o homem lá estivessem para incitar seu orgulho profissional. Mas não levou a idéia avante; sabia que nem o menino nem o homem apareceriam. Quanto a Kika, o melhor era dar-se conta de que os tempos haviam mudado e de que o fato de uma jovem, sobretudo uma jovem artista, sair para jantar com um homem não significava absolutamente nada além do óbvio, isto é, que a moça queria companhia. Mas deixou as reflexões caminharem livremente; pensou que talvez fosse aquela a sua

contemporaneidade: são contemporâneas de uma época que não coincide cronologicamente com aquela em que vivem. Uns são contemporâneos de um tempo que ainda está por vir, podem portanto esperar; outros são contemporâneos de um tempo que já passou; esses nada mais podem fazer além de viver de lembranças. Espinosa achava que tinha uma complicação adicional: seu corpo, seu gosto, o modo de vestir-se, sua visão de mundo eram perfeitamente contemporâneos à época em que vivia, mas o sistema de sinais — o código com o qual se orientava nesse mundo — pertencia a um tempo já passado. Sentia-se como um computador de última geração operando com um programa antigo e ultrapassado.

Quanto mais se passavam os dias sem que tivesse notícia do menino, mais Espinosa sentia fortalecer-se a hipótese de que ele procurara abrigo em outro lugar, fora do alcance de todos, mocinhos e bandidos. Sabia que não é fácil fazer desaparecer um corpo, mesmo para profissionais, e acreditava que o responsável pelo desaparecimento do menino, se havia um responsável, era amador. Alguns meninos de rua retornam periodicamente às suas casas para contribuir com o que amealharam na rua para o orçamento familiar; a rua para eles é lugar de trabalho e não de moradia. Poderia ser esse o caso do menino.

Tal era a natureza de suas reflexões enquanto, recostado no sofá da sala, luzes apagadas, alternava o foco do olhar da grade da minivaranda para o prédio do outro lado da praça e vice-versa. Tinha plena consciência de que às suas costas a secretária piscava com um nervosismo que nada tinha a ver com o exercício óptico dele; evitara ouvir as mensagens, certamente haveria alguma de Kika convidando-o para passar na avenida Atlântica para lhe fazer companhia. “Quem sabe você me dá sorte?”, diria ela ao final do telefonema, e ele partiria qual um inseto ao encontro do pára-brisa do carro.

Por volta das nove horas, cansado de olhar para nada, decidiu escutar as mensagens gravadas. Havia duas de Vieira e uma do banco

avisando que o seguro do carro venceria na semana seguinte. Nenhum recado de Kika. Frustração, raiva e resignação, nesta ordem, foram os sentimentos que se apossaram dele após consultar mais uma vez a memória da secretária. Passou em rápida revista o último encontro e constatou que fora perfeito, continha todos os ingredientes para auspiciosos desdobramentos futuros e no entanto nada acontecera; nenhum recado, nenhuma palavra, nenhuma satisfação, era como se nada tivesse acontecido. Era o que vivia dizendo a si próprio, que o que de mais concreto havia eram suas fantasias; que as coisas se passavam na sua cabeça, não na realidade. Não entendia, então, por que a frustração e a raiva. Dos sentimentos que o assaltaram no momento, o que mais o incomodava era a resignação, que em matéria de sentimento tinha tanta dignidade quanto mau hálito de freira.

Passaram-se alguns minutos até que tivesse a atenção voltada para os recados de Vieira. O primeiro dizia que conseguira com o gerente de uma boate alguma informação sobre o homem, e que aguardava ordens (havia um tom de ironia); o segundo dizia que se continuasse esperando perderia o contato e que portanto faria algumas investigações preliminares perto de sua casa e da 13^a DP. Espinosa ligou imediatamente para ele. Não estava mais em casa.

Não demoraria mais do que dez minutos para chegar à delegacia. Achou que seria exagerado telefonar para o plantão pedindo para retardarem a saída de Vieira caso ele aparecesse; afinal, não havia nada de mais no fato de um policial aposentado sair à procura de sua carteira de identidade roubada. O que lhe parecia insuportável era ficar em casa olhando para a grade da varanda enquanto o mundo aquecido pelo verão e temperado com espírito natalino acontecia lá fora. Saiu à procura do colega.

Antes de aposentar-se, Vieira fora lotado durante quase três anos na 13^a DP, na avenida Copacabana, a poucas quadras do seu atual apartamento. A delegacia fica em frente à galeria Alaska, que liga a avenida Copacabana à avenida Atlântica e que concentrava até pouco tempo antes a mais variada fauna do submundo de Copacabana. A intimidade de Vieira com a região pode ter feito dela o ponto de

partida para sua investigação. A poucas quadras de distância, Kika exibia seus quadros.

Espinosa passou primeiro na delegacia para saber se Vieira estivera lá. Da equipe de plantão, apenas o delegado o conhecia, e havia mais de um ano não o via. Saiu da delegacia e atravessou a galeria Alaska em direção à avenida Atlântica. Ainda era recente a lembrança do cinema, dos inferninhos e das boates que fizeram a fama do local, agora metamorfoseados numa igreja evangélica e em oficinas de confecções. O grande movimento durante a noite não era mais de prostitutas, homossexuais, travestis, drogados e drogadores, mas de crentes com suas bíblias à procura de Deus — provavelmente o diabo não estava mais dando lucro. Os anos de vizinhança com a delegacia deram aos comerciantes locais, aos porteiros e aos freqüentadores uma sensibilidade aguda, que ainda se mantinha, para discernir um policial onde quer que estivesse, de modo que quando Espinosa atingiu a avenida Atlântica, depois de atravessar a galeria, podia ter certeza de que todos os interessados sabiam que se tratava de um policial. Não encontrando Vieira, caminhou pela praia em direção ao ponto onde Kika costumava ficar; não pela mesma calçada, queria vê-la de longe antes de ela poder vê-lo. Ainda não se decidira quanto ao modo de aproximação enquanto caminhava em sua direção, mas, quanto mais chegava perto, mais tinha certeza da inevitabilidade do encontro. A meia quadra de distância já divisara a figura alta, esguia, gestos amplos, que o alcançou com a vista antes mesmo de ele decidir-se sobre a forma do encontro, acenando vigorosamente. Impossível uma aproximação sorrateira. Atravessou a rua em sua direção, desviando-se dos carros, até abraçá-lo carinhosamente.

Kika estava radiante porque vendera um quadro, o que, segundo ela, garantiria o Natal além de cobrir sua parte no aluguel do sobrado no Catete.

— Podemos sair para comemorar depois que eu terminar aqui. Quem sabe se com você por perto não vendo outro quadro?

Não vendeu. Mas conversaram durante quase duas horas sobre assuntos possíveis de serem conversados em meio ao movimento da

minifeira de arte do calçadão da praia. A conversa anterior, no largo do Machado, dera-se num espaço de apenas um metro quadrado. Para Espinosa, uma mesa de bar é um espaço quase fechado e muito íntimo, em que pese a multidão circundante. Na praia não havia a restrição espacial imposta pela mesa do bar, podiam entregar-se a pequenos deslocamentos e circunvoluções que ao mesmo tempo liberavam os corpos e os mantinham atados. O encontro terminou de forma quase monástica, na varanda envidraçada de um restaurante à beira da calçada, e o fim melancólico foi devido não à vontade deles, mas porque tarde da noite, no meio do jantar, Vieira passou pela calçada, a poucos metros de onde estavam, quase correndo, em direção oposta à de sua casa. Ao mesmo tempo que deixava um dinheiro em cima da mesa, Espinosa pedia a Kika para esperá-lo e saía, com alguns segundos de atraso, em perseguição ao ex-delegado. Outros segundos foram perdidos quando os ocupantes da mesa ao lado levantaram-se ao mesmo tempo, bloqueando a passagem. Quando chegou à calçada, não conseguiu avistar Vieira. Correu até a esquina mais próxima, mas nem na continuação da avenida Atlântica nem na perpendicular a ela a figura de Vieira se fazia visível. Subiu na ponta de um banco de cimento, mas mesmo assim não viu ninguém que se assemelhasse a ele; entrou pela primeira transversal, correu até a esquina com a primeira paralela à praia, mas o esforço foi igualmente inútil. Do jeito que passara, Vieira não parecia estar se dirigindo a lugar nenhum em especial e sim fugindo ou perseguindo alguém. Voltou à esquina da praia e percorreu umas duas ou três quadras na direção tomada por ele. Nada. Era a mesma esquina onde o menino desaparecera. Pensou que ela poderia passar a chamar-se Triângulo das Bermudas.

Voltou ao restaurante para explicar a Kika o motivo da saída intempestiva. Ela não estava mais lá. Voltou para casa da mesma maneira que saíra, a pé e sozinho.

Antes de deitar-se e durante mais de uma hora tentou o telefone de Vieira.

3

Acordou assaltado pela imagem de Vieira correndo pela calçada. Permaneceu algum tempo deitado, procurando ordenar os acontecimentos da véspera. Preparou o café, colocou as fatias de pão na torradeira, pegou os jornais na porta e permaneceu na dúvida entre ligar para Vieira antes ou depois da leitura dos jornais. Salvo situações extraordinárias, tinha por hábito não telefonar para as pessoas nos sábados e domingos pela manhã, mas dadas as circunstâncias da véspera achou o telefonema justificado. As torradas pularam no exato momento em que a ligação se completara; deixou que chamasse. Tocou mais de vinte vezes. Imaginou que Vieira poderia ter tomado um pileque, não estando em condições de escutar nada. Imaginou também outras coisas. Passadas duas horas, ligou mais uma vez e o resultado foi o mesmo das vezes anteriores, o que fez com que a fantasia de pileque fosse substituída por preocupação genuína.

Decidira passar no apartamento do colega logo após o almoço, mas não chegou a sair para esse fim; alguém que se identificou ao telefone como Joelmar, cabo da polícia de plantão no hospital Miguel Couto, solicitava sua presença na enfermaria masculina do hospital a pedido de um tal Vieira, que se dizia delegado de polícia. Espinosa saiu imediatamente, sem nem mesmo perguntar como estava o paciente, até porque, se ele dera seu nome e telefone, estava podendo falar. A tarde de sábado acabava de se juntar à noite de sexta.

— O que aconteceu? — A pergunta era dirigida ao residente que o acompanhava à enfermaria.

— Ele foi agredido, provavelmente por mais de uma pessoa... uma covardia, é um homem de idade.

— Como ele está?

— Bastante machucado, mas nada que pareça grave. Na idade dele é difícil prever as conseqüências de pancadas fortes na cabeça; de toda maneira terá de fazer novos exames dentro de algumas semanas.

— Ele pode sair?

— Do ponto de vista clínico pode, mas o senhor terá de se responsabilizar... ele não está em condições de sair sozinho.

Vieira estava com vários cortes e hematomas no rosto, um olho que de tão inchado e ferido parecia querer sair da órbita, o lábio estava cortado e uma prótese dentária se partira, o nariz formava um único volume com o olho saltado e o corpo tinha várias manchas roxas. Dera entrada no hospital de madrugada, trazido por uma patrulha da polícia, e não o liberaram depois dos curativos porque queriam verificar se tinha alguma ruptura interna, e também porque o haviam sedado e o único número de telefone em sua carteira parecia ser o dele próprio, e ninguém respondia.

Pouco depois das quatro da tarde entravam no apartamento de Vieira. Espinosa ajudou-o a deitar-se na cama, pôs os analgésicos e pomadas na mesinha-de-cabeceira e antes mesmo que fizesse qualquer pergunta sobre o acontecido ele começou a falar.

— Espinosa, foi o filho da puta que estamos procurando... se não foi ele próprio, foi alguém a mando dele... não vi nada... dobrei a primeira esquina, quando dobrei a segunda, antes que pudesse ver qualquer coisa, já estavam me batendo.

— Estavam? Era mais de um?

— Não sei ao certo, as pancadas eram quase todas no rosto... para me proteger, coloquei as mãos sobre os olhos, tenho pavor de ficar cego... pode ter sido um só... não sei dizer.

— O que você estava fazendo?

Sentiu-se culpado por fazer aquelas perguntas naquele momento. Vieira estava muito machucado, falando com dificuldade, parando a todo momento para passar o dedo indicador no lábio ferido, mas Espinosa precisava saber o que acontecera.

— Esperei você ligar... você demorou... eu tinha recebido a informação de que o falso delegado estava na galeria Alaska tentando vender cocaína. Quando cheguei, ele estava dentro do antigo cinema que agora é um templo evangélico. Com a ajuda de uma das meninas, que é informante e que tinha visto o cara, entrei e tentei localizá-lo. Estava muito cheio. Depois de alguns minutos, notei um movimento numa fileira perto da saída, mandei a menina embora e fui me aproximando do lugar; o cara percebeu e saiu rápido. Saí atrás dele, mas por mais rápido que andasse ele mantinha sempre uma distância segura. Quando chegou no calçadão da praia ele andou uma quadra e dobrou na primeira rua em direção à avenida Copacabana, andava muito rápido, olhando para trás a todo momento, pensei que estivesse fugindo de mim, não tenho mais certeza; dobrou a esquina, depois mais outra, e mais outra, então aconteceu, não deu pra saber quantos eram. — Fez uma pausa para descansar e arrumar as idéias. Depois de alguns instantes, continuou: — O cara é de um simplismo impressionante, ele toma o pó dos viciados e revende em seguida por um preço mais barato do que o do mercado. Nem sabe para quem está revendendo. Não vai durar muito. A única coisa que eu quero é pegá-lo antes que os traficantes o peguem.

— No momento você não está em condições de pegar ninguém, teve sorte de não ter acontecido nada mais grave; de qualquer forma, terá que ficar alguns dias de molho. Vou sair para comprar algumas coisas. Procure não andar desnecessariamente, sua perna está com um ferimento feio. O cara deve ter batido em você com uma barra, ou com soco-inglês.

— Espinosa.

— O que é?

— Me traz um espelho, quero ver como está a minha cara... sei que é difícil piorá-la, mas quero ver como está.

Espinosa levou-lhe o espelho de dupla face que havia no banheiro, era o único portátil. Vieira preferiu ver o estrago com o lado de aumento. O que mais lamentou foi a prótese dentária quebrada.

— Tanto ela como o resto tem conserto — disse Espinosa, tentando animá-lo.

— Espinosa.

— Hein?

— Quero ligar para Flor e pedir para que venha cuidar de mim. O caderno de telefones está em cima da mesa da sala.

Espinosa despediu-se dele uma hora mais tarde, convencido de que o sentimento dominante em Vieira não era autocomiseração, mas ódio, um alimento tão poderoso quanto o amor. O que mais o intrigou foi a violência da agressão contra uma pessoa que afinal de contas não era grande ameaça. Um pequeno marginal perseguido por um homem de idade não se arriscaria a cometer uma agressão tão violenta em plena rua quando poderia simplesmente correr mais rápido e esconder-se; e, se desconfiasse que seu perseguidor fosse um policial, com mais razão ainda procuraria escapar em vez de enfrentá-lo. Havia grande possibilidade de Vieira ter apanhado por engano.

Não saberia dizer o que em Flor o incomodava e fascinava na mesma proporção e intensidade; não saberia sequer dizer se apesar de prostituta ela guardara a ingenuidade infantil ou se deveria considerá-la inteligente a ponto de transformar perversidade em singeleza. Não era extraordinariamente bela, mas sua beleza chamava a atenção de homens e mulheres, talvez por não ser feita apenas de elementos retirados do belo, mas também daqueles outros encontráveis nos demônios e nas feiticeiras, matéria mais alquímica do que estética, cujo efeito final é incomum. Flor o incomodava e atraía, ou incomodava precisamente porque atraía; não se tratava de algo cujo determinante exclusivo fosse a atração sexual, embora esse

fosse o ponto de confluência da fascinante alquimia; tampouco Flor se oferecia como uma resposta aos seus desejos, mas como uma pergunta que o convocava sem que soubesse exatamente a quê, recatada e impudica como uma colegial de folhetim de sacanagem.

— Fico impressionado. Vejamos: você desconfia que alguma coisa aconteceu com sua amiga porque ela não responde aos telefonemas durante toda a tarde; à noite, usando sua cópia da chave do apartamento você abre a porta e encontra a amiga, “irmã” como você disse, morta, amarrada na cama, com um saco plástico enfiado na cabeça; e então calmamente lembra-se de pegar a chave do seu apartamento guardada em algum lugar do qual consegue se lembrar na hora; somente então, sai apavorada e chama o porteiro e a polícia.

— Pois foi exatamente o que aconteceu.

— Você não teria tirado a chave antes de ela ser morta, durante uma briga para ver quem ficaria com Vieira, por exemplo?

— Você está louco? Será que até numa conversa de domingo, em visita a um amigo acidentado, vou precisar do meu advogado?

— Desculpe... você tem razão. Não vou mais tocar no assunto... pelo menos por hoje.

Estavam a uma quadra do apartamento de Vieira, numa loja de comida a peso, comprando o almoço de domingo. A conversa começara no elevador, poucos segundos depois de deixarem Vieira na cama. Nunca um elevador parecera tão pequeno; Espinosa tinha a impressão de que qualquer movimento menos contido faria com que se esbarrassem. Flor usava um vestido leve, parecendo de seda, preso aos ombros por uma tira fina, que modelava cada relevo do corpo que parecia inteiramente livre por debaixo do tecido. Espinosa começou a falar por puro nervosismo. A distância até o pavimento térreo parecia interminável. Puxara o assunto porque não conseguia pensar em outra coisa que não fosse o corpo insinuado pelos decotes e recortes do vestido; e, uma vez levantada a questão, impossível interrompê-la. Somente com a reação de Flor pôde fazer um parágrafo. Não trocaram uma única palavra durante o trajeto de volta.

Retomaram a fala exatamente quando entraram novamente no elevador. Foi ela quem voltou ao assunto.

— Fiquei completamente apavorada. Quando abri a porta do apartamento a luz estava acesa... ela amarrada na cama... o saco plástico... parecia que não tinha rosto, fiquei com muito medo e não sei por que razão a primeira coisa em que pensei foi na minha chave.

— Por que essa preocupação com a chave?

— Por medo.

— Medo de quê?

— Medo... só isso.

O elevador chegou ao andar.

Enquanto Flor ajudava Vieira a comer (na verdade ele não necessitava de ajuda para isso), Espinosa tomava cerveja, sentado numa cadeira de braços que trouxera da sala. Flor estava inteiramente concentrada na tarefa, o mundo para ela fora colocado entre parênteses.

O que o atraía nela, ele seria capaz de enumerar em detalhes, o que não saberia dizer era o que o incomodava com tanta intensidade. Ocorreu-lhe que a questão deveria ser formulada de outra maneira: por que o incomodava tanto o fato de ela o atrair? E a resposta que primeiro lhe ocorreu foi: porque Flor era puta. Ou era esse o ingrediente extra da atração?

Achou que estava entrando por caminhos tortuosos; aquelas não eram questões para serem resolvidas racionalmente; além do mais, uma forte dor de cabeça impossibilitava qualquer raciocínio, mesmo o mais rasteiro, e a experiência lhe dizia que a melhor solução em momentos como aquele eram dois comprimidos de aspirina e uma retirada discreta.

Voltou para casa a pé, esperando que a caminhada o ajudasse a pensar, e não lhe faltava matéria para pensamento. A segunda metade do percurso foi feita sob uma forte chuva de final de tarde de verão, que encharcou roupa e sapatos e que apesar de atingir apenas o corpo pode em certas ocasiões dar a sensação de estar lavando

também a alma; e foi com essa impressão que chegou em casa, tendo tomado o cuidado de tirar a roupa e os sapatos antes de entrar.

O detetive enviado à região de Campos voltara de mãos vazias; não apenas ninguém na fazenda do doutor Elói Azevedo — este era o nome do proprietário do apartamento — vira qualquer forasteiro, como o próprio doutor Elói viajara com a mulher para São Paulo, onde estava havia quase um mês “pra botar umas pontes no coração”, segundo o capataz da fazenda.

O desaparecimento do menino estava completando dez dias sem que tivesse havido nenhum progresso no sentido de esclarecê-lo; a cada dia que passava, os acontecimentos iniciais eram envoltos por uma sombra que se tornava mais densa e escura, borrando os contornos dos fatos. Os pontos de ligação entre os acontecimentos tornavam-se frágeis e as próprias pessoas envolvidas ou sumiam de cena ou assumiam outros papéis, diluindo a consistência de uma história que nem sequer adquirira uma unidade mínima para poder ser considerada uma história. De um lado o assassinato de Magali, de outro o desaparecimento do menino, desaparecimento que do ponto de vista da polícia não era considerado um fato relevante. Espinosa sabia que para a polícia nenhum dos fatos era relevante; assassinatos de prostitutas e meninos de rua não constituem acontecimentos significativos para a instituição, podem quando muito comover um policial em função de alguma relação entre ele e a vítima, mas não são capazes de mobilizar uma mínima fração da instituição. No caso do menino, o que mobilizava Espinosa era a possibilidade de ele estar vivo, mas depois de dez dias esperava dispor de um pouco mais do que reflexões banais e inconsistentes. No decorrer do dia, com a liberação do apartamento de Magali e sua devolução ao proprietário, mais uma surpresa se acrescentou aos elementos de que dispunha: o inquilino oficial não era Magali (ou Lucimar), mas Vieira.

— Porra, Espinosa, o que você queria? Você acha que alguém aluga apartamento pra puta? Alugando em meu nome não foi preciso

nem fiador; o proprietário é dono de metade do prédio, adorou ter um inquilino delegado.

— Vieira, não estou julgando você, só não quero mais surpresas.

— Não tem mais surpresa nenhuma, achei que o fato de o apartamento estar no meu nome não teria importância.

— Como vai a cara?

— Pior do que era, impossível; o sujeito me fez uma plástica, quando desinchar vou ficar lindo.

Espinosa desligou o telefone com a certeza de que voltaria a ter surpresas. Apesar de tudo, gostava de Vieira; gostava da sua franqueza rude, da falta de arrogância, da capacidade de tocar o mal sem contaminar-se, ou pelo menos sem contaminar-se mortalmente. Espinosa se considerava integrante de um clube cada dia mais reduzido — o dos que acreditam que honra é um valor a ser defendido — e, dentro desse clube, integrava uma ala ainda mais restrita, daqueles que acreditam que a posse desse bem independe de raça, credo político, religião e profissão, de modo a acreditar que até mesmo um policial, assim como um banqueiro ou um político, pode ser honrado.

O princípio que rege o funcionamento da polícia não difere daquele que rege o social: se a vítima é importante, a investigação é imediata e a solução é rápida; se a vítima é desimportante, a investigação é lenta e tende inexoravelmente para o arquivo dos casos sem solução, a menos que o criminoso seja preso em flagrante delito. Puta é desimportante. Magali fora importante para Vieira, talvez para mais ninguém. É provável que Lucimar tenha sido importante para alguém, na sua infância, mas morreu assim que Magali nasceu, ou sobreviveu apenas nos jantares com Vieira. O fato é que além de Flor e de Vieira ninguém reclamaria a sua morte; e mesmo eles não pareciam muito empenhados na solução do caso. Restava Espinosa, provavelmente o único que não enterrara definitivamente Magali-Lucimar, apesar de tê-la visto apenas uma vez, com a fisionomia deformada pelo sofrimento, afogada num saco plástico. Poderia deixar

o caso morrer; para isso, bastaria não fazer nada, ele faleceria de morte morrida. Não era esse, porém, o seu estilo.

Era curioso como Magali e Lucimar constituíam para Vieira duas vidas separadas e independentes. Mesmo quando trepavam, não era com Magali que ele estava trepando, e sim com Lucimar, assim como era esta a única que tinha acesso ao seu apartamento. A quase indiferença em relação à morte da amante somente poderia ser explicada por essa duplicidade de personagens; quem tinha sido assassinada era Magali, Lucimar apenas desaparecera, saíra temporariamente de cena, e enquanto ela não retornava Vieira entretinha-se com Flor.

Ocorreu a Espinosa que o que estava considerando como desinteresse de Vieira pela descoberta do assassino de Magali poderia ser visto também como aceitação realista dos fatos. Provavelmente sede de justiça ou de vingança haviam feito parte de sua vida numa época em que os projetos poderiam apontar para um futuro; a vida do Vieira atual era feita de instantâneos; justiça e vingança requerem tempo e energia, ambos rareando no ex-delegado. O testamento de Magali, prova de amor supremo para uma mulher, não poderia ser recusado em nome de uma fidelidade que ele nunca tivera nem em relação à própria esposa; mais do que uma herança, Flor era considerada por ele como uma dádiva de amor e chegara a fazer a fantasia de que Magali teria morrido apenas para ele ficar com Flor. A verdade, porém, é que nada justificava qualquer retardo na investigação; um assassinato fora cometido e coubera a ele, Espinosa, investigar e descobrir o assassino, independentemente do encantamento de Vieira por Flor. A única coisa de que dispunha era uma coleção de impressões digitais encontradas no saco plástico, entre elas as da morta e as de Flor; as demais impressões eram de pessoas desconhecidas. O pequeno tubo de gás paralisante não continha nenhuma impressão aproveitável. Quanto ao motivo, a quem interessaria a morte de Magali? A hipótese de Flor ou Vieira terem matado Magali para ficarem um com o outro era absurda. Teria que procurar alguém mais que conhecesse Magali, e um ponto de partida

possível era o porteiro da noite, que faltara ao enterro. Procurou o nome no bloco de anotações.

Naquela noite, depois das dez horas, Espinosa fez uma visita a Ismael. Deu-lhe meia hora para se instalar na portaria, ligar um pequeno e antiquado aparelho de televisão em preto-e-branco que ficava oculto sob o balcão e preparar o espírito para o turno que terminaria às seis horas da manhã seguinte. Através do vidro da porta, o rosto de Ismael destacado pela luminosidade azulada da tela de televisão parecia um fantasma contra o hall escuro do prédio. O toque curto da campainha fez com que se virasse para Espinosa. Não conseguindo identificar quem era, apesar da pequena distância que os separava, levantou-se contrariado. Antes que dissesse alguma coisa, Espinosa colou a carteira com distintivo no vidro da porta.

— Desculpe, delegado, não reconheci o senhor — disse enquanto olhava o distintivo através do vidro e abria a porta.

— Boa noite, Ismael.

— Boa noite, doutor.

Queria fazer as honras da casa, mas não havia sequer uma outra cadeira para Espinosa sentar. Ficaram os dois em pé, encostados no balcão sobre o qual havia uma árvore de Natal medindo não mais do que um palmo de altura, enfeitada com fiapos de papel prateado. O porteiro desligou o aparelho de televisão e acendeu a luz do hall. Durante alguns segundos, o barulho dominante foi o do pequeno ventilador que ameaçava, em cima do balcão, o equilíbrio precário da pequena árvore.

— Há quanto tempo você trabalha aqui? — Espinosa sabia a resposta e o porteiro sabia que ele sabia, mas servia como início de conversa.

— Trabalho aqui já vai pra cinco anos.

— Então você devia conhecer bem dona Magali.

— Desde o começo; ela veio para cá na mesma época que eu.

— E como ela era com você?

— Doutor, só não digo que era uma santa, Deus me livre, por causa da ocupação dela, mas era uma pessoa maravilhosa. Todo Natal dava presente pra gente; quando chegava tarde, à noite, trazia sempre um bombom, um chocolate...

— Além de dar umas gorjetas, de vez em quando — acrescentou Espinosa.

— Às vezes ela dava uma gratificação... era um agrado.

— E por causa da ocupação dela, vinha muita gente visitá-la?

— Só quando não era dia do doutor delegado, e mesmo assim não era muita gente, tinha que ter recomendação.

— E quais eram esses dias?

— O delegado Vieira tinha dia certo; ele vinha nas tardes de quarta-feira, na sexta à noite, e acho que ela ia à casa dele nos domingos.

— Quer dizer que nas segundas, terças, quintas e sábados ela recebia outros homens?

— É. Mas como eu disse para o senhor, só recebia quem fosse recomendado.

— Sei. E amigas? Ela não tinha amigas?

— Tinha dona Flor. Tinha também dona Vanessa, mas essa é daqui do prédio, não é de fora.

— E qual é o apartamento de dona Vanessa?

— É o oitocentos e três, mas ela foi passar uns dias com os parentes, ficou muito abalada com a morte de dona Magali, teve até que chamar o médico. Mas já deve estar voltando.

— Você se dá com todas as do prédio que têm a mesma profissão?

— Eu sou o porteiro da noite, doutor. Mas elas sabem que sou evangélico e me tratam com todo o respeito, da mesma forma que eu trato elas.

— E naquela sexta-feira você não viu quando ela chegou?

— Vi quando ela chegou de carro com o doutor delegado e encontrou dona Flor aqui em frente. Não demorou muito e saíram os

três. Doutor Vieira estava embriagado e não conseguia sair do carro, ficava metade dentro metade fora. Depois que foram embora não vi mais nenhum deles. Quando dona Magali voltou eu estava no quarto, naquela noite eu não estava passando bem do intestino e tive que sair da portaria várias vezes.

— Está certo, Ismael. Aqui está o meu cartão com os meus telefones. Assim que dona Vanessa voltar das férias, peça para me telefonar; não precisa contar a ela esta nossa conversa.

Um casal entrou, ela fez um pequeno movimento de cabeça e braço que poderia ser um cumprimento ou um sinal, o porteiro respondeu com um olhar enquanto guardava o cartão no bolso. Ismael voltou para sua cadeira, e, antes de Espinosa bater a porta de vidro, a televisão já estava ligada.

A distância até o bairro Peixoto não era grande; Espinosa voltou a pé, pensando nos conflitos morais de um porteiro evangélico num prédio com índice tão elevado de pecadoras. Apesar da atmosfera pesada típica de fim de tarde de verão prenunciando chuva, não aumentou o ritmo das passadas; caminhava como se tivesse todo o tempo do mundo. Estava a menos de duas semanas do Natal e já se operara a transformação temporária que fazia dele, naquela época do ano, uma espécie de romântico *noir*, particularmente sensível a prostitutas, meninos de rua e despossuídos de todas as espécies. Não ocorria nenhuma mudança externa visível, tampouco as emoções ficavam menos estáveis ou os sentimentos encontravam formas incomuns de expressão; na verdade a mudança era extremamente sutil, uma espécie de rearranjo da sua própria história. Mesmo esse rearranjo não lhe era totalmente consciente ou acessível por inteiro, era como se o jogo de luz e sombra dos fatos que compunham sua história pessoal mudasse de posição, criando relevos e depressões onde antes era planície. O fato, porém, é que coisas aconteciam nessa época que não aconteciam em outra época do ano. Na noite de Natal, a simples visão de uma janela iluminada recortada contra a massa de

edifícios produzia uma espécie de encantamento que imediatamente transformava a luz amarelada do abajur no fogo bruxuleante de uma lareira em torno da qual um viajante recém-chegado de terras longínquas narrava façanhas extraordinárias para um pequeno grupo de amigos. A lareira ficava por conta dos tantos filmes americanos e europeus em que o Natal era sempre com neve, ou à leitura dos contos de Somerset Maugham nos quais relatos dos mares do Sul eram feitos no calor aconchegante de uma lareira inglesa. Não se sentia um idiota pensando daquela maneira porque sabia não se tratar de pensamento lógico mas de atividade imaginária semidelirante (o que em sua opinião de maneira alguma significava que considerava seu pensamento lógico um prodígio de racionalidade). As primeiras gotas o atingiram assim que começou a cruzar a praça.

Flor sentia-se confusa em relação a Espinosa. Se por um lado ele era amigo de Vieira, por outro era um policial encarregado de investigar a morte de sua amiga. Nas duas vezes em que fora chamada à delegacia para prestar esclarecimentos, ficara evidente que o objetivo da convocação não era fortalecer ou renovar as bases da amizade, o que lamentava, pois considerava o delegado muito atraente. Mas ficara ainda mais evidente a atração que ele sentia por ela; o modo de se aproximar afastando-se, a tensão presente todas as vezes em que se encontravam a sós, mas sobretudo o fato de perceber no seu olhar o mesmo brilho dos olhares dos meninos do Recife quando depositavam no peitoril da janela as notas amassadas e úmidas do suor das mãos.

Esses pensamentos lhe ocorriam enquanto despia Vieira para o banho. Prometera passar diariamente, no início da noite, antes dos noticiários da TV, para ajudar no banho e fazer os curativos daquele que agora era considerado o seu homem. Tivera a idéia de colocar um banquinho dentro do boxe do chuveiro para que ele pudesse tomar banho sentado, o corpo lhe doía mais do que no primeiro dia. E, para não molhar a roupa enquanto realizava a tarefa, pedira licença a Vieira para ficar nua.

A intimidade maior que haviam tido até aquele momento fora o passeio de mãos dadas pelas ruas de Copacabana. De repente, aquilo.

— Porra, meu anjo, pedir licença para ficar nua? Na minha frente? Puta que pariu, nunca pensei que fosse ouvir isso um dia.

— Você não gostou? Eu disse alguma coisa que não devia?

— Porra, Flor, é claro que não! Uma mulher linda como você pedir licença para ficar nua! Onde já se viu isso? Os homens deviam implorar de joelhos para você ficar nua na frente deles!

— Mas isso são eles, você tem todo o direito, e como está doente e machucado, podia não gostar.

— E ainda tem gente que considera puta xingamento.

Antes de ajudar Vieira a sentar-se no banquinho, Flor experimentou a temperatura da água. Ajeitou-o de modo que o jato d'água caísse sobre as costas, e não sobre a cabeça, ferida em vários pontos. Em seguida tirou o vestido, não usava sutiã, e, após um olhar que era uma consulta, tirou as calcinhas. O esplendor da juventude de Flor contrastava com o corpo cansado e ferido sentado no banquinho. Com a porta do boxe aberta, Flor entrava e saía dependendo da parte do corpo de Vieira a ensaboar. Para apoiar-se, ele se segurava no corpo dela; de início, de modo tímido e respeitoso (considerava o mínimo que devia a uma mulher que pedia licença para ficar nua), mas, à medida que o banho prosseguia, explorava as partes do corpo ao seu alcance. Para ela não tinha a menor importância o corpo sem formas, flácido e barrigudo de Vieira. Corpos bonitos e atléticos ela encontrava amiúde no exercício da profissão; com o homem que escolhera como seu, não era isso o que importava, mas a sensação de segurança e carinho que tinha junto dele. É claro que se as duas coisas pudessem vir juntas seria ainda melhor, mas não era esse o caso de Vieira. E suas mãos de dedos longos ensaboavam acariciando meticulosamente o velho corpo, verificando reentrâncias e saliências, evitando os locais machucados. Como ele estava sentado e ela em pé, sempre que ela se debruçava para ensaboar-lhe as costas, seus seios, bicos enrijecidos, roçavam o rosto e os lábios de Vieira, cujas mãos passeavam por entre as pernas dela. Quando chegou ao ventre de

Vieira, os movimentos de Flor tornaram-se mais lentos, numa demora cheia de carícias. Sentindo a ereção atingir seu ponto máximo, Vieira segurou-lhe a cintura, um de frente para o outro, e puxou-a lentamente, de modo que, para se aproximar, ela tivesse que passar as pernas por cima das dele. Montada sobre as pernas de Vieira, sem contudo sentar-se sobre elas, braços apoiados nas laterais do boxe, Flor encostou delicadamente os grandes lábios na glândula de Vieira, num beijo genital, e, dessa vez sem pedir licença, fez-se penetrar até o fundo, iniciando um movimento lento e suave que apenas sua juventude permitia, como um êmbolo ganhando velocidade, sem que em momento algum a mais leve pressão fosse exercida sobre as pernas machucadas de Vieira, até o gozo final. Permaneceram na mesma posição, a água caindo entre os dois, os músculos da perna de Flor tremendo pela contração continuada. Quando ela se levantou, Vieira deixou-se ficar, inclinando ligeiramente o corpo de modo que a água caísse diretamente sobre as costas. Sentia-se esvaziado de pensamento, a única coisa que contava era o corpo, que relaxado pelo prazer começou a doer nos pontos mais críticos. O primeiro pensamento que surgiu foi: “Essa mulher será minha até que a morte nos separe”.

Depois de enxugar e vestir Vieira, Flor arrumou os travesseiros na cabeceira da cama para que ele pudesse assistir ao telejornal. Vieira sentia várias partes do corpo doerem, mas todas as partes e recantos da alma se regozijavam. O ferimento nos lábios e os dentes quebrados dificultavam a ingestão de alimento sólido, Flor segurava o prato de sopa enquanto Vieira, a mão trêmula pelo esforço anterior, tentava levar a colher à boca sem derramar na camisa.

— Merda, parece até que estou com aquela porra de Parkinson.

— O que é isso?

— Uma merda de doença que dá em velho e ele fica tremendo.

— Querido, depois do que você fez lá no banheiro, pode tremer à vontade. Quer que eu prepare uma gemada?

— Gemada? Porra, Flor, você vem com cada uma... gemada... tem tanto tempo que não ouço isso... Você é mesmo do cacete, primeiro

me pede licença para ficar nua, depois me oferece gemada... só falta chamar meu pau de senhor.

A cada comentário, Flor fazia um trejeito dengoso. Quando se despediu, antes de começar o telejornal, já na porta, jogou um beijo, dizendo:

— Querido, se o delegado seu amigo aparecer, peça a ele para não ser tão insistente.

— Espinosa? O que tem ele, merda?

— Nada não, meu bem, é que ele vive me convocando para ir à delegacia, não sei o que ele tanto quer... já estive até no meu apartamento.

— No seu apartamento? Fazendo o quê, ora porras? Ele te molestou?

— Não, claro que não, ele é muito educado... mas é um bocado insistente. Eu só queria que ele aliviasse um pouco. — E já no corredor, apenas a cabeça no vão da porta: — Liga não, bem, polícia é assim mesmo, ainda bem que você não está mais lá.

E fechou a porta depois de fazer um biquinho à guisa de beijo.

— Espinosa! Telefone!

Já era quase hora do almoço quando Espinosa foi andando sem pressa em direção à sala onde passara o dia anterior despachando processos.

— Alô.

— Espinosa?

— É.

— Clodoaldo. Seu menino está vivo. Sobre o homem, não descobri coisa alguma. Estou falando de um telefone público. Amanhã estarei novamente na avenida Atlântica. Tchau. — Clodoaldo falava como se estivesse ditando o texto de um telegrama.

Apesar da economia da mensagem, o essencial fora dito, e a hipótese de o menino ter se esquivado à sua proteção estava se confirmando; mas, independentemente do motivo que levara o garoto a afastar-se, a verdade é que naquele momento Espinosa estava se sentindo grandemente aliviado. Deixou uma mensagem para Kika: “Menino vivo. Espinosa”, e saiu em seguida; para nada, nem mesmo para almoçar, apesar de estar na hora, apenas para desafogar o espírito; precisava caminhar um pouco, não se importando com o sol de meio-dia no mês de dezembro. Havia uma loja de comida a quilo bem em frente à delegacia, mas naquele momento estava precisando de espaço para pensar. Na outra delegacia, costumava sentar-se na praça, de frente para o cais do porto; agora, bastava caminhar duas quadras e tinha a praia de Copacabana à sua disposição, com o mar estendendo-se até onde a vista alcançava. Pensava melhor olhando para longe; numa sala fechada, sentia as idéias esbarrarem nas paredes e voltarem sobre elas mesmas em ondas.

Assim que chegou à calçada, dobrou à esquerda e somou-se à massa das pessoas que se encaminhavam aos seus lugares de almoço. Sentia-se perfeitamente bem na multidão. Ao contrário da maioria, não se sentia sufocado, oprimido ou ameaçado; o sentimento era de paz. O barulho dos carros, as vozes dos transeuntes, os gritos dos vendedores ambulantes, o som saído das lojas, a trepidação do tráfego, tudo isso, ao invés de atormentá-lo, funcionava como um conjunto sem forma, homogêneo e contínuo, uma espécie de ruído de aparelho de ar condicionado que elimina o barulho externo e que não é, ele próprio, ouvido. Mesmo visualmente, quando assim o desejava, a fantástica variedade de objetos visuais, incluindo-se aí as pessoas, era destituída de qualidades e funcionava como um fundo indiferenciado. A experiência de estar no meio da multidão poderia em certos momentos ser comparável à de estar numa praia deserta.

O contraste entre a avenida Copacabana e a avenida Atlântica, naquela hora do dia, era gritante; enquanto a primeira estava repleta de pessoas às voltas com o trabalho, a segunda era tomada pelos turistas e pessoas em férias. Depois de passar no McDonald's e comprar sanduíche e refrigerante duplos, procurou um banco à

sombra no calçadão da praia, junto aos prédios. À sua frente, o espaço feito de céu e mar, imenso, livre do constrangimento das paredes, permitia a seu pensamento correr à vontade; mas nem por isso foi muito longe, ficou por ali mesmo, não muito distante de onde o menino desaparecera. E estava vivo. O estilo telegráfico de Clodoaldo não permitira detalhes. Como soubera que o menino estava vivo? Através de terceiros? Vira ele mesmo o garoto? Chegaram a se falar? Teria que esperar o dia seguinte. Enquanto pensava e esperava, empreendia uma luta desesperada para abocanhar o sanduíche de dois andares sem que uma pasta cor de rosa espirrasse pelos lados sobre sua roupa. Era uma tarefa que exigia prática de veterano e ele era o homem indicado para a missão.

O mar estava calmo, poucos banhistas dentro d'água, sinal de que estava fria. Nenhuma embarcação à vista, os únicos recortes contra o horizonte eram as ilhas do Farol e Cagarras. Não tivera dificuldade para encontrar o banco à sombra da generosa amendoeira; àquela hora do dia, com o calor que estava fazendo, quem estava na orla marítima era para gozar as delícias da praia e não para ficar de paletó, sentado num banco de cimento almoçando sanduíche. Mas não fazia aquilo de má vontade, sentia prazer em olhar o verde e o azul se misturarem no espaço à sua frente, enquanto deixava o pensamento vagar livremente. Saídas como aquela não eram propriamente “para pensar”, sabia da dificuldade que tinha para manter o pensamento dentro dos padrões mínimos de racionalidade; não que fosse ou se julgasse louco, em absoluto, era até mesmo apontado pelos colegas como exemplo de policial que usava mais a cabeça do que as mãos; mas o que os colegas não sabiam era que nele o imaginário atropelava de tal modo o raciocínio lógico que chegava a duvidar de ter empreendido algum dia uma seqüência de pensamento considerada por ele como puramente lógica. A escolha da avenida Atlântica como local para refletir sobre o menino fora em função de melhores condições para “concentrar sua atenção” no caso, concentração que não resistiu mais de um minuto. O enlace associativo entre o menino e Kika não encontrava resistência, e, uma vez de posse da idéia de Kika, os caminhos da fantasia estavam todos

franqueados. Antes mesmo de terminar de comer o sanduíche, já estava com Kika em praias selvagens de países distantes. Terminado o lanche e constatada a distância em que se encontrava de qualquer coisa que dissesse respeito ao menino, decidiu voltar para a delegacia e esperar pelo dia seguinte, quando a presença maciça de Clodoaldo funcionaria como princípio de realidade.

À noite, deitado no sofá da sala, o pensamento de Espinosa passava de um menino a outro, do que morrera por engano ao que sobrevivera por engano; e procurava traçar o perfil de alguém que joga gasolina numa criança dormindo. Conhecia os grupos matadores de mendigos, homossexuais, prostitutas e meninos de rua, e sabia do número surpreendente de pessoas incendiadas enquanto dormiam nas ruas das grandes cidades, mas não acreditava em coincidências como aquela. Aquele garoto fora morto porque alguém supunha que ele soubesse de alguma coisa que ameaçava um terceiro. Lembrou-se de uma reportagem sobre atentados contra pessoas que dormiam na rua; fazia referência a dez atentados a fogo por mês, e a pergunta imediata foi: quem faz isso? As respostas possíveis foram aflorando: grupos de extrema direita, loucos incendiários, psicopatas, menores delinqüentes, membros de seitas religiosas, racistas... e a lista se aproximava perigosamente das pessoas que encontramos a todo momento nas ruas, no ônibus, no trabalho, e até mesmo nas igrejas, pregando o amor universal.

Apesar das janelas abertas, sentiu suor no pescoço. Tirou a camisa e pegou uma cerveja na geladeira. O sofá estava quente, preferiu a cadeira de balanço. Depois de alguns minutos, a palhinha do encosto começou a provocar coceira nas costas, levantou-se e ficou em pé no balcão da janela francesa olhando as pequenas luzes no morro, acima dos prédios, ao longe. Em pouco tempo a cerveja também estava quente. Kika cumpria uma órbita elíptica, em certos momentos estava próxima a ponto de quase se tocarem; em outros estava distante, a ponto de quase não ser visível. Não havia propriamente encontro. Deixou a cerveja pela metade, foi ao banheiro molhar o rosto e o

pescoço, voltou à sala, entrou na cozinha, verificou a geladeira, voltou para o balcão. Como teria sido se Kika tivesse entrado?

Mais uma vez, suas reflexões foram interrompidas pelo telefone. Kika propondo antecipar o encontro, pensou. Kika dizendo que já se sentia pronta para entrar no apartamento, pensou. A certeza era tamanha que nem sequer percebeu, de imediato, que a voz não era a mesma.

— É o delegado Espinosa?

— É.

— Quem está falando aqui é Vanessa.

— Vanessa?

— O porteiro me deu o seu cartão; disse que o senhor queria falar comigo.

— Ah sim, obrigado por ter ligado.

— Ainda quer?

— Quero o quê?

— Falar comigo.

— Claro, desculpe, é que confundi sua voz com a de outra pessoa.

— É sobre Magali que o senhor quer falar? — A voz era suave e segura.

— É.

— Era minha amiga.

— Eu sei, por isso quero conversar com você. Pode me esperar amanhã ao meio-dia na portaria do seu prédio?

Contrariamente ao procedimento-padrão, Espinosa preferia uma primeira aproximação fora da delegacia, a não ser em casos de interrogatórios e depoimentos oficiais. A pessoa convocada a comparecer a uma delegacia de polícia, independentemente do grau de envolvimento, adota sempre uma atitude defensiva. Fora do ambiente policial, mesmo sabendo estar conversando com um

policial, é capaz de dizer coisas que não diria na delegacia. A tática valia sobretudo para situações como aquela.

Chegou à avenida Atlântica precisamente às dez da manhã. Não que tivesse marcado hora, mas achou que daquela forma teria bastante tempo antes do encontro com a amiga de Magali. O único lugar disponível para estacionar, nas três quadras mais próximas, tinha uma placa demarcando o espaço de vagas reservadas para a representação diplomática de um país da Europa central recentemente dividido em dois. Ocupou a vaga de um dos países e avisou o guardador, o mesmo a quem dera uma boa gorjeta, que estaria por perto. Divisou alguns meninos na calçada oposta, junto à areia, mas não viu Clodoaldo. Atravessou as duas pistas e se aproximou do grupo. Dos quatro meninos, reconheceu e foi reconhecido por um deles. Clodoaldo não tinha chegado. Às vezes acontecia de ele aparecer mais tarde, mas sempre vinha. Espinosa saiu à procura de uma padaria; lembrara-se do grande saco de pães que Clodoaldo tinha nas mãos no último encontro.

Onze e meia, o sol esquentava o teto do carro a ponto de ele não poder encostar a mão. Espinosa tentara, sem resultados positivos, fazer os meninos falarem sobre a morte do colega. Eram capazes de conversar sobre o dia-a-dia da sobrevivência, mas, quando suspeitavam que o assunto se aproximava de temas que podiam ameaçá-los, silenciavam ou simplesmente corriam em direção a um carro parado no sinal para pedir dinheiro ao motorista. Avisou que voltaria à tarde e partiu para o encontro com Vanessa, esperando que fosse mais proveitoso.

Ao contrário de Flor, cujas formas eram angulosas, Vanessa era curvilínea. Não era gorda, mas toda feita de curvas suaves e delicadas. O rosto não era particularmente bonito, mas a boca e o olhar eram extremamente insinuantes. O conjunto era agradável e de aparência saudável. Deveria ter no máximo vinte e cinco anos. Essa foi a

impressão geral tida por Espinosa ao cumprimentá-la na portaria do prédio.

A primeira troca de palavras foi para se apresentarem. Quando Espinosa mencionou Magali, Vanessa disse apenas: “Era como se fosse minha irmã mais velha”. A frase soou familiar.

— Você já almoçou? — perguntou Espinosa.

— Ainda não; almoço pouco; às vezes só uma salada.

— Então te convido para comer um sanduíche ou, se preferir, uma salada no Cervantes, ali do outro lado da rua.

A prontidão com que olhou na direção do restaurante, situado a não mais de cinquenta metros de onde se encontravam, indicava que devia freqüentá-lo.

— Gosto de lá. — E atravessaram a rua Barata Ribeiro em direção à entrada do restaurante.

Até se sentarem e fazerem os pedidos houve cerimônia de parte a parte.

— Vanessa, não sei se...

— Maria Regina, esse é meu nome verdadeiro; Vanessa é nome de guerra.

— E como prefere ser chamada?

— Depende de se você chega como cliente ou como amigo.

— Posso te chamar de Regina?

— É como meus amigos me chamam.

— Não sei se você está a par do modo como sua amiga foi morta.

— Sei dos detalhes... a menos que haja mais algum que vocês não tenham revelado; sei que ela foi encontrada nua, amarrada à cama, com um saco plástico enfiado na cabeça; e que morreu sufocada.

— Há o detalhe do gás paralisante.

— Também sabia disso. O fato de o assassino ter feito ela dormir para depois matá-la não diminui em nada o meu horror; ao contrário, torna o crime ainda mais terrível.

— Você tem idéia de quem possa ter feito aquilo?

— Não. Ninguém que fosse nosso conhecido faria aquilo. É preciso ser muito doente. Com certeza o filho da puta ficou tocando punheta enquanto ela se debatia. Na minha opinião, foi algum cliente desconhecido.

— Os porteiros não viram ela chegar e nem viram nenhum estranho sair de madrugada.

— O porteiro da noite é ótima pessoa, mas passa mais tempo no quarto do que na portaria. Qualquer pessoa que tenha a chave entra sem que ele veja.

— Qualquer pessoa que tenha a chave.

— Ele pode ter chegado junto com ela. Para sair, não há necessidade de chave, a porta abre por dentro.

— É nisso que você acredita? Um assassinato fortuito cometido por um desconhecido?

— Pelo menos é nisso que eu gostaria de acreditar. Não tenho religião; acredito nas pessoas, não suportaria saber que um amigo ou conhecido fez aquilo.

— Quando foi a última vez em que você esteve com ela?

— Foi na véspera. Descemos no mesmo elevador. Ela ia jantar com Vieira.

— Parecia bem?

— Muito bem. Adorava as noites de sexta-feira, quando saía com ele para jantar.

— Você conhece bem Vieira?

— Não sei se conheço bem, mas conheço há muito tempo, desde que começaram a sair juntos.

— E o que você acha dele?

— Com aquela aparência de grosseirão, é uma das almas mais delicadas que conheci.

— Costumava sair com eles?

— Poucas vezes.

— E a amiga de vocês, Flor?

— Não é minha amiga. Era amiga de Magali, se é que algum dia foi amiga de alguém.

— Você não gosta dela?

— Nem gosto nem desgosto. Ela é estranha, parece que nada a toca de verdade. Na minha terra chamam uma pessoa assim de folha de taioba, você enfia n'água e ela sai seca.

— Você é de onde?

— Sou de Minas.

— Só mais uma pergunta: onde você estava na noite do crime?

— No meu apartamento, dormindo, sozinha. Você tem muita confiança em você mesmo para fazer uma pergunta dessas e achar que vamos continuar a conversar.

— E não vamos?

— Quando quiser conversar novamente, pode deixar mais um bilhete com o porteiro. — Levantou-se e saiu. Sem pressa. Sem fazer cara de indignada.

Espinosa terminou de comer o sanduíche achando que a última pergunta poderia ter sido evitada ou adiada mas achando também que, para ter provocado uma retirada tão imediata, devia ter tocado fundo a alma de Regina ou Vanessa (talvez não fossem as mesmas). O encontro, e talvez a amizade, durara exatos vinte minutos, um recorde levando-se em conta o muito que ainda queria perguntar. Saiu do restaurante torcendo para não terem rebocado o carro, estacionado num lugar tão inconveniente que nem sequer tinha placa de proibido, e também para ter mais sorte com Clodoaldo do que tivera com Vanessa.

O carro estava no mesmo lugar e sem muita pregada no pára-brisa. Não levou nem dez minutos até o ponto de encontro de Clodoaldo com os meninos, mas nem foi preciso desligar o motor, o guardador se aproximou fazendo sinal com o dedo de que Clodoaldo ainda não chegara. Os meninos não estavam à vista. Achou

desnecessário deixar um recado. Ponderou que talvez aquele não fosse o seu dia de sorte. Voltou à delegacia.

Ao anoitecer, em vez de ir para casa, decidiu passar mais uma vez no ponto de encontro de Clodoaldo com os meninos de rua. Percorreu de carro as quadras próximas e um trecho da pista junto à praia; não avistou nem Clodoaldo nem os meninos. Pensou na possibilidade de terem mudado de ponto, o que entrava em choque com a afirmação feita na véspera, segundo a qual estaria no mesmo lugar da avenida Atlântica. A ausência das crianças poderia ser devida ao fato de Clodoaldo ter faltado ao encontro, o que era raro. Contornou a quadra e pegou a avenida Copacabana.

Com a proximidade do Natal e as lojas abertas à noite, o movimento no bairro aumentara consideravelmente, sobretudo nas ruas de comércio mais intenso. Gente e automóveis se misturavam num movimento contínuo em câmara lenta. Enquanto esperava o sinal abrir, pessoas carregadas de embrulhos cruzavam a faixa de pedestres à sua frente. Pensou em comprar um presente de Natal para Kika. Foram poucos os natais com a mulher e o filho pequeno; e os passados junto aos pais estavam suficientemente distantes para a memória e o imaginário se misturarem, confundindo acontecimentos e desejos. Lembrava-se mais dos natais passados com a avó, nos anos em que moraram juntos. Ela se esforçava para que a data não fosse triste. Depois de sua morte, excetuando-se os poucos anos em que ficara casado, nunca mais comemorara o Natal. Faltavam-lhe fé e gente.

Conduziu o carro com lentidão pela avenida Copacabana até o bairro Peixoto. Mesmo na tranquilidade da praça sentia-se um movimento extra. Encimando a porta de entrada do prédio, uma pequena coroa feita com ramos de pinheiros da qual pendiam três bolas brilhantes e coloridas era a manifestação anual do espírito natalino do síndico. Ficou pensando em sua figura metódica retirando todo mês de dezembro uma caixa da parte mais alta do armário, desfazendo o laço do barbante, para em seguida retirar do interior da caixa o enfeite de Natal pronto para ornamentar o prédio.

Abriu a porta do apartamento como se fosse nela que o enfeite estava dependurado. Dentro, apenas o calor de dezembro. Havia dois recados na secretária, ambos podendo ser apagados sem que sua vida fosse privada do mais insignificante elemento.

Várias imagens disputavam a primazia da subjetividade de Espinosa naquele momento; a de Kika, que mesmo quando desalojada pelas outras tinha o poder de voltar ao primeiro plano; a do menino, que com o passar dos dias ficava menos nítida (Espinosa constatou que mesmo num esforço voluntário de memória a figura do menino se tornava cada vez menos delineada); a de Clodoaldo, forte e bem nítida mas não persistente; e a de uma nova figura que fazia sua entrada em cena: Vanessa. Esses não eram os únicos nem os principais habitantes do mundo imaginário de Espinosa, mas eram os que naquele momento ocupavam a cena.

Quando entrou no chuveiro ainda tentava adivinhar o motivo da falta de Clodoaldo ao encontro marcado. Educadores de rua não trabalham em escritórios nem têm endereço fixo, mas exatamente por isso cumprem rigorosamente os compromissos em sua prática itinerante. Eles próprios são a instituição, e sua presença assinala o endereço. O que achou estranho foi a falta de Clodoaldo ter sido concomitante à descoberta do paradeiro do menino. Procurou convencer-se de que um fato nada tinha a ver com o outro.

No telefonema da véspera, com Kika, ficara mais ou menos combinado um encontro; e já passava das oito horas da noite sem que nenhuma confirmação tivesse sido feita. Como os últimos telefonemas haviam partido dela, Espinosa decidiu tomar a iniciativa. Deixou uma mensagem na central de recados, abriu uma cerveja e estava se acomodando na poltrona quando o telefone tocou. Era Kika. Ainda não recebera o recado. Estava telefonando para confirmar o encontro.

No entanto, às nove e meia da noite, hora combinada, Espinosa estacionava o carro no início da avenida Atlântica para um outro encontro. Ainda em casa, ficara na dúvida entre atender o telefone e deixar a secretária registrar o recado, Kika esperava por ele. Atendera. Uma mensagem gravada anunciava uma chamada a cobrar e, em

seguida, a voz fraca e hesitante que Espinosa identificou imediatamente:

— Delegado?

— É.

— Clodoaldo me deu seu telefone...

— Você está bem?

— Acho... estou.

— Onde você está?

— Na praia...

— No mesmo lugar da última vez?

— Não. Estou no Leme. Na areia. Junto à pedra... Clodoaldo me deu seu telefone.

— Tudo bem, não saia daí, vou te buscar.

Não prestou atenção nos ruídos de fundo, o menino podia estar telefonando de um dos aparelhos instalados na areia, ou da pequena praça em frente ao forte do Leme; nem sequer perguntara se ele estava sozinho. Depois de deixar um recado para Kika, rumou para o novo encontro. No caminho, com o máximo de velocidade que o trânsito permitia censurou-se por não ter feito outras perguntas. O carro ficava mais tempo parado do que andando; pensou em abandoná-lo e completar o percurso a pé, mas não podia deixar o automóvel no meio da rua. Levou mais de vinte minutos para chegar ao local indicado pelo menino. As vagas junto à calçada estavam tomadas pelos casais de namorados; estacionou de qualquer maneira, próximo a um ponto de ônibus, deixando o carro aberto. O menino dissera “junto à pedra”. Encaminhou-se em direção ao grande morro de pedra onde começa a praia de Copacabana, varrendo com o olhar a extensão de areia iluminada pelos refletores. Foi preciso aproximar-se do grande morro de pedra para distinguir a imagem pequena e encolhida do menino sentado na areia. Na verdade, não dava para identificar ninguém àquela distância e à noite, mas achou que pelo tamanho e pela localização a pessoa encostada na pedra devia ser ele. A pouco mais de vinte metros de distância, desceu do calçadão para a

areia, ao mesmo tempo que acenava para o garoto. À medida que avançava pela areia, era invadido por um mal-estar indefinido, ao mesmo tempo que procurava convencer-se de que estava tudo bem. Quanto mais se aproximava, mais aumentavam o mal-estar e o sentimento de estranheza pela imobilidade da criança, cabeça caída sobre o peito. Quando o alcançou, não foi necessário tocar o corpo frágil e desprotegido para ver que estava morto, a parte de trás da cabeça empapada de sangue. A estupefação de Espinosa foi dupla; pelo fato de o menino estar morto e pelo fato de ele ter sido morto pelas pancadas da cabeça na pedra.

A iluminação da praia fazia a cena parecer artificial, como num set de filmagem; as cores exageradas pelos refletores contrastavam com a pedra escura; a luz forte tornava a areia ainda mais branca, dando uma transparência verde-piscina às ondas quebrando na praia contra a escuridão indistinta de céu e mar para além da arrebenção. O menino estava com as duas mãos sobre o colo, como se o assassino as tivesse ajeitado; não havia sangue na areia, nem sinal evidente de luta; a roupa pouca e pobre nem sequer estava em desalinho.

Espinosa permaneceu sentado na areia ao lado do corpo, encostado na pedra, tão imóvel quanto ele. Quem olhasse de longe imaginaria talvez pai e filho conversando; não seria capaz de adivinhar que um deles não podia mais falar.

Quando os primeiros policiais chegaram, encontraram Espinosa sentado na areia, lado a lado com o menino, como se estivesse contemplando o céu; mas a cabeça do menino pendia sobre o peito. A perícia fora chamada, mas não havia muito a ser acrescentado à cena que se oferecia a qualquer olhar. Para Espinosa havia pouca dúvida quanto ao menino ter sido morto sentado, exatamente na posição em que fora encontrado. O assassino, certamente um adulto, pegara sua cabeça pela frente, com uma das mãos, e batera fortemente contra a pedra, provavelmente mais de uma vez.

Não havia sinal de o corpo ter sido arrastado até onde se encontrava, assim como não havia sangue na areia; a roupa estava de modo a indicar não ter havido luta, o que seria percebido pelas pessoas que passeavam pela calçada; e o espancamento de uma criança por um adulto certamente seria presenciado pelos casais de namorados sentados nos bancos da praia, mas não o movimento rápido de bater com a cabeça contra a pedra. Havia ainda o sentinela do forte do Leme que teria sua atenção despertada por algum movimento exagerado próximo ao seu posto.

O menino tinha a parte de trás da cabeça esmagada. Agressor e vítima deveriam estar sentados bem próximos, um ao lado do outro, e teria bastado ao menino um momento de desatenção ou de confiança para ter a cabeça arremessada para trás.

Somente quando o número de viaturas policiais aumentou, foi que os transeuntes tiveram a atenção voltada para o corpo encostado na pedra. Nenhum deles notara qualquer coisa suspeita, assim como ninguém foi capaz de fornecer a mínima indicação quanto ao acompanhante do garoto.

Espinosa permaneceu no local até o corpo ser removido. Em seguida percorreu os arredores, inquirindo os ocupantes dos carros, interrompendo namoros, interpelando ambulantes, empregadas domésticas, passantes e curiosos; procurando junto à água pescadores noturnos com suas longas varas enfiadas na areia; voltando a falar com o sentinela (que já não era mais o mesmo), e num último gesto, inútil, olhando para o alto, na direção dos prédios da avenida Atlântica, na expectativa de ver algum morador lhe acenando porque presenciara de sua varanda, com poderosos binóculos, um menino de rua ser assassinado.

Passava de uma hora da manhã quando Espinosa entrou no carro, de volta para casa. Mas não era o que tinha vontade de fazer, queria procurar os outros meninos de rua na esperança de colher algum fragmento de informação; queria sobretudo encontrar Clodoaldo, cujo desaparecimento lhe parecia tão enigmático quanto a morte do garoto; queria ainda passar na Casa de Acolhida, talvez tivessem algo

a informar; mas sabia que o que tinha a fazer no momento era voltar para casa e tentar dormir.

Voltou, mas não conseguiu dormir. As perguntas eram muito numerosas e as respostas inexistentes. Sentia sobretudo uma enorme perplexidade com o que estava acontecendo. Três pessoas haviam morrido, uma quarta fora brutalmente espancada e outra mais desaparecera, sem que houvesse nenhuma relação conhecida entre os acontecimentos e sem que se soubesse o motivo de cada um deles isoladamente. Sobre a morte de Magali, pairava o mais absoluto mistério; Vieira não era verdadeiramente um suspeito. O assassinato do menino enquanto dormia dificilmente poderia ser creditado ao homem da carteira; por que motivo ele mataria, e de forma tão bárbara, um menino de rua? Pelo fato de tê-lo confundido com o outro que andava atrás dele? Mas que importância tinha para ele esse outro menino? Para culminar, a morte do segundo menino, pessoa sem nenhuma importância na ordem social para ser alvo de um atentado tão cruel. Essas eram algumas das perguntas que atormentavam Espinosa quando a primeira luminosidade do dia se insinuou por entre as venezianas do quarto.

4

A recuperação de Vieira estava se fazendo de forma surpreendente. Com a prótese provisória nos dentes e os cuidados dispensados por Flor, restavam poucos sinais da agressão sofrida havia menos de uma semana.

— Que merda, Espinosa, como é que depois de trinta anos de polícia eu caio numa dessas?

— Ainda sente dores?

— No corpo não, só na alma.

— Isso se resolve, você está com uma excelente enfermeira. — Pensou que aquela talvez não fosse uma boa observação.

Espinosa sabia o quanto era difícil para Vieira não ser espontâneo, e sentia com a maior clareza que o delegado não estava exibindo sua performance costumeira, o que apenas aumentava a desconfiança de que alguma coisa o estava entretendo, algo que nada tinha a ver com a agressão sofrida.

Eram dez e meia da manhã, Vieira estava só, tomara banho e acabara de se vestir quando abriu a porta para Espinosa. Depois da troca inicial de palavras, o velho ficou esperando. Mesmo continuando a falar, estava atento ao que Espinosa viera dizer, conhecia as pessoas o suficiente para distinguir uma visita social de uma visita profissional.

Antes de falar na morte do menino, Espinosa perguntou sobre Vanessa, o que não deixou de ser uma surpresa para Vieira. Não se deu conta, imediatamente, de quem se tratava; levou alguns segundos até encaixar a moça na série dos acontecimentos.

— Conheço pouco. Saiu conosco algumas vezes, não muitas; parece ser uma boa menina e era muito amiga de Magali. Mora no mesmo prédio. Não sei muito mais. Aconteceu alguma coisa com ela?

— Não. Ela também é amiga de Flor?

— Não que eu saiba.

— Nunca saíram os quatro juntos?

— Porra, Espinosa, acho que você não está acreditando em mim. Até duas semanas atrás eu mal sabia quem era Flor; quando me telefonou eu não sabia de quem se tratava. O mesmo se aplica a essa moça Vanessa; tenho uma vaga lembrança de como ela é, e tenho certeza de que se cruzar com ela na rua não serei capaz de reconhecer. Por que porra do caralho ela foi aparecer agora?

— Não apareceu agora, sempre esteve aí, era amiga e gostava muito de Magali, só está querendo ajudar.

— E por que só agora resolveu ajudar?

— Porque, segundo ela, ficou muito chocada com a morte da amiga e foi passar uns dias com a família.

— E agora, refeita do trauma, decidiu colaborar?

— Mais ou menos. Não foi um oferecimento espontâneo. Fui à sua procura. E, antes que você me pergunte como eu soube da existência dela, foi o porteiro do prédio quem falou da amizade das duas. E devo acrescentar que ela não gostou de mim, me largou falando sozinho enquanto comíamos um sanduíche.

— Isso é um bom sinal. Você provavelmente perguntou a ela, enquanto o sanduíche não vinha, onde ela estava na hora em que a amiga foi assassinada.

— Foi isso mesmo.

— Porra, Espinosa, pode parecer lugar-comum, mas puta também tem sentimentos.

— Fui rápido demais.

— E parece que não foi só com ela. Você já apareceu no apartamento de Flor à procura de uma chave, e deu-lhe uns apertões

na delegacia que fizeram ela voltar com um advogado. Do que você desconfia? De um complô de putas? Admito que, tirando eu próprio, você não tem nenhum suspeito, mas isso não é motivo para você sair por aí espremendo as moças.

Espinosa percebeu que estava recebendo uma dose extra de crítica, sabia que era por conta do que fizera a Flor, assim como não tinha dúvidas da cobrança indireta que estava se fazendo naquele momento. Fazia parte do jogo.

O apartamento de Vieira estava quente, só havia ar- condicionado no quarto, e Espinosa não estava disposto a discutir questões como aquelas sentado na cama daquele que formalmente era o único suspeito. Tirou o paletó e permaneceu na pequena sala, o mais próximo possível da única janela.

— Mataram o menino.

— O quê?

— Mataram o menino.

— Qual menino?

— O da carteira... esmagaram a cabeça dele contra uma pedreira.

— Puta que pariu... era uma criança... por quê?

Espinosa contou o que sabia e como encontrara o menino. Vieira ouviu em silêncio, sem fazer apartes.

— Pode ser trabalho do mesmo sujeito que me agrediu; os estilos são parecidos; o cara que dá porrada num homem de cabelos brancos até deixá-lo quebrado pode ser o mesmo que bate com a cabeça de uma criança contra a pedra.

— Concordo com você. Mas o que me deixa intrigado é que, segundo a descrição de Kika, o homem que perseguia o menino era esguio de corpo, bem vestido, e guardou no bolso algo que ela descreveu como sendo um canivete ou uma faca. Não faz o tipo do espancador.

— E qual é o problema? Pode ter contratado alguém para fazer o serviço.

— Continuo achando que não faz sentido. Pense bem, esse primeiro homem não tem a menor idéia de que o menino está a par da história da carteira. A única coisa que o menino fez foi segui-lo pelas ruas de Copacabana. Por esse único motivo, um menino é morto incendiado enquanto dormia e outro tem a cabeça esmagada; são reações absurdamente desmedidas para um incômodo tão pequeno; isso se admitirmos que a mesma pessoa matou os dois meninos, caso contrário a situação torna-se ainda mais caótica.

Espinosa e Vieira discutiram, durante mais de uma hora, as várias hipóteses sobre a série de acontecimentos desde a perda da carteira. Em vez de a cada hipótese surgir uma possível conclusão, surgiam novas hipóteses para cobrir as lacunas deixadas pelas hipóteses anteriores.

O objetivo principal da visita a Vieira fora o de verificar uma suspeita secundária mas nem por isso desimportante: se Flor estava realmente querendo que o novo amante ficasse com ciúmes de Espinosa. Ficou claro que estava. Mas o que Espinosa sabia e ela talvez não soubesse era que essas estratégias eram de eficácia duvidosa, além de pouco duráveis numa personalidade anárquica como a de Vieira. De qualquer maneira, estava decidido a redobrar os cuidados no trato com Flor; Vieira tinha sido ferido no seu orgulho de policial exatamente no momento em que se sentia mais ameaçado pela proximidade da velhice; Flor era seu amuleto contra a morte; não havia por que colocar à prova seus limites.

A preocupação principal de Espinosa, no momento, era Kika, embora considerasse pouco provável algum tipo de atentado por parte do homem apenas por ela proteger o menino; mas ao mesmo tempo considerou que esse raciocínio não era aplicável a alguém que mata uma criança a pancadas. Deixou um recado para ela.

Passava do meio-dia quando entrou no carro e rumou para a delegacia, comeria alguma coisa por perto; no caminho pensou na possibilidade de o seu caso serem vários casos sem nenhuma conexão um com o outro, coisa na qual já pensara várias vezes mas sem levar a sério. Apesar da hora, o trânsito fluiu no curto percurso até a rua Hilário de Gouveia. Estacionou o carro numa vaga duvidosa

próxima à delegacia, mas antes de entrar caminhou mais uma quadra e voltou carregando um pequeno saco de papel contendo sanduíche, batatas fritas e milk-shake. Achou que o almoço combinava com o dia, já que a sexta-feira estava com jeito de segunda.

Os resultados informais e muito provisórios que conseguira obter por telefone, tanto da perícia como da autópsia, não acrescentaram nada de substancial ao quadro esboçado por ele próprio no local. Fez sua equipe acionar a malha de informantes, no sentido de obter qualquer informação referente a cada uma das mortes e de estabelecer alguma ligação entre elas.

Até então a imprensa não relacionara as mortes. Na verdade, nem o próprio Espinosa encontrara um elo, mesmo que frágil, capaz de ligá-las; o único elemento que funcionava como ponto de união entre os diferentes acontecimentos era ele próprio, Espinosa. O que ele temia era uma exploração espetacular daquelas mortes por parte da imprensa, caso alguém sugerisse que eram obra de um *serial killer*. Considerou a possibilidade de elaborar alguma história minimamente inteligente para o caso de isso vir a acontecer. O telefonema de Kika surpreendeu-o em meio à primeira tentativa de elaboração.

— Pensei que você tivesse desistido ou esquecido de mim. Confesso que a segunda hipótese me aterrorizava mais.

— Não diga bobagem, preciso falar com você pessoalmente e é importante que seja antes de armar seu estande hoje à noite.

— Está bem, podemos nos encontrar antes de eu sair para Copacabana.

— Ótimo, pego você às seis e meia em frente ao seu prédio.

A outra coisa urgente a fazer era encontrar Clodoaldo. Fez a lista das entidades de assistência a meninos de rua, eliminou as que sabia não serem freqüentadas por ele, e começou a ligar. A lista não era grande e não levou muito tempo para constatar que sabiam tanto do paradeiro de Clodoaldo quanto ele. Resolveu passar pelo ponto de encontro da avenida Atlântica para tentar obter algo dos meninos. Tornou a pegar o carro e rumou para as proximidades da galeria Alaska. Encontrou apenas dois meninos que não estavam presentes

quando do encontro conjunto e, numa quadra próxima, o guardador de carros. Nenhum deles tinha visto ou sabia onde se encontrava Clodoaldo; ele desaparecera sem deixar rastro.

Voltou à delegacia, onde o sentimento de impotência era disfarçado pela quantidade de telefonemas e tarefas distribuídas. Antes de terminar o expediente, aconteceu o que estava temendo. O repórter de um jornal telefonou querendo saber se havia alguma ligação entre as mortes dos dois meninos de rua. Nenhuma. E pôde dar a resposta com a consciência de não estar mentindo. Realmente, não sabia de nenhuma ligação entre elas.

Desceu do carro para cumprimentar Kika e ajudá-la a colocar os quadros no banco traseiro do carro, o que tinha de ser feito com rapidez porque o trânsito na rua do Catete era intenso e não era permitido estacionar.

— Você estava misterioso ao telefone.

— Misterioso? Não falei quase nada.

— Por isso mesmo. Quer dizer, não por isso apenas, você não fala muito mesmo, mas havia um ar de mistério no telefonema.

O carro já se deslocava por uma das transversais em direção à praia do Flamengo, que àquela hora estava com trânsito lento devido ao movimento do centro em direção à zona sul da cidade.

— Talvez você considere misteriosa a pergunta que eu vou fazer.

— Não disse que havia mistério no ar? O que você quer saber?

— Você seria capaz de suspender a exposição dos seus quadros na avenida Atlântica durante algum tempo?

— Agora?

— É.

— Por quê?

— É para sua proteção.

— Mas por quê? O que está acontecendo?

- Mataram o menino.
- O quê?
- O menino foi encontrado morto ontem à noite.
- Como? Quem o encontrou?
- Eu.
- Você?
- Onde? Quem o matou?

Espinosa achou melhor fazer um breve relato do acontecimento, tendo sido impossível ocultar o modo como o menino fora morto. Quando tentou passar por cima do detalhe, foi interrompido por Kika, que exigiu que nada fosse ocultado. Quando o relato chegou ao fim, as lágrimas escorriam por seu rosto imóvel. Apesar do trânsito lento, não falou nada até chegarem a Copacabana.

— Você acha que quem matou o menino vai tentar me matar também?

- Acho que não. Mas não quero você correndo riscos.
- Pra pegar esse filho da puta, vale a pena funcionar como isca.
- Nem pensar.
- Por que não?
- Porque esse sujeito incendiou uma criança dormindo e esmagou a cabeça de outra. Pense nisso.
- Por que ele estaria interessado em me matar?
- Por achar que o menino te contou alguma coisa.
- E que coisa é essa que ele poderia ter me contado?
- Não tenho a menor idéia. E o pior é que na minha opinião o menino também não sabia.
- Você acha que ele morreu por engano?
- Não, quem morreu por engano foi o outro, ele morreu por intenção deliberada do assassino; apenas quem o matou sabia por que estava matando, mas ele não sabia por que estava morrendo.

— Não estou entendendo; nem sei se quero entender; quero que peguem o filho da puta. Não vou me esconder, o menino se escondeu e não adiantou nada.

— Tem certeza de que é isso que você quer?

— Tenho. Além do mais, estamos a uma semana do Natal, é a época em que mais vendemos. Não sou rica, preciso do dinheiro para pagar as minhas contas.

— Nesse caso, fico hoje ao seu lado. Nos outros dias veremos o que fazer.

— Acho que você está exagerando, não há razão para esse sujeito tentar algo contra mim.

— Kika, sujeitos como esse não precisam de razão para os seus atos.

— Se eu fosse homem você me protegeria da mesma forma?

— Não sei se da mesma forma, mas protegeria.

— E se eu me recusar a ser protegida?

— Apenas tornará a tarefa mais difícil.

Ainda estavam dentro do carro, havia um resto de tarde entrando pelos vidros e, apesar do tom rascante do diálogo, Kika olhava para Espinosa de um jeito mais afetuoso que provocador. Gostava da maneira educada como ele se dirigia a ela, gostava do modo de ele falar, quase sem empregar gíria e jamais fazendo uso de palavrão, gostava do modo pouco invasivo de se fazer presente. Pelos vidros abertos entrava também calor. Nenhuma brisa no começo de noite. Era como se o sol tivesse apenas ficado escuro, sem deixar de aquecer os corpos.

— O que acha de comermos alguma coisa antes de você montar seu estande?

— Não conseguiria comer, depois da notícia que vo-cê me trouxe.

— Não precisamos sentar para comer, posso comprar uns sanduíches.

Os primeiros expositores estavam montando seus estandes de venda quando Espinosa chegou carregando os quadros e a armação de metal. Kika tinha nas mãos o saco de papel contendo sanduíches e acompanhamentos.

— Preciso de sua ajuda numa coisa importante — disse Espinosa —, nunca vi o homem que perseguiu o menino, não sei como ele é; caso apareça, você tem que me dar um sinal imediatamente.

A impressão tida por Espinosa foi de que apenas a partir daquele aviso Kika percebeu que corria perigo real, que tinha que ficar atenta, que a presença de um delegado de polícia ao seu lado não era (ou não era apenas) um jogo de sedução; pessoas tinham sido assassinadas. O resto da noite foi tenso, apesar de nada ter acontecido e de cada um sentir prazerosamente a proximidade do outro. Espinosa andava ao redor de Kika como uma mosca-varejeira e, cada vez que via um homem com cabelos pretos e lisos se aproximar, levava a mão ao revólver, esperando que algum gesto, movimento de cabeça ou expressão de Kika sinalizasse negativa ou positivamente. Quando, no final da noite, entraram no carro, depois de guardarem os apetrechos na garagem, Espinosa pensou que mais uma vez abusara da sorte não pedindo ajuda. No trajeto para o Catete quase não falou, sentia cada músculo do corpo, e, mesmo quando saltou em frente ao prédio de Kika para ajudá-la com os quadros, ainda estava com a atenção inteiramente voltada para os movimentos circundantes.

Madrugada de sábado. Vinte e quatro horas antes encontrara o menino encostado na pedra do Leme, a cabeça esmagada; havia poucos minutos, na mesma praia, desempenhara o papel de protetor da moça, papel em que falhara dias antes com o menino. No caminho de casa parou para tomar um chope; tomaria algo mais forte, mas lembrou-se de que todo o alimento do dia haviam sido dois sanduíches. Tentaria um terceiro.

Teria que esperar até segunda-feira para uma informação mais detalhada sobre a morte do menino, embora não soubesse o que

precisamente esperava que lhe dissessem. A leitura dos jornais não foi além do primeiro caderno, e mesmo assim era incapaz de dizer quais as manchetes principais ou as matérias relevantes. As vozes das crianças brincando na rua entravam pelas janelas abertas, juntamente com a luminosidade e o ar quente da manhã. Bermudas, pés descalços e tronco nu pouco adiantavam contra o calor de dezembro. Corpo e alma formavam uma mistura pegajosa que tornava inviável o funcionamento de qualquer dos registros; pensar era tão penoso quanto correr ou fazer ginástica; ler era impossível; ouvir música, insuportável. Calçou lentamente os tênis mais leves e velhos que tinha, avaliou o estado das bermudas, considerando-as apresentáveis, vasculhou o fundo do armário em busca de um chapéu de pano que remontava ao tempo em que fazia caminhadas pela praia, enfiou algum dinheiro no bolso e saiu disposto a andar para tentar afastar a melancolia prestes a tomar conta do fim de semana. Não era um remédio infalível, mas costumava surtir algum efeito.

Andou pela calçada da praia de Copacabana em direção a Ipanema sob o sol de verão mas com a temperatura não muito elevada graças ao começo de vento sudoeste que ameaçava virar o tempo. Andou em passos não apressados até o canal do Jardim de Alá, que separa Ipanema e Leblon, voltando pelo mesmo caminho, com a vantagem de na volta pegar o sol por trás. O passeio durou pouco mais de duas horas, incluindo duas paradas nos quiosques ao longo da praia para tomar água-de-coco e comer milho cozido. Graças a atributos psíquicos insuspeitados, essas caminhadas não lhe eram propícias à reflexão, embora esta fosse a sua intenção na maioria das vezes em que decidia sair andando ou que sentava em bancos de praça para tentar resolver um problema.

Quando entrou de volta em casa, suado e cansado, seu cão de guarda eletrônico piscava o olho vermelho, o verde era para avisar que não estava dormindo, indicando a existência de recados. Ouviu-os depois de tomar banho. O primeiro recado era de Clodoaldo, dizendo que tinha quase certeza de quem matara o menino, mas que faltava verificar um detalhe que tinha a ver com o homem da carteira. O recado era ambíguo, não ficava claro se o homem da carteira era o

suspeito do assassinato ou se apenas poderia esclarecer um aspecto do crime.

Não fazia sentido, embora não houvesse outro candidato a assassino. Por que o homem mataria o menino? Mais ainda, por que mataria os dois meninos, já que agora não havia mais razão para supor matadores diferentes? O que escapava era a razão do assassinato; pelo menos do último, já que o primeiro fora engano de pessoa. Precisava encontrar Clodoaldo, mesmo porque suspeitava que o amigo estava correndo perigo e que seu desaparecimento tinha a ver com isso. Não seria a primeira vez, e Clodoaldo tinha vasta experiência de como safar-se de situações perigosas. De uma coisa, porém, Espinosa tinha certeza: aquelas mortes nada tinham a ver com a carteira perdida (e achada) de Vieira. Ela fora a causa apontada pelo menino para estar sendo perseguido, mas obviamente não era o verdadeiro motivo. Tornou a ouvir a gravação do recado de Clodoaldo em busca de algum sinal do local da chamada. Nada. Ou melhor, a ausência de ruídos poderia, quando muito, indicar que o telefonema fora feito de uma cabine fechada ou de um apartamento. Clodoaldo nunca revelara a ninguém seu endereço.

Em seguida ao recado de Clodoaldo, vinha o de Kika. Constatou, não sem tristeza, que ele perdera um pouco da intensidade e do poder de chamamento em função do recado anterior. Por outro lado, apesar das recomendações feitas, não podia deixar Kika desprotegida, principalmente se ela resolvesse voltar a expor na avenida Atlântica à noite. Telefonou para o detetive mais novo da equipe, recém-saído da academia de polícia. Não se importou de ser convocado para trabalhar num sábado à noite. O rapaz tinha ainda uma vantagem extra, nascera e crescera em Copacabana; como Espinosa, conhecia a alma do bairro.

Maldonado, este o nome do detetive, era baixo, feio e rijo como um hidrante. Encontrou-se com Espinosa na avenida Atlântica, em frente a uma discoteca da moda, dali iriam juntos até onde Kika expunha seus quadros. Enquanto andavam, Espinosa colocava o rapaz a par dos detalhes da história, pelo menos dos detalhes que julgava pertinentes para a tarefa que ia empreender. O que preocupava o

detetive era o fato de ninguém dispor de uma descrição do suposto assassino melhor do que “trinta anos, cabelos pretos e lisos, estatura mediana”. Se dependesse dessa descrição, sairia prendendo metade dos homens à sua frente. Chegaram ao local antes de Kika. A maioria dos expositores ainda montava as barracas e muitos ainda estavam por chegar. Esperaram por ela na entrada da garagem do prédio onde guardava sua armação de metal. Maldonado percebeu a ansiedade de Espinosa pela demora da moça e, apesar de nunca tê-la visto, passou a olhar em torno preocupado com seu atraso. Quando enfim ela chegou, o entendimento foi imediato. Eram da mesma idade, dispunham do mesmo código e falavam o mesmo dialeto, o que reduzia ao mínimo o ruído na comunicação, ao contrário do que acontecia com Espinosa, que olhava perplexo o imediato entrosamento entre os dois. Kika fez uma breve descrição do homem (a mesma que fizera para Espinosa), o que foi suficiente para Maldonado dispor de um retrato mental preciso e pôr-se de imediato, apesar da baixa estatura, a perscrutar o horizonte.

Espinosa deixou Kika aos cuidados do detetive e saiu para seguir uma intuição, não muito forte segundo avaliou no caminho, mas a única disponível. Se Clodoaldo sabia quem assassinara o menino, não ficaria sentado esperando que fizessem alguma coisa; e o recado na secretária era uma espécie de aviso ou senha de que agiria por conta própria. Havia grande possibilidade de o educador de rua estar campanando o homem da carteira. A avenida Atlântica naquela noite estava ainda mais cheia do que no sábado anterior, e o tempo, que ameaçara virar no começo da tarde, manteve-se firme e a noite estava deslumbrante.

Preferiu ir a pé. Certamente teria mais mobilidade do que deslocando-se de carro por Copacabana num trânsito de sábado à noite. Percorreu com passos regulares as quadras que o separavam da rua Santa Clara; não eram muitas, mas também não eram poucas. Passou pelo restaurante em frente ao qual se dera o episódio da carteira e ao lado de onde o menino fora queimado e morto, caminhou mais uma quadra perpendicularmente à praia até dobrar à direita na avenida Copacabana, sendo que daquele ponto em diante

procurou expor-se o mínimo possível. Um homem parado, olhando para um ponto qualquer, chamaria mais atenção do que alguém se movimentando juntamente com a multidão. Foi o que Espinosa fez na quadra em que ficava o prédio do homem. Primeiro por uma calçada, depois pela calçada oposta, nas duas direções do fluxo, ele andou prestando atenção tanto ao movimento de entrada e saída do prédio como à região circundante, já que o homem poderia também querer certificar-se de não estar sendo vigiado. Numa das idas e vindas percebeu um grupo ou uma família de mendigos pedindo esmolas na calçada oposta à da entrada do prédio; na segunda vez em que passou pelo ponto, notou que tinham ficado apenas as crianças; e na terceira não havia mais ninguém. Foi quando se deu conta de que o mendigo com touca enfiada na cabeça era Clodoaldo. Mas ele tinha sumido. Esses eram os pensamentos de Espinosa enquanto vasculhava as redondezas à procura de Clodoaldo; após contornar a quadra prestando atenção a cada beco, entrada de prédio, garagem e reentrância entre os prédios, convenceu-se de que não podia disputar com o educador de rua o domínio do terreno. Voltou à calçada em frente ao prédio do homem no momento em que as lojas começavam a descer as pesadas grades de ferro das portas, o que foi seguido de um imediato decréscimo do movimento de pedestres. Tinha decidido voltar ao ponto onde estavam Kika e Maldonado quando, numa última olhada em direção à portaria do prédio, teve a segunda surpresa da noite. A pesada porta de ferro e vidro estava se abrindo para dar passagem a Chaves, o detetive encarregado de verificar as possíveis entradas e saídas do homem. Ficou onde estava, tomando cuidado para não ser visto; quando o detetive saiu andando pela avenida Copacabana, foi atrás mantendo uma distância cautelosa. Na metade da quadra seguinte o detetive entrou num ônibus; dando tempo apenas a que seu seguidor anotasse o número da linha. Espinosa retornou ao local da exposição de quadros num passo suficientemente lento para poder pensar sobre os acontecimentos vividos minutos antes. Por que Clodoaldo estava disfarçado de mendigo em frente ao prédio? Por que fugiu ao vê-lo passar? O que fazia o detetive da sua equipe saindo do prédio do homem? Estaria Clodoaldo vigiando não o homem da carteira, mas o detetive?

Um dos inconvenientes de um prédio sem porteiro é que os jornais por assinatura são depositados no térreo, obrigando os moradores a descer para buscá-los, o que pode provocar encontros constrangedores. Mas naquela manhã de domingo nada era mais constrangedor para Espinosa do que ter se deitado na véspera com pelo menos quatro perguntas importantes e não ter, até aquele momento, encontrado resposta para nenhuma delas. Pelo menos a torradeira funcionou a contento e o café estava no ponto certo, o que nem sempre acontecia de forma harmônica; freqüentemente a torradeira torrava o pão e o café ficava fraco, ou o café ficava forte a ponto de tingir a xícara e o pão saltava branco logo depois de ser colocado na torradeira; atingir o perfeito equilíbrio de uma torrada no ponto e um café bem-feito, no mesmo dia, e esse dia ser um domingo era algo a ser comemorado, caso alguma das perguntas levantadas na véspera tivesse sido respondida.

O tempo mudara durante a noite e o céu estava coberto de nuvens cinzentas carregadas. Estava na segunda xícara de café quando começou a chover; de início, gotas esparsas incidindo sobre a proteção de zinco do aparelho de ar condicionado, mas grandes a ponto de serem confundidas com sementes caindo da árvore próxima; aos poucos eles começaram a tingir o piso do pequeno balcão da janela francesa e em minutos o céu escurecera sensivelmente, caindo uma chuva farta e momentaneamente refrescante. Espinosa deixou a janela aberta, mesmo correndo o risco de molhar o tapete da sala; sentou-se de frente para o balcão e ficou olhando para fora; tinha a impressão de estar vendo o mundo através de uma ducha; o prédio mais próximo e o morro distante formavam uma mancha indistinta sem profundidade através da massa d'água à sua frente. O tapete perto da janela estava bastante molhado quando descruzou as pernas esticadas sobre a mesinha em frente ao sofá e se levantou para fechar as portas de vidro; queria continuar vendo a chuva, se fechasse as venezianas teria um pouco mais de ar, mas perderia a vista.

Eram onze horas quando discou o número de Vieira. Atendeu uma voz de mulher. Na fração de segundo necessária para Espinosa identificar a voz de Flor, ela identificou a dele e falou primeiro.

— Delegado Espinosa, bom dia, como tem passado? — A fala era impostada e artificial, como se fosse dirigida não a ele, mas a outra pessoa que estivesse com ela.

— Não tão bem quanto meu amigo Vieira, mas bem o suficiente para continuar vivendo.

— Quer falar com ele? — A voz voltara ao normal.

— Se for possível.

Vieira demorou um pouco a atender.

— Espinosa, meu querido, a chuva te deixou nostálgico e você se lembrou do amigo?

— Mais ou menos isso, Vieira. A segunda parte, com certeza, está correta. Como vão as cicatrizes?

— As do corpo estão curadas... — Houve um intervalo no qual Espinosa adivinhou que ele estaria fazendo um carinho em Flor. — Certamente devido aos cuidados de Flor. As da alma estão quase curadas devido aos mesmos cuidados.

— Talvez eu esteja ligando num momento impróprio.

— Meu príncipe, pra você não tem momento impróprio.

— Obrigado, estou telefonando só pra saber como você está passando, mas pelo jeito você não mudaria uma única vírgula do script.

— Você tem razão, meu querido, acho que sou um homem abençoado por Deus; depois do que passei... e ainda estou passando, usufruir de coisas tão boas...

Espinosa sentiu que o delegado estava começando a se atrapalhar, não insistiu mais e desligou. Ele próprio se sentiu perturbado; sabia que não telefonara apenas para saber do estado de saúde de Vieira; no movimento de telefonar, havia o interesse de verificar se Flor estava em sua companhia, como também o desejo de que fosse ela a

atender, pois num recanto da alma o som da voz de Flor formava uma só imagem com o corpo, o cheiro da pele e a graciosidade dos movimentos. Não entendia muito bem por quê, tendo Kika muito mais próxima, tinha o interesse voltado para uma mulher que era de outro e que não manifestava nenhum interesse particular por ele. Talvez pela qualidade da beleza, a de Flor era uma beleza nativa com ressonâncias asiáticas e a força da ancestralidade. Mas Espinosa suspeitava que o conjunto não teria o poder de provocação que mostrava ter desde os meninos do Recife, não fosse uma leve sugestão perversa no olhar. Enquanto falava ao telefone continuava a contemplar a chuva mas a atenção estava voltada para o pequeno apartamento de Vieira; depois de desligar, voltou a concentrar-se na tentativa de devassar a massa d'água emoldurada pela janela. Não seria capaz de dizer quanto tempo ficou na mesma posição, olhar perdido no cinzento brilhante da chuva. Foi apenas quando ela cessou que se levantou como se fosse fazer alguma coisa; chegou ao balcão para atestar a estiagem, deu meia-volta e se encaminhou para a cozinha, adivinhando o almoço.

A chuva recomeçou no início da tarde e, com pequenos intervalos de estiagem, choveu todo o resto do dia, não tendo havido exposição de ambulantes na avenida Atlântica e conseqüentemente necessidade de proteção pa- ra Kika. Achou que a coisa mais honesta a fazer na tarde chuvosa era tentar desvendar o impasse das duas anotações na página final do *Lord Jim*, o que implicava dedicar-se à leitura do livro.

O domingo de Vieira fora igualmente chuvoso, mas, em vez de Conrad, Vieira tivera a companhia de Flor. Pelo menos parte dele. A outra parte, após o telefonema de Espinosa, fora utilizada para fazer contatos com colegas que ainda estavam na ativa. Achava que, tendo se recuperado da surra, era hora de agir. Espinosa não permitira sua participação na investigação da morte de Magali, mas não dissera nada quanto a uma investigação particular da agressão de que fora vítima. Queria respostas para uma série de perguntas, e a primeira delas era: quem o agredira? Queria saber também se o autor da

agressão sabia quem ele era, se a agressão tinha algo a ver com o homem da carteira e, finalmente, quem era esse homem. O melhor começo, na sua opinião, era apelar para a rede de informantes da 13ª DP, situada bem em frente à galeria Alaska. O início da investigação privada o obrigou a duas visitas domingueiras e a alguns telefonemas; esperava que os resultados comesçassem a aparecer já no dia seguinte.

Era noite quando voltou para casa. Sentia as ausências de Flor; não sabia se o sentimento era devido aos atributos da moça ou às suas próprias carências, a cada dia sentidas com maior clareza. Sentado na beirada da cama, olhou para as manchas roxas, principalmente as dos braços usados para se defender das pancadas, e viu a fragilidade do corpo envelhecido. Apesar de considerar-se um homem ainda vigoroso, as limitações decorrentes da idade eram evidentes, e doíam mais do que as pancadas que recebera. Com Magali não sentia necessidade de manter-se jovem, sob certos aspectos ela era uma espécie de continuação da relação com Maria Zilda. Com Flor era diferente. Sua juventude, mesmo quando ela procurava disfarçá-la, marcava dramaticamente a diferença de idade entre eles. Magali se fizera mais velha para acompanhá-lo nas noitadas em restaurantes; Flor não era a companheira do dia-a-dia, era a realização concreta de suas fantasias. Flor não habitava o mundo, habitava seus sonhos.

Tinha tirado a roupa e continuava sentado na beirada da cama, só de cuecas, tentando tirar as meias; a barriga era como uma bóia em torno da cintura impedindo-o de abaixar-se; a mais simples tarefa cotidiana deixava-o ofegante. Apertou as mãos, procurando enrijecer os músculos dos braços, e constatou que ainda respondiam, mas, se insistisse em mantê-los retesados, ameaçavam ficar doloridos; considerava as pernas em bom estado. A cada parte experimentada, pensava em Flor, e cada vez que pensava em Flor colocava à prova uma parte do corpo.

Na noite anterior propusera a Flor morarem juntos, com a condição de ela largar a prostituição. A resposta dela enchera-o de orgulho. Adoraria, disse, mas achava que deveriam esperar mais tempo, ainda era cedo para uma escolha tão radical, talvez ele

estivesse empolgado pela juventude dela mas com o passar dos dias viesse a arrepender-se da proposta. Por ela, passariam a viver juntos a partir do dia seguinte, mas para o bem dele deveriam dar tempo ao tempo. Seguiu-se um longo silêncio enquanto, deitados para dormir, ambos olhando o teto, teceram suas fantasias.

— Porra, doçura, não tenho tempo sobrando para dar ao tempo; já estou na prorrogação.

— Não fale assim, você atrai o negativo, temos que pensar sempre o positivo. É igual a energia, tem positivo e negativo.

— Tudo bem, amor, mas minha bateria está começando a ficar descarregada, se eu não ligar em você, ela vai descarregar.

Acreditava firmemente que a atividade intensa durante a tarde fora possível graças à energização da véspera. A verdade, porém, é que sentia profundamente a falta de Flor. Os programas de TV nas tardes de domingo beiram o repugnante, à noite são apenas insuportáveis. Procurou o filme menos ruim, abriu uma cerveja e se deixou entorpecer pensando em Flor.

A caminho da delegacia, a imagem que não saía da cabeça de Espinosa era a do detetive saindo do prédio no sábado à noite. Não sabia o que pensar, apesar de ter pensado em muitas coisas. Ele estava lotado na delegacia havia menos de um mês, chegara na véspera do assassinato de Magali, e a incumbência de vigiar o prédio, assim como a ida a Campos para indagar sobre o dono do apartamento, fora um modo de ocupá-lo até ser mais bem conhecido.

— Saiu em diligência? Com ordem de quem? Para ir aonde?

— Nem você nem o delegado titular tinham chegado, ele disse que volta antes do meio-dia. Não tinha ficado encarregado de manter contato com o porteiro daquele prédio na avenida Copacabana?

— Tinha.

— Então deve estar por lá.

Espinosa sentia-se mal toda vez que punha sob suspeição um colega, mas era difícil considerar zelo profissional a presença do detetive naquele prédio às dez da noite de um sábado. Ele mesmo dera instruções ao rapaz para vigiar o prédio, não era nem sequer para vigiar o prédio, era apenas para passar umas duas vezes por dia para verificar se o homem aparecera. Não gostara da expressão do rapaz atravessando a portaria em direção à calçada, ele mais parecia alguém que acabara de concluir uma negociação do que um policial investigando um suspeito de assassinato.

Até a hora do almoço, ficou entregue a tarefas burocráticas. Ao meio-dia em ponto, Chaves subiu as escadas que conduziam ao segundo piso do prédio da delegacia e cumprimentou Espinosa com um sorriso largo e simpático.

— Como estão as coisas no prédio do homem? — Espinosa fez a pergunta com displicência, mal levantando os olhos do processo que estava examinando.

— Sem novidades, delegado, a não ser...

— A não ser?

— Nada não, delegado, bobagem.

— Nada é bobagem quando pessoas estão sendo assassinadas à nossa volta.

— Pode ser pura imaginação minha, mas tenho a impressão de estar sendo seguido.

— Como é isso?

— Não é nada objetivo e não é sempre, apenas quando estou vigiando o homem.

— E?

— Só isso. É só uma impressão.

— Quando começou essa impressão?

— Nos últimos dias, principalmente depois da morte do menino; sentindo que estava sendo vigiado, o homem pode ter posto um olheiro.

— Pode ser. Quando foi a última vez que você esteve lá?

— Hoje de manhã. Os porteiros confirmaram que ele não voltou ao prédio.

— E antes de hoje, quando você esteve lá?

— Domingo à noite e sábado à noite. Passo por lá duas vezes por dia, mas nunca nos mesmos horários, para o caso de os empregados estarem mancomunados com o homem.

Espinosa ficou pensando se teria cometido uma injustiça com o rapaz ou se ele era mais esperto do que parecia. Poderia, ao sair do prédio, ter visto Espinosa ou percebido o tênis quase novo do mendigo com uma ridícula touca de lã enfiada até as orelhas numa noite quente de verão na calçada oposta, e ter ido embora dispondo de todo o domingo para elaborar uma história convincente, o que não era difícil, já que fora designado para vigiar exatamente aquele prédio de apartamentos.

— Algum problema? Quer que eu aperte os porteiros? Na minha opinião estamos agindo com muita delicadeza, o cara pode estar soltando dinheiro e ameaçando, eles não vão cooperar.

— Não faça nada por enquanto.

— Delegado, se o senhor permite uma opinião, acho que não vamos conseguir nada do jeito que estamos agindo.

— E o que você sugere?

— Sugiro chamarmos os porteiros para darmos um aperto, nada de violência, só um aperto.

— E aí o cara vai ficar sabendo que estamos todos atrás dele... Não se esqueça de que ele não está a par do que sabemos... Ou do que suspeitamos.

— Então por que ele está se escondendo?

— E quem lhe disse que é de nós que ele está se escondendo?

Espinosa continuava sentado, com o rapaz em pé à sua frente; calça jeans, tênis, camisa de malha e jaqueta de algodão; estava vestido como qualquer jovem policial saído da academia; não

apresentava sinal de estar com mais dinheiro do que o usual; não havia por que pressioná-lo; o único efeito seria deixá-lo na defensiva.

Estava com fome, mas não se animava a sair; a escolha mais freqüente nesses casos era apelar para a comida a quilo do outro lado da rua, escolha que considerava melhor do que a maioria dos restaurantes populares da redondeza. Pela janela da sala do delegado dava para ver o movimento no balcão do self-service; constatou que a freqüência já diminuía e estava prestes a sair da janela quando viu uma figura conhecida atravessando a rua em direção à delegacia. Era Vieira. Andava devagar, manquejando ligeiramente, e, apesar da camisa florida para fora das calças de algodão branco, não era capaz de esconder a idade. Espinosa desceu imediatamente para evitar que ele subisse as escadas.

— Espinosa, meu querido, estava com medo de você já ter saído para almoçar.

— Não chamaria o que pretendia fazer de almoçar.

— Vamos na Polaca, para matar as saudades.

— Não é Polaca, é Polonesa; polaca são outras saudades.

— Porra, não é que é isso mesmo? Tinha uma polaca do cacete na rua Viveiro de Castro. Rapaz, eu era novinho, saúde de vaca premiada, tinha conta na polaca como quem tem conta no armazém. Chamava-se Gertrude mas eu a chamava de Gerda.

O restaurante ficava quase ao lado da delegacia, as últimas frases foram ditas enquanto entravam e eram cumprimentados pelo garçom. Ainda estavam se acomodando quando Vieira disse:

— Espinosa, o filho da puta que me agrediu ou mandou agredir não tem nada a ver com o cara da carteira.

— O que você está dizendo?

— Isso mesmo que você ouviu. As informações que me levaram ao cara da galeria Alaska estavam erradas; aquele pessoal mexe com drogas e é da pesada, ninguém ali achou porra de carteira nenhuma e se tivesse achado jogava aquela merda fora; contam com uma rede de entrega muito bem organizada e têm gente nossa na lista de

pagamentos, graúdos e miúdos. Me pegaram porque pensaram que eu estava querendo mais algum por fora.

— Como você soube disso?

— Prometi não revelar... quem me contou faz parte da lista deles... Um dia fomos amigos, ele tinha uma dívida comigo que hoje foi quitada.

— Isso complica ainda mais a coisa, ou acrescenta um elemento até agora secundário. O cara que achou sua carteira fez uso dela para achacar viciados e até para se apoderar de alguns papelotes, mas não é traficante, ou pelo menos não é traficante de drogas, certamente não há nenhuma relação entre ele e esse grupo de que você está falando. E se o raciocínio é correto esse grupo não tem o menor conhecimento dos meninos assassinados. Por mais violentos que possam ser, não foram os responsáveis por essas mortes.

— Espinosa, você não pode me manter afastado, todos os acontecimentos que você está investigando dizem respeito a mim: o assassinato de Magali, a posse e o uso indevido dos meus documentos, a agressão de que fui vítima. Por mais que eu esteja satisfeito com Flor, quero pegar o filho da puta que matou Magali.

— Por falar nisso, surgiu algum fragmento de lembrança relativo àquela noite?

— Nada. E acho que nem vai surgir. Sei que você encara essa amnésia com desconfiança, mas acredite, Espinosa, ninguém mais do que eu deseja que ela termine. A angústia que sinto pelo fato de não ser capaz de dizer nada sobre a noite em que Magali foi assassinada só é superada pelo pesadelo de poder ter sido eu o autor do crime. A psicóloga que me examinou disse que parte do que foi esquecido poderia aparecer nos sonhos ou até como fragmentos de cenas, flashes rapidíssimos, durante o dia, quando eu menos esperasse. Mas nada disso aconteceu.

O resto do almoço foi um debate sobre a pertinência de conjugarem esforços. Despediram-se faltando vinte minutos para as três horas sem ter chegado a um acordo. Espinosa lamentou mais

tarde não ter prestado atenção à comida, principalmente à torta de maçã servida de sobremesa.

Na sala dos detetives, encontrou um bilhete. Vanessa ligara deixando um número de telefone e o recado de que estaria livre o resto da tarde. Espinosa ligou. Ela mesma atendeu.

— Desculpe, acho que fui infantil e impulsiva, ainda quer conversar?

— Certamente. Posso passar aí agora.

— Tudo bem, mas em vez de conversarmos na rua é melhor você subir, meu apartamento é o oitocentos e três.

Ao contrário de Flor, Vanessa recebeu Espinosa vestida normalmente, como se fosse sair para fazer compras. Os dois sabiam que aquele não era o procedimento-padrão da rotina policial; depoimentos são colhidos na delegacia e não nos apartamentos dos depoentes, sobretudo quando se trata de um quarto-e-sala ocupado quase todo por uma ampla cama de casal. Mas Espinosa continuava achando ser esta a melhor forma de obter informações que jamais viriam à tona num depoimento formal num ambiente de delegacia. Vanessa estava mais à vontade e a desconfiança cedera lugar a uma aparente cooperação.

— Minha atitude do outro dia não ajudaria a descobrir quem matou minha amiga. Fiquei aborrecida por você ter desconfiado de mim.

— Não desconfiei de você, só perguntei o que você estava fazendo na hora do crime.

— E isso não é desconfiar?

— Não necessariamente.

— Tudo bem. O que você quer saber?

— O que você tiver para contar. Lembre-se de que isto é uma conversa, não um depoimento.

— Delegado, é muito difícil conversar com um policial fazendo de conta que estamos conversando com um amigo. Não foi para fazer amizade que o senhor me procurou.

— Foi para procurar ajuda.

— Eu tinha apenas duas amigas. Magali era uma delas.

— Flor é a outra amiga?

— Flor não é minha amiga, se é isso que você quer saber. Magali era amiga de nós duas, mas não somos amigas uma da outra; somos conhecidas e moramos perto. Com Magali era diferente, ela funcionava um pouco como irmã mais velha e experiente, dando conselhos e acudindo nos momentos mais difíceis. Fazia o mesmo com Flor.

— E quem acudia Magali quando ela precisava?

— Magali tinha o Vieira.

— Como era a relação entre eles?

— Muito boa. Ele tem um jeito escrachado mas é uma pessoa boa, sempre tratou Magali com carinho. Nas poucas vezes em que brigaram, ele explodia, gritava, xingava Deus e o mundo, mas passados dois minutos não havia mais nada.

— Em algumas dessas explosões ele chegou a ameaçá-la de morte?

— Em todas elas. Mas, assim como ameaçava Magali, ameaçava o vizinho, o porteiro, ameaçava a mim e quem estivesse por perto. Jamais encostou a mão em uma de nós a não ser para fazer carinho.

— Quem você acha que pode ter matado Magali?

— Como eu já disse no outro encontro, qualquer freguês pode ter matado, ou então um daqueles tipos que matam prostitutas, motoristas de táxi, mendigos, senhoras que moram sozinhas...

— Deixando de lado esse tipo, quem mais você acha que poderia ser?

— Aí é que está o pior, tirando esses tipos, não vejo ninguém. E tem mais, não imagino quem poderia ter feito daquela maneira. Isso é que me faz pensar num louco, o que me assusta, porque não há defesa contra um tipo desses, ele chega todo gentil, carinhoso, generoso, e quando você menos espera está amarrada numa cama

sendo cortada, enforcada, sufocada. O que nós fazemos para nos proteger é não receber nenhum freguês que não tenha telefonado marcando hora. Assim, sabemos que vem e avisamos ao porteiro. Não que isso nos proteja de violências, mas diminui bastante o risco.

— Todas vocês têm telefone?

— Quase todas. Para não ficar caro, uma de nós aluga e, depois do telefone instalado, puxa extensão para outras duas e divide as despesas. Eu divido o telefone com mais duas. O telefone de Magali é o mesmo de Flor, é um tipo de linha partilhada.

— Vocês têm algum código de atendimento, já que moram em apartamentos diferentes?

— Mais ou menos, nada muito rígido; a combinação é atendermos todas no terceiro toque, quem falar primeiro pergunta com quem a pessoa quer falar. Dependendo da resposta, as outras duas desligam. Tem dado certo até hoje.

— Quer dizer que, no caso de Magali, Flor podia saber de todos os seus telefonemas e vice-versa?

— Acho que sim. Mas sexta-feira era dia de Magali sair com Vieira, e Flor sabia disso.

— É possível alguém entrar e subir à noite sem que o porteiro veja?

— Com certeza. O porteiro mora com a mulher e a filha num quarto na parte de trás do prédio. A todo momento ele se afasta da portaria para fazer alguma coisa em casa. O prédio tem mais de cem apartamentos, o movimento de entrada e saída é muito grande; uma pessoa pode aproveitar a passagem de algum morador pela porta e entrar junto. E mesmo se alguém tocar a campainha chamando o porteiro, basta dar o nome do morador para ele deixar entrar; raramente se dá ao trabalho de chamar pelo interfone, até porque muitos estão quebrados.

Estavam ambos sentados a uma pequena mesa com duas cadeiras, junto à janela que dava para um morro situado nos fundos do prédio. Enquanto ouvia o relato de Vanessa, aliás Regina, Espinosa mexia

num minúsculo vaso com duas margaridas de plástico, único objeto sobre a mesa com tampo também de plástico.

— Que horror, nem ofereci um cafezinho.

— Obrigado, você já me deu muita coisa hoje.

Espinosa ficou algum tempo olhando para a moça, tentando imaginar a menina ainda adolescente saindo de sua cidade em Minas por ter dado um mau passo; e, se aquele primeiro passo fora dado, por que não dar os seguintes numa cidade mais lucrativa? Despediu-se de Vanessa-Regina prometendo voltar para tomar o cafezinho.

Faltava pouco para encerrar o expediente na delegacia. Para que a tarde fosse plenamente satisfatória bastaria alguma notícia de Clodoaldo, mas a tarde terminou sem que ela chegasse. Também não houve nenhum telefonema de Kika. A notícia que fechou o dia, chegada por fax, veio de São Paulo: a sondagem feita pela polícia paulista a pedido de Espinosa constatara que nenhum Elói Azevedo tinha sido internado em qualquer dos hospitais da cidade capacitados para cirurgia cardíaca.

A luz da secretária piscava. O telefone tinha tocado durante a noite ou muito cedo pela manhã, mas o sono tinha sido mais forte do que a campainha. Era Clodoaldo. Ligara às cinco da manhã marcando um encontro para as nove na praça em frente ao prédio de Espinosa. Eram oito horas. Espinosa ligou a máquina de café, pôs as fatias de pão na torradeira e desceu as escadas para pegar o jornal na portaria.

Quando saiu às nove horas, não viu Clodoaldo na praça. Atravessou a praça na diagonal, andando devagar, procurando nos bancos, quase todos ocupados por mães e babás. Clodoaldo surgiu por trás e tocou-lhe o ombro.

— Olá, amigo.

— Clodoaldo, pensei que não ia mais te ver.

— Quase aconteceu.

— O que houve?

— Não sei tudo, só uma parte, talvez a menor.

— Vamos procurar um banco vazio.

— Melhor um outro lugar.

— Você está sendo seguido?

— Não sei, pode ser. Não tenho feito outra coisa nos últimos dias a não ser seguir pessoas. Vamos a um lugar de onde dê para ver quem se aproxima.

Espinosa sabia da aversão de Clodoaldo a todo tipo de exposição pessoal, mas percebeu que naquele momento havia algo mais perturbando o amigo. Voltaram até o prédio de Espinosa e pegaram o carro. Rodaram durante algum tempo, de modo a despistar um possível seguidor, e estacionaram na avenida Atlântica, não muito longe do ponto de Clodoaldo. A manhã estava nublada e a praia vazia. Sentaram-se num banco junto à areia, onde seriam vistos com facilidade mas onde veriam da mesma forma quem se aproximasse. Sentaram-se um ao lado do outro, mas cada qual voltado para uma direção diferente: enquanto Espinosa olhava para o mar, Clodoaldo estava virado para a rua. Até então nenhum dos dois abriu a boca, o primeiro a falar foi Clodoaldo.

— Lamento pelo que aconteceu ao menino. Ele não aceitava pedir proteção à polícia, o que incluía você; achava que estava traindo algo que não sabia dizer o que era. Sugeri que passasse uns tempos na casa da mãe na Baixada Fluminense. Não conseguiu ficar nem três dias. Tinha metido na cabeça que sua missão era seguir o homem da carteira. Sua cabeça funcionava segundo o encadeamento das suas fantasias, não segundo o raciocínio lógico. O fato é que ele estava investido de uma fúria santa em relação ao homem. Claro que cedo o cara percebeu e inverteu o jogo. Não que estivesse preocupado com um menino de rua andando atrás dele, o que o preocupava, acredito, era a serviço de quem o menino fazia aquilo. Foi quando percebi que não era apenas o menino que estava vigiando o homem, mas que havia mais alguém atrás dele. Não foi difícil descobrir que era da polícia. Nessas alturas, o menino também se dera conta de que havia outra pessoa interessada no homem. Foi quando me procurou

nervoso dizendo que tinham tentado pegá-lo. Não sabia explicar direito quem, apenas que tinha sido um homem muito forte e que não era o mesmo homem de antes. Mandei que ele se escondesse novamente e só aparecesse quando tudo estivesse calmo. Continuei eu mesmo a vigiar o homem e fiz uma descoberta surpreendente; além de mim e do policial, um homem grande e forte, segundo a descrição de um dos porteiros, também queria saber o paradeiro do morador do prédio da avenida Copacabana. Acho que nunca aqueles porteiros foram tão pressionados. Três dias depois, o menino reapareceu, e estava ainda mais assustado do que antes. Dei a ele seu telefone e disse para ligar a qualquer hora caso fosse novamente perseguido. No dia seguinte soube de sua morte. Eu teria parado com essa história de seguir e vigiar não fosse o fato de achar que o tal tira estava freqüentando o prédio do homem com muita intimidade e sempre muito satisfeito. Merda, nós dois sabemos que campanar alguém é uma das coisas mais chatas do mundo, por que então aquele garotão estava sempre tão alegre? Para complicar ainda mais as coisas, numa das noites em que eu estava controlando os movimentos dele dei de cara com você também vigiando, e de repente não sabia mais quem estava vigiando quem, e por quê. E a complicação final aconteceu quando me dei conta de que eu próprio estava sendo seguido, e não pelo policial — que não me pareceu muito experiente —, mas por alguém que sabia seguir como um profissional a ponto de em momento algum eu conseguir identificá-lo positivamente. E, pelo andar da carruagem, o cara não está querendo me encontrar para fazer amizade. E aqui estamos nós.

Não fosse o ritmo pausado e a expressão tranqüila, a voz grave de Clodoaldo emprestaria à narrativa um tom sinistro. Mas ao dar por terminado o relato ele olhava para Espinosa com a placidez de quem assiste a uma missa.

— Clodoaldo, o que essa história de vigílias e perseguições tem a ver com o assassinato do menino? Por que ele foi morto?

— Se eu soubesse, já teria dito.

— Ele não te falou nada?

— Tanto quanto falou para você.

— Tudo indica que o homem que estava atrás dele não era o mesmo do qual tinha fugido na praia, quando procurou proteção.

— Só tem uma coisa que para mim não faz sentido. Conheço bem os meninos de rua. Não são propriamente gente, não para o resto da sociedade. São uma espécie de quase-gente, e ninguém se preocupa com eles; quando muito aparece uma senhora caridosa oferecendo pão e leite. Por que motivo, sem mais nem menos, dois homens se lançam em perseguição a um menino desses, acabando por matá-lo?

— Porque o menino descobriu alguma coisa.

— Mas o quê?

— Na minha opinião, o próprio menino não sabia que descobrira alguma coisa. O modo como foi morto sugere uma tentativa de arrancar alguma confissão ou de eliminar testemunha.

Ficaram algum tempo em silêncio, cada um olhando para o seu lado da cena. No lado para o qual estava voltado Clodoaldo, entre a calçada e a rua, havia a ciclovia por onde alguém poderia se aproximar com rapidez sem ser percebido a tempo. Clodoaldo tinha plena consciência de que a idéia era paranóica, já que ninguém poderia saber da presença deles naquele lugar, mas, com sua história pessoal, nada era paranóia. Espinosa girou o corpo sobre o banco de cimento e ficaram ambos de costas para o mar. Foi Clodoaldo quem retomou a conversa.

— Hoje vou voltar ao meu ponto de observação para tentar identificar o cara que está me seguindo.

— Se cuide. Se precisar de ajuda, telefone; se não me encontrar, deixe recado.

Levantaram-se passando as mãos nas calças para retirar grãos de areia, atravessaram juntos as duas pistas da avenida Atlântica e pararam ao lado do carro estacionado.

— Quer que o deixe em algum lugar? — perguntou Espinosa.

— Obrigado, já estou em casa.

Tanto Espinosa como Clodoaldo concordavam que não havia motivo plausível para aquelas mortes. Nem o mundo do crime como um todo nem um criminoso isolado estavam sendo ameaçados a ponto de reagir agredindo idosos e matando crianças. A verdade porém é que pessoas estavam sendo mortas, meninos de rua. Há quem não considere meninos de rua pessoas, mas mesmo esses não lhes ateam fogo enquanto dormem ou lhes arrebentam a cabeça numa pedra.

Espinosa não foi direto para o trabalho, passou antes pelo bairro Peixoto para deixar o carro. Estacionou em frente ao prédio (um dos privilégios do bairro), lançou um olhar para seu apartamento e, como fazia todos os dias, percorreu a pé as três quadras que o separavam do trabalho. A preocupação dominante em todo o percurso foi a informação de que não havia Elói Azevedo em nenhum hospital habilitado a realizar cirurgia cardíaca na cidade de São Paulo. Ou o doutor Elói mentira para o capataz, ou o capataz mentira para Chaves, ou o policial mentira para Espinosa.

O detetive estava em diligência. Espinosa, mantendo o propósito de não manifestar interesse especial pelo rapaz, nada mais perguntou. O que não o impedia de procurar informações na delegacia de onde fora transferido. O fato, sem dúvida constrangedor, era que Chaves, da série dos possíveis mentirosos, era próximo tanto física como funcionalmente.

A decisão de não tomar medidas precipitadas capazes de dificultar ainda mais a solução do caso fez com que Espinosa voltasse a atenção para o assassinato de Magali, que permanecia como que congelado a caminho do primeiro mês de aniversário, a morte do primeiro menino e o espancamento de Vieira. Quanto à morte do menino, não tinha dúvidas de que fora erro de pessoa. O conjunto era mais do que suficiente para atrair suas preocupações. No entanto, especialmente naquela manhã, algo mais se insinuava como problemático sem que ele conseguisse identificar claramente. Pensou em Kika. Mas ela não era propriamente uma preocupação e sim uma fantasia agradável e plena de promessas. Pensou em Flor e Vanessa. Situavam-se igualmente mais no campo dos desejos do que no campo

das preocupações; acabou por achar que estava procurando mais problemas do que os que já tinha. A decisão não alterou, contudo, o estado tensional.

Estava a ponto de retornar aos relatórios atrasados quando uma imagem atravessou como um raio seu campo de consciência. Da primeira vez foi tão rápido que reagiu apenas à intensidade da experiência, sem distinguir claramente o conteúdo. Da segunda vez a imagem ressurgiu com toda a nitidez: a janela do apartamento. Ao estacionar o carro pela manhã em frente ao prédio, após o encontro com Clodoaldo, lançara um rápido olhar na direção de seu apartamento para em seguida tomar o caminho da delegacia. O detalhe era que a janela estava entreaberta e ele a deixara fechada. E não era dia da faxineira.

5

Várias partes do corpo ainda estavam doloridas, e doíam ainda mais quando ele esbarrava num móvel ou quando Flor exagerava em suas carícias amorosas. Preocupava-se com a cabeça. Sacanagem bater em cabeça de velho, pode provocar derrames, e o filho da puta bateu pra valer, ainda bem que...

— Tá falando sozinho, amor?

— Hein?

— Perguntei se você está falando sozinho.

— Claro que não. Você não está aqui comigo?

— Estou, mas você está no quarto e eu no banheiro.

— Mas escutou assim mesmo.

— O que você estava falando?

— Que é sacanagem bater em cabeça de velho; pode provocar derrame mais tarde.

— Você nem é velho nem vai ter derrame. Por falar nisso, o delegado seu amigo nos deixou em paz.

— Por falar nisso o quê? Em velho ou em derrame?

— Nisso... nessas coisas. Ele vive pegando no seu pé.

— Ele está no papel dele, Flor.

— Tudo bem, mas podia pegar mais leve.

— Mais leve do que está pegando, só pegando a gente no colo.

— Não sei você, mas a mim ele bem que gostaria.

— Por quê? Ele já tentou alguma coisa?

— Não. Ele tem aquele jeito de distinto, mas mulher conhece olhar de homem.

Flor comprara outro cinto para Vieira. Era o que ele estava naquele momento tentando enfiar no cóis de trás das calças. Essa era uma das operações que provocavam dor nas clavículas.

— Flor, sabe que nessa história toda têm acontecido coisas com as pessoas erradas?

— Quem estava errada? — disse ela entrando no quarto com uma toalha enrolada no corpo enquanto com a outra enxugava o cabelo.

— As pessoas eram erradas. O menino que morreu queimado foi morto por engano; tenho quase certeza de que apanhei por engano; só falta descobrirem que Magali foi morta por engano.

— O que não traz ela de volta.

— Não.

— Então pra que pensar nisso? — Ela acabara de enxugar o cabelo e largou as duas toalhas no pé da cama, ficando inteiramente nua. Vieira se esqueceu inteiramente do que estava falando.

Não duvidava da amizade de Espinosa, pelo menos até o momento; o que não sabia era do que ele suspeitava verdadeiramente. Era apenas o exercício profissional da suspeita, ou ele duvidava realmente de sua inocência? E aquela história de ficar olhando para Flor? Já não arranjara a garota dele, porra?

— Que garota, bem? De quem você está falando?

— Nada não, querida, estou pensando alto.

Flor vestira a calcinha e estava abotoando o sutiã. Vieira pensou em como aquele gesto implicava movimentos semelhantes aos de enfiar o cinto no cóis das calças, mas em como era infinitamente mais gracioso, leve e realizado sem nenhum esforço. Queria aproveitar o resto da tarde para ir até a 13ª DP verificar se surgira alguma informação nova. Flor acabara de vestir-se e estava pronta para sair.

— Tem certeza de que precisa trabalhar hoje? — perguntou Vieira.

— Claro, querido, é meu ganha-pão.

— Porra, Flor, que ganha-pão? Você não precisa mais dessa merda.

— Claro que preciso, amor, é a única coisa que eu tenho.

— Puta que pariu, Flor, já disse pra você vir morar aqui.

— Mas eu tenho a minha casa.

— E podem te despejar sem dar nenhuma satisfação, porra.

— O que você quer que eu faça?

— Casa comigo.

— Você está empolgado; gosta de mim como mulher; casar é outra coisa.

— Puta que pariu, mulher é complicado pra caralho.

Se iniciasse uma discussão naquele momento perderia a hora do expediente na delegacia, e ele não conhecia o pessoal do plantão. Saíram os dois ao mesmo tempo, mudos no elevador, embora Flor ajeitasse carinhosamente a gola da camisa e o cabelo de Vieira.

— Amanhã vamos conversar a sério sobre isso — sentenciou Vieira, já na rua.

Flor ainda segurava a nota dada por ele para pagar o táxi. Gostava de andar de táxi. Sentia-se importante. Procurava sempre os mais novos, de quatro portas, com ar-condicionado, que mais se pareciam com os que via no cinema. Sentava-se no banco traseiro, no lado oposto ao do motorista. Sabia que eles, sempre que podiam, olhavam pelo retrovisor para as suas pernas. Permitia apenas um rápido olhar, em seguida recolhia as pernas para trás do banco da frente. O motorista tinha que contentar-se em olhar o rosto, o braço se estivesse com vestido de alça, talvez o decote. Enquanto isso ela olhava pela janela, como se estivesse interessada no movimento das calçadas. Um de seus sonhos era ter carro com chofer. Uma verdadeira senhora tem motorista particular. De preferência, com cabelos grisalhos. Um preto com cabelos grisalhos. Tinha visto num filme na televisão. Ele diria, quando a deixasse em algum lugar: “Madame quer que eu espere?”, ou então: “A que horas madame quer que eu a apanhe?”. Chegou a ouvir. E estava ouvindo mesmo.

— Em que ponto da Barata Ribeiro a senhora quer ficar?

— No começo... bem no começo.

Quando fosse às compras, o motorista desceria e abriria a porta para ela saltar: “Devo esperar, madame?”, “Obrigada, George”, com G e não com J, “vou andar um pouco para fazer exercício”.

— Aqui está bom para a senhora?

— Obrigada... está.

Respondeu automaticamente ao cumprimento do porteiro, assim como automaticamente pegou a conta de luz que ele lhe estendia, e no elevador ainda pensava, pela milésima vez, em como seria possível. Daquele coronel cagão não sairia nada; treparia com o Júnior e ainda estaria trepando com o filho do Júnior, sem que ganhasse coisa alguma mais duradoura. O cara se borrava de medo da mulher. Vieira era legal, mas era um duro, só tinha o apartamento e um automóvel que já recebera mais pintura do que as unhas dela. Só conseguiria o máximo enquanto seu corpo estivesse no máximo; sabia que o poder de compra decaía juntamente com a beleza. E a competição no Rio era braba, a cada verão uma nova safra entrava no mercado. E ainda tinha que disputar com as filhas de grã-finos. Ouvira, havia poucos dias, duas meninas de pouco mais de quinze anos combinando um michê para gastar o dinheiro no shopping. Mas eram umas pirralhas, cagavam-se de medo sempre que viam um homem de pau duro na frente delas. Não eram concorrentes. A verdade é que desde Recife sabia encaminhar bem os seus negócios, não podia relaxar exatamente agora que estava na plenitude de sua beleza.

— Como vai, delegado? As feridas desapareceram?

— As do corpo, quase todas.

— Tenho uma boa notícia. Acho que pegamos o seu homem. Pelo menos um deles. Quer dar uma olhada?

— Claro. Como pegaram o filho da puta?

— Por acaso. Tentou agredir um policial durante uma batida. Pelo jeito violento dele e pela descrição que você nos deu, achamos que podia ser o mesmo elemento. Seguramos ele aqui.

Uma das coisas que não tinham mudado, desde que ele entrara para a polícia, era a carceragem. O caos aparente do xadrez ocultava uma rigorosa ordem interna em nome da qual dominação e servidão eram perfeitamente distintas. Acima dessa ordem e independentemente dela, havia a sordidez reinante. O homem estava de pé no fundo da cela, num espaço que não daria para sentar-se caso desejasse (e permitissem). O carcereiro mandou que ele chegasse até as grades, o que foi feito em meio a reclamações, xingamentos e empurrões. Olhou para Vieira como se nunca o tivesse visto. Vieira não foi capaz de fazer um reconhecimento positivo; o tamanho era o mesmo, pensou ter reconhecido os braços e as mãos, mas não seria capaz de jurar que era o mesmo homem. Talvez nenhum dos dois fosse capaz de reconhecer o outro. Estava escuro e tudo acontecera muito rapidamente. A diferença é que Vieira fora o agredido e estava do lado de fora das grades, enquanto o homem estava naquela cela e provavelmente nela ficaria algum tempo, se não arranjasse confusão e não acabassem com ele.

— Obrigado, amigão; desculpe se não deu para identificar o elemento, mas não tenho certeza se foi ele.

— Talvez ele fale alguma coisa. De toda maneira, agrediu um colega, vai ficar de molho alguns dias.

Cinco e meia da tarde. A delegacia ficava a três quadras do seu prédio. Passaria no supermercado, precisava fazer umas compras, coisa que Magali costumava fazer semanalmente para ele. No percurso de volta, a rua apresentava um aclive leve mas suficiente para deixá-lo ofegante, sobretudo pela sacola que carregava e que trocava de mão a todo instante. Chegou inteiramente suado, os braços doloridos, as pernas cansadas. Atribuiu ao calor e à agressão sofrida. Logo estaria refeito.

Não conseguia entender o excesso de escrúpulos de Flor para casar-se com ele. Não havia dúvida de que gostava dele; fora ela

própria a se declarar herança de Magali, sendo ele o único beneficiário. Ele, por sua vez, dera provas do seu amor por ela, a ponto de propor-lhe casamento. O que estava ela esperando? Que porra de precipitação era aquela apontada por ela? Cada dia que passava era um dia que deixavam de se dedicar inteiramente um ao outro; um dia não vivido plenamente; um dia em que um puto qualquer podia marcar um encontro com ela; e ela ainda vinha com aquela história de ganha-pão; ganha-pão o caralho, ele podia sustentá-la perfeitamente; passaria a ser a senhora Vieira Crisóstomo; tal qual a falecida Maria Zilda.

O elevador parou no andar. Ele desceu meio que arrastando a sacola de compras, abriu a porta do apartamento e assim que entrou ficou um tempo parado junto à porta, descansando, ao mesmo tempo que contemplava a sala em forma de L, mobiliada ainda com os móveis escolhidos por Maria Zilda. A única janela ficava na perna menor do L, enquanto a parte maior recebia luz refletida, frágil, que lhe emprestava um permanente ar de abandono. O quarto era iluminado por uma ampla janela que dava diretamente para a rua. Gostava do apartamento. Era pequeno mas confortável, e acima de tudo era dele. Imaginou Flor esperando por ele, como senhora Vieira Crisóstomo. Nunca propusera a mesma coisa a Magali (nem ela pedira), era como se tivessem estabelecido um acordo segundo o qual ela poderia ser companheira de noitadas e jantares mas nunca viria a ser a senhora Vieira Crisóstomo. Lembrou-se dos dois entrando juntos de madrugada e ela deitando-o na cama para depois tirar-lhe a roupa. A lembrança deu lugar à imagem ainda fresca de Flor inteiramente nua, em pé ao lado da cama, enxugando os cabelos depois do banho. Três mulheres, duas mortas; e uma ameaçadora amnésia. O que faria se de repente a lembrança daquela noite surgisse integralmente e ele se descobrisse assassino? Procurou afastar a idéia como absurda. Não fazia sentido. O fato de a perna de Magali estar amarrada com seu cinto era uma prova de que não fora ele; não seria estúpido a ponto de assinar um crime. Fechou a porta que ficara entreaberta. Não se lembraria de nada, talvez pelo fato de não haver nada para ser lembrado.

Desde menina acostumara-se a ser olhada e desejada; o êxito profissional era expressão direta da beleza e da sensualidade sem declínio. Não saberia viver sem essa prova permanente do seu valor como mulher, e o que Vieira estava lhe propondo era precisamente trocar esse confronto cotidiano pela paz de um lar. Aquilo em que menos acreditava era em lar; menos ainda, em paz do lar. As chamadas prendas do lar, não as possuía; filhos, não tinha nem teria; empregadas para mandar, ridículo num apartamento tão pequeno; dinheiro, resumia-se à aposentadoria de Vieira. O outro lado da questão era a segurança. Embora restrita, seria uma vida garantida contra as intempéries cotidianas. Além do fato de, como esposa de Vieira, ter direito à pensão do marido e ao apartamento. Vieira era sua aposentadoria; e sem ter que esperar pelos longos anos de contribuição: passava a vigorar imediatamente. O detalhe incômodo era que, da mesma forma e pelos mesmos motivos, passaria a ser uma “aposentada” antes de completar trinta anos. Sentia-se uma formidável máquina de guerra ameaçada de tornar-se inoperante graças à cobiça de um general.

A cada dia que passava, tolerava menos o apartamento miserável com uma única janela que abria não para a rua, mas para outras centenas de janelas semelhantes. Apartamentos de puta são todos iguais; as próprias putas acabam ficando iguais. Começou a perceber esse fato quando sentiu o mesmo cheiro no apartamento de Magali. Era verdade que fizera bastante progresso desde a casinha de sopapo e chão de terra batida no Recife, mas ainda estava longe de concretizar o sonho do apartamento de cobertura.

O calor estava insuportável, e a chuva que se anunciara no fim da tarde não chegara a cair. Com o ventilador de teto ligado, deitada na cama só de calcinha, Flor olhava para os pés apoiados na guarda da cama, apreciando o contraste da pele morena com as unhas brancas sem pintura. Numa avaliação rápida (porque feita com frequência) confirmou o que já dissera muitas vezes para si mesma: seu corpo não guardara traços dos inúmeros encontros. O mesmo pensava em

relação à alma, que não sabia dizer se era tão bonita quanto o corpo, mas não tinha do que se queixar, suportara os embates dos dez anos de Rio de Janeiro e se considerava vencedora. O que tinha que decidir era se continuaria a disputar campeonatos de time de várzea ou se disputava o campeonato nacional.

Nos últimos anos praticamente não recebia clientes em casa, salvo seu benfeitor e o Júnior (que ainda não distinguia claramente uma mulher de um sorvete); especializara-se em clientes de outros estados que vinham ao Rio a negócios. Seu senso para negócios produziu bons resultados com gerentes de dois hotéis em Copacabana. Quando Vieira lhe propunha casamento, e junto com o casamento vinha a exclusividade, não sabia que estava inviabilizando um negócio que rendia mais do que o seu salário de delegado aposentado.

Tentava retirar com a unha algo minúsculo na pele da coxa, invisível ao olhar mas sensível ao tato; na sua profissão ambos os sentidos eram igualmente importantes. E naquela noite tinha um compromisso: cliente antigo e generoso, do interior de São Paulo. Sentou-se na cama e ficou olhando para as sacolas de plástico e algumas caixas amontoadas a um canto do único cômodo da casa. Coisas de Magali enviadas por Vieira; o apartamento fora esvaziado e não sabia o que fazer com aquilo. Os móveis, que na verdade se reduziam a um único, vendera ao primeiro que aparecera. Flor achou que seria um gesto nobre entregar os restos da amiga a um bazar beneficente, desses que surgem na época do Natal, ocupando espaços comerciais vazios.

Havia tempos tomara uma decisão que ela mesma chamara de estilística, e que dizia respeito ao estilo a ser adotado em sua vida profissional. Sabia que podia dividir os homens em dois grandes grupos: os que procuram a prostituta que exhibe o estereótipo da profissão — vestido preto colante e decotado, sandálias de salto alto, muita pintura no rosto e nas unhas das mãos e dos pés, além de outros detalhes mais — e os que procuram não a prostituta, mas a moça-padrão de classe média que não conseguem conquistar e que pagam para ter por uma noite. Flor optara pelo segundo padrão, por motivo estritamente comercial. Era o que a fazia diferente de Magali,

razão pela qual Vieira estava se propondo a casar com ela sem nunca ter feito proposta similar à antiga amante. Vieira não se sentia nem um pouco constrangido por estar num restaurante acompanhado de uma prostituta, mas não admitia que a confundissem com sua mulher. Esposa e puta são seres de espécies diferentes, incompatíveis sob o mesmo teto, mesmo em tempos diferentes.

Ela, Flor, era de uma terceira espécie, nem puta nem esposa, mas em trânsito de uma para outra; daí a necessidade de manter o estilo, capaz de conciliar a moralidade e o desejo de Vieira ao mesmo tempo que atendia às fantasias dos homens de negócio que telefonavam às sextas-feiras para suas casas em outros estados avisando às mulheres que o contrato ainda não fora fechado. Esses homens não gostariam de ser flagrados por algum conhecido tomando um drinque com uma puta, mas ficariam orgulhosos se vistos com uma bela estagiária de direito ou de economia. Se essa estagiária fosse Flor, o homem nem sequer ficaria aborrecido se o contrterrâneo espalhasse a notícia ao retornar à cidade de ambos, mesmo correndo o risco de a mulher vir a saber.

Todos os truques, Flor aprendera com o tempo. Com o tempo e com os homens. Não gostaria de abandoná-los ao esquecimento, por exigência de Vieira. É claro que mesmo casada continuaria a ser olhada e desejada pelos homens, não era isso o que a preocupava, mas uma das coisas que aprendera (com o tempo e com os homens) era que ser olhada e desejada não são condições passivas; não basta expor-se ao olhar dos homens, há uma combinação de passividade e atividade, sendo difícil estabelecer-se a proporção de cada um, que faz com que mais do que ser capturada pelo olhar do outro a mulher capture esse olhar. Não é coisa fácil, depende de um longo aprendizado e de um exercício permanente. Esse exercício de encantamento pode desaparecer com o casamento. É a parte que se perde quando da passagem de mulher para esposa. Flor já vivera muitas perdas, não desejava viver mais essa.

De longe, cruzando a praça, Espinosa tentava distinguir com nitidez a janela da sala. À distância, percebia claramente o verde colonial das venezianas, mas era incapaz de afirmar se estavam inteiramente fechadas ou entreabertas. Ao chegar diante do prédio constatara que estavam fechadas. Não satisfeito, subira as escadas de dois em dois degraus, abrira a porta, sem preocupar-se em fechá-la, e correrá para as janelas francesas que davam para a praça. Estavam fechadas e trancadas, como as deixara. Automaticamente lançou um olhar para a secretária eletrônica: nenhuma das luzes piscava. Examinou o resto do apartamento e nada estava fora do lugar (muita coisa estava fora do lugar, mas não fora dos lugares nos quais as deixara). No quarto, abriu a gaveta da mesa-de-cabeceira para ver se a arma extra que guardava em casa estava lá. Não estava. Quando voltou para a sala, pensando onde mais poderia ter deixado a arma, deu de cara com um homem apontando-a para o seu peito; estava em pé junto à porta de entrada e era grande e forte o suficiente para não precisar de arma nenhuma, embora desse a impressão de sentir-se perfeitamente à vontade com ela na mão.

— Quem é você? O que faz aqui?

— Estou com a arma. Você fica calado.

A voz, inesperadamente fina para o tamanho do homem, era fria como gelo. Espinosa não gostou nem um pouco do fato de ele não estar preocupado em esconder o rosto. Ou não se importava em ser reconhecido posteriormente ou tinha certeza de que não haveria ninguém para reconhecê-lo. Estavam a menos de três metros um do outro, e a firmeza com que ele empunhava o revólver indicava sem sombra de dúvida que acertaria o alvo caso o desejasse. Fechou a porta de entrada, aberta atrás dele, atravessou a sala com duas passadas e espetou o revólver debaixo do queixo de Espinosa, retirou com a outra mão a arma que o delegado trazia no coldre junto à cintura, guardando-a no bolso, empurrando-o em seguida em direção ao banheiro.

Retirou do bolso interno do paletó um rolo de corda de náilon, ordenou que Espinosa se sentasse no chão do banheiro, prendeu-lhe as mãos e os pés juntos nas costas e, sem cortar a corda, passou-a em

torno do corpo, do pescoço aos tornozelos; para terminar, fechou-lhe a boca com esparadrapo. Verificou cada ponto da amarração, testou a resistência dos nós, e deu por concluída a tarefa, quando então passou a arrastar Espinosa como se fosse um saco, depositando-o dentro do boxe e fechando a cortina. Aquilo o tranqüilizou um pouco; se estava tomando aquelas medidas era porque não pretendia matá-lo; pelo menos naquele momento. Ouviu o barulho da porta do banheiro se fechando e logo em seguida o som da sala sendo ligado; a música era a que já estava no aparelho, o volume, um pouco mais alto do que de costume.

A corda prendia fortemente seus braços e pernas; mas o que incomodava mais era o esparadrapo que fechava sua boca. Normalmente respirava um pouco com o nariz e um pouco com a boca; do jeito que estava, tinha medo de ficar sem ar. O disco chegou ao fim e recomeçou. Não dava para distinguir nenhum outro som dentro do apartamento. Quando a música estava pela metade, Espinosa começou a se arrastar de lado para tentar sair do boxe. Conseguiu, depois de muito esforço. Ficou preso entre o vaso sanitário e a pia. A forma de se deslocar, deitado de lado, era apoiando o joelho contra alguma coisa e impulsionando o tronco. O espaço disponível tornava esse movimento quase impossível. Quando conseguiu atingir a porta, encostou o ouvido para tentar ouvir alguma coisa além da música. Pelos seus cálculos, mais de uma hora se passara desde que fora subjugado. Ajoelhou-se junto à porta e na terceira tentativa conseguiu abaixar a maçaneta com o queixo. Como a porta abria para dentro, teve de afastar-se e deixar-se cair junto à parede de modo a poder abri-la inicialmente com a testa e depois com o corpo todo. A visão da sala não lhe revelou homem nenhum. Começou a arrastar-se em direção à cozinha para tentar alcançar uma faca. Com a boca amordaçada, não sabia como abriria a gaveta dos talheres; tentava lembrar se tinha deixado alguma faca em cima da pia; dentro da cuba não adiantaria, não teria como pegar. Depois de contornar alguns móveis e parar algumas vezes para descansar e tomar fôlego, conseguiu atravessar o vão da porta da cozinha e chegar à bancada da pia. Pôs-se novamente de joelhos e espiou por

sobre a bancada. Estava perfeitamente limpa. Os puxadores das gavetas eram pequenas bolas de metal; não havia a menor possibilidade de abri-las; mesmo que ficasse de joelhos e de costas para a bancada, as pontas dos dedos não alcançariam a gaveta. Olhou em volta à procura de algum objeto com o qual pudesse cortar o esparadrapo. A coisa mais adequada que viu foi a caixa de fósforos. Desistiu, ante a idéia de atear fogo à camisa e a si próprio. Tentou arrancar o esparadrapo da boca esfregando-o na borda da bancada e depois no pé do fogão. Feriu o rosto, mas o esparadrapo não saiu. Arrastou-se de volta à sala, conseguiu arrancar da parede a tomada do aparelho de som, atravessou novamente a sala e colou o ouvido na porta de entrada tentando ouvir barulho de gente no corredor ou na escada. Cada deslocamento implicava um tempo muito longo e era estafante. Depois de descansar durante alguns minutos, começou a bater com o corpo na porta, na esperança de que alguém escutasse. A porta de ferro da entrada do prédio era pesada, e toda vez que era fechada fazia barulho suficiente para ele ouvir. Quando isso acontecia, começava a bater na porta do apartamento. Repetiu inúmeras vezes o procedimento, até se convencer de que surtiria efeito apenas com alguém do mesmo andar, e havia apenas mais um apartamento naquele piso. Enquanto esperava a chegada do vizinho, e nos intervalos das batidas da porta do prédio, tentou discar o telefone depois de derrubá-lo no chão mas, como as mãos estavam presas às costas, não conseguia enxergar o aparelho; mesmo assim, teve êxito, após inúmeras tentativas, em discar os três algarismos da polícia; ouvia a voz de alguém, mas não podia emitir nenhum som audível, muito menos compreensível, para o policial do outro lado da linha. Como não estava num filme americano, a coisa terminava com o clique de desligar. Pensou que se tivesse aberto as janelas francesas da sala poderia chegar até a pequena sacada e expor-se ao olhar dos passantes; certamente viriam em seu socorro. Mas a janela permanecera fechada. Atitudes mais radicais poriam em risco sua vida, e ele estava empenhado em salvá-la.

Encostou o corpo na porta, ouvido colado ao chão para poder escutar pela fresta os ruídos provenientes do interior do prédio, e

experimentou o lento passar do tempo. Após a tentativa de pedir socorro pelo telefone, conseguiu recolocar o fone no gancho, o que não adiantava grande coisa, pois continuava sem poder falar. Desistira de tentar retirar o esparadrapo da boca, já estava com as duas faces e o queixo feridos. O telefone tocou três vezes a intervalos de aproximadamente uma hora. Ouviu a voz de Kika nas três vezes. De tempos em tempos tinha que virar o corpo para mudar de lado; a posição forçada dos braços e das pernas fazia doer o corpo todo. Procurava respirar devagar e pausadamente, a última coisa que desejava naquele momento era, por nervosismo, ter uma crise respiratória estando com a boca amordaçada.

Pensou no homem. Um profissional de outro estado, contratado para o serviço? Apenas isso poderia justificar a despreocupação com a possibilidade de ser identificado, caso contrário mataria a vítima uma vez terminado o trabalho. Com toda a certeza não se tratava de um oportunista, tinha a tranqüilidade e a eficiência de um profissional. E a força de um gorila. Pensou na agressão a Vieira. Pensou na morte do menino. Pensou em Kika. Pensou em Clodoaldo. O que ele estaria procurando? Aparentemente não mexera em nada no apartamento; as coisas estavam em seus lugares e não havia gavetas ou portas de armários abertas. Se estava à procura de algo, deveria ser grande o bastante para não ser procurado nesses lugares. A menos que não se tratasse de uma coisa, e sim de uma pessoa, motivo pelo qual esperara a sua volta na suposição de que pudessem chegar juntos. Nesse caso, por que não perguntara nada? Talvez porque não quisesse anunciar quem estava procurando. Esses pensamentos foram intercalados com dolorosas mudanças na posição do corpo e com pausas em toda e qualquer atividade mental que pudesse perturbar um momento de escuta.

Quando finalmente o morador do apartamento vizinho tocou a campainha em resposta às estranhas batidas na porta e obteve de volta apenas novas batidas e sons guturais, telefonou para a polícia, que em menos de quinze minutos arrombava a porta e resgatava o delegado Espinosa da 12ª DP.

Preferia ter sido libertado por colegas da própria delegacia, mas nos minutos que precederam o salvamento não estava em condições de escolher. Seus salvadores ainda não tinham ido embora quando chegaram os dois detetives de sua equipe que ainda estavam na delegacia. Esperaram que todos se fossem, inclusive os moradores do prédio atraídos pelo movimento e pelo barulho da porta sendo arrombada. Espinosa agradeceu de coração ao morador do apartamento ao lado e fechou como pôde a porta.

— Porra, Espinosa, o que aconteceu? O que houve com seu rosto?

— Nada, fui eu mesmo tentando retirar o esparadrapo.

— Que esparadrapo?

— O cara me amarrou todo com corda e esparadrapo.

— Que cara, e o que ele estava fazendo dentro do seu apartamento?

— É o que também estou querendo saber. Posso oferecer um café enquanto faço um resumo do que aconteceu.

Espinosa foi até a cozinha, feliz por fazer aquilo andando e não se arrastando. Botou café na máquina. Quando estavam os três cada qual com sua xícara Espinosa contou a história, desde o momento em que, na delegacia, se dera conta de que a janela do apartamento estava entreaberta.

— Sem dúvida ele esperou que eu saísse, pela manhã, para entrar no apartamento. O que não sei é o que esperava encontrar aqui. Também não sei como conseguiu entrar. Tanto a porta de entrada do prédio como a porta do meu apartamento não apresentam sinal de arrombamento.

Os dois colegas pediram licença para fazer uma varredura no apartamento. O telefone tocou. Era Kika. Espinosa fez um resumo do acontecido e disse que teriam de redobrar os cuidados com a segurança dela durante alguns dias.

— Quantos dias?

— Não sei. Até o fim da semana. Talvez menos, talvez mais.

— Vou poder expor meus quadros na avenida Atlântica?

— O ideal seria evitar riscos desnecessários.

— E se eu achar necessário?

— Eu terei que concordar.

Os dois detetives não encontraram nada que indicasse a presença do homem no apartamento, salvo os restos de esparadrapo e a corda. Despediram-se, deixando o início das investigações para a manhã seguinte, assim que fosse feito o registro do roubo.

Enquanto tomava um banho, Espinosa refletia sobre o acontecido, nada acrescentando à reflexão feita durante as horas em que ficara amarrado e amordaçado à espera de socorro.

Deixou a luz amarelecida do antigo abajur iluminando a sala; estendeu-se no sofá e começou a sentir cada parte do corpo. Pernas e braços doíam de uma dor diferente da que atingia os ombros e o pescoço. Apesar de ter deixado cair água quente por mais de meia hora, a nuca parecia uma tábua. As janelas estavam inteiramente abertas e a noite clara permitia-lhe distinguir os contornos dos morros ao longe. Passou a lata gelada de cerveja na testa, coisa que vira inúmeras vezes nos filmes, mas que com ele nunca produzira nada de muito diferente, só uma testa molhada. Não bebeu a cerveja toda, ela esquentou na sua mão enquanto ele olhava pela janela.

O sujeito viera à procura de alguém que supunha estar na sua companhia. Nada, a não ser isso, justificava o comportamento dele. A hipótese mais remota era Kika; a mais plausível, Clodoaldo. Provavelmente ficara de vigia pela manhã. Vira Espinosa sair e vira Clodoaldo aproximar-se, mas não vira de onde ele viera; devia ter suposto que estava também no apartamento e que saíra em seguida. Vira os dois saírem juntos de carro e aproveitara para entrar no apartamento e esperar, sabia que o delegado não usava o carro para ir à delegacia. Certamente seu interesse não era Espinosa, teria sido fácil chegar até ele (como de fato chegara); estava atrás de alguém difícil de ser localizado e de ser pego; alguém que devia estar de posse de alguma informação muito preciosa a ponto de justificar a invasão do apartamento de um delegado de polícia e sua subjugação sob ameaça de arma de fogo. Chegou a pensar se a varredura

realizada no apartamento pelos policiais da delegacia fora para colher alguma pista deixada pelo invasor ou para apagar os vestígios de sua presença.

Clodoaldo estava havia vários dias observando o prédio da avenida Copacabana e seguindo alguém; além de também estar sendo seguido, conforme dissera. Sabia do perigo que corria o menino que fora morto, tanto que lhe dera o número do telefone do delegado. Talvez o menino tivesse lhe passado alguma informação. O sujeito matara o menino e agora estava atrás de Clodoaldo.

Era cedo para dormir, não tinha almoçado nem jantado, não estava disposto a esquentar congelado, saiu para comer. Na rua, apesar de as lojas já estarem fechadas, muita gente carregando sacolas com presentes. Faltavam quatro dias para o Natal.

O corpo encontrava-se no Instituto Médico Legal e não fora reclamado por ninguém. A notícia chegou a Espinosa através de Vieira.

— Espinosa, acharam o filho da puta, morto.

— Qual deles?

— O da carteira. Meus documentos estavam com ele, telefonaram pra mim... querendo saber se o morto era eu. Porra, Espinosa, a sutileza da polícia é do caralho.

— Como sabem que é ele?

— Não sabem, encontraram minha identificação com ele.

A história não era tão simples. O que Espinosa pôde averiguar no correr do dia foi que o cadáver de um homem branco aparentando trinta, trinta e cinco anos, fora encontrado, havia dias, num matagal próximo à lagoa de Marapendi, Barra da Tijuca, com sinais de ter sido torturado antes de ser morto a tiros. Próxima do corpo estava uma carteira de dinheiro, sem dinheiro e sem nada que identificasse o morto. Passadas duas semanas, a 16^a DP, na Barra da Tijuca, recebera uma carteira de plástico achada num caminho de terra batida, perto

de onde fora encontrado o cadáver. Era a carteira de identidade do delegado Vieira. Lembraram-se do corpo encontrado duas semanas antes, sem nenhum documento, e concluíram que poderia ser ele o delegado Vieira.

Embora não houvesse ninguém para identificar o corpo, Espinosa não tinha a menor dúvida de que se tratava do homem descrito pelo menino como sendo o que achara a carteira e que ele perseguira pelas ruas de Copacabana, o que confirmava sua suspeita de que não fora ele o autor do assassinato do menino: ele já estava morto havia mais de uma semana quando alguém esmagou a cabeça do garoto contra a pedra do morro do Leme. Pensou no homem que encontrara no apartamento.

O laudo do médico-legista não deixava dúvidas quanto ao fato de que, pelas lesões encontradas, o homem teria confessado o que sabia e o que não sabia, o que levou Espinosa a perguntar-se o que queriam saber dele, e o que ele teria contado. Começavam a fazer sentido as mortes dos meninos e a caça a Clodoaldo. Não tendo muita coisa a oferecer aos seus torturadores, o homem entregara o menino. O primeiro menino fora morto pela pressa do assassino em eliminar a testemunha; ter-se enganado de menino importava apenas do ponto de vista operacional; quanto a ter matado a criança errada, isso para ele era apenas um acidente cujo aspecto negativo se resumia a ter que matar o menino certo, uma tarefa a mais. Constatado o engano, o assassino teria saído à caça do verdadeiro menino, até encontrá-lo e bater com sua cabeça na pedra. Modo barato e primitivo de matar. Devia considerar que tiro era para gente grande. A inquietação maior de Espinosa era quanto a que outras pessoas teriam sido entregues pelo homem na ânsia de agradar aos torturadores; entre elas poderiam estar ele próprio e Kika.

Da delegacia, telefonou deixando um recado para Kika. O detetive Maldonado foi designado para protegê-la à noite, enquanto estivesse expondo seus quadros no calçadão da avenida Atlântica. Duvidava um pouco da eficácia da medida; um sujeito que é capaz de entrar no apartamento de um delegado de polícia e subjugar-lo não seria

impedido por um jovem e inexperiente detetive; mas era do que podia dispor no momento.

Vieira ainda estava com alguns movimentos prejudicados e não podia dirigir automóvel; Espinosa levou-o até a Barra da Tijuca para pegar seus documentos. Como estava uma magnífica manhã de sol, tomou o caminho da avenida Niemeyer. A visão que a estrada litorânea proporcionava do verde intenso do mar e do azul quase violeta do céu funcionava como antídoto para qualquer chateação. Apesar da boca machucada, Vieira falou durante todo o percurso, passando de um assunto para outro, pontuando cada passagem com um comentário sobre a paisagem, mas sem se referir a Flor uma única vez sequer.

O envelope pardo apresentado a eles no balcão da delegacia da Barra estava com vários telefones anotados e riscados; apenas o último tinha um círculo em volta, era o de Vieira.

— Acho que é a primeira vez que um morto volta para buscar seus documentos — disse Vieira, brincando com o delegado de plantão.

— Desculpe o telefonema, delegado, mas tínhamos que verificar.

— Claro, companheiro, estou feliz por não ser meu corpo o que está na gaveta do IML.

Conversaram durante mais de uma hora, contando casos novos e relembrando antigas façanhas.

Na volta, de posse de seu documento de identidade, Vieira manteve a mesma loquacidade acrescida de uma pitada de segurança. Foi quando falou em Flor.

— O que você acha da Flor?

Para Espinosa, a pergunta souu ambígua. Não por subterfúgio de Vieira, não era o seu estilo. Sobre o que ele queria uma opinião? Sobre a mulher Flor, ou sobre a implicada no inquérito?

— Acho uma bela mulher.

— Porra, Espinosa, acordar pela manhã e ver aquela mulher deitada ao seu lado é a mesma coisa que ganhar uma loteria por dia.

— O problema é o preço do bilhete.

— Que merda... O que você está querendo dizer com isso, porra?

— Estou querendo dizer que, enquanto não for esclarecida a morte de Magali, essa bela herança que você recebeu fica marcada por um assassinato do qual o único suspeito até o momento é você mesmo, o que aos olhos dos outros contamina sua relação com Flor.

— Porra, Espinosa, quero que os outros se fodam com suas opiniões.

— Os outros, Vieira, é um modo delicado de eu me referir à justiça. Não se esqueça de que aos olhos da lei você e Flor são os únicos citados no inquérito.

— Não acredito que exatamente você, meu amigo, esteja dizendo isso.

— Exatamente porque sou seu amigo.

Apesar de estar dirigindo, Espinosa viu o amigo envelhecer, as marcas dos ferimentos no rosto pareceram ficar mais nítidas e o tremor quase imperceptível da mão pousada sobre a perna adquiriu destaque no seu campo visual.

— Por que você foi ao apartamento dela?

— Porque, caso você tenha esquecido, estou investigando a morte de Magali.

— Então por que não chamou Flor para depor na delegacia?

— Chamei. E ela compareceu nas duas vezes em que foi solicitada. Uma delas, acompanhada do advogado. — Era uma forma de verificar a proveniência do advogado.

— Advogado? Que advogado, merda?

— Não me lembro do nome, mas é um jovem bastante eficiente. — Sentiu-se mal pelo “jovem”, era desnecessário, já estava de posse do que queria saber, o advogado não tinha sido obra de Vieira.

— Mas que porra de advogado é esse? Flor não tem advogado; o advogado dela sou eu. Como é o nome desse merda?

— Não me lembro. Sei que era muito jovem, mas que apesar disso defendeu brilhantemente os interesses da cliente.

— E por que você não me contou?

— Porque pensei que você soubesse. Não se preocupe, foi só procedimento de rotina.

— Ir ao apartamento dela também foi rotina? — O tom da pergunta foi áspero.

— Certamente. Eu precisava verificar se alguma das chaves encontradas no apartamento de Magali abria a porta do apartamento de Flor e vice-versa, e isso tinha que ser feito no local.

Escolhera voltar pelo túnel, em vez de fazer o mesmo percurso da avenida Niemeyer; desse ponto em diante a conversa se deu no interior do túnel, os rostos iluminados fracamente pela luz dos faróis refletidos nas paredes.

— Escute, Vieira, não estou contra você e tampouco disputando os cuidados de Flor, que estão inteiramente voltados para você.

— Tudo bem... não dê importância... essa agressão me deixou um pouco medroso. Não pense que estou contente da vida curtindo uma mulherzinha nova; eu gostava muito de Magali, era minha companheira, me conhecia como nem mesmo Maria Zilda me conheceu, cuidava de mim e eu cuidava dela, me protegia quando eu me embebedava e eu a protegia quando ela se sentia ameaçada. Apesar da beleza e da juventude de Flor, tenho saudades de Magali... penso nela todos os dias.

O carro saiu do túnel e foram fulminados pela luz do meio-dia. Até chegarem ao prédio de Vieira, nenhuma palavra foi dita.

Parte da tarde foi passada no Instituto Médico Legal. A descrição feita por Kika e pelo garoto correspondia perfeitamente ao corpo retirado da gaveta. Era a primeira vez que via o homem que procurara durante quase um mês, e a visão não era nada agradável. O rosto estava em condições de ser reconhecido, se houvesse alguém

interessado em fazê-lo, mas o restante do corpo fora bastante maltratado. Os torturadores não haviam tido nenhuma preocupação em esconder a identidade do morto; parecia mesmo que haviam feito questão de deixar as mãos e o rosto em condições de servir como elementos de identificação, uma espécie de recado do tipo “a quem interessar possa”. Espinosa tinha certeza de que apenas nos momentos que antecederam sua morte aquele homem vislumbrara por que estava morrendo... se ainda estivesse em condições de vislumbrar alguma coisa. Era o quarto cadáver, da série que tivera início com Magali, e um pressentimento funesto dizia a Espinosa que não seria o último.

Na delegacia, nenhuma resposta de Kika ao recado deixado por Espinosa. Maldonado saíra cedo, preocupado em dar proteção a ela quando fosse para a avenida Atlântica. Às cinco e meia, ligou da rua para Espinosa.

— Delegado, a moça não está em casa, não tem ninguém para dar informações, a vizinha de baixo não viu quando ela saiu, estou aqui desde as cinco horas, ela pode ter ido para a avenida Atlântica sem passar antes em casa.

— Encontre-se comigo na avenida Atlântica.

Não havia carro disponível, nem tempo para pedir algum emprestado; pegou um táxi na esquina. Era ainda dia claro, o movimento de carros vindos do centro da cidade era intenso, mas o movimento de pessoas no calçadão era pequeno, e nenhum dos ambulantes tinha chegado. Não havia o menor sinal de Kika. Espinosa procurou na garagem onde ela guardava sua armação de metal, percorreu os bares próximos, os bancos e quiosques no calçadão junto à areia, mas o movimento àquela hora era outro, muito diferente do que se iniciava por volta das sete da noite. O trânsito lento fez com que esperasse ainda um bom tempo até a chegada de Maldonado.

— Fique aqui; vou ao meu apartamento, ela pode ter deixado algum recado na secretária eletrônica; se precisar telefonar, use o orelhão da calçada em frente. Volto o mais rápido possível.

— Ainda é cedo, delegado, ela pode estar a caminho.

— Só não sabemos de onde, nem para onde. Ela sempre vem de casa, não pode ficar andando durante o dia carregando os quadros que vai expor à noite, é estranho não ter passado por lá. — A última frase foi dita quando fazia sinal para um táxi.

Entrou no apartamento já de olho fixo na secretária eletrônica, que piscava indicando haver mais de um recado. Nenhum era de Kika. Voltou a ligar para a central de recados, deixando uma mensagem urgente. Pegou o carro e rumou para a rua do Catete. Apesar de estar no sentido inverso do fluxo, o trânsito estava lento. Estacionou em frente ao sobrado às seis e dez, apesar de uma placa indicar que o estacionamento ao longo do meio-fio era permitido só após as vinte horas. A janela do apartamento de Kika que dava para a rua estava aberta e havia luz no terceiro andar. Precisou tocar a campainha várias vezes até alguém acionar o mecanismo de abrir a porta da frente. Espinosa subiu correndo os três lances de escada, de modo que quando a moça abriu a porta do apartamento faltava-lhe fôlego para falar.

— Espinosa... delegado Espinosa... amigo de Kika.

— Calma. Sei quem você é. Respire devagar. O que aconteceu?

— Kika está?

— Não. Deve estar na avenida Atlântica.

— Estou vindo de lá. Sabe me dizer se ela passou por aqui?

— Não sei, cheguei há menos de quinze minutos.

— E a outra amiga de vocês?

— Hoje é o plantão dela.

— Você pode olhar no quarto de Kika se ela levou as telas?

— Claro. Aconteceu alguma coisa com ela?

— Não. Espero que não.

A moça não convidou Espinosa a entrar. Achou que foi pelo tamanho diminuto do short que ela estava usando; como também podia ser pela desarrumação reinante, que vislumbrou pelo vão da porta. Deixou a porta entreaberta enquanto atendia ao pedido de Espinosa. Voltou de imediato, abanando negativamente a cabeça.

— Estão todos lá. Os que ela expõe estão embrulhados. Com o que você está preocupado? Está escondendo alguma coisa de mim?

— Não estou escondendo nada. Deve ser imaginação minha. Não houve nada de objetivo. É que nos últimos dias têm acontecido coisas. Onde você acha que ela pode ter ido?

— Na semana do Natal ela não iria a nenhum outro lugar além da avenida Atlântica. Está com grandes esperanças de vender pelo menos mais três quadros.

— Caso ela apareça, peça para ligar imediatamente para a minha casa.

Voltou para a avenida Atlântica com a certeza de que Kika não apareceria naquela noite. As primeiras bancas estavam sendo montadas, e Maldonado se postara junto à entrada da garagem onde Kika guardava a armação de metal. Quando Espinosa chegou, ele estava conversando com o porteiro do prédio.

— Nada, delegado, ela não apareceu por aqui.

— Também não foi em casa apanhar os quadros, nem deixou recado na minha secretária eletrônica.

— O que está achando?

— Não sei, não tenho idéia. A única coisa que me tranqüiliza é que o sujeito que me atacou não mencionou o nome dela. É verdade que não nomeou ninguém. Ela certamente foi a um vernissage, a uma festa, encontrou um antigo namorado, foi visitar algum parente...

— Com certeza.

— Tem outra coisa. O homem que me atacou não desperdiça agressividade; ele não se aproveitou do fato de eu estar amarrado para me agredir, não fez nenhum gesto inútil comigo, foi extremamente econômico em suas ações.

— Por que você está dizendo isso?

— Porque se ele não viu Kika com o menino, e ela só esteve com ele uma única vez, não há por que tentar nada contra ela.

— Com certeza.

— Você já disse essa frase.

— É a melhor que tenho no momento, delegado.

— Tudo bem, Maldonado, desculpe. Vamos tratar de encontrar a moça.

Eram oito horas, tempo ainda de Kika chegar para montar seu pequeno estande, mas nenhum dos dois policiais esperava mais que isso acontecesse. Espinosa deixou um bilhete com o porteiro, com a recomendação expressa de entregá-lo à moça dos quadros e de ficar do lado dela até ela entrar no primeiro táxi que aparecesse. Decidiram que o único ponto de partida possível era a casa dela. Antes, porém, passariam no apartamento de Espinosa para ver se havia algum recado.

A secretária estava piscando. O recado era de Kika. “Merda, você nunca atende... estou em casa... estou com medo.”

Levaram pouco mais de dez minutos para chegar ao velho sobrado do Catete. A amiga foi recebê-los na porta, depois de certificar-se de todas as maneiras de que eram eles mesmos. Estavam ambas muito assustadas. Era como se repentinamente as mortes recentes se voltassem contra Kika, ameaçando-a. Ela estava sentada na cama, vestida e calçada, com a fisionomia assustada, como se tivesse sido avisada de um perigo imediato. Quando viu os dois detetives, sorriu aliviada, mas sem abandonar a cama.

— O que aconteceu? — perguntou Espinosa, assim que entrou no quarto.

— Quando cheguei em casa para pegar os quadros, a vizinha do andar de baixo me avisou que um homem grande e forte que falava como se estivesse dando ordens estava à minha procura. Pela descrição, não era ninguém conhecido. Me lembrei imediatamente da história que você me contou pelo telefone, do cara que entrou no seu

apartamento. Me lembrei também da morte do menino. Telefonei para a delegacia, mas você tinha saído; telefonei para a sua casa, atendeu a secretária eletrônica. Fiquei com medo de voltar para casa. Se ele tinha estado à minha procura, certamente voltaria. Fiquei andando pela rua, fazendo hora para ver se você chegava em casa; quando vi que você não voltava, entrei num cinema e fiquei esperando; mudei de lugar várias vezes, ninguém foi atrás de mim; quando as luzes se acenderam, saí junto com todo mundo; deixei um recado para você e vim para casa. Você acha que foi o mesmo cara que entrou no seu apartamento?

A descrição feita por ela não deixava margem a dúvidas. Era o mesmo homem. Espinosa não queria deixá-la em pânico, mas também não queria minimizar o fato a ponto de ela se descuidar.

— Não estou certo. Mas, na dúvida, vamos agir como se fosse. Até pegarmos esse sujeito, você não vai a lugar nenhum sem estar protegida. Se for o mesmo homem, trata-se de um profissional, não podemos facilitar.

— Que belo momento para isso acontecer.

— Vamos tentar fazer com que você tenha um Natal sem ameaças.

O fato porém era que Espinosa não tinha a menor idéia de como isso seria possível. Decidiu passar a noite no sobrado. Combinou com as moças que dormiria no sofá da sala. Liberou Maldonado até a manhã seguinte.

Ficaram conversando os três até quase meia-noite, quando Kika e a amiga foram para os seus quartos e Espinosa se instalou no sofá, com a pistola colada ao corpo, em frente a um pequeno pinheiro artificial em cima de uma mesinha redonda, ornamentado com dois pequenos conjuntos de lâmpadas coloridas que piscavam alternadamente. Mesmo que desejasse, não conseguiria dormir, foi o que constatou logo que as luzes maiores se apagaram e fez-se silêncio no apartamento. A primeira coisa que verificou foi que a palavra *silêncio* era aplicável apenas ao fato de que ninguém estava falando mas não à ausência de ruídos estranhos, tábuas estalando, portas rangendo, barulhos variados no forro do telhado, além do tráfego

ininterrupto da rua do Catete, mesmo durante a madrugada. Para quem estava acostumado ao bairro Peixoto, o sobrado parecia uma sala de efeitos sonoros especiais. Impossível dormir. Nas poucas vezes em que conseguiu cochilar alguns minutos, acordou sobressaltado, tateando o sofá em busca da arma.

Quando a terceira moradora do sobrado chegou pela manhã, deparou-se, assim que entrou, com uma pistola em cima do sofá, ao lado de um paletó de homem. Espinosa estava na cozinha botando para funcionar a máquina de café. Houve uma certa dificuldade inicial para se entenderem, mas, como a moça já ouvira falar dele e estava saindo de um plantão (assim como o próprio Espinosa), estavam ambos insones, deixaram as explicações para mais tarde.

Quando Maldonado chegou, às oito da manhã, as três moças estavam dormindo. Espinosa determinou que ele ficasse no apartamento até a primeira delas acordar; a partir de então, alternaria de posto: dentro do apartamento e na calçada próximo à entrada do prédio, de modo a poder intervir com rapidez. O único acesso ao segundo e terceiro andares era pela escada de madeira que dava direto na porta da rua e que rangia secularmente sob o mais leve pisar; funcionava como aviso prévio à campainha ou a alguma possível invasão.

Vieira experimentara a recuperação do seu documento de identidade como a recuperação de sua própria identidade de policial e delegado. Ninguém é ex-delegado, pensava, delegado é como general ou presidente da República: mesmo depois de ter deixado o cargo as pessoas continuam chamando de general e presidente; às vezes, de general-presidente. A comparação não implicava, de forma alguma, equivalência dos cargos e funções, tratava-se simplesmente da constatação de que certos cargos acrescentam de forma definitiva um título à identidade da pessoa. A primeira providência a ser tomada logo na manhã seguinte à da devolução da carteira seria mandar fazer uma cópia colorida e plastificada do documento; deixaria o original

em casa. Nem o delegado original nem a carteira original estariam mais nas ruas.

Terminara a leitura do jornal mas continuava deitado na cama à espera de Flor; apesar de não ser mais necessário o concurso de outra pessoa para a aplicação dos remédios, ela continuava a ir todas as manhãs ao apartamento para cuidar dos ferimentos. Tinha sua própria chave e entrava sem precisar tocar a campainha. Os vizinhos se perguntavam se aquela era a nova mulher do delegado. Parecia filha. Não pela semelhança, até que ela era bonitinha, mas pela idade. Flor fingia não ler os pensamentos, enfiava a chave na porta e entrava confiante. Para ter o mesmo status que Magali faltava apenas uma conta conjunta no banco. O que era uma questão de tempo.

A finalidade das compressas e pomadas era diminuir a horrível coloração roxo-amarelada das equimoses, mas para Vieira a administração de Flor era muito mais amorosa do que medicamentosa, atividade que ela prolongava bem além do necessário. As partes genitais não tinham sido atingidas pelas pancadas do agressor, mas muito freqüentemente um pouco de óleo ou uma compressa eram aplicados com o objetivo de ativar a circulação sanguínea. Não raro, a prática de enfermagem estendia-se por mais de uma hora.

— Podemos almoçar juntos — propôs Vieira.

— Claro, amor.

— À tarde, estou pensando em comprar seu presente de Natal.

— Oba!

— Quer ir junto para escolher?

— Não, amor, estragaria a surpresa.

— Em compensação eu não compraria uma coisa errada.

— Não tem coisa errada, amor; será um presente seu, isso é o que importa.

— Então não quer ir comigo?

— Não é isso, querido, é que presente de Natal tem que ser surpresa; é pra ser colocado no pé da cama, pra gente encontrar

quando acorda.

— Isso é para quem ainda acredita em Papai Noel. Já somos crescidos; podemos almoçar e escolher seu presente.

— Hoje não posso, meu bem.

— Não vai me dizer que tem trabalho à tarde, porra.

— É só hoje; o Júnior vai no meu apartamento.

— Quem?

— O Júnior. É a primeira vez dele. O pai marcou comigo.

— Júnior? Que porra de Júnior é esse? Júnior é nome ou é o quê? Júnior, pra mim, é quem tem o mesmo nome que o pai, merda.

— É isso mesmo. O nome dele é igual ao do pai, só que tem Júnior no fim.

— E esse Júnior é Júnior de quem, porra?

— Do pai dele, ora. De quem mais poderia ser?

— E quem é o puto do pai desse merdinha?

— Foi quem me trouxe do Recife para o Rio. Ele me ajudou muito. Foi quem alugou o apartamento onde eu moro. Prometi a ele que a primeira vez do Júnior seria comigo.

— Puta que pariu! Você estava prometida ao merdinha? Quem afinal está perdendo o cabaço? Você ou ele?

— Você está exagerando, querido. É só um menino.

— E vai continuar sendo, porra. Pelo menos enquanto o pai tiver que pegar o pau dele e meter na boceta de uma mulher.

Vieira estava aos berros dentro do apartamento. A roupa que pegara para vestir tinha sido jogada no chão; os gritos misturavam-se à tosse, a lividez realçava ainda mais os hematomas.

— Você está nervoso.

— Nervoso? Nervoso, eu? Nervoso? Você nunca me viu nervoso, isso é só o começo.

— E o fim, como é? Você mata as mulheres?

Vieira estacou. Olhou para Flor como quem olha para um estranho. Ficou em silêncio o tempo de o sangue voltar a circular normalmente. Catou com dificuldade as coisas que jogara no chão. Pegou a camisa e começou a vestir.

— ...Desculpa... eu não queria... — Flor tentou se aproximar, braços estendidos.

Vieira continuou abotoando lentamente a camisa; botou-a para dentro das calças; o cinto era o que Flor lhe comprara em substituição ao que prendera os pés de Magali; pegou a carteira e as chaves que estavam em cima da cômoda; e iniciou o movimento de sair de casa.

— Meu bem, me desculpa, não quis dizer que foi você quem matou...

Vieira não disse nada. Nem sequer olhou para ela. Encaminhou-se para a porta, conferiu se estava com as chaves, e saiu.

Desceu a rua Francisco Sá, dobrou à esquerda na avenida Copacabana e andou várias quadras. Obedecia a um comando automático que o impelia a continuar andando. Andar era fazer alguma coisa, e como não sabia o que fazer nas circunstâncias presentes, andava. Após algum tempo de caminhada, lembrou-se de que saíra para tirar uma cópia da carteira de identidade. Embora não importasse mais qual fosse o motivo. Não queria pensar nas palavras de Flor; se pensasse, teria de fazer alguma coisa, e não queria fazer nada, então não pensava. Pensou que não andava mais como antigamente, quando os passos eram largos, o peito estufado, a cabeça ereta, o olhar decidido, mesmo quando não estava à procura de nada em especial. Andara pouco mais de quinhentos metros e já sentia os músculos das pernas. Enquanto caminhava, passou por mais de uma copiadora; nenhuma delas fazia cópia colorida; “se não for colorida, as letras P-O-L-Í-C-I-A, em vermelho, não vão ter a mesma força”. Numa das casas, informaram que mais duas quadras na direção em que estava andando havia uma papelaria onde faziam cópia colorida.

— Frente e verso? — perguntou o rapaz da papelaria. A pergunta era retórica, tanto que nem esperou a confirmação.

Vieira não respondeu. Ficou olhando a copiadora como uma máquina olhando para outra máquina. Feita a plastificação, pagou sem olhar o resultado. Pôs o documento original e as cópias no bolso e continuou andando. Somente quando os músculos começaram a ficar doloridos, voltou a pensar em Flor. Mais especificamente, na frase de Flor. Em circunstâncias normais, não lhe daria importância ou berraria nos ouvidos dela até rebentar-lhe os tímpanos. O que o deixara paralisado era a possibilidade de a frase ser verdadeira, com a agravante de ter sido dita por Flor da forma como fora dita. Gostava de Flor tanto quanto gostara de Magali. Eram ambas diferentes de Maria Zilda, pertenciam a registros diferentes, espécies distintas cujos atributos eram incomparáveis. Caminhava com lentidão. Não atribuía o cansaço à distância percorrida, mas ao peso das idéias.

Entrou em casa com a esperança de ainda encontrar Flor. Até abrir a porta, não sabia o que diria ou faria caso ela ainda estivesse lá. Não conseguia prolongar um estado de raiva além do tempo necessário à catarse; não era um ressentido, apesar de a frase acusatória de Flor tê-lo abalado mais do que o normal. Sua própria reação fora incomum; não tinha por hábito reagir com o silêncio. O que fizera não fora propriamente uma reação, mas uma não-reação; ficara paralisado pelo choque e escolhera a fuga, coisa que nunca fazia.

Flor não estava mais.

Kika saiu do quarto vestindo uma camiseta que cobria quase até o joelho, tendo por baixo apenas a calcinha. Era o seu pijama predileto. Surpreendeu-se ao encontrar Maldonado no mesmo sofá em que deixara Espinosa na noite anterior. Apesar de simpatizar com o detetive, Kika teve que controlar-se para não deixar transparecer o desapontamento pela ausência de Espinosa; ele se sentiu aliviado por não defrontar-se com uma estranha.

— Bom dia, Kika, desculpe a invasão.

— Bom dia, Maldonado, não esperava...

— Espinosa foi em casa descansar um pouco; pela cara que estava quando cheguei, não deve ter dormido nada durante a noite. Você está se sentindo melhor?

— Estou. Talvez tenha exagerado, talvez o homem não fosse o mesmo, talvez...

— Em situações como essa um talvez corresponde a uma possibilidade, e com esse tipo de possibilidade não dá para brincar.

— Mas... quanto tempo isso vai durar?

— Isso o quê? A ameaça ou a proteção?

— Não sei... essa situação excepcional. Melhor tomarmos um café para clarear as idéias... as minhas idéias, quero dizer.

— As minhas também não estão claras. Aceito o café.

Kika era mais alta do que Maldonado e os dois formavam uma dupla tipo comédia de Hollywood. Mas não havia nada de engraçado em suas fisionomias naquela manhã. Ele era um dos poucos, talvez o único policial da delegacia, a quem Espinosa confiaria a guarda de Kika, e ele sabia disso.

Tomaram café em silêncio. Ela ainda estava com a atividade cerebral muito abaixo do nível que considerava digno de ser chamado “vida” no sentido genérico do termo, isto é, abaixo ainda de “vida animal”, e a uma enorme distância de “vida humana”; algo entre o vegetal e o camaleão esquentando-se ao sol. Maldonado esperava pacientemente o sinal que marcaria o início efetivo do dia para ela. Kika terminou a primeira xícara de café, encheu mais uma vez a sua e a de Maldonado sem perguntar-lhe nada, esticou as duas pernas por debaixo da mesa, obrigando Maldonado a recolher as suas; o silêncio não era ausência de fala, mas ausência da própria linguagem; esfregou várias vezes o rosto com as mãos, voltando-o para o teto; esticou os dois braços para a frente e para cima, cruzando as mãos no alto; olhou fixamente para o detetive e ele teve absoluta certeza de que ela na verdade olhava através dele; até que abriu os olhos na medida certa, focalizando-os de acordo com a distância dos objetos. Naquele momento, para ela, o dia começava. Maldonado estava maravilhado.

— Não há necessidade de eu ficar aqui dentro do apartamento. Vocês vão ficar sem liberdade. Posso ficar na calçada, próximo à entrada, de modo a poder alcançar qualquer pessoa que entre no prédio. Se precisar de alguma coisa eu toco a campainha.

— Como você achar melhor. Se quiser ficar aqui dentro, não tem problema.

Durante o tempo em que ficou de guarda na calçada, todo homem que parecia se encaminhar para a entrada do sobrado correspondia à descrição fornecida por Espinosa. A proteção que estava dando às moças seria eficiente apenas na medida em que conseguisse proteger a si próprio. O homem que agredira Espinosa era eficiente o bastante para saber localizar um policial à paisana e neutralizá-lo. Tinha, portanto, que tomar todo cuidado para não ser pego de surpresa; se fosse neutralizado, Kika seria presa fácil.

Faltando três dias para o Natal, o movimento na rua do Catete era tanto que ela estava intransitável, o que obrigava Maldonado a redobrar a atenção, além de tornar mais difícil uma intervenção imediata em caso de necessidade. A simples idéia de alguém iniciar um tiroteio no meio daquela multidão o deixava arrepiado. Se de fato o homem era esperto o bastante para localizá-lo imediatamente, não havia por que preocupar-se em disfarçar coisa alguma; em vez de ficar em pé na calçada em frente ao sobrado, poderia ficar sentado nos primeiros degraus da escada. Seria um alvo mais fácil; em compensação, poderia reagir sem muito risco de atingir outras pessoas. A escolha pelos degraus da escada foi facilitada pelo fato de ter começado a chover: se permanecesse em pé na calçada ficaria inteiramente molhado em poucos minutos.

A parte térrea do sobrado era ocupada por uma papelaria; a porta de acesso à escada e aos andares superiores ficava à esquerda da fachada, e a escada era inteiramente separada da loja por uma parede. A única possibilidade de alguém tentar chegar aos andares superiores sem ser pela escada seria atravessando a loja e tentando um acesso pelos fundos, o que era extremamente difícil, apesar de não impossível. Maldonado alertou o proprietário e o empregado da

papelaria para essa possibilidade. A qualquer tentativa nesse sentido, deveriam avisá-lo na porta ao lado.

Perto da hora do almoço, Kika desceu com um sanduíche embrulhado em papel laminado e uma lata de refrigerante diet.

— Espero que você goste de sanduíche natural e guaraná diet.

A escada era larga o bastante para os dois poderem ficar sentados um ao lado do outro. Kika também tinha um sanduíche igual ao que trouxera para Maldonado. Usava uma camiseta semelhante à que vestia pela manhã, só que inteiramente manchada de tinta de todas as cores, além de um short igualmente salpicado de cores, e tamancos. Maldonado ficou preocupado por ela estar ali exposta, mas ao mesmo tempo estava fascinado com a figura sentada ao seu lado.

Espinosa acordou sobressaltado, com uma idéia atravessando-lhe o cérebro, quase furando o tampo da cabeça. O sujeito que entrara no apartamento e o dominara era um policial ou estava a serviço da polícia. A ausência de agressão desnecessária, a frieza e a eficiência com que o dominara, a ousadia de invadir e subjugar um delegado, e o roubo apenas das armas, uma delas o trinta-e-oito oficial da polícia; o conjunto desses elementos ganhava forma e apontava para a própria polícia. A despreocupação em ocultar a identidade era um índice de que não estava correndo o risco de ser punido. Achou, em seguida, que a idéia era insensata. Não havia motivo para ser atacado. Não pertencia a nenhum grupo que pudesse ser alvo de outro grupo rival. Ou talvez fosse precisamente essa a razão. Na polícia, quem não pertence a grupo nenhum, não tem compromisso com nenhum deles, é independente, o que é muito mais perigoso do que pertencer ao pior dos grupos. Mas estava na polícia havia mais de quinze anos, por que somente naquele momento iriam se preocupar com ele? Por sua relação com Vieira?

Levantou-se. Aos poucos foi voltando à realidade. Lembrou-se de Kika; do homem com a arma na mão; de Maldonado, e de que precisava substituí-lo. Dormira pouco mais de quatro horas, que,

somadas aos pequenos cochilos no apartamento de Kika, considerou suficientes. Enquanto passava creme de barbear no rosto preparava a máquina de café na cozinha, voltando em seguida ao banheiro para terminar a barba. Não entendia por que a pressa; se voltasse ao apartamento do Catete até duas da tarde seria um tempo razoável, e Maldonado poderia almoçar sem muito atraso. O fato é que estava acelerado. Aceleração que poderia ser atribuída ao ritmo dos últimos dias, ou ao fato de não querer deixar Kika durante muito tempo aos cuidados de Maldonado.

A caminho do Catete, pensou no que estavam fazendo. A proteção a Kika não era do conhecimento de ninguém da delegacia; se algo desse errado, a responsabilidade seria inteiramente sua. Parou o carro duas quadras depois do prédio de Kika, numa transversal à rua do Catete, e voltou a pé, como se fosse o perseguidor querendo entrar no prédio. Assim que conseguiu divisar a fachada do prédio, começou a procurar Maldonado — que deveria estar próximo à porta de entrada. A rua estava molhada da chuva que caíra duas horas antes, mas o movimento nas calçadas continuava intenso. A porta do prédio já estava bem visível e, à medida que se aproximava, Espinosa procurava em vão pelo detetive. Já estava quase tocando a campainha quando ouviu a voz junto ao seu ouvido.

— Procurando alguém, delegado?

Espinosa foi obrigado a admitir que o rapaz era mais eficiente do que supunha. Da mesma forma, teve que abandonar algumas fantasias que vinha alimentando havia alguns dias; o que fez com grande alegria.

— Maldonado, confesso que você me pegou. Aliás, tenho sido pego com muita facilidade ultimamente. Como estão as coisas?

— Nem sinal do homem. As moças estão calmas. No momento estão em casa apenas Kika, que está pintando, e a médica, que está dormindo; a terceira saiu para trabalhar. A única entrada possível é pela porta da frente; os prédios vizinhos não têm comunicação com o nosso; alguém muito ágil poderia tentar uma escalada pela fachada

dos fundos, mas seria preciso atravessar a loja do térreo, e já falei com o proprietário e com o empregado.

— Muito bem, Maldonado. Fico de guarda até oito da noite. Deixei um recado pelo telefone na delegacia, dizendo que nós dois estávamos em diligência fora da cidade; portanto, não apareça por lá.

Em seguida, subiu para comunicar a Kika a mudança de guarda.

Choveu durante toda a tarde, o que obrigou Espinosa a dividir sua vigília entre a sala de Kika e a escada do prédio. Kika queria saber se poderia expor seus quadros na avenida Atlântica. A decisão ficou por conta do tempo — continuou a chover à noite. Com o horário de verão, às sete e meia, hora em que Maldonado voltou para substituir Espinosa, ainda havia luz do dia, apesar do tempo fechado. Ele ficaria durante duas horas, enquanto Espinosa iria em casa, e, quando retornasse, discutiriam a estratégia para a noite e o dia seguinte.

Eram oito e quinze quando abriu a porta do apartamento. A luz vermelha da secretária piscava anunciando vários recados. Apertou a tecla para ouvir as mensagens e atravessou a sala para abrir as venezianas. O primeiro recado era de Clodoaldo; deixara apenas o nome. O segundo era novamente dele, e bem ao seu estilo: “Espinosa. Preciso falar urgente. Clodoaldo”. Havia um terceiro telefonema, sem mensagem gravada. O último recado era da delegacia. Clodoaldo tinha sido encontrado morto.

6

Clodoaldo fora assassinado com um tiro à queima-roupa na têmpora, a arma caída junto ao corpo sugeria a quem ignorasse os acontecimentos dos dias precedentes tratar-se de suicídio. Para os que conheciam o educador de rua, a hipótese nem sequer seria aventada. Ele próprio ex-menino de rua, sobrevivente de todo tipo de ameaça, não seria autor da própria morte. Tal idéia nem por um segundo passara pelo espírito de Espinosa, ao ser informado do fato. A notícia não lhe fora transmitida de uma só vez; a primeira parte, por telefone, sem muitos detalhes; a segunda parte, pessoalmente, pela equipe de

plantão da delegacia, com o detalhe: a arma junto ao corpo, um trinta-e-oito oficial da polícia, era a mesma roubada de seu apartamento. O corpo fora encontrado no banco de trás de um táxi estacionado numa rua de pouco movimento em Copacabana minutos após o motorista dar queixa na delegacia, declarando ter sido obrigado, sob ameaça de revólver, a abandonar o carro. No banco, ao lado do corpo de Clodoaldo, o trinta-e-oito roubado.

Espinosa não podia acreditar que o criminoso fora ao seu apartamento e o subjugara apenas para roubar o revólver com o qual mataria seu amigo, deixando-o como assinatura do crime. Sentiu um arrepio na espinha ao lembrar-se de que o homem ainda estava de posse da outra arma, e poderia deixar outra assinatura. Também não tinha mais dúvida de que o telefonema da véspera, registrado na secretária eletrônica, sem recado gravado, era um recado silencioso do assassino anunciando a morte de Clodoaldo.

No Instituto Médico Legal, Espinosa era o único reclamante do corpo, não sabia de nenhum parente do educador de rua. De toda maneira, procuraria junto às casas de acolhida alguma informação sobre possíveis parentes. Só depois removeria o corpo. O plantonista, conhecido de Espinosa, procurava confortá-lo enquanto retirava o corpo da gaveta; a morte fora instantânea, o amigo do delegado não sofrera, e outras coisas que Espinosa não conseguia escutar enquanto olhava o corpo amarelado e frio à sua frente. O fato de a morte ter sido instantânea, de não ter havido dor, não era o que mais importava; não era a ausência da dor, mas a ausência da vida o que o fazia sofrer naquele momento; dor, Clodoaldo sentira desde o nascimento.

Durante o tempo em que ficou no IML cuidando dos papéis referentes ao morto, pensou nos muitos encontros que tivera com Clodoaldo, nas parcerias que haviam formado em várias ocasiões para combater predadores urbanos matadores de menores de rua; pensou no respeito e na admiração mútuos criados durante os anos em que tiveram o centro da cidade como zona de atuação; pensou em como daria a notícia para os meninos e meninas da avenida Atlântica. Pensou que o fato de o assassino ter estado no apartamento da

vizinha de Kika perguntando por ela fora uma tática diversionista criada para mantê-lo longe do educador de rua.

Na calçada, em frente ao IML, custou a entender o que dizia o rapaz que gesticulava para ele. “Táxi, doutor?” Depois de perguntar duas vezes, o rapaz desistiu. Espinosa saiu andando, procurando o carro que deixara estacionado numa rua transversal, sem se concentrar na procura. O que mais o intrigava nos muitos acontecimentos que se seguiram à morte de Magali era que nada fazia sentido. Nada tinha a ver com nada. O *nonsense* culminava com a invasão do seu apartamento e o roubo da arma que seria utilizada depois no assassinato de Clodoaldo. Por que tudo aquilo? O objetivo só poderia ser o de mandar um recado, espécie de aviso prévio. Tratava-se do aviso da sua própria morte ou da morte de outra pessoa? Além de Clodoaldo, quem mais, de suas relações, poderiam matar — e por quê? O impacto dos arcos da Lapa iluminados contra o céu fez com que recuperasse plenamente os sentidos. Certamente o carro ficara muito para trás; teria que voltar algumas quadras; mas foi com algum custo que despregou os olhos da visão que tinha à sua frente. Um pouco mais atento, refez o percurso de volta. Não precisou andar muito para avistar o carro. Maldonado estava sentado sobre o capô.

— Você passou a poucos metros de mim. Achei que estava precisando pensar. Não quis interromper. Sinto muito pelo que aconteceu ao Clodoaldo. Como você estava demorando, telefonei para sua casa; ninguém respondia. Liguei para a delegacia e me deram a notícia.

Espinosa pediu ao colega para dirigir, entraram os dois no carro e nenhuma palavra foi dita até chegarem a Copacabana. Em casa, debruçado no pequeno balcão que dava para a praça, sentiu os olhos úmidos.

Desde que ouvira o recado na secretária eletrônica, haviam se passado menos de três horas. Não jantara e não tinha sono algum. De seu balcão via as janelas dos prédios vizinhos iluminadas pelo colorido das árvores de Natal. Eram pessoas para quem os crimes eram notícias nos jornais e as mortes, quando próximas, eram de

parentes e amigos, por causas naturais; Natal, para eles, era a comemoração de um nascimento, não uma cerimônia fúnebre.

Um táxi parou em frente ao prédio. Desceu uma mulher. Olhando de cima e com pouca iluminação, não dava para distinguir a fisionomia, dava contudo para perceber o corpo elegante. A campainha do interfone tocou. Era a sua. Quando Espinosa abriu a porta do apartamento, a respiração de Flor estava levemente alterada, o suficiente para se perceber o movimento do peito sob o decote do vestido.

— Surpreso?

— Um pouco.

— Posso entrar?

— Claro. Entre.

Flor estava com o vestido que perturbara Espinosa no domingo em que saíram para comprar almoço para Vieira. E ele sabia que ela sabia que ficara perturbado. Ela entrou no apartamento com a naturalidade de quem se apossa do que já é seu. Olhou em volta, avaliando o morador pela moradia, foi até o balcão, fez um leve movimento de cabeça como que aprovando, e virou-se para Espinosa, que permanecia parado no meio da sala, como à espera de um pronunciamento da intrusa.

— Você deve estar achando estranha minha aparição, principalmente depois que nos desentendemos.

— Acho que forcei demais.

— Tudo bem. Por mim, já passou.

— Como está Vieira?

— Brigamos.

— Brigaram?

— É. A culpa foi minha. Disse uma coisa que não devia ter dito. Discutimos por uma bobagem. Eu disse que ele estava com raiva. Ele disse que eu não sabia como era ele com raiva. Eu perguntei se

quando estava com raiva ele matava mulheres. Não devia ter dito aquilo. Ele saiu sem dizer nada.

— E por que você disse? Acha que ele matou Magali? Ficou com medo de ele te matar?

— Não. Não sei. Ele estava muito nervoso. Confesso que fiquei com medo, mas não acho que ele fosse capaz de matar.

— E de matar Magali?

— Também não. Acho que exagerei.

Estavam ainda em pé no meio da sala. Flor, enquanto falava, circulava pelo ambiente, tocando, sem pegar, em objetos que estavam em cima dos móveis. Andava maciamente, girando o corpo devagar enquanto falava e olhava para ele, parecendo não ter peso.

— Não podemos nos sentar?

— Perdão. Sente-se, por favor.

Flor sentou-se no sofá e Espinosa na poltrona, embora considerasse a escolha do sofá um convite velado a que se sentasse ao lado dela. Ela ainda não declarara o motivo da visita, e Espinosa não estava inclinado a tentar adivinhar.

— Você deve estar se perguntando o que vim fazer aqui.

— De fato estou, e não acho que tenha sido para me dizer que brigou com Vieira.

— Claro que não.

— Então?

— Vim te seduzir.

— Agora você realmente me surpreendeu.

— E o que você acha da idéia?

— Acho que você...

A frase foi cortada no meio pela campainha do apartamento. Não era o interfone, mas a campainha da porta. Levantou-se, ainda sob o impacto da declaração de Flor, atravessou a sala e abriu a porta. Era

Kika. Antes que alguém dissesse alguma coisa, Flor pôs-se de pé. Kika olhou para ela e para Espinosa.

— Desculpe, vim sem avisar, não sabia que estava acompanhado.
— Deu meia-volta e desceu as escadas correndo. Espinosa ficou com a porta aberta até ouvir a batida da porta de entrada.

— Acho que atrapalhei algum programa, mas parece que nós duas viemos sem avisar, apenas cheguei primeiro.

— Não havia programa nenhum.

— Podemos voltar ao ponto em que estávamos antes de a campanha tocar.

— Flor, hoje não é um bom dia, acabo de vir do Instituto Médico Legal, onde fui identificar o corpo de um amigo assassinado hoje à tarde. Além do mais, sua briga com Vieira com certeza é passageira, não gostaria que ele pensasse que chamei você aqui.

— Não sabia sobre o seu amigo... Sinto muito. Adeus.

Levantou-se e saiu com a mesma desenvoltura com que chegara. Espinosa não gostou da visita, do modo invasivo de Flor, da ambigüidade de que revestira a referência à briga com Vieira, do choque com Kika. Achava que o motivo da visita era realmente o de seduzi-lo; aquilo de que não estava certo era o objetivo último da sedução. Era tarde, o dia tinha sido feito de emoções intensas.

Acordou cedo. O primeiro pensamento foi para Clodoaldo. Sentia-se como se tivesse bebido muito na véspera, quando tomara nada mais que duas cervejas para relaxar. Ainda estava na primeira xícara de café quando Vieira telefonou.

— Desculpe a hora, mas preciso falar com você.

— Aconteceu alguma coisa? — Espinosa pensou imediatamente na morte de Clodoaldo, mas não comentou com Vieira.

— Nada. Nada ainda. Mas acho que está para acontecer. Tenho recebido telefonemas de um filho da puta perguntando se estou

pronto para outro encontro na rua; acho também que estou sendo seguido, não tenho certeza, pode ser paranóia, mas nunca fui dado a essas merdas. Mas o que mais está me preocupando é que meu revólver desapareceu.

— Quando foi isso?

— Isso o quê?

— O desaparecimento do revólver.

— Não sei, dei por falta dele agora de manhã. Com essa porra de estarem me seguindo, resolvi sair armado; quando fui pegar o revólver, tinha sumido. Já procurei no apartamento todo. Sempre guardei no mesmo lugar, nunca mudei, e não está na gaveta onde sempre esteve guardado, ficou apenas o vazio onde ele estava. Alguém entrou aqui e roubou a merda da arma.

Vieira não sabia da invasão do apartamento de Espinosa e do roubo das armas, e Espinosa preferiu deixar para contar pessoalmente; além do mais, ainda não tomara a segunda xícara de café nem comera a torrada extra. Também não queria dar por telefone a notícia da morte de Clodoaldo. Combinaram encontrar-se na delegacia. Antes de sair, deixou um recado para Kika.

Na noite anterior, Espinosa enviara para os principais jornais a notícia da morte do educador de rua com alguns dados referentes à atividade que desenvolvia junto a meninos e meninas de rua para compor um obituário. Esperava com a medida atrair a atenção de algum possível parente.

O percurso até a delegacia foi feito a passos rápidos, sem olhares para vitrines, pessoas ou automóveis, e sem divagações de nenhuma espécie. Não esperava da perícia nada que pudesse ser acrescentado ao que já sabia do homem. A arma era a sua assinatura, não parecia a Espinosa que fosse capaz de deixar algum outro traço referente à sua identidade. Nem terminara o relato sobre os acontecimentos da véspera, quando Vieira chegou. Captou o clima antes mesmo de cumprimentar os que estavam mais próximos, e ouviu o final da narrativa de Espinosa. Assim que percebeu que a vítima tinha sido Clodoaldo, sentou-se na primeira cadeira que encontrou e ficou

olhando para o chão murmurando palavras que ninguém entendia, mas que os que o conheciam adivinhavam quais eram.

Espinosa teve que repetir para Vieira a parte da história que ele não tinha ouvido. Quando terminou de contar, Vieira puxou-o pelo braço, obrigando-o a sair da sala.

— Vamos até a esquina tomar um café. — E assim que se viu na calçada com Espinosa, apertou-lhe o braço, que ainda não tinha largado, e disse: — Porra, Espinosa, esse filho da puta ou é da polícia ou é contratado pela polícia, não tem saída. Se quiser encontrar o puto, tem de começar pela própria casa.

— Já tinha pensado nisso, mas por que você tem tanta certeza?

— Porque não tenho dúvida, porra. Pensa bem, Espinosa; quem, além da polícia, entraria no seu apartamento, roubaria sua arma oficial e mataria seu amigo com ela, deixando-a ao lado do corpo? Puta que pariu, o cara é frio como uma pedra de gelo. Já matou quatro e, pelo andar da carruagem, não parece disposto a parar. Ninguém faz uma coisa dessas sem garantias. Mesmo que seja um profissional contratado, ele está contando com a proteção da polícia no caso de alguma coisa sair errada.

— Mas por que estariam fazendo isso precisamente comigo?

— É o que não consigo perceber, meu querido. A menos que você tenha aprontado alguma... Desculpe, companheiro, esqueça o que comecei a dizer, foi uma frase estúpida.

— Sua frase não é estúpida, e a idéia não é para ser desprezada. Acho pouco provável que um sujeito com essa eficiência esteja me confundindo com outra pessoa, mas admito que ele ou seus mandantes possam estar interpretando errado alguma coisa que eu efetivamente tenha feito. Pense comigo. Policiais pertencentes à banda podre da polícia tentaram, ao longo dos anos, me cooptar. Quando viram que as tentativas davam em nada, desistiram e me deixaram em paz. Creio que algo semelhante aconteceu com você. Acontece que pessoas como nós ameaçamos mais do que os inimigos declarados.

— Mas por que só agora foram fazer alguma coisa?

— Porque até agora não tínhamos dado chance. Ela surgiu somente agora, independentemente da nossa vontade.

— Quando, porra?

— Quando você perdeu sua carteira.

— O que tem...

— Espere até eu acabar. Quando o menino percebeu que tinha pegado os documentos de um policial, ficou assustado e se desfez deles. Quem encontrou foi um malandro que sempre viveu na contravenção. De posse da carteira de delegado de polícia, decidiu faturar mais e com menos risco, pelo menos assim pensava ele, e fez uma primeira experiência numa boate de homossexuais onde sabia que rolava droga. Apreendeu uma quantidade significativa de pó, que passou a revender a preço menor do que o da praça. Acontece que na segunda ou terceira investida o pessoal do tráfico ficou sabendo. Mas ficou sabendo o quê? Que um tal delegado Vieira era o autor da façanha. Passam a seguir o cara e descobrem que atrás dele tem sempre um menino, e algumas vezes um homem de cabelos vermelhos, e até mesmo um jovem detetive da 12ª DP, da minha equipe. Logo depois, vêm você sair da 13ª DP e seguir um distribuidor deles na galeria Alaska. Devem ter imaginado que se tratava de um novo grupo tentando entrar no negócio da droga sem necessitar do contato com os traficantes, simplesmente apreendendo a droga dos viciados e revendendo a preços módicos. Pegam o malandro da carteira, torturam-no para que entregue o resto do grupo, mas não há grupo algum. Numa tentativa desesperada de escapar da morte, ele entrega Clodoaldo e o menino, pelo simples fato de que eram as únicas pessoas que tinha para entregar — tinha visto os dois algumas vezes em atitude suspeita —, e aponta-os como fazendo parte do grupo. Mataram ele, o primeiro menino por engano, o segundo menino; e quando foram matar Clodoaldo, como sabiam que era meu amigo, usaram minha própria arma, como se eu o estivesse matando. Não foram suficientemente ousados para matar dois delegados de polícia. No seu caso, a surra seria um aviso. No meu caso, não sei o que acontecerá. Sei apenas que, se o roubo da arma foi para deixar uma assinatura do que estavam fazendo, ainda

estão com minha outra arma. E agora você vem me dizer que roubaram também a sua. Ainda podem assinar dois cheques.

— Muito bom.

— Tem ainda uma coisa que está me preocupando. Se levar a sério o fato de que o assassino gosta de assinar seus crimes, não há assinatura mais nítida do que seu cinto amarrando as pernas de Magali.

— Você não admitiu a possibilidade de se tratarem de séries distintas de acontecimentos? A morte de Magali nada tendo a ver com as outras mortes?

— Até o momento em que percebi a intenção do assassino de deixar sua marca pessoal na cena do crime. Nesse caso, o cinto na perna de Magali seria uma coincidência tão extraordinária que começamos a duvidar de que tenha sido realmente coincidência.

Não foram à esquina tomar café; ultrapassaram-na de muito e estavam quase completando a volta do quarteirão, o que implicaria passarem na frente da delegacia, quando continuaram a andar em direção à praia. Vieira ainda segurava o braço de Espinosa, um pouco à procura de apoio, mas também pelo modo afetuoso de tratar os amigos. Na última quadra antes da praia, pararam num café. Espinosa desistira de preocupar-se com supostos perseguidores; até porque depois da invasão do apartamento não havia mais razão para dissimulações; sabiam quem ele era, onde trabalhava, onde morava, quais os percursos que fazia e quais eram os seus amigos; podiam segui-lo à vontade, não fazia mais diferença. Mesmo assim, procurava nas imediações alguma figura que tivesse visto desde a saída da delegacia; medida inteiramente desnecessária a partir do momento em que seu invasor se mostrara sem nenhum disfarce.

— Espinosa.

— O que é?

— Você acha que alguém da polícia está realmente pensando que nós dois nos metemos com drogas?

— Pode ser que não pensem assim, mas que estejam querendo que outros pensem.

— O que você acha que vai acontecer?

— O roubo das nossas armas pode significar duas coisas: que querem nos matar, cada um com a arma do outro; ou que querem matar, com nossas armas, pessoas ligadas a nós. Ninguém se daria ao trabalho de entrar no seu apartamento, assim como entrou no meu, e roubar seu revólver, apenas pelo gosto de colecionar armas de policiais.

Tinham deixado o bar e estavam na avenida Atlântica contornando a quadra para retornar à delegacia.

— Veja bem. Se algum grupo da polícia suspeita que estamos de parceria em algum negócio de droga, certamente verá as visitas que fazemos um ao outro, os passeios como este em torno do quarteirão, tudo isso vai ser tomado como prova de que estamos ocultando algo, tudo o que temos feito nos últimos dias confirmará as suspeitas.

— O que vamos fazer? — perguntou Vieira.

— Não creio que mantenham a pressão sobre nós por muito tempo. É arriscado, o sujeito poderia ser pego. Acho que o objetivo deles é manter os atentados e as mortes próximos no tempo, para não se perder o clima de permanente ameaça. Até agora mataram dois meninos de rua, um marginal sem importância e um educador de rua, ele também, marginal à sua maneira. Sem contabilizar a morte de Magali como sendo de responsabilidade deles, mataram pessoas que a polícia considera resíduos, podem até pensar que estão fazendo uma limpeza social. Nós dois, eles apenas mostraram que poderiam ter matado, mas não o fizeram por sermos dois delegados, não ficaria bem saírem por aí matando colegas. Minha intuição diz que as próximas vítimas deverão ser pessoas ligadas a nós, antes de tentarem a solução derradeira conosco mesmos; o que coloca Kika e Flor como alvos preferenciais, e, se a cabeça que está planejando tudo isso for tão fascista como suponho, Flor será a próxima vítima.

O corpo de Clodoaldo ficaria no IML à espera de um reclamante durante mais três dias. Caso não aparecesse ninguém, Espinosa faria o enterro. Esperava, no mesmo prazo, pegar o assassino.

Kika telefonou perto da hora do almoço, como avisara. Não pretendia almoçar, mas aceitou o convite de Espinosa para “uma salada” no restaurante do Museu da República, quase em frente ao seu prédio. Ambos queriam falar sobre o encontro com Flor na noite anterior; cada qual se sentindo culpado por alguma coisa que eles mesmos não saberiam determinar. Encontraram-se na porta do prédio de Kika, vinte minutos depois do telefonema. Atravessaram a rua e depois de caminharem meia quadra estavam em frente ao prédio do antigo palácio do Catete.

— Desculpe por interromper seu encontro ontem à noite.

— Não era um encontro; como você, ela apareceu sem avisar, pouco antes de você tocar a campainha. Ambas se surpreenderam; e devo dizer que eu mais ainda.

— Ela é sua namorada?

— Não. É namorada de um amigo meu.

— Não é estranho a namorada do seu amigo estar com você, no seu apartamento, tarde da noite?

— Têm acontecido coisas estranhas nos últimos dias. Não foram apenas namoradas de amigos meus que entraram no meu apartamento.

— Espinosa, o que está acontecendo? Nada disso tem a ver com o menino, não é?

— Não. O menino, sem saber, foi apenas parte do que está acontecendo.

— E o que está acontecendo?

— Não sei ao certo. E acho que ninguém sabe.

— Quem está fazendo?

— Também não sei. Sei quem está matando as pessoas, mas ele é apenas um assassino contratado; tanto eu como Vieira estamos

tentando descobrir através de informantes quem ele é; assim que tivermos alguma pista, vamos atrás dele.

— O sujeito está matando pessoas? Quais pessoas? Quem mais ele matou, além do menino?

— Clodoaldo. Ontem. Pouco antes de você ir ao meu apartamento. Eu tinha acabado de chegar do Instituto Médico Legal.

— Desculpe, eu não sabia.

Estavam no restaurante do museu, uma espécie de varanda na altura das copas das árvores, sobre os jardins do antigo palácio do Catete. Kika pousou as duas mãos sobre as de Espinosa. A tristeza tomara o lugar da preocupação. Numa das vezes em que saíram juntos, Espinosa lhe falara sobre Clodoaldo. Ela sabia da amizade e da admiração que havia entre eles.

— A moça que estava no seu apartamento era namorada dele?

— Não, é namorada de Vieira, ela nem sequer conhecia Clodoaldo.

— E você está preocupado com ela?

— Estou.

— Ela está correndo perigo?

— Acho que sim.

— E eu?

— Um pouco, também.

— Um pouco? O que é um pouco?

— Não creio que corra risco de vida, mas podem ameaçar você.

— Mas por quê? O que eu fiz?

— Você não fez nada. É a mim que querem atingir.

— E você? O que fez?

— Não se trata do que eu fiz, mas do que eles pensam que fiz.

— E o que eles pensam que você fez?

— Pensam que estou querendo me apossar de uma fatia do mercado de drogas.

— Puta que pariu! E quem são eles? Traficantes?

— Não.

— ...?

— Polícia.

— Polícia?

— É. Polícia. Não toda. Parte dela.

— Deixe-me ver se estou entendendo. Algum grupo da própria polícia está te ameaçando porque pensa que você quer se apossar de parte do mercado de drogas. Em função dessa suposição, já matou quatro pessoas e agrediu duas, apenas como medidas persuasivas. As próximas candidatas somos eu e a namorada do seu amigo? É isso?

— É o que suponho.

— E você também supõe que o perigo que corro é real? — Kika falava por entre os dentes, mas assim mesmo as pessoas das mesas próximas olhavam para ela.

— Acho que há de fato perigo, embora considere também que no seu caso eles passariam para outra faixa de atuação.

— Seja mais claro, por favor.

— É o seguinte. Até agora, mataram o que consideram lixo da sociedade. Consideram estar fazendo algo semelhante ao departamento de limpeza urbana. Quanto ao fato de estarem eliminando seres humanos, consideram um detalhe não muito importante e que raramente lhes é cobrado, salvo quando a coisa é muito escandalosa e a imprensa e a opinião pública se manifestam. Meninos de rua, mendigos, travestis, para eles não fazem parte da humanidade, assemelham-se tanto aos humanos quanto uma lata de lixo se assemelha a um prato de comida servido num restaurante. Você é universitária, classe média, tem sua profissão; pertence ao tipo de gente que eles têm por função proteger, e não eliminar; daí eu achar que não tentarão nada radical, o que não exclui a possibilidade de tentarem dar um susto.

— E são esses funcionários da limpeza que vendem pó para adultos e crianças da sociedade que pretendem limpar?

— Exatamente porque pensam dessa maneira.

— Não entendi ainda por que eles pensam que você está querendo se meter no negócio deles.

— Por uma série de coincidências que teve início com a perda da carteira encontrada pelo menino que pediu ajuda a você. A parte da história que diz respeito a ele, você conhece; o que desconhece é a outra parte, envolvendo Vieira e eu.

Espinosa fez um breve relato dos acontecimentos que, em sua opinião, formavam uma série mas não necessariamente uma história, acrescentando que não acreditava que a série de mortes tivesse chegado ao fim com a morte de Clodoaldo.

— A não ser que os perseguidores tenham se convencido de que abandonamos o negócio, quando o que me parece mais difícil é convencê-los de que nunca entramos.

A conversa e o próprio encontro formavam uma cena absurda, que Espinosa procurava costurar com uma linha que não conseguia encontrar. Faltavam dois dias para a véspera do Natal, estava na companhia de uma mulher adorável, num ambiente que parecia cenário de filme romântico, e no entanto nada tinha a ver com nada e o pouco sentido que conseguia captar lhe parecia absurdo. Era na verdade um policial perseguido pela própria polícia; a mocinha não era sua namorada, mas vítima da mesma perseguição; o ambiente poderia mudar rapidamente de filme romântico para filme policial; e o fato de ser véspera de Natal não alterava absolutamente nada.

Combinaram que pelo menos nos próximos dois dias ele e Maldonado continuariam com o esquema de proteção da véspera; e que ela não fosse a lugar nenhum sem avisá-los previamente. O resto do almoço foi tenso, com silêncios entrecortados por frases curtas e imprecações por parte de Kika, que comeu sua salada e o prato de Espinosa.

Saíram do restaurante sem pressa. A diferença de temperatura entre o terraço à sombra das árvores e a rua do Catete repleta de gente foi suficiente para fazer o suor brotar na testa de Espinosa apesar da curta distância entre o restaurante e o prédio de Kika.

Maldonado os esperava na porta. Antes de subir acompanhada pelo detetive, Kika deu um rápido beijo em Espinosa, parte na face, parte no canto da boca.

— Desculpe por ontem.

* * *

Do mesmo telefone público utilizado comumente por Kika, Espinosa ligou para Vieira; queria saber se ele telefonara para Flor ou se tomara alguma medida protetora quanto a ela, não queria ele próprio fazer alguma coisa sem que ele soubesse.

— Tivemos uma rápida conversa para desfazer um mal-entendido, combinamos um encontro para hoje à noite.

— Vieira, algo me diz que o sujeito vai tentar alguma coisa ainda hoje, ou no máximo amanhã; é melhor não facilitar. Sei que é arriscado, mas a única forma de chegarmos rapidamente a ele é deixá-lo chegar a nós, a menos que consigamos alguma informação. Mas lembre-se, apenas a nós, a ninguém mais.

— Porra, companheiro, você me acha um amador?

— Sei que não; mas tenho certeza de que ele também não é. Sua arma foi roubada, e na conversa de hoje de manhã esqueci de perguntar se você tinha outra.

— Consegui uma emprestada, até melhor do que a minha.

— Ótimo. Isto é, bom, use-a apenas em caso extremo.

— Porra, Espinosa, nós somos os casos extremos; o que não era extremo ele já eliminou. O cara que me arrumou a arma ficou de checar os contatos dele para saber quem é esse filho da puta. Ficou de me dar notícias a qualquer momento.

Assim que Espinosa desligou, Vieira tentou o telefone de Flor. Ninguém atendia. Tentou mais algumas vezes na meia hora seguinte e

o resultado foi o mesmo. Vai ver que o merdinha do Júnior continua tentando mirar o pinto em alguma coisa que não seja o penico. Ou será que o pai decidiu fazer uma demonstração para o retardado? Flor devia estar se sentindo uma verdadeira instituição. Desde mil novecentos e tanto, de pai para filho. Podia mandar pregar uma placa na porta do apartamento.

Abriu a gaveta da cômoda, a mesma de onde fora retirada a outra arma, pegou a automática que conseguira emprestada na delegacia próxima à sua casa, certamente uma arma tomada de algum pilantra, e a munição que viera junto. Jogou tudo em cima da cama e começou a contar as balas. Parou no meio. Bobagem. Nunca tivera que manter uma troca de tiros com alguém na qual fosse necessária mais munição do que a capacidade máxima da arma. Um dos dois morreria antes.

Continuou sentado na beirada da cama. Carregou o pente, colocou uma bala na agulha e acionou a trava de segurança; juntou as balas excedentes e, ao colocá-las na gaveta, uma caiu no chão, rolando para debaixo do móvel. A tarefa de pegá-la obrigou-o a ficar de gatinhas sobre o tapete e a flexionar o corpo duas vezes, para se abaixar e para se levantar, o que não apenas lhe tomou algum tempo como o deixou arfando durante alguns minutos. Estava de bermuda, sem camisa e descalço. O esforço fez brotar um pouco de suor nas dobras da barriga. Pensou em como podia ter a pretensão de defender alguém de um assassino profissional se o simples ato de pegar uma bala no tapete o deixava naquele estado. O corpo ainda guardava marcas da agressão sofrida dias antes, a arcada dentária tentava se ajustar à nova prótese, enquanto a alma tentava se ajustar aos fantasmas mais recentes. Tinha sérias dúvidas quanto a ser capaz de defender a si próprio e mais Flor.

Não sabia o que fazer enquanto esperava. Não sabia sequer o que esperava. Se era Flor, que não era mais apenas a suavidade das pétalas; se era Espinosa com alguma estratégia imbatível de defesa; ou se era o homem, arrebatando a porta e atirando antes mesmo que ele pudesse destravar a arma ao seu lado na cama. Embora seu senso estético não fosse o mais apurado, também não considerava adequado combater vestido apenas de bermuda; imaginava a foto no

jornal como a dos marginais que sempre são mortos vestindo apenas bermuda. Também não lhe agradou o fato de os seus pés estarem ligeiramente inchados; provavelmente devido ao calor. Desistiu da camisa e dos sapatos, ligou o ar-condicionado do quarto, procurou um filme na televisão, e pôs-se à espera.

Flor encaminhou-se a contragosto para a porta, não gostava de atender à campainha sem ter sido antes avisada pelo interfone. Porteiro novo, pensou. Esse pessoal não está acostumado à tecnologia moderna. Abriu a porta.

— Delegado, que surpresa agradável. Será que minha tentativa de sedução funcionou?

— Você é sedutora. Não tem necessidade de seduzir ninguém. Mas não é por isso que estou aqui.

— Será?

— Com certeza. Posso entrar?

— Claro. Desculpe. Entre.

Em nenhuma das vezes em que estiveram a sós, Espinosa conseguiu evitar um clima de constrangimento.

— Hoje é sua vez de perguntar o que vim fazer aqui.

— Infelizmente, nunca é pelo motivo que eu gostaria. Mas já que colocou a questão, delegado, o que veio fazer aqui?

— Saber o que você foi fazer ontem à noite no meu apartamento.

— Mas eu disse com todas as letras, fui tentar te seduzir.

— Isso foi o que você disse. E o que não disse?

— O que você está querendo saber? Não é a primeira vez que entra no meu apartamento para fazer perguntas acusadoras.

— Até agora não te acusei de nada; e nunca entrei no seu apartamento sem seu consentimento ou sem ser convidado a entrar.

— O que quer saber?

— Quero saber o que foi fazer no meu apartamento ontem à noite.

— Além de atrapalhar seu programa com a mocinha?

— Além de atrapalhar meu programa com a mocinha.

— Por que está insistindo nisso?

— Porque nós dois sabemos que você não foi lá para me seduzir. Ou melhor, foi, mas não era esse o objetivo final. Da mesma forma que nós dois sabemos que não procurou Vieira porque Magali pediu. Ela nunca pediu semelhante coisa. E não foi você que ficou de herança para Vieira, você não era propriedade dela; mas, ao contrário, Vieira é que está sendo sua herança, sua garantia de um futuro possível.

— Delegado, se o convidei a entrar, agora estou convidando a sair.

— Muito bem. Mas lembre-se de que ainda não respondeu à minha pergunta.

Vieira acordou com o telefone tocando e sem saber imediatamente se era no filme a que estava assistindo ou se era o seu telefone. Olhou para a televisão enquanto se dava conta de que o telefone continuava a tocar. Atendeu.

— Oi, meu bem, você custou a atender.

— Flor.

— Vieira, estou com medo.

— O que aconteceu? Fizeram alguma coisa? — A mão de Vieira tateava a cama à procura da arma, ao mesmo tempo que acordava inteiramente.

— Não aconteceu nada de diferente, foi seu amigo Espinosa que veio mais uma vez aqui. Ele me assusta. Chega sem avisar, fica me olhando como se estivesse me comendo com os olhos, e faz várias perguntas para me embaraçar, perguntas sobre Magali.

— Mas como? Ele me telefonou há pouco para dizer que precisávamos proteger você. Estava preocupado com você.

— Será que foi por isso mesmo, ou apenas para saber se você estava em casa e ele poderia vir aqui sem correr o risco de te encontrar?

— Flor, Espinosa é meu amigo; é um cara sério.

— Amigos sérios também têm pau, e mais um pouco o dele ficava duro.

— Ele tentou alguma coisa? Fez alguma proposta?

— Não. As perguntas que fez foram só para me assustar. Vai ver que é isso o que ele quer, me deixar assustada para depois aparecer como o grande salvador.

— Não acredito que seja isso, Flor. Conheço Espinosa há muito tempo, sempre foi um cara correto.

— Querido, quando tem mulher ou dinheiro na jogada, homem nenhum é inteiramente correto.

— Flor, pegue um táxi e venha para cá.

— Agora?

— É.

— Por causa do que eu disse?

— Não é Espinosa que me preocupa. Tem um cara que está fazendo ameaças. Pode tentar alguma coisa contra você só para assustar. Não quero que te aconteça nada.

Depois de desligar o telefone, Vieira ficou pensando se as ameaças apontadas por Espinosa eram verdadeiras. Afinal, quando tem mulher na jogada nenhum homem é inteiramente correto.

Do prédio de Flor até a rua Hilário de Gouveia eram menos de dez quadras não muito grandes e, apesar da hora e do calor, Espinosa preferiu fazer o percurso a pé. Como previra, suava ao atravessar o portal da delegacia, e ainda tinha que subir um lance de escada. Mal

sua cabeça emergiu no segundo pavimento, um detetive anunciou o número de telefonemas dados por Vieira na última hora. Antes porém de qualquer medida, procurou uma sala com ar condicionado e esperou alguns minutos até que pelo menos o rosto e a superfície do couro cabeludo secassem, retornando à temperatura normal. Vieira telefonara a cada quinze minutos. Não deixara recados, apenas insistia em falar urgentemente com o delegado. Quando Espinosa ligou, Vieira atendeu ao primeiro toque.

— Espinosa, acho que localizamos o cara.

— Como? Quem é? Onde?

— Calma, nenhuma das três respostas é precisa. Me telefone de um aparelho público.

Espinosa desceu as escadas mais rápido do que o usual e procurou um telefone público que não ficasse em frente à delegacia. Mais uma vez, Vieira atendeu instantaneamente.

— Quem deu a informação cobrou caro. Tivemos que soltar o namorado dele que estava preso na delegacia. Escute tudo antes de sair correndo atrás do filho da puta. Ele está hospedado num hotel no Catete, próximo ao palácio. O informante não sabia o nome, mas sabia que ficava a duas quadras do Museu da República, o que nos deixa quatro endereços mais prováveis, dois na rua do Catete e dois numa transversal. Sei o que você deve estar pensando, o puto está a poucos metros da menina pintora sua amiga, temos que agir rápido. Segundo ponto, o cara não é da polícia, mas foi contratado por um grupo de policiais do qual fazem parte dois delegados, o que significa que não podemos contar com a ajuda de ninguém mais além do seu amigo Maldonado, que espero que esteja realmente do nosso lado, senão estamos fodidos. Flor está aqui comigo e vai ficar trancada, com a recomendação de não abrir a porta para ninguém, enquanto estivermos procurando o cara. Vou pegar um táxi. Apanho você dentro de dez minutos na esquina da avenida Copacabana.

Espinosa tinha deixado o paletó secando na sala com ar condicionado e guardara a pistola na gaveta. Subiu mais uma vez as escadas, pegou a arma e um pente de reserva, vestiu o paletó, e

avisou que iria ao IML encontrar-se com um parente de Clodoaldo. Antes de se completarem os dez minutos, estava no ponto indicado por Vieira e, passados mais cinco, um táxi se aproximou piscando os faróis.

Foram direto para o apartamento de Kika, para verificar se ela estava bem e para combinar com Maldonado um plano de ação. Encontraram o rapaz sentado no primeiro degrau do patamar entre o primeiro e o segundo pavimento. Do ponto em que estava, podia ver quem subia a escada e podia controlar a porta de entrada do apartamento das moças. Ficou apreensivo quando viu Espinosa acompanhado de um desconhecido. O saco de papel dentro do qual estava sua mão direita apontou para o peito de Vieira. Espinosa apresentou um ao outro e a mão saiu de dentro do saco de papel empunhando uma pistola automática que foi passada para a outra mão enquanto cumprimentava o ex-delegado.

Subiram ao apartamento de Kika, que abriu a porta com seus trajes de pintora, a camiseta parecendo um quadro abstrato. As apresentações foram rápidas como rápida foi a decisão de ficar um deles dentro do apartamento guardando Kika enquanto os outros dois iriam investigar os hotéis mais prováveis dentro da indicação do informante. A questão mais difícil era quem ficaria protegendo Kika. Para Vieira, não havia dúvidas quanto ao fato de o menino continuar a proteger a moça; para Maldonado, que não gostou de ser tratado de menino, seria muito arriscado deixar um velho perseguir um assassino; Espinosa preferia deixar Kika aos cuidados do menino do que do velho. A conversa, apenas entre os três, teve lugar na sala. As venezianas fechadas fatiavam a luz externa, que se difundia suavemente pelo cômodo; apenas o quarto-ateliê de Kika estava com as janelas inteiramente abertas, deixando entrar a luz intensa do começo de tarde de verão. Combinaram que Kika continuaria aos cuidados de Maldonado enquanto os dois delegados percorriam os hotéis.

Começaram pelo que ficava mais próximo de onde estavam. Era um bonito prédio colonial, reformado recentemente, e que apesar da ausência de luxo era bastante atraente. A gerente garantiu que não

havia nenhum hóspede correspondendo à descrição feita por Espinosa. A ênfase dada por ele à importância da informação que ela estava prestando não alterou sua certeza; o hotel não possuía um número grande de quartos, muitos deles eram ocupados por hóspedes permanentes, e ela se lembrava perfeitamente dos temporários. O hotel seguinte ficava na mesma calçada a menos de cem metros de distância. Era muito mais modesto, sem nenhum atrativo e capaz de atender ao gosto menos exigente. O gerente combinava com o estabelecimento, não muito limpo, nada simpático e visivelmente perturbado com a presença da polícia. Estendeu sobre o balcão, para Espinosa, um monte de fichas preenchidas provavelmente quando da fundação do hotel, como se aquilo atendesse às suas obrigações para com a lei. Quando Espinosa perguntou pelas fichas mais recentes ele resmungou alguma coisa ininteligível e voltou a empurrar as fichas sobre o balcão. Provavelmente a cena continuaria ainda por algum tempo se Vieira não tivesse o expediente de puxar o elemento por sobre o balcão, espalhando as fichas pelo chão, ao mesmo tempo que lhe espetava o cano do revólver por debaixo do queixo.

— Vou contar até dez, para dar tempo de você pensar e, se quando chegar a dez você não tiver dito tudo o que queremos saber, esta porra desta arma vai disparar por acidente dentro da sua boca e arrancar na saída o tampo da sua cabeça, que aliás pode ser substituído por um tampo de bueiro. Um, dois, três...

Puderam constatar, com toda a certeza, que o homem não estava hospedado ali, além de ficarem sabendo os nomes de todos os que ocasionalmente se escondiam na espelunca. Quando saíram, Vieira percebeu o olhar de desaprovação do colega.

— Desculpe, companheiro, mas estávamos com pressa, a arma estava travada.

— Eu vi.

O hotel seguinte tomou-lhes muito mais tempo. Era bem maior do que os anteriores, ostentando algumas estrelas na placa junto à portaria, confortável e distinto. As fichas estavam atualizadas mas

havia um grande número de hóspedes homens, sozinhos, dos quais alguns poderiam se encaixar na descrição feita por Espinosa. Após várias consultas a arrumadeiras, porteiros, garçons, ficou a impressão de que ninguém correspondia cem por cento. Dos poucos que apresentavam algum traço comum com a descrição, dois estavam nos quartos. Foi com muita dificuldade que o gerente concordou em forjar um engano de atendimento de pedido no quarto para que Espinosa pudesse vê-los. Ambos expressaram desgosto por terem interrompido suas sextas. Os que estavam ausentes, já haviam se hospedado outras vezes no hotel; Espinosa e Vieira concordaram em não considerá-los suspeitos.

O quarto hotel era menor e menos formal, sendo que a maioria dos hóspedes era de língua espanhola, o que facilitava a triagem. Mesmo assim, perderam uma hora para constatar com segurança que o homem não estava nem estivera hospedado no hotel. Decidiram tentar ainda um hotel na esquina da praia do Flamengo, que pela posição não correspondia à descrição do informante, mas era o que restava a ser investigado.

Quando caminhavam de volta para o prédio de Kika, em silêncio, cansados e desapontados, tiveram simultaneamente a compreensão súbita do que estava acontecendo. O homem nunca estivera hospedado nas redondezas. Enquanto Espinosa subia correndo as escadas para avisar Maldonado, Vieira telefonava para seu apartamento. Ninguém atendeu.

Pedira a Flor para não sair em hipótese alguma; dissera ainda que, se alguém tocasse a campainha, não atendesse, o mesmo valia para o telefone, o cara poderia ligar para saber se havia alguém em casa. Agora ela não atendia.

Encontrou Espinosa descendo as escadas com Maldonado atrás fazendo perguntas.

— Então? — perguntou Espinosa.

— Lá em casa não sei; disse a Flor para não atender nem telefone, não adianta ligar; estou indo para lá. Alguém tem que ficar protegendo a moça pintora... e que Deus proteja a nós dois.

— Vocês querem me dizer o que está acontecendo? — Maldonado não sabia mais quem estava protegendo quem, contra quem.

— É simples. — Quem respondeu foi Vieira. — O putro do informante foi plantado pela polícia. Eu bem que achei ele muito rápido, foi contatado num dia e dois dias depois voltava com todas as informações que queríamos, porra. Só o veado aqui não percebeu que era uma jogada. Mandou todos nós para cá, enquanto o cara que procuramos está aprontando tranqüilamente em outro lugar. Estão desde o começo brincando com a gente enquanto matam pessoas que consideram descartáveis.

— Por que tudo isso?

— Porque querem nos mostrar como são poderosos, porque querem nos assustar, porque pensam que estamos querendo tomar o negócio deles.

Flor não gostava de ficar sozinha no apartamento de Vieira, sentia-se sob os olhares de Maria Zilda e Magali. Nada naquele apartamento lhe era familiar, “até o aparelho de televisão é do tempo da falecida; vai ver não mudou nem o tampo da privada e sou obrigada a me sentar onde a perua botava a bunda”. Fantasmas e diálogos imaginários ocupavam todo o tempo de espera. Não tinha a menor curiosidade de mexer nas coisas, bisbilhotar os armários, as gavetas, os potes, a cozinha; nada a interessava; o passado era um grande entulho a ser removido.

Tinha-se passado pouco mais de uma hora desde que Vieira saíra quando souu a campainha. Lembrou-se da recomendação. Foi até a porta e espiou pelo olho mágico. Tinha um homem de terno olhando para ela. Recuou, a respiração suspensa, procurando a outra porta que não existia. Pensou em ir à janela e gritar por socorro. Iniciou o movimento quando ouviu a voz:

— Dona Flor, sou o detetive Marcos, o delegado Vieira me mandou para protegê-la.

Flor se aproximou da porta e, movendo-se lentamente, espiou mais uma vez pelo olho mágico. O homem estava lá. Parecia tranqüilo, vestia-se decentemente e não forçava a entrada. Esperava que ela se decidisse.

— Mostre sua identidade — falou, com a boca colada na porta, como se assim as palavras adquirissem o necessário toque de dramaticidade.

O homem tirou do bolso uma carteira que estendeu para o olho mágico. Flor viu brilhar algo que parecia um distintivo da polícia, mas mesmo assim hesitou em abrir a porta.

— Dona Flor, sei que o doutor Vieira deve ter recomendado para a senhora não abrir a porta para ninguém até ele chegar, acontece que ele não sabia que iria me encontrar.

— Ele nunca me falou em nenhum Marcos.

— Não sou amigo dele, sou amigo do delegado Espinosa.

Flor achou que as duas referências eram suficientes. Puxou o pequeno ferrolho, destrancou a chave e retirou a corrente, abrindo a porta. O homem cumprimentou-a, pediu licença para entrar e esperou sem pressa que ela voltasse a trancar a porta. Passados os primeiros segundos de sondagem mútua, durante os quais Flor sentiu ter tomado a atitude correta, o homem pegou uma das cadeiras da mesa de jantar, colocou-a na parte mais estreita da sala, de costas para a janela e voltada para a porta de entrada, sentando-se em seguida como a verificar se a posição estava correta. Levantou-se, enfiou uma das mãos por dentro do paletó e a outra no bolso externo. A primeira voltou com um revólver, a segunda com um rolo de corda de náilon. Com a arma apontada para a cabeça de Flor, disse com uma voz fina e cortante como gilete:

— Sente-se, por favor.

Flor encolheu-se e olhou em direção à porta.

— Não tente nenhuma bobagem. Se tentar gritar, posso lhe garantir que antes mesmo de o som sair da sua boca eu terei

estourado os seus miolos. Sente-se e ponha os braços para trás do encosto.

O homem prendeu-lhe os pulsos com a corda de náilon e vedou-lhe a boca com fita colante, prendeu-lhe os pés aos pés da cadeira, e em seguida passou a corda em torno do tronco e dos braços, prendendo-os à cadeira, fazendo o mesmo com cada perna. A única coisa que ficou relativamente livre foi a cabeça, permitindo a Flor os gestos de afirmação e negação. Terminada a obra, o homem afastou-se de costas até a porta, onde permaneceu durante alguns segundos observando a cena.

— Se tentar virar a cadeira para cair no chão, você terá uma grande chance de partir o pescoço. Sugiro que não experimente.

Virou-se, destrancou a porta, lançou mais um olhar do corredor, bateu a porta e se foi. Somente depois de ouvir o barulho da porta do elevador, Flor se convenceu de que não seria morta. Os olhos encheram-se de lágrimas, mas procurou desesperadamente conter o choro, com medo de entupir o nariz e não ter por onde respirar. Com o esforço e o pânico, urinou-se. Tentou alegrar-se pelo simples fato de estar viva. Pensou que Vieira voltaria e a libertaria. Nunca imaginou que a boca tampada pudesse ser fonte de tantas ameaças. Bastaria o nariz ficar entupido para morrer sufocada. Pensou em arrastar a cadeira até a janela para ficar ao alcance do olhar dos vizinhos do prédio em frente, mas o homem tomara o cuidado de prender-lhe os pés afastados do chão, faltava-lhe apoio. A urina atravessara a roupa, o assento de palha da cadeira e formara uma poça no chão. Pensou que, se fossem fezes ao invés de urina, seria capaz de vomitar e então morreria, com toda a certeza. A cada pensamento, o pânico aumentava.

Quando foi encontrada por Vieira, uma hora e meia depois, estava próxima de um colapso.

— Espinosa, eu mato o filho da puta! Faço questão de ser eu mesmo a matá-lo! Vou arrancar...

— Calma. O que aconteceu?

— Aconteceu que vou arrancar os colhões do filho da puta.

Depois de algumas tentativas, Vieira conseguiu fazer um relato que apesar de entrecortado por exclamações fornecia uma imagem aproximada do acontecido. Sua ira ultrapassava em muito a que sentira quando da agressão sofrida. Babava de raiva e cuspia no telefone. As frases eram pontuadas de palavrões e incapazes de expressar a indignação de que estava possuído.

— Espinosa, o veado entrou no meu apartamento, amarrou minha mulher numa cadeira, e foi-se embora sem dizer nada, apenas deixando a cena montada para mostrar do que era capaz...

— Ele machucou Flor? Fez alguma coisa a ela?

— Nada além de amordaçá-la e amarrá-la feito uma múmia à cadeira. Esse cara está brincando conosco. Amarrou você na sua própria casa e agora amarra Flor dentro do meu apartamento. Porra, Espinosa, estamos bancando os babacas.

— Como está Flor?

— Está apavorada. Disse que não ficava aqui nem mais um minuto. Foi para a casa dela. Saiu daqui humilhada. E é como estou me sentindo também. Esse puto está nos humilhando, Espinosa.

— Procure se acalmar, vá até o apartamento de Flor para ver como ela está passando. Estou saindo do banho e tenho que substituir Maldonado. Kika é a única a quem ele ainda não fez nada. Volto a falar com você logo mais.

No caminho para o Catete, Espinosa refletia sobre o acontecido. O episódio com Flor poderia apontar para uma mudança qualitativa nas ameaças ou até mesmo o fim dos atentados. O fato de não terem matado Flor era apenas uma demonstração de poder e um último aviso para Vieira.

Ou então estavam mesmo brincando, como um animal brinca com a presa abatida antes de devorá-la.

— Espinosa, Kika está dizendo que hoje é antevéspera do Natal e que ela vai para a avenida Atlântica vender seus quadros, que não vai

ser impedida por um maníaco e uma série de outras coisas mais.

— Pode deixar que eu converso com ela; se ela não desistir da idéia, vou junto.

O diálogo teve lugar na porta, do lado de fora do apartamento, antes de tocarem a campainha avisando que iam entrar. Kika olhou interrogativamente para Espinosa, adivinhando a conversa havida entre os dois policiais no corredor e esperando uma decisão do superior.

— Tudo bem. Vou com você.

Kika pulou em sua direção e deu-lhe dois beijos.

— Esse é o problema dos subordinados — disse Maldonado —, o prêmio vai sempre para o comandante; lembrem-se de que no Natal os pequenos é que ganham presentes.

Kika se inclinou ligeiramente para compensar a diferença de altura e deu-lhe dois beijos.

Faltavam dez minutos para as sete horas quando Espinosa e Kika sentaram-se à mesa da sala, a mesma onde à tarde ele, Vieira e Maldonado haviam traçado o plano de ação para investigar os hotéis. Desde a manhã, não parara um só minuto. Não se lembrava se almoçara ou não. Certas partes do dia pareciam pertencer ao dia anterior. Estavam ambos com os corpos curvados, não saberiam dizer se de cansaço ou peso, os braços estendidos sobre o tampo da mesa.

A divisão interna do apartamento era curiosa, com dois dos quartos dando diretamente para a sala, portas de duas bandas com dois metros e meio de altura, encimadas por bandeiras com vidros coloridos formando uma meia rosácea. À luz amarelada do fim de tarde que entrava pela janela somava-se a luminosidade oblíqua e multicolorida das bandeiras das portas, realçando num jogo de luz e sombra as irregularidades seculares das tábuas do assoalho. Não fosse o barulho proveniente da rua, poderiam pensar ter sido transportados para um tempo passado.

As mãos sobre a mesa estavam à distância de um arrepio uma da outra. Estavam sentados havia algum tempo, nenhum dos dois saberia

dizer quanto. Tempo feito de qualidade e intensidade. Na contraluz, os minúsculos grãos de poeira sobre o tampo da mesa adquiriam uma microscópica e mágica luminescência, e junto a eles os diminutos pêlos dourados do braço de Kika. O único movimento na sala era o da respiração de cada um, mais notável em Kika pelo subir e descer dos seios sob a camiseta sem mangas. O passar do tempo foi se fazendo mais lento e o barulho da rua reduzido a um ruído longínquo, quanto mais os olhares ficavam presos um no outro. Num movimento aparentemente involuntário, o polegar de Espinosa tocou no dedo mínimo de Kika e na seqüência do mesmo movimento percorreu o dedo até a unha, passando para a parte de cima, percorrendo-a lentamente até à junção com o dedo vizinho, e cada um foi percorrido em toda a sua extensão até os dois polegares ficarem superpostos, quando então as mãos se viraram e se entrelaçaram. O tempo se ralantara a tal ponto que poderia ter se passado um minuto ou uma hora. Braços apoiados na mesa, antebraços levantados com as mãos entrelaçadas, estavam com os rostos a um palmo um do outro. Espinosa sentia nos olhos, na face, nos lábios, o sopro quente e suave do arfar de Kika. Um som, a princípio indeterminado, foi ocupando lugar na consciência de Espinosa ao mesmo tempo que ele era invadido pelo odor da pele de Kika. O som começou a tomar forma, permanecendo ainda indistinto, misturando-se ao hálito, ao cheiro do cabelo, da pele; som e cheiro disputando o predomínio do campo da consciência. Os lábios estavam quase se tocando quando ao som dos tamancos na escada acrescentou-se o barulho da chave na fechadura e a porta se abriu. Era a colega de Kika.

— Estão rezando?

— Duvido que sua ex-mulher ou que Magali tenham sido humilhadas como eu fui. E você ainda me mandou ir para o seu apartamento porque lá eu estaria mais segura. Puta que pariu, garanto que estou mais segura à noite na rua do que no seu apartamento. Nunca, desde que estou na vida, fizeram comigo o que aquele sujeito

fez, e dentro da casa de um delegado, imagine o que me espera se eu for morar lá como você quer, vão acabar me estripando.

— Não precisa falar desse jeito, não precisa falar palavrão, isso é coisa de homem, não fica bem numa mulher. E vê se entende, porra, esse cara também entrou no apartamento do delegado Espinosa, deixou ele amarrado dentro do boxe do banheiro e levou as armas dele. Portanto não pense que foi a única vítima ou que ele está interessado em estripá-la; se quisesse fazer alguma coisa além de te amarrar, teria feito. Não venha com essa merda de cobrança para cima de mim, como se fosse eu o responsável pelo que aconteceu.

— E não foi? Não foi você que perdeu a carteira? Não foi você que resolveu seguir o traficante?

— Mas que merda, Magali, na minha...

— Viu? Já está até trocando o meu nome.

— Porra, mas que merda está acontecendo? Resolveu pegar no meu pé? Vê se me dá uma folga. Isso acontece com todo mundo.

— Menos comigo. Nunca troquei o seu nome. E quem está precisando de folga sou eu, nunca na minha vida fui amarrada e amordaçada. Não quero repetir a experiência, e, pelo que entendi, é só aquele sujeito querer, ninguém pega ele.

Vieira não respondeu. Ficou andando pelo apartamento de Flor, passos cansados, mesmo na curta distância que separava a cama na qual estavam sentados, a janela e a porta. Dez passos eram suficientes para percorrer o exíguo triângulo. Mãos nas costas, cabeça pendendo sobre o peito, mexendo com os lábios como se estivesse lendo em silêncio, Vieira fez o percurso várias vezes num e noutro sentido.

— Pára com isso, Vieira, está me deixando nervosa.

Deu mais três voltas sem dizer nada. Na quarta, ao passar pela porta, foi-se embora.

Faltando apenas dois dias para o Natal, moradores e turistas estavam em peso nas ruas. Trânsito lento, bares e restaurantes

lotados, ambulantes por todos os lados, além da fauna submersa que vinha à tona na semana do Natal ao Ano-Novo. Quando chegaram ao local das barracas, foram necessárias algumas acomodações para Kika reconquistar seu pedaço de calçada.

Espinosa ainda não se recuperara inteiramente da cena interrompida pela amiga de Kika no apartamento. Ocupava-se na tarefa de ajudá-la a montar a estrutura de metal e pendurar os quadros. Desde o momento em que saíram do Catete em direção a Copacabana falaram apenas o essencial e evitavam o olhar um do outro. Nunca o calçadão lhe parecera tão cheio. O agressor não teria a menor dificuldade em se aproximar, caso fosse o seu intuito. Como toda a atenção de Espinosa estava voltada para Kika e os que a cercavam, ele próprio ficava extremamente vulnerável à aproximação do homem. Não queria, naquele momento, pensar no caso Magali, temia ficar desatento. Olhava em volta, vasculhando a multidão, mas a imagem que acompanhava seus movimentos era a de Magali presa à cama e a de Clodoaldo na gaveta do IML, imaginou se o mesmo acontecesse a Kika. Imediatamente olhou para ela e se aproximou a ponto de não deixar espaço para passar alguém entre eles. A única coisa que no momento o deixava menos intranquilo era o fato de o homem não ter feito nada com Flor além de manietá-la. Além do mais, já tinha feito a gracinha do dia, talvez resolvesse descansar no fim de semana. De tanto olhar para as pessoas que se aproximavam de Kika, Espinosa tinha medo de borrar a imagem que tinha na memória. Cada pormenor do rosto do homem estava retido, a maneira seca de falar, o jeito de movimentar-se, o brilho do olhar, o detalhe mínimo de contrair o maxilar enquanto agia, como numa fotografia de alta precisão. E de tanto a imagem ser requisitada, temia deformá-la. A noite, porém, terminou sem incidentes. O único fato marcante foi a venda de mais um quadro, o menor entre os expostos, o que deixou Kika explodindo de felicidade.

— Depois de guardarmos o material vamos comemorar — propôs Espinosa —, desta vez ninguém vai nos interromper.

Kika estava radiante. Com os dois quadros vendidos, não apenas o Natal mas o mês seguinte estava garantido. Não parecia muito

ameaçada pelos últimos acontecimentos, ou não parecia acreditar que pudesse ser alvo dos mesmos atentados de que Espinosa e Flor haviam sido vítimas. Quanto aos que morreram, achava que faziam parte de outra história.

Depois de guardar a armação de metal na garagem, caminharam até o restaurante onde haviam estado quando da agressão de Vieira. Mesmo àquela hora — passava da meia-noite — quase todas as mesas estavam ocupadas, mas conseguiram uma na janela, quase ao lado da que tinham ocupado da vez anterior. Sentados um em frente ao outro, era como se retomassem a cena rompida no fim da tarde. A diferença física mais marcante era entre a quietude secular do sobrado da rua do Catete e a balbúrdia do restaurante de beira de praia numa noite de sexta-feira do mês de dezembro. Não havia mais como retomar o ponto interrompido pela amiga de Kika, o momento e o clima eram outros. Pediram os chopes e escolheram os pratos.

— Você continua preocupado comigo?

— Sim, nos dois sentidos da pergunta.

— E quais são eles?

— O primeiro é quanto à sua segurança. Ainda acho que você corre algum risco, até por ser a única que ainda não sofreu nenhum tipo de atentado. Isso pode significar duas coisas: ou ele por alguma razão desistiu de você, ou você é o trunfo dele. E, enquanto eu não descobrir qual das duas hipóteses é a certa, não vou desgrudar de você.

— Esse é o lado bom da ameaça.

O jantar transcorreu tranqüilo, Vieira não passou correndo pela calçada e o homem não fez nenhuma aparição dramática. Faltavam quinze minutos para as duas horas quando Espinosa parou o carro em frente ao velho sobrado da rua do Catete. Como o dia seguinte era sábado, podia deixar o carro estacionado ali mesmo.

— Você acha mesmo necessário passar outra vez a noite acordado na sala?

— Se eu fosse para casa, também ficaria acordado.

Subiram a velha escada que com seus inúmeros ruídos e rangidos funcionava como um aviso eficiente contra invasores, só que não distinguia os desejáveis dos indesejáveis.

As outras duas inquilinas já estavam em seus quartos. Espinosa evitou a mesa. Acendeu um pequeno abajur que ficava numa mesinha de canto, tirou o paletó e sentou-se no sofá com a pistola ao lado.

* * *

Espinosa acordou com a luz da manhã. O movimento de veículos na rua do Catete ainda era pequeno. Estavam abertos apenas os botequins com seus fregueses de média e pão com manteiga. Esperou mais uma hora, na expectativa de que alguma das moças acordasse, o que não aconteceu. Saiu trancando a porta por fora e devolvendo a chave pela fresta junto ao chão. Sabia muito bem que as noites de vigília tinham mais um efeito psicológico sobre as meninas do que real eficácia contra a ação do homem. Certamente ele não tentaria nada sabendo que Espinosa estava dentro do apartamento. A proteção noturna era mais contra os fantasmas do que contra agressores de carne e osso.

Chegou em casa antes das oito horas, depois de ter tomado café num bar do Catete. As primeiras mães e babás chegavam à praça empurrando seus carrinhos. O olhar insone de Espinosa não identificou de imediato a figura feminina que caminhava em sua direção.

— Bom dia, delegado.

— Flor, o que está fazendo aqui a esta hora?

— Esperei por você ontem até depois da meia-noite; voltei hoje assim que o dia clareou.

— O que aconteceu? Onde está Vieira?

— Não sei. Ele foi ao meu apartamento ontem no início da noite, discutimos por causa do homem que me amarrou, Vieira saiu sem

dizer nada, não foi para casa e não apareceu até agora.

Espinosa acabara de trancar o carro e se encaminhava para a portaria do prédio. Dormira no máximo três horas, com sobressaltos devidos aos barulhos do velho sobrado, o dia anterior fora particularmente intenso, e o que mais queria naquele momento era tomar um banho e deitar durante uma ou duas horas. Flor percebeu o cansaço por trás da atenção de Espinosa.

— Posso subir? Estou há mais de duas horas nesta praça e tenho medo de ficar sozinha no meu apartamento.

— Preciso descansar. Não dormi durante a noite.

— Eu fico quieta, esperando. Fique tranquilo, não vim com a intenção de te seduzir, como no outro dia.

— Flor, seu poder de sedução independe de intenção. Mas vamos subir. Mal consigo dizer uma frase completa.

— Diga só o verbo.

— No momento é *dormir*.

Subiram as escadas em silêncio, Flor se adiantou de modo a que Espinosa, por mais cansado que estivesse, não deixasse de contemplar o movimento do corpo à sua frente. Tal como fizera da primeira vez, entrou no apartamento como se estivesse inspecionando seus novos domínios.

— Não há mais motivo para você ficar assustada, o homem atingiu seu objetivo, que era humilhar Vieira; não tentará mais nada contra você.

— Espinosa, com ou sem motivo, estou muito assustada, e fui eu a humilhada. Fui amarrada, amordaçada, sem saber o que aquele sujeito ia fazer comigo. Quando ele saiu porta afora, não sabia se voltaria para me matar. Fiquei horas com a boca fechada com fita colante, morrendo de medo de chorar ou vomitar e morrer sufocada. Não há argumento que tire esse medo de mim.

— Desculpe. Sente-se e procure relaxar. Se quiser café, a máquina está na cozinha. Vou tomar um banho.

Espinosa entrou no chuveiro e deixou escorrer água quente pelo pescoço durante algum tempo; somente quando sentiu os músculos relaxarem um pouco abriu mais a água fria para temperar o banho. Demorou-se mais do que o comum, não apenas para relaxar, como para dar tempo a Flor para acalmar-se. Na passagem do banheiro para o quarto encontrou Flor inteiramente nua, com uma camisinha na mão.

— Encontrei isso na sua mesinha-de-cabeceira e, já que você vai se vestir, pensei em começar por ele.

Não havia recuo possível. Ele sabia que aconteceria, ela trabalhava para que acontecesse, e não poderia ter escolhido momento mais adequado. Espinosa, com a toalha na mão, ainda se enxugando, estava paralisado pela visão do corpo moreno, pêlos fartos, quadris estreitos continuando como numa mesma linha pelas pernas longas, seios generosos para um corpo esguio. Flor aproximou-se, retirou a toalha das mãos de Espinosa, colocou seu corpo no dele e assim permaneceram, conhecendo-se pelo tato, sem nada dizer, até que as temperaturas das peles se igualassem, deixando os corpos responder aos apelos um do outro. Flor deslizou o corpo pelo corpo de Espinosa até ficar de joelhos, acariciando-lhe o pau com a face, a boca, os olhos, os cabelos, o nariz, antes de vesti-lo com a camisinha. Voltou a levantar o corpo, roçando os mamilos em toda a extensão do tronco de Espinosa até ficarem novamente rosto contra rosto. Caminharam com os corpos colados, numa dança lenta e de passos curtos, até tocar a beirada da cama. Os músculos das pernas de Espinosa tremiam imperceptivelmente quando ele, passando as mãos por debaixo das coxas de Flor, levantou-a, fazendo-a trançar as pernas pela sua cintura, quando então foi soltando lentamente seu corpo até que se encaixaram no ponto desejado, num acoplamento perfeito. Só então deixaram-se cair lentamente na cama.

Olhou demoradamente o relógio até o mostrador entrar em foco. Marcava dez horas e cinco minutos. Esticou o braço para o outro

lado, tateando a cama à procura de Flor. Estava vazia. Chamou-a pelo nome, mas a voz saiu rouca e sem volume; limpou a garganta e tentou novamente. O apartamento estava em completo silêncio. Teve a brusca sensação de tudo não ter passado de sonho; cansaço da véspera, excesso de tensão. A toalha no chão não poderia ser considerada indício fidedigno da realidade da cena. O difícil era negar o cheiro do corpo de Flor no próprio corpo.

Dormira durante uma hora, mas de um sono tão profundo que não se dera conta de nada em volta. Não se sentia tranqüilo com a retirada de Flor, não combinava com as declarações feitas pela manhã; da mesma forma que não se sentia tranqüilo com o desaparecimento de Vieira. Levantou-se, pernas e cabeça não muito firmes, entrou mais uma vez debaixo do chuveiro, o que ajudou a distribuir as idéias de acordo com seus lugares e tempos próprios. Tomou café com torradas e, ainda só de cuecas, abriu as venezianas da sala para avaliar o tempo. Foi quando se deu conta da secretária. Provavelmente estava piscando desde o dia anterior, porque não ouvira o telefone tocar durante a manhã. Havia quatro recados, um de Flor e três de Vieira. O de Flor pedia para que telefonasse para ela assim que chegasse. Os de Vieira eram carregados de emoção. “Espinosa, vou atrás do filho da puta. Estou me sentindo péssimo, tenho que encontrar o cara de qualquer maneira.” Os dois outros eram variações em torno do mesmo tema. “Estou humilhado, fui desqualificado, Flor me destratou por causa do acontecido, e ela tem razão, o cara se quisesse teria limpado a bunda com as minhas camisas.” O último recado foi o mais preocupante. “Tenho como saber quem é o cara; logo mais dou notícias.”

Ligou para o apartamento de Vieira, ninguém atendeu. Ligou para Flor, ninguém atendeu. Ligou para a 13ª DP, onde tinha obtido o nome do informante que apontara os hotéis do Catete. Vieira realmente passara por lá na noite anterior; não sabiam informar se saíra sozinho ou acompanhado, nem qual o destino. Às quinze para as onze Maldonado ligou, querendo saber se precisava de ajuda. Espinosa respondeu que sim, e passou-lhe algumas instruções. Ao meio-dia em ponto Vieira ligou.

— Espinosa, graças a Deus te encontrei; me espere; em quinze minutos estou aí. — A voz estava nervosa e ele falava como se lhe faltasse ar.

Espinosa ficou pensando o que aconteceria se Vieira resolvesse passar no início da manhã. E, mesmo não tendo passado, pensou no que iria acontecer dali para a frente. Flor certamente falaria a Vieira do episódio; não descartava a hipótese de ela ter armado o encontro com a única finalidade de usá-lo mais tarde a seu favor.

Vieira chegou visivelmente agitado e fisicamente abatido, barba por fazer, roupa amarrotada. Os lances de escada deixaram-no ofegante a ponto de não conseguir falar imediatamente. Espinosa fez com que se sentasse, ofereceu-lhe um copo d'água e pediu para esperar um pouco até começar a falar, mas Vieira não conseguiu esperar, apenas bebeu a água que o colega lhe oferecia.

— Já sei quem é o cara e onde ele está. — A frase foi dita com tal rapidez que ele teve que repeti-la para Espinosa entender.

— O que você descobriu?

— É o seguinte. Ele foi contratado por um grupo da própria polícia, que não queria fazer o trabalho sujo. Era para ele pegar o homem, que descobriram que não era delegado porra nenhuma, o menino que pensavam que fosse vapozeiro e Clodoaldo. Achavam que era um grupo trabalhando sob nossa proteção. Pegaram o malandro com a minha carteira e deram um tratamento nele. Só que o malandro não tinha nada para contar. Acharam que ele estava escondendo o jogo, apertaram mais e ele entregou os que estavam atrás dele, que eram o menino, Clodoaldo e eu, sendo que de mim ele não sabia dizer nada. Devem ter apertado demais e ele morreu. De você, só desconfiaram porque nos viram juntos. Queriam apenas que saíssemos da jogada. Mandaram matar o menino, o homem da carteira e Clodoaldo, lixos, segundo eles; além de manietarem você e Flor. Não sei o que mais pensavam fazer.

— Como conseguiu saber tudo isso?

— Não me pergunte como. Não estou mais na polícia. Não preciso obedecer à porra do regulamento. Os filhos da puta me humilharam e

me desqualificaram. Você queria o quê? Que eu fosse bonzinho?

— Tudo bem. Sem perguntas. Você disse que sabe onde o cara está.

— A coisa é a seguinte. Ele não apenas se protege daqueles que ele ameaça, mas também dos que o contratam. Muda de pouso a cada dois dias. Consegui o endereço de onde ele estava. Fui lá hoje de manhã. Tinha acabado de deixar o hotel. Vasculhei cada centímetro do quarto dele e não consegui nada. Ele é cuidadoso mas cometeu um erro, fez vários telefonemas do saguão do hotel para evitar que o número do quarto ficasse registrado. Acontece que, até a hora em que cheguei ao hotel, foram feitas poucas chamadas daquele aparelho, todas para telefones residenciais, com exceção de duas que foram para dois hotéis. Liguei para o segundo e confirmaram o registro. Usou o mesmo nome do hotel de onde saíra. Certamente está com documentos falsos.

— Se ele se mudou para outro hotel, é porque pretende ficar pelo menos até amanhã.

— Talvez o filho da puta seja sentimental e pretenda passar o Natal em casa.

— Podemos convocar Maldonado.

— Acho melhor não fazer isso. Pense bem, Espinosa, esse puto esteve sempre na nossa dianteira. Além de ser competente, deve receber informações de dentro da própria polícia. Se duvidar, nossos telefones estão grampeados. Por isso não falei nada pelo telefone. É melhor agirmos sem falar com ninguém.

— Onde ele está?

— Onde não se pensaria em procurar um pistoleiro. Na avenida Atlântica, hotel Méridien.

— Certamente não é ele quem está pagando a conta.

— Algum plano? Ou simplesmente tocamos a campainha e enfiamos o cano no olho do filho da puta?

— O que já é um plano.

— Porra, Espinosa, estou falando sério. Esse cara pode escapar.

— Se estivesse pensando em escapar não se mudaria para outro hotel. Acho que vai tentar alguma coisa hoje à noite.

— Por que você pensa isso?

— Esse sujeito gosta de fazer efeito. Tudo o que fez até agora tem um toque de montagem cinematográfica; o assassinato de Clodoaldo dentro de um táxi, com a minha arma; Flor amarrada a uma cadeira estrategicamente posta bem em frente à porta, para causar o máximo impacto quando você entrasse. Mesmo a morte do menino, sentado na areia da praia e encostado na pedra, tinha um toque cênico. Ele gosta do que faz e pretende ter estilo.

— Puta que pariu, o cara é um assassino e você vem me falar em estilo?

— Calma. Você descobriu quem é o cara e onde ele está. Agora é só escolher o melhor momento para pegá-lo, e tenho um palpite sobre o que ele pode estar preparando. Repito, ele gosta de construir cenas, e nada melhor para compor um ambiente de Hollywood do que o Natal. E hoje é véspera de Natal. Acho que ele vai tentar alguma coisa hoje à noite.

— E você imagina o que poderá ser?

— Imaginei várias coisas. Todas envolvendo pessoas ligadas a nós ou envolvendo apenas a nós mesmos.

— O que você sugere?

— Sugiro que você use o meu banheiro, tome um banho, faça a barba, escolha uma camisa limpa no armário. Feito isso, vamos ao hotel Méridien.

Eram duas e vinte da tarde, mas o céu estava escuro de nuvens carregadas de chuva quando chegaram ao hotel. O manobrista olhou o carro de Espinosa como se estivesse olhando para uma carroça coletora de lixo. Mesmo assim dignou-se pôr a mão na maçaneta e abrir a porta. Em vez de se dirigirem à recepção, procuraram o chefe

da segurança. Sabiam por experiência própria que gerentes de hotéis e policiais não se dão muito bem.

O homem que lhes foi apresentado poderia muito bem ser um guarda-livros ou o chefe da rouparia, poucos arriscariam o palpite de chefe da segurança. Espinosa mostrou sua carteira, que ele examinou sem tocar mas detalhadamente, em seguida olhou para Vieira como a perguntar se também era da polícia, e em pouco tempo e pouca troca de palavras ficou claro que não era guarda-livros. Espinosa apresentou uma história resumida e não inteiramente verdadeira, mantendo a suspeita de mais uma morte para aquela noite. Não queria causar constrangimento para os hóspedes e para a gerência, por essa razão apelava para o chefe da segurança antes de falar com o gerente.

— O que o senhor deseja?

— Quero saber se de fato ele está hospedado no hotel e, em caso afirmativo, qual o número do apartamento. Posso lhe garantir que não faremos nada sem comunicar-lhe antes.

O chefe da segurança não apenas ficou satisfeito com o modo como o delegado apresentava a situação, como ficou visivelmente lisonjeado por ter sido consultado em primeiro lugar. Acompanhou os dois delegados até a recepção e depois de consultas ao computador voltou, acompanhado do gerente, com as informações.

— O homem que o senhor procura de fato se registrou hoje pela manhã. Para não pagar mais uma diária por uma diferença de uma hora, preencheu a ficha, pagou uma diária adiantada e pediu que guardássemos sua mala enquanto ia almoçar e caminhar um pouco pelo comércio. O hotel oferece uma ceia de Natal para os hóspedes. Perguntamos se queria fazer reserva. Respondeu que sim, para duas pessoas. Deve estar voltando a qualquer momento; e, como ainda não sabe o número do apartamento, terá necessariamente de passar pela recepção. Se os senhores ficarem num local conveniente, serão avisados assim que ele chegar.

Por local conveniente, Espinosa sabia que queriam designar algum lugar por onde não circulasse nem mesmo o mais curioso dos

hóspedes. Como não pretendia ficar escondido no banheiro dos empregados, perguntou que local ele considerava conveniente.

— A recepção fica na sobreloja, bem em frente à escada rolante. No andar imediatamente acima há um salão bastante confortável onde os senhores poderão ficar ao abrigo do olhar de quem chega. Poderão também interceptar os elevadores que partirem do térreo e da sobreloja. Deixarei um walkie-talkie com os senhores; alguém na recepção os avisará assim que o homem pegar a chave.

Eram três da tarde quando, sentado numa confortável poltrona de couro, Espinosa testou o walkie-talkie. Durante a hora seguinte Vieira cochilou alguns longos minutos, acordando toda vez que o aparelho chiava. Espinosa contactou o segurança que estava na recepção. “Sem novidade, delegado.” Mesmo que o homem chegasse por outra porta, teria de passar pela recepção para saber o número do apartamento e pegar a chave. Eram quatro da tarde e ele ainda não utilizara o hotel para nada. Alguma coisa estava errada.

— Vieira, você disse que o cara tinha feito duas chamadas telefônicas para hotéis. Para onde foi a outra?

— Não me lembro. O que importa? Não foi para cá que ele veio?

— Foi?

— Claro, porra. Ele não se registrou aqui?

— Registrou-se, o que não quer dizer que esteja hospedado aqui.

— Puta que pariu!

— Isso mesmo. Você não investigou a outra chamada porque concluiu que a última seria a que dera certo. Telefonou para cá, constatou que um fulano com o mesmo nome registrara-se aqui, não se preocupou mais. Só que aqui tem apenas uma mala. Que deve estar cheia de jornais velhos.

— Puta que pariu!

— Você já disse isso.

— O outro hotel era... era... o Miramar!

Da recepção, ligaram para o hotel Miramar, situado também na avenida Atlântica, só que no outro extremo da praia; deram o mesmo nome que o homem usara.

— Sinto, senhor, não há ninguém com esse nome.

— Por favor, veja novamente, é extremamente importante, tente pelo nome e pelo sobrenome.

— Nada, senhor, não há ninguém registrado com esse nome.

Vieira, colado em Espinosa, tentava adivinhar as respostas dadas do outro lado da linha. Não havia necessidade de confirmação.

— O fato de não ter ninguém registrado com o nome não quer dizer nada. Vamos até lá.

Enquanto estavam no interior do hotel Méridien esperando o homem, não se deram conta do temporal que desabara. O céu estava negro e caía tanta chuva que mal dava para enxergar os prédios da praia de Copacabana. Desistiram de esperar pelo carro que o manobrista fora buscar não sabiam onde e pegaram um táxi que trouxera hóspedes para o hotel. Demoraram um pouco mais do que o normal para fazerem o trajeto entre os dois pontos da praia.

No hotel Miramar deixaram de lado as delicadezas profissionais e dirigiram-se diretamente à recepção. Espinosa abriu a identificação sobre o balcão e falou ao mesmo tempo para o recepcionista e para o rapaz que estava ao computador:

— Telefonei há pouco perguntando por um hóspede, o nome não era aquele, vamos ter que localizá-lo pela descrição.

— Delegado...

— Sei que vocês vão me dizer que estamos na véspera do Natal, que o hotel está cheio, que localizar uma pessoa pela descrição é impossível etcétera; acontece que a vida de uma pessoa depende disso, e cada minuto é precioso.

— Que dados o senhor tem?

— Ele deu entrada hoje, sozinho, entre dez da manhã e uma da tarde, é um pouco mais baixo do que eu, muito forte, cabelos

castanhos cortados rentes, rosto mais para o redondo, olhos miúdos como se fosse oriental.

— Sei quem é.

— Como?

— Lembro-me perfeitamente dele. Chegou sozinho, pouco depois do meio-dia. Não estou inteiramente certo do número do apartamento. Vou verificar.

Após algum tempo de consulta ao computador, o rapaz voltou triunfante.

— Apartamento quinhentos e doze. Senhor Mozart.

— Como?

— Senhor Mozart. É o nome dele.

Flor, desde que deixara o apartamento de Espinosa, experimentava algumas variações em torno do tema central da conversa que teria com Vieira. Não queria amarrar todos os detalhes, faltaria naturalidade no momento de falar, preferia improvisar; e, se a história não fosse de todo convincente, havia sempre o recurso da sedução; além do mais, confiava no amolecimento dos sentimentos provocado pela véspera do Natal. O que lhe escapava por completo era o destino de Vieira desde o dia anterior. Admitiu para si mesma que exagerara. Era a segunda vez que ele reagia com o silêncio; não era o seu feitio, conhecia suas explosões emocionais, Magali falava delas mas nunca tinha falado de Vieira reagindo com o silêncio, aquilo era completa novidade. Tampouco o desaparecimento combinava com seu modo de reagir a situações difíceis, preferia sempre a familiaridade do apartamento. Não era dado a pensamentos, era um homem de ação. Por tudo isso, seu desaparecimento a preocupava. O pior é que Espinosa também não respondia. Admitiu intimamente a hipótese de os dois estarem aprontando alguma coisa contra ela. Mas o delegado parecia ter gostado muito da surpresa da manhã. Era véspera de Natal, deviam estar fazendo compras; afinal,

policiais também têm parentes e amigos. E, se nenhum deles estava em casa, não havia nenhum motivo para também ela ficar trancada no apartamento, mesmo com a chuva que ameaçava cair; precisava fazer as unhas, dar um jeito nos cabelos, o cabeleireiro não era longe. A única coisa que não queria, por nada no mundo, era ver novamente o sujeito que a amarrara. A discussão com Vieira não fora tão séria, não havia razão para ele ficar ressentido. Além do mais, tinha a convicção de estar inteiramente com a razão; o pistoleiro estava fazendo tudo o que queria e os dois delegados mais o detetive pequeno não conseguiam impedi-lo. Eram três contra um e o cara sozinho dominava a situação. Já estava na rua e avaliava o potencial de chuva das nuvens. Afinal, podia retirar algum ensinamento do episódio com o bandido, o pistoleiro ou fosse lá o que ele fosse. Ele mostrara muito bem, o segredo do negócio era a ordem, a precisão, a eficiência; os vencedores não eram os que faziam mais barulho, eram os que controlavam o som. Naquela manhã com Espinosa ela fora extremamente competente, e quase não falara. Na outra noite, quando fora ao apartamento dele, chegara logo dizendo que tinha ido lá para seduzi-lo; o cara se pôs na defensiva, ainda mais depois da chegada da mocinha com cara de quem tem medo de pau. O erro foi falar. Pela manhã não teve erro; ele não tinha como fugir; foi como um estupro. Esse é o negócio. Pouca palavra, momento adequado e ação na medida certa. Impossível falhar. Pelo menos se o equipamento mantiver a mesma qualidade. E seu equipamento era presente de Deus. Para os poucos detalhes acidentais que exigiam algum reparo, o cabeleireiro era mais que suficiente.

Embora não tivesse parentes no Rio, Maldonado não queria passar a noite de Natal trabalhando. Tinha dúvidas quanto à eficácia do que estavam fazendo. Se verdadeiramente os responsáveis pelas mortes e atentados era a própria polícia, não seriam ele e Espinosa sozinhos que impediriam qualquer ação. Histórias de mocinhos que enfrentam sem ajuda a polícia corrupta da grande metrópole acontecem apenas nos filmes, e o cenário em geral é Nova York, Los Angeles ou São

Francisco; e o que estava vivendo não era cinema, ele não era o mocinho, era um palmo mais baixo do que a mocinha, e a cidade não era Nova York, Los Angeles ou São Francisco, era o Rio de Janeiro numa tarde quente de verão com nuvens carregadas no céu anunciando mais um Natal diluviano.

Kika era toda ternura com Espinosa porque ele passara a noite naquela sala, sem dormir, protegendo-a contra o pistoleiro contratado. Ele, que também estava ali desde o início da manhã, era visto com simpatia, nada mais que simpatia. Se o cara entrasse de repente e lhe plantasse uma azeitona entre os olhos, talvez não fosse lembrado por um tempo maior que uma semana. Passado esse tempo, mal conseguiriam pronunciar seu nome corretamente. Melhor portanto era queimar o cara antes de ele fazer o mesmo com algum deles ou mesmo com todos eles. Tirou a arma do coldre e pôs em cima da mesa. Nunca atirara em ninguém. Quer dizer, nunca atirara em ninguém para matar; já dera tiros para o alto e até mesmo, numa subida de morro, dera tiros na direção de fugitivos, mas sabendo que as balas não atingiriam ninguém. Mas se aquele sujeito subisse as escadas disposto a pegar a moça não poderia pensar duas vezes, porque na segunda já estaria morto; tinha que acertar o cara antes de ele ter tempo de atirar. Imaginava se haveria dois sons, o do tiro e o do projétil entrando no corpo do elemento. Certamente não. As duas coisas seriam simultâneas, a vida e a morte. Não gostaria de ter de matar alguém, apesar de já ter pensado milhares de vezes no fato. Algo lhe dizia que o homem não apareceria por aqueles lados. O que não contribuía para diminuir a intranqüilidade.

Não havia no sobrado a expectativa e a excitação naturais a três mulheres jovens num dia de festa. Das três, a estudante de medicina estava de plantão por escolha própria, para fazer companhia ao namorado, estagiário no mesmo hospital. Kika e a outra moça estavam indecisas entre aceitar convites para ceias em casas de amigos e fazer uma ceia íntima e dormir cedo. Maldonado considerou melancólica a hipótese de mulheres jovens passarem o Natal sem a companhia de parentes, namorados ou amigos. Afinal, nenhuma das duas, num grande baile, ficaria sentada um tempo maior do que o

intervalo entre duas músicas. Estava pensando em convidá-las para a casa de seus pais quando o bip de Kika cortou pela raiz o início de um romance natalino.

Maldonado acompanhou-a até uma galeria próxima, onde havia maior número de telefones públicos. Mesmo assim, havia uma pequena fila diante de cada aparelho. A demora foi compensada pelo tamanho do sorriso que Maldonado viu estampar-se na face de Kika assim que ela terminou de ouvir a moça da central de recados.

— O que foi? Papai Noel deixou algum recado?

— Não foi ele, mas pode ter sido sugestão dele.

— E?

— E vou precisar fazer as unhas e dar um jeito no cabelo.

Espinosa e Vieira se entreolharam, mal acreditando no que ouviram.

— Para o quinhentos e doze.

— Ele não está no apartamento — disse o rapaz da recepção.

— Como, não está?

— A chave está no escaninho.

— Ligue para o apartamento. Se alguém atender, diga que o hotel está oferecendo uma pequena lembrança pelo dia de Natal.

— Mas a chave está no escaninho.

— Foda-se a chave, porra, faça o que o delegado está mandando.

O rapaz ligou para o apartamento e deixou o telefone tocar até Espinosa mandar desligar.

— Você não viu quando ele saiu?

— Não senhor. Às vezes estamos ocupados com turistas chegando e o hóspede deposita a chave na caixa sem percebermos. Hoje chegaram dois ônibus cheios; durante pelo menos uma hora o saguão ficou lotado. Ele pode ter saído naquele momento.

— E a que horas foi isso?

— Entre três e quatro horas, mais ou menos; pouco antes de os senhores chegarem.

— Não podemos ficar o resto do dia indo de um extremo a outro da praia. Se o palpite de que vai tentar algo hoje à noite for correto, será contra um de nós ou contra Kika, e não creio que ele tente nada antes das dez da noite.

— Por que dez?

— Porque o que estamos fazendo parte da hipótese um tanto fantasiosa de que nosso suspeito gosta de encenações, tendo em vista o modo como procedeu até agora. A partir de então, admitimos como plausível a hipótese de ele tentar algo tipo *gran finale* precisamente hoje, noite de Natal. Até o momento, nada contradiz nossa hipótese. Nesse caso, para sermos coerentes com ela, temos que admitir que, a tentar alguma coisa, ele tentará à noite, na hora da ceia, hora da reserva feita no hotel Méridien.

— Puta que pariu.

— Puta que pariu, o quê?

— Como você fala bem.

— Estou falando sério, Vieira.

— Eu também. Acho do caralho o modo como você fala.

— Obrigado. Continuando. Se o cara se registrou em dois hotéis é porque um deles vai ser usado como pouso enquanto o outro vai servir para a cena que está montando. Aqui ele deu um nome novo, lá ele fez reserva para a ceia. Não tem erro. Vamos voltar para o Méridien. O que me deixou preocupado foi a reserva para duas pessoas. Quem é a outra?

— Porra, Espinosa, até os criminosos trepam e comemoram o Natal. Ele deve ter arranjado uma mulher.

— Duvido. Meticuloso como é, divertimento só depois de terminado o trabalho, e meu palpite é que o trabalho ainda não terminou.

A chuva estava diminuindo e o céu passara de cinza-chumbo para cinza-claro, sugerindo uma noite na qual as pessoas poderiam circular de um ponto a outro da cidade sem serem obrigadas a segurar os sapatos acima das cabeças. O gerente do Méridien não ofereceu o melhor dos sorrisos quando viu os dois entrando novamente. Preferia um bandido quieto a dois policiais barulhentos. Até aquele momento, contudo, nem Espinosa nem Vieira tinham chamado a atenção de ninguém que não fosse da equipe de segurança do hotel.

— Então, delegado, não teve sorte?

— Tive. E ela me trouxe de volta ao seu hotel.

— Delegado, o senhor não quer deixar meus homens se encarregarem desse trabalho? Eles conhecem a casa como a palma da mão deles; foram treinados para agir em situações de emergência. Pouparia trabalho aos senhores e riscos desnecessários aos hóspedes.

Espinosa não poderia dizer que os dois últimos dias haviam sido de descanso; dormira menos de três horas no total, os poucos momentos de prazer foram tensos e conflituosos, estava de um lado para outro atrás de um sujeito que estava sempre um passo à frente, além de desconfiar que alguém morreria antes de terminar a noite. Poderia ser alguém muito próximo, poderia ser ele próprio.

— Meu senhor, o homem que estou perseguindo somente nesta semana matou duas crianças e dois homens; mataria um por um dos seus bonecos e os amontoaria sobre o balcão da recepção para que o senhor os distribuísse como brinde de Natal aos hóspedes estrangeiros. Portanto, deixe de falar tolices e trate de nos ajudar antes que eu ponha alguém da minha equipe na recepção.

Só a idéia de ter um policial desempenhando a função de chefe da recepção transformou o homem no mais cooperativo dos seres. Espinosa e Vieira voltaram aos seus postos no andar de cima e um dos agentes de segurança do hotel ficou na recepção, todos munidos de walkie-talkies. Como a espera poderia ser de horas, Espinosa pediu sanduíches e suco de fruta, além de uma garrafa térmica com café.

O lugar onde estavam ficava a poucos metros dos elevadores. Caso fossem avisados da chegada do homem, poderiam interceptá-lo sem precisar de correrias. Estavam separados do pavimento térreo por escadas rolantes, e da recepção por apenas um lance de escada. O homem teria forçosamente de passar pela recepção; registrara-se pela manhã, mas ainda não tinha o número do apartamento em que ficaria. Ao pedir as chaves no balcão seria identificado pelo segurança do hotel, que avisaria Espinosa logo que ele pegasse a mala e se dirigisse para os elevadores. Espinosa dera ordens para não tomarem iniciativa de espécie alguma; nem em pensamento deveriam sacar armas para prender o homem; deixassem todas as ações por conta dele e do delegado Vieira.

A possibilidade de o homem aparecer antes da hora da ceia era remota, a menos que ele decidisse fazer um reconhecimento do terreno. A recepção do outro hotel ficara com a recomendação de avisar imediatamente caso ele aparecesse, o que Espinosa também considerava pouco provável. A idéia de se dividirem, ficando cada um num hotel, passara pela sua cabeça mas fora imediatamente rejeitada; Vieira estava com o firme propósito de capturar o homem para recuperar a auto-estima, mas um confronto entre ele e o pistoleiro seria desigual, Vieira não se recuperara inteiramente dos ferimentos e qualquer esforço o deixava ofegante; poderia agir intempestivamente e pôr tudo a perder, começando pela própria vida.

Tempo de espera não era para ele tempo disponível para atividades intelectuais. O ato de esperar tinha um objeto específico, o objeto da espera; e o tempo de espera não era um tempo vazio, podendo ser preenchido com qualquer outro objeto, enquanto não chegava o objeto da espera. Pensar, para Espinosa, não era articular conceitos logicamente, mas um enfrentamento mortal entre a racionalidade pura e o imaginário sem limites que dominava de forma quase absoluta o que ele próprio considerava atividade mental. Entre o racionalista frio e o fantasista semidelirante, ele situava a si mesmo entre os segundos, embora aparentasse o oposto.

Vieira alternava períodos de excitação e ansiedade com outros de quase prostração, nos quais dormitava. A diferença de idade entre eles era suficiente para que fossem pai e filho, e havia mesmo em Espinosa uma espécie de nostalgia do pai perdido quando estava com Vieira, o que tornava extremamente complicado o episódio do início da manhã. Essas idéias não surgiam com clareza, mas se insinuavam vagamente entre pensamentos e sentimentos confusos enquanto Vieira cochilava, confiante na vigília do companheiro, entrega que o incomodava especialmente.

Refazia na memória os encontros que tivera com Flor, à procura de insinuações que pudesse ter feito para justificar a investida da manhã. Mulher nenhuma se oferece como Flor se oferecera sem confiar cem por cento na conquista, e para isso tem que ter recebido do outro sinais da infalibilidade da investida. Não encontrava nada que justificasse a ousadia do ato. Concordava que os sinais de assentimento não são todos evidentes, e a mulher é capaz de perceber sinais invisíveis para os outros, sobretudo uma mulher cuja vida foi tecida com a trama desses sinais. Mas havia ainda algo que estava para além do bem e do mal: o conjunto da beleza e da sensualidade de Flor. Homem nenhum é capaz de se lembrar do amigo quando uma mulher como Flor surge inteiramente nua no seu quarto exatamente no momento em que ele está saindo do banho. E ela sabia disso.

O chiado do walkie-talkie trouxe-os de volta à realidade. Era apenas chiado. Se ficassem sentados durante todo o tempo da espera, os músculos das pernas perderiam a capacidade de responder prontamente numa emergência. Dispunham de espaço suficiente para o exercício das pernas, sem contar que os inúmeros copos d'água os obrigavam a pequenas mas regulares caminhadas ao banheiro.

Espinosa deixou recados para Kika, a intervalos regulares, dando o telefone do hotel. Crescia, junto com a espera, a impressão de que tudo não passava de um grande delírio; não havia pistoleiro nenhum hospedando-se nos dois lugares ao mesmo tempo (o que por si só já era absurdo), aquilo de que dispunham era apenas um nome que nem sequer era o mesmo nos dois hotéis, sua mente fantasista

construíra uma ficção que ele agora tentava preencher de realidade, a idéia de um complô da polícia contra ele era puro delírio de perseguição...

Eram nove e meia da noite quando um rapaz da recepção chegou com um pedaço de papel onde estava escrito “Message” e logo abaixo: “Dona Kika manda avisar que chegará na hora combinada”.

— Como? Que hora combinada? Por que não me chamaram?

— Ela disse que estava falando de um orelhão, que estava chovendo, que estragaria o cabelo.

A perplexidade de Espinosa era total. Vieira, plenamente desperto, olhava para ele sem entender o que estava se passando.

— O que aconteceu?

— Kika ligou dizendo que vai chegar na hora combinada.

— Chegar aonde?

— Só pode ser aqui. Se ela telefonou para cá deixando um recado como esse é porque recebeu os recados que deixei, e que o fato de eu estar aqui não causou nenhum estranhamento. Claro! Foi com ela que o sujeito marcou encontro aqui para a ceia!

— Como ele marcou o encontro? Kika não conhece sua voz?

— Ela não tem telefone, usa um bip, os recados são anotados numa central e transmitidos pela telefonista, qualquer um pode deixar uma mensagem. Ele deve ter pegado o código de Kika quando esteve no meu apartamento. Teve tempo para mexer em tudo.

— O que esse puto quer com ela?

— Se meu palpite estiver certo, vamos descobrir dentro de meia hora.

Segundo informações trazidas da rua, a chuva cessara inteiramente e a noite ensaiava um pedaço de lua. Depois do recado de Kika, a quantidade de adrenalina no sangue de Espinosa aumentara consideravelmente. Vieira andava de um lado para outro na frente da

poltrona. Faltando cinco minutos para as dez, uma voz no walkie-talkie anunciou: “Atenção, delegado, o homem acaba de pegar a chave e está se encaminhando para o elevador, não pegou a mala”; “repetindo, homem pegando o elevador, não está carregando mala”. Uma única e breve resposta: “Entendido”.

— Vamos.

Arma na mão, apertaram os botões dos quatro elevadores. Na pressa, Espinosa esqueceu-se de perguntar qual deles o homem tinha pegado. Parados no hall dos elevadores, separados da recepção por apenas um pavimento, os dois delegados olhavam para os vários indicadores de parada no andar. Duas campainhas soaram quase simultaneamente e acenderam-se as luzes de subida de dois elevadores; não do mesmo lado, mas um em frente ao outro, com dois segundos de intervalo. Esse detalhe desnorteou-os momentaneamente, obrigando-os a olhar em direções opostas. Ao primeiro movimento de abertura de uma das portas, Espinosa e Vieira precipitaram-se de armas em punho apontadas para a fresta da porta que se abria; o elevador que se encontrava atrás deles fez o mesmo barulho característico, no instante em que constatavam que o primeiro estava vazio; voltaram-se na direção do outro, situado dois passos atrás, no exato momento em que no seu interior um homem sozinho sacava uma arma de dentro do paletó. Os dois delegados tinham suas armas apontadas quando a porta automática fez sinal de fechar-se e o homem ainda não estava com a arma em posição de tiro; pularam para dentro gritando palavras cujos significados eram claros, apesar do embaralhamento dos sons das vozes simultâneas e das portas se fechando; o homem se espremeu junto ao painel de botões enquanto Vieira e Espinosa chocavam-se contra as outras duas paredes procurando manter as armas voltadas para ele. Nesse exato instante as portas se fecharam por completo e a luz se apagou. Espinosa ouviu o som abafado de corpos se lançando ao chão. A escuridão foi absoluta. Os três tinham as armas apontadas para lugares que não podiam saber a que ou a quem correspondiam. O elevador espaçoso, com capacidade para mais de uma dúzia de pessoas, tinha o piso forrado com tapete espesso e macio que absorvia qualquer ruído. Espinosa foi

o único a permanecer de pé; Vieira e o homem agacharam-se para diminuir a superfície corporal exposta a tiros. Dos três, Espinosa e Vieira não podiam atirar sem risco de atingir o companheiro; o desconhecido não corria esse risco, mas assim que atirasse denunciaria onde estava, exatamente por ser o único que podia atirar. Eram trinta e sete andares até o restaurante, e Espinosa calculava que levariam menos de um minuto para chegar ao topo. Assim que o elevador reiniciou a subida a tênue luz verde do mostrador ganhou intensidade, transformando-se em referência privilegiada no breu em que se encontravam, mas insuficiente para permitir a localização dos ocupantes. Espinosa tentava identificar a respiração de Vieira, que ficava ofegante toda vez que realizava algum esforço físico, mas não conseguia adivinhá-la, certamente o velho delegado respirava pela boca, controlando a saída e a entrada de ar. Ninguém ousava se mexer, e era evidente que quando alguém o fizesse seria para atirar. O risco menor era do homem. Se abrisse fogo com rapidez, poderia disparar dois ou três tiros antes de ser atingido, e com grande probabilidade de atingir os policiais. Caso isso acontecesse, Espinosa e Vieira teriam que reagir com extrema rapidez e na direção certa, do contrário o homem continuaria atirando até certificar-se de ter atingido mortalmente seus alvos. Na escuridão em que se encontravam, odores de corpos, de tecidos, de metal, chegavam a cada um, sem que fossem capazes de precisar de onde vinham. Espinosa sentia que algo tangenciava a perna de sua calça, num contato mínimo, geométrico, talvez um sapato, outra calça, ou mesmo uma respiração. Apesar de silencioso, o movimento do elevador sobrepunha-se a qualquer outro que pudesse resultar da contração de um músculo, das batidas dos corações, da respiração menos contida. De uma coisa Espinosa tinha certeza: antes de as portas se abrirem, o desconhecido atiraria, suas chances eram me-lhores, Espinosa mantinha a arma apontada um pouco para baixo e para um ponto que supunha ser o canto do elevador; para isso servia-se das luzes indicadoras dos andares, como referência. À medida que o elevador subia as luzes ficavam mais nítidas, mas nem por isso a escuridão ficava menor. O número onze piscou logo acima dos olhos de Espinosa, mas ele não podia deixar-se atrair pela pequena luz verde

sob pena de perder a prontidão para a resposta, tinha de estar inteiramente atento à outra luz que saíria do cano do revólver do homem antes de o número trinta e sete brilhar no mostrador. A arma estava apontada para o canto onde vira o homem quando tudo ficara escuro, mas se fora ele a apagar a luz, certamente não permanecera na mesma posição. Sentiu de novo o toque no tecido da calça, dessa vez um pouco mais claramente. Com certeza era Vieira. Se fosse o desconhecido, o toque indicaria a posição de um dos seus opositores e ele abriria fogo, certo de que o primeiro tiro acertaria o alvo, em seguida atiraria no espaço que estivesse sobrando; esperou dois, três segundos e não houve tiro, sinal de que era Vieira; sobrava uma área na qual caberiam alguns corpos; se atirasse às cegas, a probabilidade de acertar no primeiro tiro não era das maiores, o que os transformaria em alvos certos. Décimo nono, tinham passado da metade do caminho. Espinosa pensou que o homem também deveria estar vendo os números luminosos, talvez tivesse estabelecido um número limite a partir do qual começaria a atirar, poderia ser o trinta, o trinta e dois, não mais do que isso, tinham dez andares para decidir quem atiraria primeiro ou, se nada acontecesse, quando o desconhecido atiraria, porque apenas ele poderia fazê-lo. Espinosa sentia a superfície fria às suas costas tornando ainda mais frio o suor que atravessava o paletó, o contato no tecido da calça desaparecera e o cheiro de metal lubrificado aumentara, não sabia se proveniente das armas ou do elevador. Sabia que levaria pelo menos um tiro. Não sabia em qual parte do corpo nem se continuaria vivo, não queria morrer, poderia ser o primeiro a atirar mas atingiria Vieira, no espaço exíguo era difícil acertar como era difícil errar; vinte e seis, o suor da testa ameaçava embaçar a vista, apesar de não fazer diferença na escuridão em que se encontravam, preferia que o tiro acertasse a perna; vinte e nove, aumentou ligeiramente a pressão do dedo no gatilho levando-a ao limite; trinta e um, trinta e dois, um clarão acompanhado de estrondo seguido imediatamente de quatro, cinco, seis estampidos, nenhum gemido, apenas o roçar de um corpo escorregando pela parede de metal. O poço dos elevadores funcionou como caixa de ressonância para o barulho dos tiros no interior da cabina metálica. Quando a porta se abriu no último pavimento, o

corpo do pistoleiro desabou sobre o carpete macio do hall, as pernas ficaram para o lado de dentro impedindo que ela voltasse a se fechar, numa das mãos a pistola roubada de Espinosa. Vieira, encolhido num dos cantos, apalpava o rosto; Espinosa, sentado contra a parede do fundo, estava coberto por milhares de pequenos fragmentos de vidro e com a perna da calça encharcada de sangue. O pistoleiro tinha dois buracos no peito e um na perna. Foram dados oito tiros no total, dos quais um atravessou a perna de Espinosa um palmo abaixo do joelho; outro raspou a face de Vieira e lhe arrancou um pedaço da orelha; três acertaram o homem; dois atravessaram a parede de metal da cabina e um estraçalhou o espelho contra o qual Espinosa estava apoiado.

Um hóspede fazia um torniquete na perna de Espinosa e outro aplicava um guardanapo molhado na face e na orelha de Vieira quando a porta de um dos elevadores se abriu e dele saiu Kika. Sentado no chão, Espinosa olhou para ela sem procurar adivinhar o que o pistoleiro pretendia fazer, apenas contente por estarem vivos.

Terminado o trabalho dos médicos na emergência do hospital Miguel Couto e o dos policiais que colheram os depoimentos, restaram os sanduíches comprados por Kika e que os três saborearam a título de ceia de Natal na madrugada do dia 25. O mesmo táxi deixou Vieira em casa e seguiu com Espinosa e Kika para o bairro Peixoto. Voltara a chover. Restos do temporal que caíra no final da tarde. Subiram os lances de escada, Espinosa segurando o corrimão e abraçado a Kika. Até aquele momento não estiveram tão próximos fisicamente.

— Você passou a noite no meu apartamento para me proteger, hoje é minha vez de ficar aqui.

Kika estava arrumada para o jantar no Méridien enquanto Espinosa tinha a perna da calça cortada acima do joelho e estava com manchas de sangue espalhadas pela roupa, sangue que não sabia de quem era.

Antes de qualquer coisa, Espinosa desejava tomar banho. O gesso tinha uma janela lateral no lugar do ferimento, para os curativos. Kika pegou um saco plástico e vestiu a perna engessada vedando cuidadosamente a parte de cima com esparadrapo. Em seguida o despiu.

A noite alternou dor e prazer, com vantagem para o segundo, apesar de ter cessado em pouco tempo o efeito dos anestésicos. Espinosa acordou com Kika enroscada na parte do corpo que não estava engessada e o telefone tocando na sala. Faltavam poucos minutos para o meio-dia. Quando tentou retirar a perna de Kika de cima da sua ela acordou, levantando-se num salto, nua e tonta à procura do telefone. Era Vieira.

— E então, como meu companheiro passou a noite?

— Ele ainda não sei, mas eu passei maravilhosamente. — E levou o aparelho até Espinosa.

— Vieira, como você está?

— Como Van Gogh.

Fez-se um silêncio de não mais de cinco segundos durante os quais Espinosa ouvia apenas a respiração do velho delegado.

— Vieira, gostaria de conversar com você e com a Flor; a conversa pode tomar rumos desagradáveis; é importante estarmos os três presentes, de nada adiantaria conversar com você primeiro; e é melhor fazermos isso o quanto antes.

— Ela me telefonou dizendo que queria me ver. Está vindo para cá. Se quiser, podemos ter essa conversa logo que ela chegar. Você está podendo se locomover?

— Posso dar um jeito. Estou aí dentro de uma hora.

Kika voltava do banheiro, enxugando o rosto, vestindo apenas calcinha, e com uma expressão de espanto.

— Você vai sair?

— Vou.

— Mas o médico...

— Ainda não terminou tudo.

— Pelo amor de Deus, Espinosa, ainda vai acontecer mais coisa?

— Não conosco. Você está livre das ameaças.

— O que vai acontecer?

— Ainda não sei exatamente.

Espinosa começou a se vestir para sair. Chamou um táxi pelo telefone e desceu as escadas auxiliado por Kika. Disseram até logo sem ela entender o que estava para acontecer.

No prédio de Vieira não houve problema, eram apenas dois pequenos degraus até chegar ao elevador. Flor abriu a porta sem cumprimentar Espinosa. Não era difícil adivinhar que haviam estado discutindo antes de sua chegada. Foi Vieira quem distribuiu os lugares, cada um numa cadeira, formando um triângulo, e empurrou para a frente de Espinosa uma pequena banquetta para apoio da perna. Flor ficou sentada de costas para a porta do quarto de dormir, Vieira contra a única janela da sala e Espinosa de costas para a porta de entrada. Houve um momento de silêncio, durante o qual cada um avaliou quem tomaria a palavra, mas os olhares estavam voltados para Espinosa. Quando ele começou a falar, ficou claro pelo tom de voz que não se tratava de uma conversa amigável. Espinosa notou que sobre a mesa próxima a Vieira e ao alcance da mão estava o revólver usado na véspera. Poderia estar naquele local desde o momento em que o delegado voltara para casa, na noite anterior.

— O motivo da conversa, como vocês devem ter adivinhado, é o assassinato de Magali.

A voz de Espinosa estava ligeiramente alterada pela dor. A perna latejava sem parar.

— Isto não é um interrogatório, e a conversa não é oficial; quero apenas apresentar algumas conjeturas feitas a partir de elementos obtidos nos últimos dias, e verificar se elas fazem para vocês o mesmo sentido que fazem para mim.

Flor e Vieira se entreolharam e mudaram de posição. O calor dentro da sala era quase insuportável.

— Magali foi assassinada entre meia-noite e três da madrugada; nesse horário, quem não for morador do prédio tem que tocar a campainha e só entra se for esperado. Se estiver acompanhado de algum morador, naturalmente não precisa chamar pelo porteiro. Todos declararam que nos dias em que Magali saía com Vieira ela não recebia mais ninguém; não traria, portanto, nenhum freguês àquela hora; se o assassino chegou com ela, o que justificaria sua entrada sem precisar tocar a campainha, ou foi o próprio Vieira, ou alguém amigo.

Vieira mexeu-se na cadeira, estendeu a mão para o lado e tocou a arma com a ponta do dedo, fazendo-a girar de um lado para outro sobre o tampo da mesa.

— O porteiro declarou que Vieira não tinha condições sequer de descer sozinho do carro quando chegou com Magali; e que viu os dois saírem novamente de carro, acompanhados de Flor, que os encontrara naquele momento em frente ao prédio. Ele não viu mais nenhum dos três naquela noite. A ser verdade essa história, é pouco provável que Vieira tenha voltado mais tarde para matar a companheira. Admitamos, pois, para efeito de raciocínio, que ele seja inocente. Vejam bem, não estou afirmando sua inocência, estou apenas no terreno das conjeturas. Se, portanto, admitirmos a inocência de Vieira, até porque todas as testemunhas concordam que ele não estava nem sequer em condições de se sustentar nas próprias pernas, sobram apenas Vanessa, moradora do andar de cima, e Flor, amiga íntima de Magali.

Vieira pegou a arma, passando-a de uma mão para outra, sopesando-a, sem olhar para ninguém. Flor olhava para Vieira e para Espinosa, visivelmente assustada.

— Conversei várias vezes com cada uma delas. A única que defendeu Vieira sempre que houve oportunidade foi Vanessa, embora não se considerasse propriamente sua amiga, conhecia-o mais pelos relatos de Magali.

— Merda! O que esse cara tá querendo, Vieira?

Vieira apontou o revólver na direção de Flor, mas com o cano voltado para o chão. Espinosa mudou ligeiramente a posição da perna, que continuava a latejar fortemente.

— Minha suposição, pois não passa de suposição, é que Flor matou Magali.

Flor deu um berro e pôs-se de pé. Vieira levantou o revólver. Espinosa levou a mão direita às costas. Vieira voltou a arma contra ele.

— Isso, Vieira, atira nesse filho da puta; me forçou a trepar com ele, mata esse puto, atira nele!

— Imaginei...

— Atira, Vieira!

— ...a seguinte seqüência: Magali e Vieira saem do restaurante e vão para o apartamento dela. Lá chegando, encontram Flor na calçada em frente ao prédio. As duas tentam retirar Vieira do carro mas ele dorme profundamente. Flor se oferece para ajudar a levá-lo em casa. Lá chegando, ou melhor, aqui chegando, sobem os três. Vieira, praticamente carregado pelas duas, em nenhum momento chega a ficar lúcido...

— Atira, Vieira! Está com medo?

— ...No quarto, semidesperto, tenta tirar a roupa, puxa o cinto, que sai na sua mão, e a calça cai no chão. Flor e Magali puxam-lhe as calças, ajeitam-no na cama e saem do apartamento, deixando-o dormindo. Já na rua, Flor percebe que está segurando, junto com a bolsa, o cinto de Vieira...

— O que você está esperando, Vieira? Atira, merda!

— ...Mexendo no porta-luvas do carro ou na bolsa da amiga, descobre o tubo de spray; ouve da amiga a advertência de que deve tomar cuidado, trata-se de um gás muito forte, uma pequena quantidade é suficiente para deixar uma pessoa desacordada...

— Louco! Tá louco!

— ...De volta ao prédio de Magali, sobem as duas, provavelmente para comentar sobre a noite. Já no quarto e ainda com o tubo de

spray na mão, Flor resolve de brincadeira experimentá-lo na amiga, que desmaia imediatamente...

— Filho da puta! Veado! Escroto! — Flor, de pé, gritava para Espinosa. Vieira continuava apontando o revólver para um ponto do chão entre Flor e Espinosa.

— ...Vendo a amiga desmaiada, tenta reanimá-la, não consegue, não sabe se ela está viva ou morta, entra em pânico. Dá-se conta do cinto de Vieira, que largara em cima da cama, vê o saco plástico ao alcance da mão...

— Mata! Mata esse puto!

— ...Amarra a amiga com lenços e roupas que apanha na gaveta, prende-lhe os pés com o cinto de Vieira; e enfia-lhe o saco de plástico na cabeça.

— Escroto!

Vieira volta lentamente a arma na direção de Flor.

— Mata, Vieira! Mata! Ontem esse filho da puta me obrigou a trepar com ele, disse que ia nos entregar, que nós dois planejamos matar Magali; eu não queria fazer aquilo... o gás saiu... foi sem querer... eu não...

Vieira fez um único disparo que atingiu Flor no peito.

Copyright © 1998 by Luiz Alfredo Garcia-Roza

Capa:

João Baptista da Costa Aguiar

Foto da capa:

Bel Pedrosa

Preparação:

Rosemary Cataldi

Revisão:

Carlos Alberto Inada

Isabel Jorge Cury

ISBN 978-85-8086-382-6

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br